

Livro que baseou o vencedor do Oscar® de Melhor Filme,
Melhor Direção e Melhor Atriz de 2021

Jessica Bruder

Nomadland

Sobrevivendo na América
no século XXI



Rocco:
DIGITAL

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Jessica Bruder

Nomadland

Sobrevivendo na América
no século XXI

Tradução de Ryta Vinagre

Rocco:
DIGITAL

Para Dale

*“There’s a crack in everything. That is how the light gets in.” **

— LEONARD COHEN

“Os capitalistas não querem que ninguém viva fora de seu sistema econômico.”

— COMENTARISTA ANÔNIMO,
AZDAILYSUN.COM

* Em tradução livre, “Em tudo há uma brecha. É por onde entra a luz”. (N. da T.)

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PREFÁCIO

Parte um

1. O Squeeze Inn
2. O fim
3. Sobrevivendo aos Estados Unidos
4. Plano de fuga

Parte dois

5. Amazon Town
6. O lugar de reunião
7. O Rubber Tramp Rendezvous
8. Halen
9. Algumas experiências inigualáveis

Parte três

10. A palavra com S
11. A volta para casa

Conclusão: O polvo no coco

Agradecimentos

Notas

PREFÁCIO

ENQUANTO ESCREVO, ELES SE espalham pelo país...

Em Drayton, na Dakota do Norte, um ex-taxista de San Francisco, de 67 anos, trabalha na colheita anual de beterraba-açucareira. Trabalha do nascer ao pôr do sol em temperaturas que caem abaixo de zero, ajudando caminhões que chegam dos campos a expelir toneladas de beterraba. À noite, ele dorme na van que tem sido seu lar desde que o Uber o expulsou do negócio de táxis e o impossibilitou de pagar o aluguel.

Em Campbellsville, no Kentucky, uma ex-empregada de 66 anos guarda mercadorias no turno da noite em um depósito da Amazon, empurrando um carrinho sobre rodas por quilômetros pelo piso de concreto. É um trabalho atordoante, e ela se esforça para passar com precisão cada item pelo scanner, na esperança de não ser demitida. Pela manhã, volta a seu trailer mínimo, ancorado em um dos vários estacionamentos que têm contrato com a Amazon para acolher trabalhadores nômades como ela.

Em New Bern, na Carolina do Norte, uma mulher cujo lar é um trailer no estilo gota — tão pequeno que pode ser puxado por uma moto — dorme no sofá de uma amiga enquanto procura trabalho. Mesmo com diploma de mestrado, a mulher de 38 anos, originalmente do Nebraska, não consegue emprego, apesar de ter preenchido centenas de solicitações só no último mês. Ela sabe que a colheita de beterraba está contratando pessoal, mas viajar meio país

exigiria mais dinheiro do que ela tem. A perda do emprego em uma ONG vários anos antes foi um dos motivos para ter se mudado para o trailer. Quando se esgotou o financiamento para seu cargo, ela não conseguiu pagar o aluguel, tendo também de pagar a dívida estudantil.

Em San Marcos, na Califórnia, um casal de trinta e poucos anos, em uma motorhome GMC de 1975, cuida de uma barraca de abóboras com brinquedos e um minizoológico, que eles tiveram cinco dias para montar do zero em um terreno vago na beira da estrada. Dali a algumas semanas passarão a vender árvores de Natal.

Em Colorado Springs, no Colorado, um morador de van de 72 anos que quebrou três costelas no trabalho de manutenção de um camping recupera-se enquanto visita a família.



SEMPRE EXISTIRAM ITINERANTES, ANDARILHOS, vagabundos, almas inquietas. Agora, no terceiro milênio, surge uma nova tribo errante. Pessoas que nunca imaginaram ser nômades botam o pé na estrada. Elas desistiram das casas e apartamentos tradicionais para viver o que alguns chamam de “casa com volante” — vans, RVs de segunda mão, ônibus escolares, picapes adaptadas, trailers e simples sedãs. Elas os dirigem para se afastar das decisões impossíveis que enfrenta o que antes costumava ser a classe média. Decisões como esta:

Você prefere comer ou ir ao dentista? Pagar a hipoteca ou a conta de luz? Financiar um carro ou comprar remédios? Cobrir o aluguel ou a dívida estudantil? Comprar roupas quentes para o inverno ou gasolina para ir e voltar do trabalho?

Para muitos, a resposta, de início, parece radical.

Você não pode escolher ganhar mais, mas que tal cortar suas despesas maiores? Trocar um domicílio fixo por uma vida sobre rodas?

Alguns os chamam de “sem-teto”. Os novos nômades rejeitam este rótulo. Equipados ao mesmo tempo com abrigo e transporte, eles adotaram uma expressão diferente. Referem a si mesmos, simplesmente, como “sem-casa”.

De longe, muitos podem ser confundidos com aposentados despreocupados que moram em RVs (de *recreational vehicle*, veículos recreativos). De vez em quando eles se permitem uma sessão de cinema ou um jantar em um restaurante, misturam-se com a multidão. Na mentalidade e na aparência, eles são, em grande parte, de classe média. Lavam as roupas em lavanderias automáticas e matriculam-se em academias para usar os chuveiros. Muitos pegaram a estrada depois que suas economias foram destruídas pela Grande Recessão de 2008. Para encher o tanque e a barriga, labutam por longas horas, fazem trabalho braçal. Em uma época de achatamento de salários e custos de habitação crescentes, eles se libertaram dos aluguéis e das hipotecas como um jeito de se virar. Eles estão sobrevivendo aos Estados Unidos.

Entretanto, para eles — como para qualquer pessoa — não basta sobreviver. Assim, o que começou como um último esforço emergencial tornou-se um grito de guerra para algo maior. Ser humano significa ganhar mais do que a subsistência. Tanto quanto alimento ou abrigo, nós exigimos esperança.

Há esperança na estrada. É um subproduto do ímpeto para a frente. Um senso de oportunidade, grande como o próprio país. Uma profunda convicção de que o melhor virá.

Está bem à frente, na cidade seguinte, no bico seguinte, na oportunidade seguinte de encontro com um desconhecido.

Acontece que alguns destes desconhecidos também são nômades. Quando eles se encontram — pela internet, no trabalho ou acampando longe das cidades —, começam a formar comunidades. Compartilham compreensão, afinidade. Quando a van de alguém pifa, eles correm o chapéu. Há uma sensação contagiante: alguma coisa grande vai acontecer. O país está mudando rapidamente, as antigas estruturas esfarelam-se e eles estão no epicentro de algo novo. Em torno de uma fogueira compartilhada, no meio da noite, pode-se sentir um vislumbre de utopia.

Enquanto escrevo, é outono. Logo virá o inverno. As demissões de rotina começarão nos empregos temporários. Os nômades desmontarão o acampamento e voltarão para seu verdadeiro lar — a estrada —, rodando como células sanguíneas pelas veias do país. Partirão em busca de amigos e familiares, ou apenas de um lugar mais quente. Alguns viajarão ao outro lado do continente. Todos contarão os quilômetros, que se desenrolam como uma película de filme dos Estados Unidos. *Fast-food* e shoppings. Campos dormentes sob a geada. Revendas de automóveis, igrejas imensas e lanchonetes 24 horas. Planícies amorfas. Estábulos, fábricas mortas, loteamentos e grandes lojas varejistas. Picos cobertos de neve. A beira da estrada se desenrola, atravessa o dia e entra na escuridão, até que o cansaço se instala. Com olhos baços, eles encontram lugares para sair da estrada e descansar. Em estacionamentos da Walmart. Em ruas tranquilas de subúrbio. Em paradas de caminhões, em meio à cantiga de ninar de motores em ponto morto. Nas primeiras horas da manhã — antes que alguém perceba —, estão de volta à

estrada. Dirigindo, encontram segurança neste conhecimento:

O último lugar livre nos Estados Unidos é a vaga de estacionamento.



Parte um

CAPÍTULO UM

O Squeeze Inn

NA AUTOESTRADA AO PÉ do monte, cerca de uma hora para o interior da Califórnia, saindo de Los Angeles, uma cadeia montanhosa assoma à frente do tráfego para o norte, interrompendo os subúrbios subitamente. Esta imensidão natural forma a margem sul das montanhas de San Bernardino, um “escarpado alto e íngreme”, nas palavras do Levantamento Geológico dos Estados Unidos.^[1] Faz parte de uma formação que começou a crescer 11 milhões de anos atrás pela falha de San Andreas e está crescendo ainda hoje,^[2] ganhando alguns milímetros por ano enquanto as placas tectônicas norte-americanas passam pelas do Pacífico. Os picos parecem crescer com uma rapidez muito maior, porém, quando dirigimos diretamente para eles. São o tipo de visão que nos faz prestar atenção, sentindo a proximidade no peito, como hélio se acumulando na caixa torácica, talvez suficiente para nos levar embora.

Linda May segura firmemente o volante e vê a aproximação das montanhas pelas lentes bifocais de armação cor-de-rosa. Seu cabelo prateado, que passa dos ombros, está afastado do rosto por uma fivela de plástico. Ela sai da FootHill Freeway e entra na Highway 330, também conhecida como City Creek Road. Por alguns quilômetros, a pavimentação é plana e larga. Depois afunila-se em uma serpentina íngreme, com apenas uma pista para cada lado,

começando a subida para a Floresta Nacional de San Bernardino.

A avó de 64 anos dirige um Jeep Grand Cherokee Laredo, que teve perda total e foi recuperado antes de ser comprado em um leilão de veículos apreendidos. A luz de “verificação de motor” é enjoada — tem o hábito de piscar quando não há nada de errado — e uma olhada mais atenta revela que a pintura branca do capô, que foi amassado e substituído, é meio tom diferente do resto do veículo. Mas o veículo, depois de meses de consertos, finalmente pode pegar a estrada. Um mecânico instalou eixo e suspensão novos. Linda arrumou o que pôde, esfregando os faróis enevoados com uma camiseta velha e repelente para insetos, um truque de bricolagem. Pela primeira vez o Jeep reboca o lar de Linda: um trailer mínimo e amarelo-claro que ela chama de “Squeeze Inn”.* (Se os visitantes não entendem o nome à primeira menção, ela o usa em uma frase — “Yes, there’s room, squeeze in!” [“Sim, tem espaço, se espreme aí!”] — e sorri, revelando fundas rugas de riso.) O trailer é uma relíquia de fibra de vidro moldada, um Hunter Compact II, construído em 1974 e originalmente anunciado como uma “façanha excepcional na viagem por diversão” que saberia “seguir como um gatinho na estrada e espreitar como um tigre quando a coisa fica feia”.^[3] Quatro décadas depois, o Squeeze Inn parece uma cápsula de suporte vital com um charme retrô: uma caixa com bordas arredondadas e laterais inclinadas, lembrando, por sua geometria, os recipientes de isopor em concha usados para sanduíches de lanchonete. Seu interior mede três metros de uma ponta à outra, aproximadamente o tamanho inteiro da carroça coberta que transportou a tataravó de Linda por todo país há mais de um século. Tem alguns toques característicos dos anos 1970: couro sintético

xadrez, creme, cobrindo as paredes e o teto, linóleo estampado nas cores mostarda e abacate no piso. O teto tem altura suficiente para Linda ficar de pé. Depois de comprar o trailer em um leilão por 1.400 dólares, ela o descreveu no Facebook: “Tem 1,60m por dentro e eu tenho 1,57m”, escreveu. “Cabe perfeitamente.”



Linda May com sua cadela, Coco.

Linda reboca o Squeeze Inn para o Hanna Flat, um camping na floresta de pinheiros ao noroeste do lago Big Bear. É maio e ela pretende ficar ali até setembro. Diferentemente de milhares de visitantes que viajam por prazer todo ano à Floresta Nacional de San Bernardino — uma área florestal maior que o estado de Rhode Island —, para aproveitar o tempo agradável, Linda faz esta viagem a trabalho. É seu terceiro verão empregada como recepcionista do camping: um bico temporário em que atua, em partes iguais, como faxineira, caixa, zeladora, segurança

e comitê de boas-vindas. Ela está entusiasmada para começar o trabalho e receber o aumento anual para trabalhadores que retornam, que levará seu salário a 9,35 dólares por hora, 20 centavos a mais que no ano anterior. (Na época, o salário mínimo na Califórnia era de 9 dólares por hora.) Embora ela e outros recepcionistas sejam contratados “livremente”, segundo a política de emprego escrita da empresa — o que quer dizer que eles podem ser demitidos “a qualquer momento, com ou sem justa causa ou aviso prévio” —, ela foi informada que podia esperar quarenta horas inteiras de trabalho por semana.

Alguns novos recepcionistas do camping esperam férias pagas no paraíso. É fácil compreender. Os anúncios do emprego esbanjam fotos de riachos cintilantes e campinas tomadas de flores silvestres. Um folheto da California Land Management, a concessionária privada que é empregadora de Linda, mostra mulheres grisalhas sorrindo, deliciadas, em uma margem lacustre raiada de sol, de braços dados, como grandes amigas na colônia de férias. “Ganhe para acampar!”, tenta convencer uma faixa de recrutamento da American Land & Leisure, outra empresa que contrata recepcionistas de camping.^[4] Abaixo da manchete, vêm as declarações: “Nossa equipe diz: ‘A aposentadoria nunca foi tão divertida assim!’, ‘Fazemos amizades para a vida toda’, ‘Estamos mais saudáveis do que fomos em anos’.”

Os novatos são famosos por se assustar — e às vezes se demitir — quando enfrentam as partes menos pitorescas do trabalho: servir de babá de campistas bêbados e barulhentos, retirar com pás os montes de cinzas e cacos de vidro das fogueiras (os visitantes mais desordeiros gostam de jogar garrafas nas chamas para fazerem-nas explodir) e o ritual de limpar as latrinas três vezes ao dia. Embora cuidar dos banheiros seja a tarefa de que menos gostam os

receptionistas de camping, Linda não se deixa abalar, extrai até certo orgulho de fazer bem esta tarefa. “Quero tudo limpo porque meus campistas os estão usando”, diz ela. “Não sou misofóbica... é só vestir umas luvas de borracha e se virar.”

Quando Linda chega às montanhas de San Bernardino, a vista para o vale é sublime, mas uma distração. A estrada é estreita, mal tem uma borda para merecer o nome de acostamento. Por alguns trechos, não há nada além de ar depois da faixa de pavimentação que se gruda ao declive. As placas alertam os motoristas: “Área de deslize rochoso” e “Evite o superaquecimento: Desliguem o ar-condicionado nos próximos 20 km”. Nada disso parece abalar Linda. Sua experiência como caminhoneira quase duas décadas antes a deixou destemida com estradas difíceis.

Estou dirigindo uma van de acampamento pouco à frente de Linda. Como jornalista, faz um ano e meio que a encontro. Entre visitas presenciais, falamos por telefone tantas vezes que prevejo, em cada ligação, sua familiar saudação antes mesmo que ela atenda. É um “Alô-ôô-ôô” melódico, falando na mesma musiquinha de três notas que usamos para dizer “Te pegue-ei!” quando brincamos de esconde-esconde na infância.

Conheci Linda quando pesquisava uma matéria para uma revista sobre a crescente subcultura de nômades americanos, que vivem o tempo todo na estrada.** Como Linda, muitas destas almas errantes tentavam fugir de um paradoxo econômico: o choque entre os aumentos nos aluguéis e os salários achatados, uma força irreprimível encontrando um objeto inabalável. Eles se sentiram em um beco sem saída, dedicando todo seu tempo a trabalhos exaustivos que sugavam a alma e mal pagavam o suficiente para cobrir o aluguel ou a hipoteca, sem ter como melhorar

seu quinhão a longo prazo e sem promessas de aposentadoria.

Esses sentimentos eram fundamentados em um fato concreto: os salários e os custos habitacionais divergiam tão drasticamente que, para um número crescente de americanos, o sonho da classe média tinha passado do difícil ao impossível. Enquanto escrevo, há apenas uma dúzia de condados e uma área metropolitana nos Estados Unidos em que um trabalhador de salário mínimo de tempo integral pode pagar um valor justo pelo aluguel de um quarto e sala. Seria preciso ganhar pelo menos 16,35 dólares por hora — mais que o dobro do salário mínimo federal — para alugar um apartamento desses sem gastar mais que os recomendados 30% da renda em habitação.^[5] As consequências são calamitosas, em particular para um entre seis lares americanos que destina mais da metade do que ganha em abrigo.^[6] Para muitas famílias de baixa renda, isto significa que sobra pouco, ou nada, para comprar comida, remédios e outros bens essenciais.

Muitas pessoas que conheci sentiam ter passado tempo demais perdendo em um jogo viciado. Assim, elas encontraram um jeito de atacar o sistema. Desistiram das casas tradicionais, arrebutaram as amarras dos aluguéis e das hipotecas. Mudaram-se para vans, RVs e trailers, viajaram de um lugar a outro atrás de um clima agradável e mantiveram os tanques de combustível cheios com empregos temporários. Linda é integrante deste grupo. Eu a acompanhava na migração ao oeste.

Quando começa a subida para as montanhas de San Bernardino, desaparece minha vertigem por ver os picos de longe. De súbito, fico ansiosa. A ideia de dirigir em ziguezague com minha van desengonçada me dá certo medo. Ver Linda puxar o Squeeze Inn na velharia que é seu Jeep me dá

muito medo. Mais cedo, ela havia me instruído a dirigir na frente. Queria ficar na retaguarda, seguindo. Mas por quê? Será que ela temia que seu trailer pudesse desengatar e escorregar? Nunca descobri.

Depois da primeira placa para a Floresta Nacional de San Bernardino, um caminhão-tanque reluzente se agiganta atrás do Squeeze Inn. O motorista parece impaciente, perto demais ao entrar em uma sequência de curvas em S que encobrem Linda de minha visão pelo retrovisor. Observo continuamente o Jeep. Quando a estrada volta a ficar reta, ele não aparece. Em vez disso, reaparece o caminhão-tanque na reta morro acima. Não há sinal de Linda.

Paro em uma área de manobra, ligo para seu celular e torço para ouvir o familiar “Alôô-ôôô-ôôô”. O telefone toca sem parar, depois cai na caixa postal. Estaciono a van, saio dela e ando nervosa pelo lado do motorista. Tento de novo. Nenhuma resposta. Outros carros — talvez meia dúzia — já saíram das curvas, entraram na reta e passaram pela área de manobra. Tento engolir o enjoo, a adrenalina que desabrocha em pânico com o passar dos minutos. O Squeeze Inn desapareceu.



LINDA PASSOU MESES ANSIOSA para voltar à estrada e começar o trabalho como recepcionista de camping. Tinha enalhado em Mission Viejo, 80 quilômetros ao sudeste de Los Angeles, hospedada na casa alugada pela filha e o genro, Audra e Collin, com três dos netos, todos adolescentes. Não havia quartos suficientes, então o neto Julian dormia em um espaço para jantar, sem porta, anexo à cozinha. (Esta configuração já era mais confortável do que o apartamento

anterior da família, em que um closet fazia as vezes de quarto para uma das duas netas de Linda.)

Linda ficou com o que restava: o sofá perto da porta de entrada. Era uma ilha. Embora adorasse a família, ela ainda se sentia presa ali, em particular com seu Jeep na oficina. Sempre que membros da casa planejavam uma saída que não a incluía, todos tinham de passar pelo sofá de Linda a caminho da porta. Isso começou a ficar estranho. Linda se preocupou: será que eles se sentiam culpados por saírem sem ela? Ela também sentia falta da autonomia: “Prefiro ser a rainha de minha própria casa do que morar sob as ordens da rainha de outra casa, mesmo que seja minha filha”, Linda me disse.

Ao mesmo tempo, problemas de saúde deixaram a família sobrecarregada — emocional e financeiramente —, dificultando ainda mais para Linda se apoiar neles. A neta Gabbi ficara fraca e intermitentemente acamada por mais de três anos, com o sistema nervoso misteriosamente disfuncional; mais tarde foi diagnosticada a síndrome de Sjogren, uma doença autoimune. Julian, o neto, lidava com uma diabetes tipo 1. A filha, Audra, tinha uma artrite séria. Como se não bastasse, Collin, o arrimo da família, recentemente desenvolvera enxaquecas e vertigens graves que o obrigaram a deixar o emprego burocrático.

A certa altura, Linda pensou em se candidatar a um cargo temporário no depósito da Amazon por meio da CamperForce, um programa criado pela varejista online para contratar trabalhadores itinerantes. Mas ela fizera o mesmo trabalho no ano anterior e terminara com uma lesão por esforço repetitivo de tanto usar o scanner de mão para código de barras. Deixou uma marca visível, um calombo do tamanho de uma uva no pulso direito. Pior ainda era o que ela não enxergava: uma dor lancinante que se irradiava

pelo braço direito, do polegar ao pulso, do cotovelo ao ombro, até o pescoço. Bastava levantar uma xícara de café ou uma panela para provocar um choque agonizante. Linda acreditava ter uma tendinite grave, mas saber não abolia o problema. Sem estar curada, ela não poderia voltar.

Falida e confinada a seu sofá-ilha, Linda tentou se concentrar no futuro de proprietária — e única ocupante — do Squeeze Inn. Antes de ficar com a família, viajara de um emprego a outro em uma motorhome El Dorado 1994 de 8,5 metros que devorava gasolina e começava a se desfazer. Assim, parecia bom reduzir para um trailer minúsculo, mesmo que o Squeeze Inn precisasse de algum trabalho. Os antigos donos o deixaram no ar salgado do litoral do Oregon, onde algumas peças de metal começaram a ser corroídas; uma faixa de ferrugem laranja manchava a carcaça de fibra de vidro. Linda começou a passar as horas de folga em projetos de reforma do trailer. Sua primeira tarefa foi inventar um limpador abrasivo — o ingrediente secreto era casca de ovo batida no liquidificador — que usou para remover as manchas de ferrugem. Outra tarefa foi criar uma cama aconchegante. O trailer tinha uma salinha de jantar perto da parede traseira; Linda retirou a mesa dali e cortou um molde de papelão que se encaixasse por cima dos bancos. Quando um colchão tamanho queen com pillow-top, que parecia novo em folha, apareceu na lixeira dos vizinhos, ela o aproveitou. Abrindo-o, retirou e descartou as molas como uma peixeira desossando um pescado enorme. Em seguida retirou as camadas de estofamento, marcou-as de caneta para casar com o molde e cortou com estilete o material em excesso. Depois de cortar o tecido do revestimento para se encaixar, costurou o envoltório de novo — com acabamento e tudo — e o recheou, criando o que parecia um perfeito minicolchão de

182 por 90 centímetros. “Achei que não seria divertido dormir em nada mais estreito com minha amiguinha aqui”, contou-me Linda, gesticulando para Coco, da raça Cavalier King Charles Spaniel. “Então fiz com 90 para nós duas.”

Um dia antes de Linda partir para o Hanna Flat, perguntei se ela estava animada. Ela me olhou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. “Ah, claro!”, disse. “Eu não tinha carro. Não tinha dinheiro. Estava presa naquele sofá.” Seus cheques da previdência, de 524 dólares, fariam-na aguentar até o primeiro pagamento do novo emprego.*** Linda estava pronta para sentir o mundo se abrir de novo depois de ele ter encolhido ao tamanho de um sofá. Por muito tempo, ficou sem sua costumeira liberdade, aquela febre acelerada de novidade e possibilidades que acompanha a estrada. Estava na hora de partir.

A manhã de 6 de maio era amena e nublada. Linda e os familiares se despediram com abraços. “Ligo quando chegar lá”, ela prometeu. Entrou com Coco no Jeep e partiu para uma oficina mecânica, onde encheu os pneus descasados, que estavam rachados e carecas. O Jeep não tinha estepe. Em seguida, um posto Shell. Ela completou o tanque e entrou na loja de conveniência para pegar um recibo e alguns maços de Marlboro Red 100s. O jovem atendente assentiu quando ela se lembrou de comprar gasolina, quando adolescente, por 25 centavos o galão [cerca de 3,8 litros], muito distante do preço atual: 3,79 dólares. “Você podia encher o tanque com um dólar e dirigir o dia todo”, ela lhe disse, meneando a cabeça e sorrindo.

Parecia que nada podia ensombrecer o estado de espírito de Linda, nem mesmo voltar ao Jeep e encontrar as portas trancadas e a chave dentro dele. Coco se levantou nas pernas traseiras, com as patas na porta do motorista, abanando o rabo. A cachorra tinha pisado no trinco, deduziu

Linda. Entretanto, a janela estava aberta alguns centímetros. Peguei um acendedor de churrasco comprido na van, espremi a mão pela abertura e o usei para puxar a tranca. Assim, a viagem continuou.

O Squeeze Inn esperava guardado nos arredores de Peris, uma cidade do outro lado das montanhas de Santa Ana, uma das cadeias peninsulares que separam a região costeira da Califórnia de seu interior deserto mais severo. Chegar lá significava viajar pela Ortega Highway, uma das estradas mais perigosas do estado, “um lugar de colisão frontal da expansão urbana com a má direção e as técnicas obsoletas de construção à beira da estrada”, nas palavras de um repórter do *Los Angeles Times*.^[7] A via sinuosa costuma ficar atulhada de motoristas em um vaivém entre Orange County e o Inland Empire, mas no meio do dia o trânsito, misericordiosamente, era leve. Logo Linda estava do outro lado, passando por meia dúzia de estacionamentos de trailers grudados como cracas na margem oeste do lago Elsinore. Três anos antes ela morara ali, no Shore Acres Mobile Home Park, pagando 600 dólares de aluguel por um trailer no asfalto rachado que ia da rodovia à margem do lago.

Em uma loja Target, Linda comprou comida para durar até o próximo cheque da previdência, que chegaria uma semana depois: uma caixa grande de aveia Quaker, uma dúzia e meia de ovos, carne moída, mortadela, pão de hambúrguer, salgadinhos de queijo, biscoitos recheados Nutter Butters, tomates, mostarda e uma garrafa com quase dois litros de leite. Embora a data de início de seu trabalho ainda estivesse a dias dali, do estacionamento ela ligou para o futuro chefe. Linda queria que ele soubesse que ela era confiável e levava o trabalho a sério. Estava a caminho,

disse a ele, e pretendia chegar no Hanna Flat antes do anoitecer.

Depois de uma cerca de tela com arame farpado e encimada por bandeiras americanas desbotadas pelo sol, o Squeeze Inn esperava em um depósito no lado norte da Highway 74. Linda passou de carro pelo portão. O faz-tudo do local, um magricela de nome Rudy com uma barba grisalha no estilo Van Dyke, veio cumprimentá-la. Eles trocaram piadas enquanto Linda preparava o trailer, tentando se lembrar de toda a lista de afazeres. “Minha cabeça parece uma armadilha: nada entra, nada sai”, brincou Rudy. Eles ainda estavam batendo papo quando ela desceu rápido demais da porta do trailer, o desequilibrando. O Squeeze Inn se balançou no único eixo feito uma gangorra. A borda traseira bateu no chão. “Não devia ter comido aquele pãozinho de canela de manhã, hein?”, brincou Rudy. Linda se equilibrou. “Que susto!”, disse ela. Felizmente, não quebrou nada — nem nela, nem no Squeeze Inn.

Linda apertou uma prateleira na frente do trailer, que continha os dois tanques de propano de nove quilos que abasteciam sua geladeira, os bicos de gás e um pequeno aquecedor. Por fim, Rudy a ajudou a engatar o Squeeze Inn no Jeep. Ela ligou a ignição e arrancou, no início, hesitante. Acenando uma despedida, foi-se embora pelo portão. Como prometia o antigo folheto de propaganda, o trailer “seguiu como um gatinho”.



COMO LINDA NÃO REAPARECEU depois das primeiras curvas nas montanhas de San Bernardino, meu cérebro remexeu um baralho de possíveis desastres. Talvez seu motor tivesse

morrido. Talvez ela tivesse furado um pneu — má notícia, sem um estepe —, ou, pior, estourado. As apreensões ficaram mais sombrias. E se o Squeeze Inn se desengatasse e disparasse morro abaixo? E se uma curva larga fizesse o Jeep virar na estrada, para o cânion, como um remake do clímax de *Thelma & Louise*?

Eu estava dando a partida na van para voltar e procurar por ela quando o telefone tocou. “Já chego aí”, disse Linda. Senti uma onda de alívio quando ela apareceu na área de manobra, mas o alívio teve vida curta. Linda parou e apontou algo estranho no trailer: a prateleira de propano estava vazia. Os dois tanques tinham voado nas curvas fechadas. Um deles, ainda preso à mangueira, quicou atrás do Squeeze Inn, levando um pedaço de dez centímetros da concha de fibra de vidro. O outro se soltara completamente e rolara pela estrada como um matinho comburente. O caminhão-tanque, ainda seguindo de perto, dera uma guinada para evitá-lo e passara acelerado por Linda, que teve sorte e encontrou um trecho de estrada com espaço para estacionar. O tanque fugitivo fora parar do outro lado da estrada. Linda avaliara a situação — empoleirada na beira de uma curva cega, invisível ao tráfego que vinha — e resistira ao impulso de atravessar correndo e pegá-lo. “É um tanque de propano de 20 dólares e eu sou uma pessoa inestimável!”, ela se lembra de pensar. Linda desatarraxara o tanque restante da mangueira e o guardara no trailer.

Com este quase acidente evitado, ela continuou morro acima. Passou pelas comunidades de Arrowbear Lake e Running Springs, cujas encostas alpinas traziam praticantes de esqui e snowboard no inverno, mas agora atraíam alpinistas e ciclistas. Passou pela represa centenária no lago Big Bear, um reservatório alimentado pela neve, e acompanhou a margem norte, pelo habitat da águia-careca.

Em seguida, veio Grout Bay e a cidadezinha de Fawnskin, devendo seu nome atual a empreiteiros do início do século XX que não acharam que um lugar chamado “Grout” [“Reboco”], fosse atrair veranistas.^[8] Ali, a mercearia era abastecida de tudo que um aventureiro podia precisar na natureza: equipamento de pesca, porta-cervejas, tobogãs, correntes para pneus, sacos de dormir, guarda-sóis e garrafas de bebida no formato de pistolas para levar de lembrança. O estacionamento próximo estava cheio de monumentos de fibra de vidro a homens de uniforme, inclusive um jogador de beisebol, um líder indígena, um caubói, um bombeiro, um piloto de caça, um pirata e um patrulheiro rodoviário. Parecia que eles podiam começar a cantar “Y.M.C.A.”. “Todas essas estátuas!”, exclamou Linda durante a última visita a Fawnskin. “Por que não tem nenhuma mulher entre elas?” Depois, ela notou outras esculturas: dois bois atrelados a uma carroça coberta. “Esses dois devem ser fêmeas”, sugeriu Linda, porque não tinham genitália discernível e eram os únicos que faziam algum trabalho. Dali em diante, sempre que ela passava pelo parque, gritava para as vacas: “Oooooi, meninas!”

Na Rim of the World Drive, Linda passou por uma propriedade particular cujo gramado incongruente bem-cuidado era visível atrás dos portões pesados e fechados e das placas de “Entrada proibida”. Ela reduziu o Jeep a um arrastar enquanto entrava na Coxey Truck Trail. Ali, o asfalto dava lugar a uma estrada de terra cheia de lombadas, flanqueada por galhos amarelos de *Erysimum capitatum* aparecendo entre os rochedos e os arbustos de manzanita cobertos de flores cor-de-rosa em formato de cântaro. Também havia resquícios do incêndio do Butler II em 2007: troncos de árvores calcinados eriçados na paisagem como espinhos gigantes de ouriço. Aquele

incêndio tinha engolido mais de 5.500 hectares de floresta, inclusive o Hanna Flat, que ficou fechado para reformas até 2009.^[9] Ao se aproximar do camping, Linda manteve a velocidade baixa e se concentrou na estrada acidentada, esquivando-se de sulcos grandes na terra compactada. O Squeeze Inn quicava e chocalhava atrás dela.

Eram umas seis da tarde e ainda havia luz quando Linda chegou à entrada do camping. Dois mil metros acima do nível do mar, o Hanna Flat era mais de um quilômetro e meio mais alto que Mission Viejo, onde sua jornada tinha começado naquela manhã. O ar era mais frio e mais rarefeito. Ela espiou um quadro de avisos e saiu do Jeep para ler. Avisos alertavam os visitantes para tomar cuidado com cobras, apagar suas fogueiras (“TODA FAÍSCA APAGADA”) e evitar trazer lenha com clandestinos invasivos: insetos como a broca do carvalho e patógenos nefandos com nomes como “cancro do pinheiro” e “morte súbita do carvalho”. Um mapa grande mostrava uma rua circulando 88 áreas de camping numeradas que podiam ser alugadas, cada uma, por 26 dólares por noite. Também havia uma área sem número, tão perto da entrada que Linda podia vê-la de onde estava. Tinha algumas comodidades: um estacionamento pavimentado, saídas de água e eletricidade e uma área de piquenique com uma mesa e um anel para fogueira. Na frente, perto de um toco apodrecido e colonizado por formigas-lava-pés, uma placa dizia “RECEPÇÃO DO CAMPING”.

Linda estava em casa pelos quatro meses seguintes.



ALÉM DO INÍCIO DO trabalho, havia outro motivo para Linda contar os dias: uma amiga vinha trabalhar com ela.

Silvianne Delmars, de sessenta anos, nunca fora recepcionista de camping, mas estava animada para tentar. “Com Linda May a meu lado, eu poderia enfrentar um exército!”, declarara alguns meses antes. Silvianne morava em um Ford E350 Econoline Super Club Wagon de 1990, que tinha sido van de transporte para idosos e um veículo de trabalho para equipes de presidiários antes de ela comprá-lo na internet, com vazamento nas juntas de cabeçote, freios ruins, mangueiras de direção hidráulica rachadas, pneus gastos e uma ignição que soltava rangidos sinistros. Às vezes o sol batia do lado do carona em um ângulo que revelava as bordas das letras que antigamente diziam “Holbrook Senior Citizens Assoc.” e tinham sido cobertas de tinta.

Dois amigos de Silvianne sugeriram nomes para o veículo: “Queen Mary” e “Esmeralda”. Sem querer escolher um em detrimento do outro, ela o batizou de Queen María Esmeralda. Transformou o interior com lenços coloridos, almofadas bordadas, luzes de Natal e um altar que tinha uma vela votiva da Virgem de Guadalupe e uma estatueta de Sekhmet, a deusa egípcia de cabeça de leão. Silvianne tinha partido na van depois de uma série de problemas: carro roubado, pulso quebrado (sem seguro) e uma casa no Novo México que ela não conseguiu vender. “Na primeira vez que dormi no carro na cidade, me senti um fracasso terrível, uma sem-teto”, explicou ela. “Mas isso é que é ótimo nas pessoas: nós nos habituamos a tudo.”



Silvianna em sua van, a Queen María Esmeralda.

Silvianna conheceu Linda um ano e meio antes, quando ambas trabalhavam como temporárias no turno da noite do depósito da Amazon em que Linda lesionou o pulso. Silvianna lia tarô — ela também trabalhou como assistente médica corporativa, garçonete, vendedora, acupunturista e em bufê — e passou a ver a cadeia de acontecimentos que a levou à van como influência divina, a deusa a enviando ao caminho viajante. (Em seu blog, *Silvianna Wanders*, ela também caracterizou a transição desta forma: “Uma baby boomer em idade não-tão-de-aposentada-assim desiste de sua antiga cabana convencional de mineiro, dos três empregos de meio expediente e de sua ligação com qualquer ilusão de segurança destes restos esfarrapados que o Sonho Americano ainda pode trazer a sua alma torturada. O objetivo: pegar a estrada para uma vida de aventura nômade como a leitora de tarô/astóloga

xamânica/agente de mudança cósmica que ela sempre quis ser.”)[10]

Silvianne compôs uma música que ela chamou de “hino da moradora de van”. Na primeira vez em que cantou para mim, a Queen María Esmeralda estava no estacionamento de um Burger King no Arizona e fazíamos uma entrevista dentro do veículo enquanto tirávamos a crosta dos nuggets de frango para dar a sua gata de olhos verdes, Layla, que não os comia de outra forma. Com a melodia de “King of the Road”, de Roger Miller, e refinada várias vezes desde que Silvianne começou a escrever a letra em um trecho solitário da Highway 95, no Arizona, a última versão é como se segue:[11]

*Old beat-up high-top van,
Like livin' in a large tin can.
No rent, no rules, no man,
I ain't tied to no plot of land.*

*I've got cool forests for summer fun,
Winterin' in the desert sun.
I'm an old gypsy soul with new goals,
Queen of the Road!*

*My friends think I'm insane,
But for me their life is way too tame.
If sometimes I sing the blues,
Small price for the life I choose.*

*I've found all space is hallowed ground,
If we will but look around
In our sacred search for the New Earth.
Queens of the Road!*

*I know every back road in five western states.
If it's a blue highway I don't hesitate.
I learn every strange history of each little town.
I may get there slowly but I get around, in my...*

*Gas-guzzling high-top Ford
I'm sometimes scared, but never bored,
Because I've finally cut the cord
Unlike society's consumer hordes.*

*I've got a large feline to keep me sane,
Lovely Layla is her name,
Not really wild, but not too tame,
Queens of the Road!*****

Quando Linda chegou ao Hanna Flat, Silvianne ainda estava duas horas ao sul no Queen María Esmeralda, estacionada na frente do prédio de uma amiga em Escondido, desfrutando do acesso à lavanderia e água quente. (Ela estava “*driveway surfing*”, ou “surfando na garagem”, em jargão de moradores de van, uma adaptação do termo “*couchsurfing*” para se referir a ficar hospedado no sofá de conhecidos.) Como só tinha 40 dólares no bolso, esperava pelo correio um cartão de crédito, o primeiro que teria em dez anos.

Os primeiros dias de Linda no camping foram tranquilos. Viram coiotes e correram boatos de um puma. Alguns centímetros de neve caíram e ela ligou um aquecedor para esquentar o Squeeze Inn. Comprou um tanque substituto de propano. Decorou sua geladeira com um ímã que dizia “Viva cada dia como se a tia Bee estivesse de olho”, com uma foto da dona-de-casa de *The Andy Griffith Show*, junto com uma ode à vida nômade intitulada “Um Conjunto Completo

de Coisas”, de um escritor chamado Randy Vining, que também se referia a si mesmo como o Mobile Kodger. Começava: “Viajo o tempo todo com um conjunto completo de coisas /Nem menos do que preciso, nem mais do que me baste.” Ela leu livros. Uma amiga moradora de van recomendou *Woodswoman: Living Alone in the Adirondack Wilderness* [Lenhadora: Vivendo sozinha na mata de Adirondack] e Linda o devorou, maravilhando-se com a independência e a frugalidade da autora, a ambientalista Anne LaBastille, que foi inspirada por *Walden* e construiu sua própria cabana usando apenas 600 dólares em toras de madeira. Em seguida, ela começou *Making Ideas Happen: Overcoming the Obstacles Between Vision and Reality* [Fazendo ideias acontecerem: Superando os obstáculos entre visão e realidade], um volume de autoajuda para empreendedores que esquadrinhou em busca de conselhos sobre a construção de um futuro satisfatório.^[12] Ela também se aconchegou com Coco, que se aninha a seu lado no colchão compartilhado e às vezes lambe, hiperativa, seu rosto. “Ah, beijos, beijos!”, ela disse à cachorra. “Você vai gastar sua língua! Vai precisar de uma língua recauchutada e adivinha quem vai pagar por ela?”



Neve cobre o Squeeze Inn no Hanna Flat Campground.

No domingo em que Silvianne devia chegar, Linda foi tomar um banho nos chuveiros mais próximos, que ficavam a oito quilômetros dali, no Serrano Campground, à margem do rio Big Bear, em reservados gelados de blocos de concreto. Para conservar água, as torneiras só eram abertas por intervalos rápidos e, para tomar um banho, era preciso empurrar o mesmo botão cromado sem parar. De volta ao estacionamento, Linda escovou as mechas compridas ao sol e virou o cabelo como um comercial de xampu. “Já está brilhando?”, perguntou ela.

Silvianne apareceu naquela tarde com uma camiseta amarela mostarda da Frida Kahlo, uma saia florida de retalhos, leggings cor-de-rosa e mocassins de camurça. Abraçou Linda e foi espiar o interior do Squeeze Inn. “Parece maior nas fotos!”, disse ela. Silvianne é alta e magra, e prende o cabelo ondulado, castanho e grisalho, em tranças, com alguns fios escapando de uma fivela na nuca. Precisa

se abaixar para entrar no trailer. Linda lhe disse o quanto gostava de morar ali. Os únicos confortos de que sentia falta de seu velho RV eram o chuveiro e a privada. Ela substituiu esta última por um balde e até agora parecia funcionar bem.

A orientação de recepcionistas do camping começava na segunda-feira, às oito e meia da manhã, e durava dois dias no Big Bear Discovery Center, uma instalação educacional administrada pelo Serviço Florestal dos Estados Unidos. Para recompensar os aprendizes que participavam da turma, os supervisores da California Land Management lhes jogavam tortinhas Moon Pie embaladas. A maioria dos trabalhadores ansiava pelos almoços gratuitos: cachorro-quente num dia, frango do El Pollo Loco no outro. Além da comida, cada recepcionista recebia um fichário marrom com o manual de operações da California Land Management, de 350 páginas, com um resumo verbal detalhado do trabalho que teriam pela frente. Eram estimulados a explorar seus terrenos em busca de “microlixo” — pedacinhos de embalagens de celofane, tiras de papel de alumínio, guimbas de cigarro e outros destroços — e manter as áreas individuais livres de “riscos de tropeço”, como os cones gigantescos que caíam dos imensos pinheiros Jeffery na floresta. Ouviam também histórias admonitórias, sobre erros que deveriam evitar. Certa vez, um trabalhador infeliz esqueceu-se de procurar brasas acesas enquanto tirava com uma pá as cinzas da fogueira e acabou incendiando seu carrinho de golfe. *Não seja esse cara*. Em outra ocasião, uma recepcionista do camping quebrou uma costela quando subiu em uma caçamba de lixo para emendar uma corrente à prova de ursos. “Esta fui eu!”, exclamou Linda, para desgosto dos chefes, que contaram a história sem perceber que a vítima estava presente. (Este acidente aconteceu no

verão anterior, quando Linda trabalhava em Mammoth Lakes, na Califórnia. Por um tempo, a lesão fez tudo doer: respirar, varrer, dirigir por vias irregulares no carrinho de golfe, curvar-se, até rir com seus campistas. Amigos e familiares insistiram que ela procurasse um médico. Ele confirmou que a costela estava quebrada e pediu que ela evitasse levantar qualquer coisa mais pesada do que cinco quilos enquanto se curava.)

Às oito da manhã da quarta-feira, Linda e Silvianna partiram para seu primeiro dia de trabalho em uniformes iguais: calça marrom e jaquetas cáqui com um logo de topo de montanha costurado do lado esquerdo do peito. Nestas cores, tinham uma leve semelhança com guardas florestais federais; disseram-lhes que isto era uma camuflagem útil quando lidavam com campistas rebeldes. Silvianna já acordara havia horas para seguir seu regime matinal — tomar ervas desintoxicantes antes de meditar e comer um desjejum que, como o resto de sua dieta, não continha açúcar, carne, laticínios nem grãos refinados —, uma rotina terapêutica que ela esperava curar um carcinoma celular basal abaixo do olho direito. O carrinho de golfe das duas estava carregado de ferramentas: dois ancinhos, duas vassouras, uma pá, uma lata de metal para cinzas e baldes de plástico cheios de material de limpeza. Também era abastecido de folhetos anunciando caros passeios na natureza de parapente, helicóptero, Segway, tirolesa, 4 X 4 off-road e um barco com roda de pás de nome *Miss Liberty*. Silvianna, que tinha acabado de aprender a dirigir o carrinho de golfe, ficou animada por assumir o volante. Linda foi no banco do carona. A manhã era fria, mas iluminada, com o sol se infiltrando pelos pinheiros. Corvos grasnavam nos galhos e chapins cantavam sua melodia de três notas. Na base das árvores, sarcodes de um vermelho vivo — galhos

em formato de aspargos que brotam no final da primavera e usam um fungo para retirar nutrientes das raízes das coníferas — começavam a aparecer pelo tapete de agulhas de pinheiros. Lagartos corriam pelos caminhos de cascalho. Esquilos mergulhavam em suas tocas com a aproximação do carrinho de golfe.

Pela coleção de truques que tinha, dava para saber que Linda já havia feito este trabalho. Quando desinfetava as latrinas, ela cobria os rolos de papel higiênico com uma folha de papel toalha para não umedecê-los com substâncias químicas. Falava em comprar um spray culinário Pam — ou WD-40, mas o culinário era mais barato — porque cobrir as paredes das privadas com isso diminui a probabilidade de os dejetos grudarem. Depois de esvaziar um cesto de lixo, ela demonstrou um jeito rápido de dar um nó em um novo saco plástico para que ele não escorregasse pela borda. Quando varria a terra em volta das mesas de piquenique com o ancinho, acrescentava um giro do pulso no final de cada passada. “Assim eles não sabem onde você parou”, explicou ela. “Fica mais natural.”

Em uma área de camping bagunçada — um saco de dormir desfeito e um rolo de papel higiênico estavam espalhados na terra, junto com embalagens vazias de macarrão instantâneo —, deixaram aceso um fogo para cozinhar. Linda e Sylvianne se revezaram para apagá-lo com jarros de água, tossindo com a fumaça e o vapor que subiam e as brasas que chiavam. Elas mexeram as cinzas encharcadas e ferventes com a pá, para garantir que nenhuma centelha escondida voltasse a se acender. Naquele mesmo dia, os campistas — uma turma de garotos em seus vinte anos — voltaram de uma caminhada e encontraram a fogueira ensopada. Estavam com frio. Apesar da previsão de neve, um deles usava mangas curtas

e não tinha levado casaco, enquanto outro caminhara nos únicos calçados que trouxera: pantufas. Linda os encontrou ali, tentando reacender o fogo, sem sucesso: “Quando você sai, deve conseguir tocar a fogueira com a mão”, disse ela, com paciência. “Por sorte nós é que encontramos, e não os guardas florestais.” Os guardas os teriam multado. Os rapazes pediram profusas desculpas. “Desculpe, senhora!”, disseram eles. “Me desculpe por isso.”

Duas vezes por semana, Linda e Silvianna eram responsáveis por todo o Hanna Flat. Nos outros três dias, dividiam o território com outra recepcionista que estava familiarizada com a área. (Esta funcionária gostava de contar uma história do ano anterior, em que ela trabalhava na mesma floresta, e um exibicionista enrolado na bandeira americana — e mais nada — correu por ali, expondo-se, até que a polícia chegou para levá-lo.) Na maior parte do tempo, o trabalho consistia na limpeza dos dezoito banheiros e das oitenta e oito áreas de camping do Hanna Flat. Além das tarefas de faxina, elas registravam a entrada de novos campistas, cobravam as taxas, reservavam as áreas, davam conselhos de caminhada, arbitravam disputas menores, limpavam fogueiras e cuidavam da papelada. Os campistas as procuravam para comprar a lenha de 8 dólares o fardo, que ficava trancada em uma gaiola na recepção. Em geral, eles saíam sem comprar nada, seguindo o conselho de Linda e Silvianna de procurar madeira da floresta que obedecesse aos “três Ds”: decaída, defunta e desprendida. Às vezes, no final de cada ronda, Linda estava sem fôlego e precisava tirar um cochilo.

Não é fácil morar ao lado de uma placa de “RECEPÇÃO DO CAMPING”. Significa que se é refém das necessidades dos campistas o tempo todo. Assim, quando vem a hora de folga? Se um recepcionista de camping está por perto e há

trabalho a ser feito, espera-se que ele o faça. Quando duas picapes de campistas apareceram no Hanna Flat às onze e meia da noite, foram direto ao Queen María Esmeralda e acordaram Silvianne para registrar a entrada deles. Também se espera que os recepcionistas de camping imponham a “lei do silêncio” noturna e tratem das queixas de barulho. Linda tentava prevenir problemas de forma amistosa. Quando chegou um grupo de pessoas dando a impressão de festeiras, ela lhes disse: “Queremos que vocês se divirtam, mas depois das dez queremos que se divirtam *com muito silêncio.*” Quando ela viu uma área de camping com garrafas de cerveja espalhadas, em lugar de exigir que os campistas limpassem tudo, fez uma proposta prestativa: “Posso trazer uns sacos de lixo grandes para vocês.”

Linda e Silvianne foram contratadas para trabalhar quarenta horas semanais, mas não havia garantias. Na metade do primeiro mês de trabalho, o supervisor abruptamente lhes disse que as reservas de camping tinham caído e a empresa precisava cortar custos. Por conseguinte, Linda e Silvianne cumpriram três quartos do horário nas duas semanas seguintes. Isso baixou o pagamento semanal de Linda para 290 dólares. (Foi ainda mais baixo para Silvianne, que, por ser novata, não tinha recebido os aumentos dados a Linda.)

Linda e Silvianne não reclamavam da natureza errática e às vezes sem limites de seu trabalho mal remunerado, mas outros trabalhadores, sim. Uma frustração comum verbalizada por recepcionistas de campings é de que esperam que eles façam mais trabalho do que comporta o horário que podem cumprir. Um trabalhador em seus sessenta anos, que foi empregado pela California Land Management pela primeira vez em 2016, mandou-me um e-mail de seu posto. “Ser recepcionista de camping é uma

arapuca”, escreveu ele. “Muitas mensagens confusas da ‘gerência’. Estou em um local de trinta horas, mas em algumas semanas passa de 45 horas semanais. Fiz pressão sobre isso, e eles reduziram o que estavam pedindo.” Seus gerentes, porém, não pagaram as horas extras que ele já havia trabalhado.

Essa declaração se somou ao que um casal de recepcionistas de camping de sessenta e poucos anos, Greg e Cathy Villalobos, disseram a um site de notícias jurídicas em 2014. Eles contaram que, enquanto trabalhavam como recepcionistas de camping para a California Land Management e outra concessionária, a Thousand Trails, esperava-se que trabalhassem mais horas do que podiam registrar em seus cartões de ponto. “Eu queria principalmente que esta história fosse contada para ajudar outros idosos e acabar com esta prática. É muita indignidade, em particular porque é o governo federal que contrata essas empresas”, disse Greg Villalobos ao jornalista.^[13]

Outra trabalhadora de camping, empregada pela California Land Management em 2015, dá uma estrela à empresa nos comentários na Yelp, alegando que ela e o marido costumavam trabalhar por 12 horas ou mais em certos dias, mas não tinham permissão de registrar mais de oito horas. “Eles fazem isso com casais de idosos que precisam da renda! Está errado e precisa ser investigado!”, escreveu ela.^[14]

O Serviço Florestal dos Estados Unidos, que contrata concessionárias privadas para a gestão de campings públicos, também recebeu queixas. Entrei com uma requisição, com base na lei da transparência, no escritório regional do sudoeste do Pacífico da agência para ler algumas delas. Quando os documentos enfim chegaram,

censores tinham coberto os nomes dos funcionários, as idades e informações de contato. Em uma carta, um funcionário que trabalhou catorze anos com a California Land Management disse que os colegas de trabalho não recebiam água quando trabalhavam no calor. “Até os trabalhadores do campo recebem sombra e água fresca para beber. Por que isto não é feito com nossos próprios funcionários?”, diz a carta. Contava as agruras de um recepcionista de camping que foi designado para trabalhar sozinho em dois campings — Upper e Lower Coffee Camp, ao pé das colinas de Sierra Nevada — em um dia de 42 graus e “já foi removido de ambulância duas vezes por insolação”. O mesmo funcionário, acrescentava a carta, “fez muitas horas extras, [mas] ouviu do gerente do camping para não registrar essas horas em seu cartão de ponto. Tenho certeza de que outros funcionários são tratados da mesma forma”.

Em outra reclamação, um ex-recepcionista de camping para a California Land Management na Floresta Nacional de Sequoia escreveu:

Recebi um tratamento muito cruel, do tipo dado a trabalhadores migrantes... Eu estava empregado a 8,50 dólares a hora por “quarenta horas”, mas constantemente tinha de trabalhar cinquenta a sessenta horas pelo mesmo pagamento de quarenta, sem horas extras e nem mesmo horas consecutivas. Portanto, a CLM não está pagando um salário mínimo. Por “trabalho” não quero dizer tempo de prontidão, mas oito horas inteiras de intensos trabalhos varrendo, retirando lixo, limpando os campings Hume, Princess e Stony Creek, assim como Ten-Mile e Landslide, limpando vários banheiros várias vezes ao dia,

fogueiras, ruas etc. E depois fazendo registros até quase nove da noite. Na minha primeira semana, eles me fizeram trabalhar seis dias direto, onze a doze horas por dia... Depois de alguma discussão em que finalmente verbalizei parte destas preocupações, [meu supervisor] me chamou de “inútil”, disse “fecha sua matraca de inútil” e “leva sua bunda de inútil de volta ao Oregon”.

Escrevi à California Land Management sobre essas queixas e me respondeu Eric Mart, o presidente da empresa. “Posso lhe garantir que nossa política (cujas cópias ficam disponíveis para todos os funcionários), nosso treinamento e nossos procedimentos operacionais padrão são exatamente o contrário do que estes funcionários alegam”, respondeu ele. A California Land Management investigou pelo menos três destas queixas, continuou ele, e descobriu que não tinham mérito. (Um trabalhador, porém, foi reembolsado ao reivindicar horas não remuneradas.) O último dos casos — que se referia a um gerente explorando um funcionário e o chamando de “inútil” — desencadeou uma investigação separada pelo Serviço Florestal dos Estados Unidos, acrescentou ele.^[15]

As autoridades federais disseram outra coisa. Quando procurei o Serviço Florestal dos Estados Unidos sobre estas cartas específicas, soube que a agência não investiga diretamente as reclamações. Na verdade, encaminha as cartas a qualquer concessionária de que os trabalhadores estejam se queixando — e neste caso seria a California Land Management. É esta a política oficial da agência, embora o Serviço Florestal dos Estados Unidos seja responsável pela emissão e pela renovação das permissões de operação das

concessionárias e, em última análise, pela administração de terras públicas.

“O Serviço Florestal não tem autoridade para agir em queixas de violações a leis trabalhistas, discriminação ou qualquer outro tipo de reclamação contra empregadores privados, inclusive na condução de qualquer investigação”, explicou o assessor de imprensa John C. Heil III em um e-mail.

Em um telefonema de acompanhamento, perguntei se ele realmente queria que esta fosse toda a resposta da agência. “Parece estranho que estes sejam seus terceirizados, ostensivamente sob seu controle, mas que vocês não pareçam ter controle sobre eles”, acrescentei.

Heil explicou que ele tinha pesquisado o protocolo do Serviço Florestal, que era de encaminhar todas as cartas, e não tinha mais nada a dizer.



ENQUANTO LINDA SE ACOSTUMAVA com o Hanna Flat, observei suas primeiras duas semanas e meia ali. Sentamo-nos juntas por horas em seu trailer à noite. Ela contou sua história de vida em capítulos. A mais velha de três irmãos, Linda adorava os pais, apesar de seus defeitos. O pai bebia muito, trabalhava intermitentemente como maquinista nos estaleiros de San Diego, enquanto a mãe lutava com uma depressão crônica. Estavam sempre trocando de apartamentos, mudando-se sete vezes em um só ano, e a certa altura saíram da Califórnia para morar com parentes em Black Hills, na Dakota do Sul. Na estrada para o leste, Linda se espremeu em um caminhão com os pais e dois irmãos, além de todos os pertences da família e um dachshund chamado Peter Jones Perry. A mãe de Linda teve de extrair alguns dentes na

mesma época. “Meu pai não podia pagar pela dentadura”, recordou-se ela. “Então lá estávamos nós, naquele caminhão grande, com toda a mobília na traseira, minha mãe sem dentes, três crianças, uma porcaria de cachorro.”

Com o tempo, o pai de Linda desenvolveu um temperamento cada vez mais violento. Às vezes, à mesa do jantar, batia na cabeça do irmão mais novo de Linda com uma colher de servir. Ele batia na mãe de Linda, chegando a atirá-la escada abaixo, e “a jogava de um lado para outro feito uma boneca de trapos”. Durante uma das brigas, Linda, que tinha uns sete anos, escondeu-se no canto do beliche de cima, em seu quarto. Ali, ela fez uma promessa a si mesma: *Isto nunca vai acontecer comigo.*

Enquanto isso, Linda lutava com a dislexia, embora ninguém soubesse dela. Quando chegavam os boletins escolares, diziam coisas como “Linda tem potencial para a universidade, mas não é aplicada”. Ela se sentia como um pato: A observadores à margem, ela parecia vagar sem esforço algum, mas por baixo seus pés agitavam-se furiosamente.

Linda abandonou o ensino médio, mas por fim conseguiu seu diploma de supletivo, junto com um certificado em tecnologia de construção e um diploma de faculdade técnica. Teve empregos que incluíram caminhoneira, garçõete, empreiteira, dona de loja de acabamento para pisos, executiva de seguros, inspetora de obras, teleatendente da receita federal, cuidadora em uma clínica de trauma encefálico, alimentadora de cães e faxineira de canis em um programa do governo para idosos — ainda tem a cicatriz da mordida de um Shih Tzu — e depenadora de patos e perdizes em uma pousada de caça. Linda ainda criou duas filhas, principalmente sozinha.

Ouvi atentamente, absorvendo o máximo que podia. Era minha esperança que isso me ajudasse a entender algumas questões insistentes: como uma mulher de 64 anos que trabalha arduamente acaba sem casa ou lugar permanente para ficar, dependendo de trabalhos imprevisíveis e mal remunerados para sobreviver? Morando na natureza alpina, com neve intermitente e talvez pumas, em um trailer minúsculo, limpando privadas, à mercê de empregadores que, de uma hora para outra, podiam reduzir seu horário e até demiti-la? Como seria o futuro para alguém assim?

Embora eu não tenha tido nenhuma epifania, chegara a hora de ir para casa. Deixei para trás o que sobrara de meus mantimentos: alguns frios, tomates, ovos, bacon, queijo, couve, sopa, cenouras e tortillas. A maior parte foi para Linda, em vista da dieta restrita de Sylvianne.

“Isto vai ajudar muito”, disse Linda com naturalidade. “Só tenho 10 dólares até o pagamento.”

Enquanto eu me preparava para partir, Linda e Sylvianne fizeram uma fogueira. Para acender, usaram uma pilha de papelada antiga — cópias do “RCD”, ou relatório de chegada diário, mostrando que áreas de camping tinham sido reservadas. Os relatórios deviam ser queimados ou picotados. Se a fumaça dos RCD pudesse carregar uma mensagem ao céu, perguntei, qual seria? “Fomos acampar! Nos divertimos muito! Os banheiros eram imaculados!”, respondeu Linda.

O sol baixava e o frio se insinuava. Já agasalhadas com moletons e casacos de trabalho forrados de fleece, Linda e Sylvianne tremeram e falaram em preparar o jantar. Não haveria mais campistas se registrando naquela noite. Já haviam colocado na entrada uma placa que dizia “CAMPING LOTADO”.

Então me despedi e dei a partida na van. As recepcionistas do camping se levantaram e acenaram. “Não deixem os campistas queimarem a floresta!”, gritei. Linda negou com a cabeça e respondeu com um grito:

“Assim eu ficaria sem trabalho!”

* Squeeze Inn em tradução livre ‘Estalagem Se Espreme aí’, um trocadilho que remete à forma “Inn” utilizada no nome de muitos hotéis norte-americanos, como Holiday-Inn e outros. (N. da T.)

** Quando embarquei nesta história, mal sabia eu que entraria em um projeto maior, com três anos de reportagem e centenas de entrevistas.

*** Dali a algumas semanas Linda faria 65 anos, baixando seus benefícios já parcos a 424 dólares, deduzidas as contribuições do plano de saúde Medicare.

**** Em tradução livre: “Velha van gasta de teto alto/É como morar em uma latinha./Sem aluguel, nem regras, nem homem,/Não estou presa a um pedaço de terra.//Tenho as frescas florestas para me divertir no verão,/Passo o inverno no sol do deserto./Sou uma velha alma nômade com novas metas,/A Rainha da Estrada!//Meus amigos me acham louca,/Mas para mim a vida deles é dócil demais./Se às vezes me entristeço,/é um preço pequeno pela vida que escolhi.//Descobri que todo espaço é terra consagrada,/Se quisermos olhar a nossa volta/Na busca sagrada pela Nova Terra./Rainhas da Estrada!//Conheço cada estradinha em cinco estados do Oeste./Se for uma rodovia azul, não hesito./Aprendo toda história estranha de cada cidadezinha./Posso chegar lá devagar, mas contorno, em meu...//Ford de teto alto que bebe gasolina/Às vezes tenho medo, mas nunca tédio,/Porque enfim cortei o cordão/Ao contrário da horda de consumidores da sociedade.//Tenho uma felina grande para me manter sã,/A linda Layla é o seu nome,/Não é bem selvagem, mas também não é domesticada/As Rainhas da Estrada! (N. da T.)

CAPÍTULO DOIS

O fim

No DIA DE AÇÃO de Graças de 2010 — antes de começar sua vida de nômade —, Linda May estava sentada sozinha no trailer onde morava, em New River, no Arizona. Aos sessenta anos, a avó de cabelos prateados estava sem eletricidade e água corrente porque não conseguira pagar a conta. Não encontrara trabalho. Seus benefícios de desemprego tinham se acabado. A família da filha mais velha, com quem ela morou por muitos anos enquanto passava por uma série de trabalhos mal remunerados, recentemente tinha se mudado para um apartamento menor. Com três quartos para seis pessoas, não havia espaço para Linda voltar a morar com eles. Ela estava presa em um trailer escuro, sem ter para onde ir.

“Vou beber todas. Vou abrir o propano. Vou desmaiar e acabou-se”, disse ela a si mesma. “E se eu acordar, vou acender um cigarro e nos explodir todos para o inferno.”

Seus dois cachorrinhos, Coco e Doodle, olhavam-na fixamente. (Doodle, um poodle toy, morreria antes que Linda se mudasse para o Squeeze Inn.) Ela hesitou — será que podia mesmo pensar em explodir eles também? Esta não era uma opção. Assim, aceitou um convite para o jantar de Ação de Graças na casa de uma amiga.

Mas não podia se esquecer com facilidade daquele momento — do instante em que viu sua determinação

vacilar. Linda se considera “uma pessoa feliz, alegre”. Nunca tinha considerado seriamente a ideia de desistir de tudo. “Eu estava tão deprimida que não conseguia enxergar uma saída”, ela se recordou mais tarde. Alguma coisa precisava mudar.

Dois anos depois, Linda se viu perto do limite de novo. Trabalhava como caixa da Home Depot a 10,50 dólares por hora em Lake Elsinore, na Califórnia. Em algumas semanas, conseguia horários de vinte a 25 horas, o que cobria por pouco o trailer de 600 dólares por mês que alugava do outro lado da cidade, no Shore Acres Mobile Home Park. Tinha levado meses para conseguir aquele emprego, pouco importava que seu currículo incluísse dois diplomas em construção civil, além de um ano e meio em uma Home Depot em Las Vegas, onde ela ganhava por volta de 15 dólares por hora na expedição, um cargo de que gostava, porque significava resolver problemas pessoalmente para os clientes. Cuidar da caixa registradora parecia decadente depois de tudo isso. Ainda assim, ela tentou tirar o máximo proveito. “Eles me fizeram caixa, quando eu tinha toda aquela experiência”, ela lembrou. “Então eu falei: ‘tudo bem, vou ser a melhor caixa daqui!’” Linda batia papo com os clientes, perguntava sobre seus projetos e ajudava no que podia. Quando o dono de uma casa chegou no balcão com a madeira errada para um telhado, ela prescreveu um material diferente chamado OSB — do inglês, “*oriented strand board*”, painel de tiras de madeira orientada —, aconselhando-o que funcionaria melhor (e por 500 dólares a menos). Por que a Home Depot desperdiçava um conhecimento desses atrás de uma caixa? “Na minha opinião, eles são meio preconceituosos com os velhos”, sugeriu Linda.

Não era a primeira vez que Linda se perguntava como alguém conseguia se sustentar ao envelhecer. Dos muitos empregos que teve na vida, nenhum trouxera nem um mínimo de estabilidade financeira duradoura. “Nunca consegui uma pensão”, disse.

Linda sabia que logo estaria apta para receber apoio da previdência social. Entretanto, como nunca prestara muita atenção em suas declarações anuais, ficou surpresa quando leu um documento e soube que seu benefício mensal ficaria em torno de 500 dólares, que não bastavam nem para o aluguel.

Linda criou duas meninas como mãe solo. Sabia o que significava sobreviver a duras penas. A própria mãe lhe ensinara muito, fazendo meio quilo de hambúrguer durar uma semana de refeições para alimentar Linda e os irmãos. Quando o jantar era espaguete à bolonhesa, mas não se via nenhum pedaço de carne nas tigelas, as crianças brincavam com a mãe, dizendo que ela havia colocado a carne moída em uma meia e sacudido acima da panela para transmitir a essência do sabor. De tempos em tempos, quando a família recebia uma criança a mais cujos pais tinham se metido em problemas, Linda brincava que a mãe ia “sacudir o hambúrguer na meia acima da panela mais uma vez” para acomodar a recém-chegada.

Talvez devido a esta história, Linda fosse solidária com as pessoas de pouca sorte. No início dos anos 1990, ela foi dona de uma loja de carpetes e pisos chamada Cherokee Interiors, em Bullhead City, Arizona, onde, depois do horário de trabalho, homens sem-teto se congregavam em uma torneira aberta atrás do prédio para se lavar e encher seus galões de água. “Está tudo muito bem”, ela lhes dizia. “Mas cuidem para fechar a água quando terminarem. Não se esqueçam!” A estrutura no estilo de cabana rústica tinha

uma varanda com toras metidas sob um ressalto. Quando os homens começaram a passar a noite ali, ela os convocou. “Tudo bem, se vão dormir aqui, o trabalho de vocês é de vigia noturno”, disse ela, sugerindo que eles dissessem isso a qualquer policial que os tentasse expulsar.

Um dos homens, um antigo aparador de árvores, disse a Linda que queria sair das ruas. Achava que podia ganhar algum dinheiro trabalhando para a prefeitura, que contratava terceirizados para limpar terrenos tomados de mato. Ela o ajudou a coletar donativos para seu começo: ancinhos, uma roçadeira, algum dinheiro para a gasolina. Juntos, eles circularam de carro procurando terrenos com mato que a prefeitura tinha posto em licitação. Usando sua licença comercial, Linda conseguiu alguns contratos.

Então aconteceram duas coisas ruins. A loja de pisos faliu porque o sócio de Linda mantinha dois livros contábeis, embolsando parte dos lucros para uso próprio. E o antigo aparador de árvores largou o trabalho que Linda arrumara para ele. Quando recebeu a oferta de outro bico de pintura em uma casa de Las Vegas, ele foi embora sem limpar terreno nenhum.

Linda ainda se sentia com sorte. “Graças a Deus, sabe, eu tinha o necessário”, ela se recordou. “Não havia como ganhar dinheiro, mas tinha todos aqueles contratos.” Logo ela estava empurrando uma roçadeira em dias áridos de verão, quando a temperatura às vezes subia a 48 graus. Familiarizou-se com os sintomas da insolação: “Se você estiver no sol e começar a sentir calafrios, dê o fora dali!” Os contratos lhe garantiam cerca de 150 dólares por terreno. Em geral, ela começava a trabalhar ao amanhecer e encerrava por volta do meio-dia, voltando no fim do dia para terminar de varrer e ensacar o lixo.

“Na primeira vez, antes de ser paga, eu não tinha dinheiro para levar tudo à caçamba, então levei ao lago e fizemos uma fogueira, mas ventava muito”, disse ela, lembrando-se de uma ida ao lago Mead. “O vento pegou o mato seco e passou a soprá-lo para a margem. O guarda-florestal chegou e disse: ‘Não pode fazer isso’. Eu falei: ‘Disso eu já sei. Já estou jogando terra. Estou apagando.’”

“Daí eu pensei: ‘Não posso ficar varrendo mato em 48 graus. Não foi por isso que fiz faculdade!’”, recordou-se Linda, que tinha estudado tecnologia de construção. Enquanto isso, a filha mais velha e o genro tinham encontrado emprego no setor fervilhante dos cassinos: ela trabalhava em um restaurante, e ele era manobrista. Linda logo conseguiu um emprego de vendedora de cigarros no Riverside Casino, na próspera cidade da jogatina Laughlin, em Nevada. (O homônimo da cidade — o Riverside era de Don Laughlin — originalmente queria chamá-la de “Casino”, mas foi rejeitado pelo Serviço Postal dos EUA.)^[1] Linda ficou tão agradecida pela oportunidade que mandou duas dúzias de rosas a Don Laughlin. Foi chamada ao escritório dele. “O que é isso?”, perguntou ele, perplexo.

“É um agradecimento de coração, Don”, disse ela. “Não tem outro motivo. Só agradecendo a você pelo emprego. Não estou querendo mais nada.” No cassino, Linda vendia balas, flores e tabaco em uma bandeja com uma alça no ombro. A bandeja era tão pesada que, no início, ela teve de usar um colete cervical para ajudar a escorar. Mesmo de colete, era um exercício físico sério. “Fui do tamanho 48 ao 44 vendendo cigarros”, recorda-se.

Linda comprava rosas no atacado por 96 centavos cada uma e vendia por 4 dólares, sendo que em geral ainda ganhava gorjeta. Ela comprava cigarros aos pacotes, vendendo-os com um lucro de 50 centavos por maço. Aos

poucos, passou a conhecer os apostadores, como o cara que sempre tinha dor de cabeça e podia-se contar que deixaria 5 dólares por um pacote de aspirinas de 25 centavos. Numa noite boa, ela conseguia levar 200 a 300 dólares. Também pegou uma segunda fonte de renda, contratando e supervisionando pessoas para limpar as plantas artificiais de seda do cassino.

Entretanto, o apogeu das vendedoras de cigarros no Riverside terminou subitamente com a chegada das máquinas automáticas. Don chamou Linda de novo a seu escritório para dar a notícia de que o trabalho dela ficara obsoleto. Mas ele não queria demiti-la. Sugeriu que ela falasse com Dale, o gerente geral, para encontrar outra função. Linda o localizou e foi direito ao que interessava.

“Quem fatura mais neste lugar?”, perguntou ela.

“Bom, fica entre ser crupiê e ser garçonete do bar”, respondeu Dale.

“Acho que prefiro ser garçonete”, disse Linda.

O emprego novo tinha um uniforme: uma casaca mínima por cima de uma faixa de seda vermelha com calcinha de cóis alto, meias de nylon e saltos altos. Não deixava muito para a imaginação, e isto deixou Linda nervosa. “Não sei se posso vestir isso!”, pensou ela, mas decidiu tentar. Quando vestiu o uniforme pela primeira vez, seu supervisor lhe disse que ela estava linda. Para surpresa de Linda, ela concordou. No cassino, ela se sentia protegida pelos seguranças, que não toleravam jogadores desrespeitando as garçonetes. “Vi gente da segurança pegar as pessoas pela nuca e simplesmente abrir a porta de saída com a cara delas”, disse Linda.



Linda de uniforme do Riverside Casino.

Agora Linda vê com carinho os anos que passou no Riverside. Ainda tem uma foto dela de uniforme completo, sorrindo, o cabelo escuro curto e o rio Colorado a suas costas. Na época, tinha seus quarenta anos. Suas opções de trabalho diminuían com a idade, em vez de se ampliar, refletindo seus anos de experiência. Não parecia haver como sair da esteira de empregos mal remunerados.

Aos sessenta anos, a questão se agigantou: como se sustentaria, parando de trabalhar? Tinha passado a maior parte da vida sem economias, vivendo mês a mês. Sua única rede de segurança, a previdência social, era perigosamente fina. Como seria se aposentar com 500 dólares por mês?

Ao mesmo tempo, Linda tinha um antigo sonho para o futuro. Não incluía nenhum dos velhos clichês — nada de condomínio na Flórida, nem mesmo algumas rodadas de

golfe. Suas esperanças eram, literalmente, pé no chão, feitas da sujeira e do lixo dos outros.

Ela queria construir uma Earthship: uma casa solar passiva construída com materiais descartados como latas e garrafas, com pneus cheios de terra formando as paredes de sustentação. Inventada por Michael Reynolds, arquiteto radical do Novo México, que mexia com isso desde os anos 1970, as Earthships eram projetadas para sustentar seus habitantes inteiramente fora do sistema. As paredes de pneus agiam como baterias, absorvendo o calor do sol por uma série de janelas que davam para o sul durante o dia, depois o liberando à noite para regular a temperatura interna. A chuva e a neve derretida escorriam do telhado para uma cisterna, fornecendo a água que era filtrada e reutilizada para beber e para o banho, para irrigar hortas e pomares internos e para privadas. A eletricidade era fornecida por painéis solares e, em alguns casos, moinhos de vento.

Apesar de todo seu pragmatismo, muitas Earthships têm toques extravagantes — pináculos e torreões, colunas e arcadas, paredes revestidas de adobe em tons vivos, ou fileiras de garrafas embutidas de modo a parecerem vitrais. Sua construção não exige nenhuma técnica sofisticada, o que a torna acessível a construtores amadores e deixa espaço para a criatividade. Dezenas delas pontilham o deserto nos arredores de Taos, no Novo México, em um loteamento conhecido como Greater World Earthship Community, a Comunidade Earthship do Mundo Maior. Juntas, parecem uma colônia lunar coproduzida por Dr. Seuss, Antoni Gaudí e os cenógrafos de *Guerra nas Estrelas*.

A ideia de criar uma habitação única, autossuficiente e ecologicamente segura tinha um profundo apelo a Linda. “Não é produzida em massa”, disse ela. “É como morar em

uma obra de arte, e posso construir com minhas próprias mãos.” Seu fascínio com as Earthships começou depois que, Dennis Weaver, ator de *A morte tem seu preço*, mudou-se para construir uma no Colorado em 1989. Ele fez um documentário sobre o processo que foi transmitido durante anos na televisão aberta, apresentando o conceito para o público tradicional. Quando o filme começa, o ator de cabelos grisalhos está de pé em uma parede baixa, socando terra em um pneu com uma marreta. Ele levanta a cabeça e anda decidido para a câmera. “Você gostaria de viver em uma casa sem contas de eletricidade, nem ar-condicionado, nem dutos de aquecimento e ainda ficar inteiramente confortável no inverno mais frio ou no verão mais quente?”, pergunta. “Parece loucura?” Alegremente, ele se junta a uma turma de construção. Ele descasca um tronco para fazer uma viga do telhado, depois espalha uma mistura de lama, areia e palha nos pneus e latas que se tornarão a parede de seu quarto.^[2]

Nem todo mundo entendeu a paixão do ator por morar no que era essencialmente uma pilha de pneus. Os moradores a apelidaram de “Mansão Michelin”. No *The Tonight Show*, Jay Leno perguntou se os vizinhos achavam que ele ia construir um anexo sempre que levava o lixo para fora. “Quando chega o lixeiro, como ele sabe onde começa a lata de lixo e termina a casa?”, implicou o comediante.^[3]

Tirando o material humilde, a casa de quase mil metros quadrados de Dennis Weaver custou um milhão de dólares para ser construída e é um caso extremo do que podemos chamar de “Earthships dos ricos e famosos”.^[4] A maioria das casas Earthship acaba custando tanto quanto uma casa convencional, embora uma família neozelandesa tenha conseguido gastar menos de 20 mil dólares. “Acredito no trabalho infantil”, escreveu na internet Brian Gubb,

orgulhoso pai de cinco filhos, acrescentando que a esposa no início achava que ele era um “biruta” por querer construir uma Earthship.[5] Em Seattle, um grupo de entusiastas de Earthships decidiu fazer uma versão pequena e simplificada de graça, usando materiais reciclados, trabalho voluntário e a doação generosa da entrada da garagem de um amigo. Sua estrutura diminuta — o semanário alternativo do bairro a chamou de “earthdinghy”* — é uma obra em progresso.[6]

Existem Earthships em todos os continentes, menos na Antártida. Voluntários de socorro pelo mundo as construíram depois de catástrofes como o tsunami no oceano Índico em 2004, o terremoto de 2010 no Haiti e o tufão Haiyan nas Filipinas em 2013. Os construtores de Earthships de pior fama até agora provavelmente foram os membros da seita Heaven’s Gate, que ergueram uma casa de pneus em seu complexo no Novo México. No frenesi da mídia que se seguiu a seu suicídio em massa em 1997, o arquiteto Michael Reynolds garantiu ao público americano que as Earthships nada tinham a ver com isso. “Gente louca e ocultista precisa ter onde morar” como todo mundo, disse ele à Associated Press. “Estamos ensinando as pessoas a se conectarem com o planeta, e não a deixá-lo.”[7]

Linda é uma das mais ardorosas admiradoras de Reynolds. Ela respeita o quanto ele lutou para concretizar sua visão, enfrentando burocratas que sustentavam regulamentações de habitação misteriosas, uma luta que foi registrada no filme *Guerreiro do lixo*.^[8]

“Michael Reynolds... você não gostaria de dar um passeio pela cabeça dele? Ele vem travando esta luta desde os anos 1970”, ela disse, entusiasmada. “Uma vez tiraram a licença de arquitetura dele porque suas primeiras casas foram um fracasso.”

Nos últimos anos, Reynolds tem argumentado que suas Earthships podem ter importância no atendimento das necessidades humanas básicas de uma forma que não fica à mercê do mercado. “Precisamos encontrar um sustento seguro para as pessoas que não esteja sujeito ao monstro chamado de economia”, diz uma declaração em seu site. “A economia é um jogo. Este jogo deve tratar de coisas não essenciais (motos, computadores, televisões). Alimentar a família, permanecer vivo, ter abrigo... isso não deve se submeter à economia.”^[9]

Cerca de uma década atrás, Linda começou a esquadrihar a internet em busca de plantas, diagramas de sistemas e fotografias do interior de Earthships. As que ela mais gostou, imprimiu e compilou de forma organizada em um fichário com um padrão de fibra de madeira na capa. Sua foto de perfil no Facebook mostra uma Earthship sendo erguida do chaparral no deserto, sob um poente cor-de-rosa do Novo México. “Esta é a casa dos meus sonhos”, escreveu ela ao lado da imagem. À guisa de explicação, acrescentou: “As Earthships são feitas de pneus, garrafas e latas recicladas. São contidas, não exigem instalações de água ou eletricidade, pedem sol e/ou vento para obter energia, água do céu. A água é usada quatro vezes. As hortas internas cultivam alimentos. Significa que você pode viver livre, sem contas. Quantas vezes eu digo que tenho de fazer tal coisa para poder pagar a hipoteca?”

A esperança de Linda era encontrar um terreno barato em algum lugar com códigos de construção frouxos. Reynolds chama estes lugares de “bolsões de liberdade”. Ela tinha ideias vagas para procurar material de graça e recrutar voluntários para ajudar no trabalho, mas como embarcaria em tal visão ambiciosa enquanto estava presa a um emprego mal remunerado, direcionando seu salário para

o aluguel, sabendo do pouco alívio que a previdência social traria? Linda precisava de um novo jeito de viver, uma estratégia que lhe permitisse continuar ganhando alguma renda enquanto reduzia seu custo de vida já baixo. Em outras palavras, ela precisava de uma ponte para a Earthship.

Linda sabia que não podia esperar. Não estava rejuvenescendo e criar sua nova casa exigiria um nível razoável de aptidão física. O acúmulo dos recursos também consumiria tempo. Entretanto, se ela desse conta, o projeto seria mais do que apenas um lugar descolado para se aposentar. A Earthship era sua oportunidade de posteridade, um monumento que podia durar pelo menos um século. “Consumiria toda minha instrução, minha experiência e meu coração, e eu deixaria algo que ia durar”, disse ela. “Gostaria de deixar isso a meus filhos e meus netos.”

Linda ansiava pela autossuficiência. Raciocinava que uma Earthship, com seus sistemas autônomos para fornecer alimento, eletricidade, controle climático e água, agiria quase como um organismo simbiótico. Se conseguisse criar e manter uma moradia dessas, a casa cuidaria dela também. Esse tipo de estabilidade era tranquilizador. Linda, afinal, envelhecia em uma demografia insegura. Segundo o censo de 2015, entre as mulheres mais velhas que moravam sozinhas, mais de uma em seis estava abaixo da linha de pobreza.^[10] Os Estados Unidos têm quase o dobro de mulheres idosas (2,71 milhões) do que de homens idosos (1,49 milhão) pobres. Quando se trata dos benefícios previdenciários, as mulheres que os recebem ganham em média 341 dólares por mês a menos que os homens, devido ao total mais baixo de contribuições fiscais, uma consequência pouco reconhecida do abismo salarial entre

gêneros.^[11] Em 2015, as mulheres ainda ganhavam cerca de 80 centavos para cada dólar pago aos homens e mais provavelmente trabalhavam como cuidadoras não remuneradas de crianças mais novas e pais idosos.^[12] (Além de criar os dois filhos, Linda chegou a morar com a mãe, que desenvolveu um câncer cerebral agressivo em meados dos anos 1990.) As mulheres têm ganhos mais baixos a vida toda e acumulam menos em economias. Como têm maior longevidade — vivendo mais cinco anos que os homens, em média —, esses dólares devem durar mais.^[13]

Em 1º de junho de 2012, Linda May fez 62 anos. No mês seguinte, chegou pelo correio seu primeiro cheque da previdência social. “Eu só deveria começar a receber aos 65, mas meu benefício era tão pequeno que pensei: ‘Não me importa que porcentagem eles deem, não vai aumentar tanto assim’”, ela refletiu mais tarde.

Seja como for, ela vivia um dilema: “Como vou viver sem ter de trabalhar pelo restante da vida nem ser um fardo para meus filhos?” Linda sabia que queria que sua solução de longo prazo fosse a Earthship. Mas como conseguiria chegar lá?

* *Dinghy*, um barquinho, em contraposição a *ship*, uma embarcação maior. (N. da T.)

CAPÍTULO TRÊS

Sobrevivendo aos Estados Unidos

EXATAMENTE UMA SEMANA DEPOIS de Linda ter decidido não explodir o trailer no Dia de Ação de Graças de 2010, chegaram más notícias a Empire, um vilarejo fabril de trezentos habitantes que se gruda como um carrapicho no fundo do deserto Black Rock, no noroeste de Nevada. Uma das últimas cidades-empresa tradicionais do país, Empire era de total propriedade da United States Gypsum, a empresa que faz as placas de gesso Sheetrock. O lugar era uma viagem no tempo ao muito romantizado apogeu da fabricação americana, quando os empregos em fábricas ofereciam aos trabalhadores uma firme posição na classe média e a chance de criar uma família sem medo de serem desalojados.

Empire ficava quase dez quilômetros ao norte do “gyp”, uma mina de gesso a céu aberto aninhada ao pé da cadeia montanhosa Selenite. Ali os mineiros detonavam anfo — uma mistura explosiva de nitrato de amônio com óleo diesel ou querosene — para desalojar os nacos brancos e calcários de minério em cinco poços elevados, o maior deles chegando a oitocentos metros de diâmetro. Caminhões de carga transportavam lotes de sessenta toneladas de gesso pela rodovia até uma fábrica de drywall nos arredores da

cidade. Ali trabalhadores o pulverizavam, aqueciam a 260 graus em caldeiras imensas e davam forma às placas de parede encontradas em lares de todo o Oeste dos Estados Unidos.

Depois da fábrica da Empire, chalés térreos ladeavam quatro ruas residenciais principais plantadas com choupos, olmos e álamos-prateados. A U.S. Gypsum subsidiava os aluguéis baixos, de 100 dólares por um apartamento ou 250 por uma casa. (Um mecânico na fábrica de drywall ganhava até 22 dólares por hora e operadores de equipamento ganhavam um pouco menos, o que significava que, em geral, os funcionários conseguiam pagar o aluguel com um ou dois dias de trabalho.) A empresa também subsidiava televisão, saneamento, coleta de lixo e internet. Como as despesas dos funcionários eram baixas e sua renda, confiável, a ideia de viver mês a mês — aquela forma de existência precária e estressante tão comum no mundo — era relativamente estranha ali. Empire parecia uma cidade suspensa nos anos 1950, como se a economia do pós-guerra nunca tivesse terminado. “É mesmo um bom lugar para poupar dinheiro”, disse-me Anna Marie Marks, que trabalhou no laboratório da fábrica, testando Sheetrock, por quinze anos.

No auge da cidade, mais de 750 pessoas moraram ali, como foi observado pelo exemplar de julho de 1961 da revista interna da U.S. Gypsum, a *Gypsum News*. “As pessoas que fazem de Empire seu lar formam uma grande família feliz”, reportava a revista. Embora a população tenha minguado em meio à modernização, reduzida a menos da metade em 2010, o sentimento não tinha mudado. Como todos os cidadãos de Empire se conheciam, as portas das casas ficavam destrancadas e os carros eram estacionados com as chaves na ignição. “Sem gangues, sem

sirenes, sem violência”, disse com entusiasmo Tonja Lynch, que morou na cidade com o marido, um supervisor de fábrica. Como Empire era tão isolada — por anos foi sinalizada na autoestrada estadual 447 com uma placa dupla que dizia “Bem-vindo a Lugar Nenhum” —, as pessoas não tinham alternativa senão se divertirem umas com as outras. Isto significava muitas festas no quarteirão, jantares de bufê e reuniões para um jogo de dados chamado Bunco, junto com excursões à região desocupada do deserto para caçar cervos, antílopes e chukar, uma perdiz cinza e canela, de asas listradas e bico vermelho vivo. Muitos moradores cultivavam gramados exuberantes improváveis, pressionando a paisagem árida e afirmando algo que parecia um orgulho cívico. Onde terminava a grama que marcava seu território, o deserto Black Rock se estendia ininterrupto até o horizonte. Em fotos de satélite, Empire é evidente: uma mancha verde em um descampado marrom e árido.

O isolamento tem suas desvantagens. “Temos o programa de vigilância dos vizinhos”, ironizou Aaron Constable, chefe de manutenção da fábrica. “Seus vizinhos te vigiam, queira você ou não.” Este tem sido o estilo de vida local há décadas, com colegas de trabalho morando próximos. Em 1923, os trabalhadores criaram uma colônia de barracas no local do que mais tarde se tornaria a cidade. Segundo alguns, Empire se gabava da mais longa mina de operação contínua do país, assumindo o título estabelecido primeiro pela Pacific Portland Cement Company, em 1910.

Em 2 de dezembro de 2010, esta história teve uma parada súbita. Os trabalhadores de calçados de biqueira de aço e capacetes se congregaram no centro comunitário às sete e meia da manhã para uma reunião obrigatória. Mike Spihlman, o gerente de fala mansa da fábrica de gesso,

transmitiu um édito terrível a um salão repleto de expressões atordoadas: Empire ia fechar as portas. Todos tinham de ir embora até o dia 20 de junho. Primeiro veio o silêncio, depois as lágrimas. “Tive de me apresentar na frente de 92 pessoas e dizer: ‘Vocês não só perderam o emprego, como também suas casas’”, recordou-se Mike mais tarde, com um forte suspiro. Os funcionários tirariam o restante do dia de folga. Voltaram para a manhã de inverno fria e nublada, retornando às casas que não seriam deles muito em breve, para refletir sobre a notícia e contá-la a suas famílias.

A U.S. Gypsum, avaliada em 4 bilhões de dólares, suportou perdas pesadas em 2010, sangrando 284 milhões de dólares no final do terceiro trimestre. William C. Foote, então CEO, atribuiu o declínio da empresa a “condições de mercado continuamente fracas e volumes de expedição extraordinariamente baixos”. Por baixo deste jargão estava uma história simples: a demanda não era mais alta o bastante para o que a Empire oferecia. O destino de fabricantes de chapas de gesso estava atado ao setor de construção civil e a crise provocada pelo colapso do mercado interno durou demais. Assim, enquanto muitas cidades saíam da recessão com meras cicatrizes, Empire desapareceria completamente.

Em janeiro de 2011, fui a Empire preparar uma reportagem para uma revista. Calvin Ryle, que tinha sido o supervisor de controle de qualidade e, antes disto, encarregado geral, disse-me que começara a trabalhar na fábrica em 1º de julho de 1971. “Estou aqui há 39 anos e sete meses”, disse ele com naturalidade. “Nunca faltei um só dia de trabalho, nunca me machuquei.” Como tinha o recorde de serviço contínuo mais longo, a honra de parar a linha de produção foi dele. Postado ao lado de uma esteira

transportadora na fábrica, em que seu filho também trabalhava como mecânico de manutenção, o homem de 62 anos levantou a mão direita, sob o olhar dos colegas de trabalho. Apertou o botão e chorou. “A pior coisa que se pode ouvir em uma fábrica de chapas é o silêncio”, explicou Calvin. “Você faz parte da construção do país; não se trata só de fazer Sheetrock por aqui.” Empire, acrescentou ele, foi um ótimo lugar para criar os filhos na natureza enquanto ganhava um bom salário. Ele pretendia desenterrar e levar as roseiras que tinha plantado no jardim, porque imaginava que a cidade rapidamente seria tomada pelo mato. “Provavelmente, vai ficar parecendo aquele filme *Quadrilha de sádicos*”, disse ele, com seriedade. (Um vilarejo de teste nuclear abandonado cheio de casas decrepitas e canibais à espreita é um cenário de destaque no remake de 2006 daquele filme de terror cult.)^[1] “Vai ser a cidade fantasma de Nevada em 2011.”

Com vista da fábrica, a missão católica de São José Operário celebrava uma de suas últimas missas. A igreja tinha uma nova placa de madeira entalhada por um dos paroquianos, Tom Anderson, de 61 anos, que foi eletricista em tempo integral na fábrica, com 31 anos de serviço. Como Calvin com suas plantas, Tom disse que resgataria seu artesanato antes de ir embora. Ele compareceu à missa junto com cerca de duas dúzias de vizinhos. Mais para o fim, o padre perguntou se alguém tinha orações especiais a fazer. Uma menina de seis anos de vestido lavanda de princesa se manifestou. “Quero rezar por algumas pessoas que precisam de ajuda para encontrar casas”, disse ela, hesitante. “E para as pessoas que precisam das coisas para viver.” O salão ficou em silêncio.

Na mina ao sul da cidade, as ruas já estavam bloqueadas por gigantescos socalcos de cascalho para impedir a

entrada de veículos. Logo outros sinais da morte de Empire começaram a aparecer. Uma cerca de tela de 2,5 metros de altura, com arame farpado por cima, foi erguida no perímetro da cidade. Moradores disseram que fazia o lugar parecer “um campo de concentração”. Os recém-desempregados criaram um memorial improvisado, jogando seus capacetes de operários nos galhos de uma árvore, na frente da agência dos correios. (Antes os capacetes da U.S. Gypsum davam orgulho em que os usava, o equivalente corporativo de vestir a camisa de um time. Muitos foram personalizados com adesivos, tinta ou caneta permanente. Havia capacetes de um tom específico de dourado para trabalhadores como Calvin, que ultrapassaram 25 anos de serviço.)

Aos poucos, começou a diáspora. A mesma economia que foi achatada pelo crash habitacional viu o preço do ouro subir à estratosfera, e as minas de Nevada estavam contratando. Mais de uma dúzia de ex-funcionários de Empire partiram para empregos na Barrick Gold Corporation, proprietária de vários locais próximos. Mas outros entre os trabalhadores despossuídos passavam por maiores dificuldades.

“Espalhei uns currículos, não consegui nada”, disse-me o ex-gerente de cadeia de suprimentos Dan Moran. “Talvez eu acabe cortando lenha para viver.” Monica Baker, 22 anos, que foi criada em Empire, recentemente mudara-se de volta para a cidade, vinda de Oahu com dois filhos pequenos, pela promessa de trabalho na fábrica, só para ser informada do fechamento. “Me irritei com isso porque eles ficaram me dizendo que eu teria emprego aqui”, disse ela. Embora tenha ouvido falar que as minas de ouro estavam contratando, Monica tem receio de trabalhar perto de um tanque de lixívia tóxico, observando que o mercúrio da

indústria já fizera com que ninguém pudesse comer peixe apanhado no norte de Nevada. Ela pensava em tentar a sorte 112 quilômetros ao sul na pequena cidade de Fernley, que tinha lojas de grandes redes. Acompanhava a maré da economia nacional: saindo da fabricação para os setores de varejo e serviços. “Vou arrumar um emprego no Walmart ou na Lowe’s”, disse ela.

O êxodo de famílias de trabalhadores continuou por todo o mês de junho. Quando partiu a última delas, a cidade foi lacrada atrás de portões com correntes, com câmeras de segurança e placas de entrada proibida. Os chalés, junto com a piscina pública, duas igrejas, uma agência postal e um campo de golfe de nove buracos, ficaram lá, para apodrecer. Até o código postal, 89405, foi anulado. Para controlar o mato, a empresa importou duas dezenas de cabras que andam pela nova cidade fantasma como um bando de aparadores de grama orgânicos. Anos depois, visitantes comparariam o lugar a Chernobyl, um catálogo de vidas interrompidas.^[2] No escritório da fábrica, copos inacabados de café ficaram nas mesas e calendários ainda mostram a data do fechamento.^[3]

Estranhamente, existe um único lugar em que Empire vive. Em 2017, ainda era possível no Google Maps Street View, largar um avatar mínimo em Circle Drive e andar por ali, vendo carros estacionados, móveis de exterior e pessoas irrigando seus jardins sem serem interrompidas, todas paralisadas em uma paisagem fotográfica que não é atualizada desde 2009.^[4]

AO MESMO TEMPO QUE Empire morria, um tipo novo e diferente de cidade-empresa prosperava 112 quilômetros ao sul. De

muitas formas, parecia o contrário de Empire. Em vez de proporcionar estabilidade de classe média, este vilarejo era povoado por integrantes do “precariado”: trabalhadores temporários que faziam bicos de curto prazo em troca de salários baixos. Mais especificamente, seus cidadãos eram centenas de trabalhadores itinerantes que moravam em RVs, trailers, vans e até em algumas barracas. No início de cada outono, começavam a encher os estacionamentos de trailers que cercam Fernley. Linda ainda não sabia disto, mas logo se juntaria a eles. Muitos estavam em seus sessenta e setenta anos, aproximando-se ou já na idade tradicional para a aposentadoria. A maioria tinha viajado centenas de quilômetros — e suportado as indignidades rotineiras de verificação de antecedentes criminais e exames de urina em busca de drogas — pela chance de ganhar 11,50 dólares por hora, mais hora extra, em empregos temporários em depósitos. Eles pretendiam ficar até o início do inverno, apesar de a maioria de seus lares sobre rodas não ter sido projetada para manter a vida em temperaturas abaixo de zero. O empregador deles era a Amazon.com.

A Amazon recrutava estes trabalhadores como parte de um programa chamado CamperForce: uma unidade de mão de obra composta por nômades que trabalham como funcionários temporários em vários depósitos, que a empresa chama de “centros de distribuição”, ou CD. Junto com milhares de trabalhadores temporários tradicionais, eles são contratados para atender à forte demanda de expedição da “temporada de pico”, a bonança de consumo que cobre de três a quatro meses antes do Natal.

A Amazon não revela à imprensa os números exatos de contratados, mas quando por acaso perguntei a uma gerente da CamperForce em uma cabine de recrutamento

da Amazon sobre o tamanho do programa, ela estimou ser de cerca de dois mil trabalhadores. (Isto foi em 2014. Para a temporada de 2016, a Amazon parou de contratar trabalhadores da CamperForce mais cedo do que o de costume porque “foi um ano recorde de inscrições”, segundo um post no Facebook de um antigo administrador do programa.)

Os turnos dos trabalhadores duram pelo menos dez horas, durante as quais alguns andam mais de 25 quilômetros em pisos de concreto, abaixando-se, agachando-se, estendendo o braço e subindo escadas enquanto escaneiam, separam e encaixotam mercadorias. Quando termina a febre das festas de fim de ano, a Amazon não precisa mais da CamperForce e rescinde o contrato com os trabalhadores do programa. Eles partem no que os gerentes chamam alegremente de um “desfile de bagageiros”.[5]

O primeiro membro da CamperForce com quem me correspondi extensamente, durante meses, foi um homem que chamarei de Don Wheeler. (Este não é seu nome verdadeiro, por motivos que explicarei adiante.) Don passara os últimos dois anos de sua profissão de executivo de software viajando a Hong Kong, Paris, Sydney e Tel Aviv. Graças à aposentadoria em 2002, ele enfim podia ficar em um lugar só: a casa de estilo colonial espanhol dos anos 1930 que dividia com a esposa em Berkeley, na Califórnia. Isto também lhe deu tempo para desfrutar de uma obsessão de toda a vida por carros velozes. Ele comprou um Mini Cooper S vermelho e branco e o turbinou para 210 cavalos, treinando até chegar em terceiro lugar geral na série profissional do U. S. Touring Car Championship.

Os tempos de velocidade não duraram. Quando comecei a trocar e-mails com Don, ele tinha 69 anos, estava

divorciado e morava no Desert Rose RV Park perto do depósito em Fernley. Sua esposa conseguira ficar com a casa. O crash do mercado de 2008 pulverizou suas economias. Ele foi obrigado a vender o Mini Cooper.

Don morava com Rizzo, um cachorro Jack Russell de sete quilos, em um Airstream 1990 que ele chamava de “Ellie” — uma referência ao número de seu modelo, 300LE — com uma bonequinha havaiana de plástico no painel e pôsteres de carros de corrida encostados nas persianas fechadas. Na antiga vida, gastava cerca de cem mil dólares por ano. Na nova, aprendeu a se virar com muito menos, chegando a 75 dólares por semana.

No final da temporada de pico de 2013, Don previu que trabalharia no depósito da Amazon cinco noites por semana até pouco antes do amanhecer, em turnos de doze horas, contando horas extras, com trinta minutos de intervalo para o almoço e mais duas pausas de quinze minutos. Ele passava a maior parte do tempo de pé, recebendo e passando pelo scanner a carga que chegava.

“É trabalho duro, mas o dinheiro é bom”, explicou ele. Don era careca e usava óculos de armação de metal e um cavanhaque branco como a neve. Tinha o quadril direito protético, um substituto de quando caiu de uma picape durante outro emprego temporário em um camping no Oregon. Don não tolerava reclamação. Ainda assim, como a maioria de seus colegas de trabalho, estava contando os dias para 23 de dezembro, o final da temporada de trabalho da CamperForce.

Dom me contou fazer parte de um fenômeno crescente. Ele e a maioria na CamperForce — junto com um espectro mais amplo de trabalhadores itinerantes — chamavam a si mesmos de “*workampers*” — uma aglutinação de “work” [“trabalho”] e “camper” [“campista”]. Embora eu já tivesse

topado com a palavra, nunca ouvi ninguém defini-la com tanto charme como Don. Ele escreveu em uma mensagem direta a mim no Facebook:

Os *workampers* são viajantes modernos que pegam empregos temporários em todos os EUA em troca de um local gratuito para acampar — em geral, que incluía eletricidade, água e rede de esgoto — e talvez um estipêndio. Você pode pensar que o *workamping* é um fenômeno moderno, mas viemos de uma tradição muito longa. Seguimos as legiões romanas, afiando espadas e consertando armaduras. Percorremos as novas cidades da América, consertando relógios e máquinas, fazendo reparos em panelas, construindo paredes de pedra por 3 centavos o metro e toda a sidra que pudéssemos beber. Seguimos a emigração para o Oeste em nossas carroças com nossas ferramentas e habilidades, afiando facas, consertando tudo que estivesse quebrado, ajudando a limpar a terra, a pôr um telhado numa cabana, a arar os campos e a fazer a colheita para ter uma refeição e dinheiro no bolso, depois nos mudávamos para o trabalho seguinte. Nossos antepassados são os faz-tudo.

Atualizamos a carroça do faz-tudo para um ônibus confortável ou um trailer de cinco rodas. Agora com maioria aposentada, acrescentamos ao nosso repertório as habilidades de toda uma vida nos negócios. Podemos ajudar a cuidar de uma loja, lidar com a frente ou os fundos da casa, dirigir seus caminhões e empilhadeiras, pegar e embalar seus bens para a expedição, consertar suas máquinas, mimar seus computadores e redes, trabalhar em suas

colheitas de beterraba, cuidar de seus jardins e limpar seus banheiros. Somos os tecno-faz-tudo.

Outros *workampers* com quem falei tinham seu próprio jeito de se descrever. Muitos diziam que estavam “aposentados”, mesmo que previssem trabalhar até seus setenta ou oitenta anos. Outros chamavam a si mesmos de “viajantes”, “nômades”, “errantes motorizados” ou, de forma levemente pejorativa, “ciganos”. Observadores de fora lhes davam outros apelidos, como “os Okies da Grande Recessão”, “refugiados americanos”, “os sem-teto abastados”, e até “lavradores migrantes modernos”.^[6]

Não importa como preferam chamá-los, os *workampers* viajam por um circuito nacional de trabalhos que se estende de uma costa à outra e sobe ao Canadá, uma economia fantasma criada por centenas de empregadores que anunciam nos classificados de sites com nomes como *Workers on Wheels* e *Workamper News*.^[7] Dependendo da época do ano, os nômades são procurados para colher framboesas em Vermont, maçãs em Washington e mirtilos no Kentucky. Eles guiam visitantes em incubadoras de peixes, recolhem ingressos em corridas da NASCAR e guardam os portões de campos de petróleo no Texas.* (“Foi medonho”, disse uma *workamper* sobre um trabalho de segurança de portão em Gonzalez, no Texas, onde ela e o marido ganharam cerca de 125 dólares por um dia de 24 horas — aproximadamente 5 dólares por hora — e rapidamente ficaram exaustos porque só podiam dormir em intervalos curtos. “Você precisa registrar todo mundo — placa do carro, nome no crachá — a qualquer hora da noite. Quando saímos dali, meu marido e eu éramos completos zumbis.”) Eles fritam hambúrgueres durante jogos de beisebol na Cactus League, uma temporada de treinos de

primavera em Phoenix, no Arizona. Estão em demanda para vender comida em rodeios e no Super Bowl de 2017 no NRG Stadium em Houston. (“Deve estar confortável com vendas agressivas”, insiste o anúncio de emprego.)

Eles mantêm centenas de campings e estacionamentos de trailers do Grand Canyon a Niagara Falls, recrutados por concessionárias privadas do Serviço Florestal dos EUA e do Corpo de Engenheiros do Exército. Equipam algumas das grandes armadilhas para turistas do país, inclusive Wall Drug, com seu brontossauro de concreto de 24 metros de extensão e caubóis animatrônicos cantantes, e The Thing?, um museu de curiosidades em uma parte desolada da autoestrada do Arizona em que dezenas de placas amarelas provocam os visitantes com “Ver é crer” e “Mistério do deserto”.

Os migrantes trabalham em barracas no acostamento durante as férias, vendendo abóboras para o Halloween e fogos de artifício para o Dia da Independência. (Acampar por “uma semana ao lado de uma barraca de explosivos... Será que estou louco?”, escreveu um *workamper* viúvo que se preparava para o trabalho com os fogos.)^[8] Alguns vendem árvores de Natal. (“Experimente acampar com árvores de Natal!”, convida um anúncio para os donos de RV. “Não aceitamos resmungões”, resmunga outro.) Alguns cuidam de quiosques em shoppings, vendendo presentes sazonais para a See’s Candies e a Hickory Farms. Outros são contratados para detectar vazamentos em canos de gás natural, andando por quilômetros de dutos enterrados com detectores que monitoram o nível de hidrocarbonetos, para prevenir explosões.

O Departamento de Caça e Pesca da Flórida os contrata para cuidar de uma estação de controle para caçadores, onde eles pesam as carcaças de porcos selvagens e cervos

e removem amostras biológicas — especificamente, mandíbulas de cervos — para testes e monitoramento da idade e da saúde das manadas locais. Uma pousada de caça de faisões na Dakota do Sul tem vagas em seu departamento de “processamento de aves”.

Os *workampers* cuidam dos brinquedos de parques de diversões de Dollywood, no Tennessee, a Adventureland, em Iowa, Darien Lake, em Nova York a Story Land, em New Hampshire. (“Os *workampers* não só conhecem e trabalham com gente do mundo todo, mas também têm a experiência da pura alegria dos sonhos infantis virando realidade todo dia!”, promete um anúncio de recrutamento da Story Land.)

[9]

Como remuneração, alguns empregadores pagam salários por hora. Uma fazenda da Georgia procura *workampers* para “treinamento diário e prático de lhamas”, fornecendo vaga para RV com saídas de água e eletricidade em troca de vinte a 24 horas de trabalho gratuito por uma semana, pagando 7,50 dólares por hora depois disso.^[10] Outros oferecem apenas uma variação de hospedagem: uma vaga para estacionar que não é necessariamente pavimentada, mas com sorte será plana, com saídas de água, eletricidade e esgoto. (Um anúncio para um destes trabalhos mal remunerados perguntava “Sabe pilotar um barco? Gosta disso?” e procurava um capitão “voluntário” de táxi aquático para o Port San Louis Harbor District na Califórnia.^[11] O emprego implicava trabalhar até quarenta horas por semana em troca de uma vaga para RV — mas sem pagar.) Há também a colheita anual de beterraba para produção de açúcar. Na última semana de setembro, a American Crystal Sugar Company leva centenas de moradores de RV a Montana, Dakota do Norte e Minnesota. Se o clima permitir, eles trabalham dia e noite em turnos de

12 horas. Em troca, recebem um salário inicial de 12 dólares por hora mais horas extras, junto com a vaga de estacionamento de praxe.^[12]

Não existe uma contagem exata de quantas pessoas vivem como nômades na América. Os viajantes em tempo integral são um pesadelo demográfico. Estatisticamente, eles se misturam com o restante da população, uma vez que a lei exige que mantenham endereços fixos — em outras palavras, endereços falsos. Não importa o quanto vaguem, os nômades devem ser oficialmente “domiciliados” em algum lugar. O estado em que residem é aquele onde registram e fiscalizam veículos, renovam carteiras de habilitação, pagam impostos, votam, prestam serviços em júris, cadastram-se em planos de saúde (a não ser para aqueles do Medicare) e cumprem uma litania de responsabilidades. Morar em lugar nenhum, ao que parece, significa que se pode morar onde quiser, pelo menos no papel. Assim, muitos optam pela residência nos lugares com menos aborrecimentos — Flórida, Dakota do Sul e Texas, que não têm imposto de renda estadual, são os preferidos há muito tempo — e usam serviços de encaminhamento de correspondência para manter contato. As regras para se tornar um habitante da Dakota do Sul são especialmente frouxas. Passe uma noite em um hotel do local e registre-se em um serviço de encaminhamento de correspondência da Dakota do Sul. Depois mostre os dois recibos ao departamento de segurança pública do estado e está dentro.

Apesar da ausência de números concretos, relatos pessoais sugerem que as tropas de itinerantes americanos começaram a explodir depois do colapso habitacional e ainda aumentam. “Desde 2008, muito mais gente nos procura. Na verdade, tenho uma lista de pessoas

interessadas em saber de trabalhos. Tive de parar a lista em 25 mil nomes”, disse Warren Meyer, presidente do Recreation Resource Management, que administra 110 campings e contrata cerca de trezentos *workampers*, a um jornalista da *Al Jazeera*. “A maioria das pessoas é casada, então no fim, provavelmente, são 50 mil pessoas que se candidatam às cinquenta vagas que tenho”, acrescentou ele. “Em 2008, eu tinha de ir àquelas convenções de aposentados e implorar às pessoas para trabalharem para mim.”^[13]

A Kampgrounds of America (KOA), uma grande empregadora de *workampers*, contrata cerca de 1.500 casais todo ano para seus resorts e franquias em todo o país, disse um representante à AARP.^[14] A *Workamper News*, revista bimestral cujo site traz um serviço popular de anúncios de trabalho, alega ter chegado a 14 mil membros, com outros ingressando o tempo todo.

Enquanto isso, “morar em uma van agora está na moda”, proclamou a *The New York Times Magazine* no final de 2011, acrescentando a previsão de que 1,2 milhão de casas seriam retomadas naquele ano e observando que as vendas de vans aumentaram 24%.^[15]

De todos os programas que procuram *workampers*, o recrutador mais agressivo tem sido a CamperForce da Amazon. “Jeff Bezos previu que, até 2020, um de cada quatro *workcampers* nos Estados Unidos terá trabalhado para a Amazon”, diz um slide em uma apresentação para novos contratados. Para encontrar mão de obra, a empresa monta quiosques de recrutamento em eventos do interesse de nômades — principalmente exposições e encontros de RV em mais de uma dúzia de estados por todo o país. Os recrutadores vestem a camiseta da CamperForce e distribuem folhetos de “ESTAMOS CONTRATANDO”, junto

com material promocional como adesivos, blocos, leques de papel, tubos de protetor labial, calendários e “koozies”, apetrechos de neoprene que mantêm geladas as latas de cerveja. Todos os objetos trazem a logomarca da CamperForce: uma silhueta preta de um RV em movimento, com a insígnia do “sorriso” da Amazon.



Os recrutadores da CamperForce distribuem material promocional em exposições de RV por todo o país.

Mais recentemente, este logo e um link para o site de recrutamento da CamperForce apareceram em grandes para-sóis magnéticos, feitos para cobrir os para-brisas de RVs estacionados. Em 2015, eram dados de presente a alguns trabalhadores da CamperForce, que eram exortados a usá-los sempre que viajassem. Também ofereciam aos trabalhadores uma bonificação de 125 dólares — um

aumento dos 50 dólares desde 2012 — para cada nova contratação que eles arrumassem.^[16]

A CamperForce também publicou boletins digitais para possíveis empregados com dicas de veteranos do programa, como o que se segue:

Donna Bonnett diz: “Não tente trabalhar com sapatos novos! Trate de amaciá-los antes.”

Joyce Cooley diz: “A dica mais importante é uma atitude positiva. Não precisamos esperar que tudo nos seja dado. Precisamos nos esforçar para conseguir.”

Carol Petty diz: “A perspectiva correta, desde o começo, sem dúvida, será útil. Isto é um trabalho, não uma carreira.”

George Nelson diz: “Siga o fluxo e não reclame, porque esta não é nossa profissão. É só um trabalho temporário.”

Brian Nelson diz: “Assumi a perspectiva de que, no papel de selecionador, eu estava sendo PAGO PARA MALHAR. Quando tiver longas distâncias entre as seleções, aperte o passo. Vai queimar mais calorias e será mais produtivo ao mesmo tempo.”

Sharon Scofield diz: “Suas mãos podem ter pequenos cortes ou esfolados de lidar com as caixas. A Amazon fornece luvas para proteger suas mãos. Compre um BOM creme para as mãos e faça uma massagem completa.”^[17]

Os boletins também recomendam atrações perto dos depósitos da Amazon das quais os trabalhadores podem desfrutar nas horas de folga. “Em outubro, a Fernley comemora o ‘Baile dos Tempos Difíceis’”, dizia uma sugestão. “Os participantes aparecem vestidos com roupas da época da Depressão e dos ‘tempos difíceis’.”^[18] Outro, destinado a trabalhadores em Coffeyville, no Kansas, dizia: “Também há noqueiras nos parques [e] vocês podem colher nozes pretas, pecãs e outros tipos de graça. Um casal de campistas colheu e vendeu mais de cinquenta quilos de pecãs no ano passado!”^[19]

Um folheto de recrutamento da Amazon alerta os candidatos da CamperForce que eles devem estar preparados para levantar até 25 quilos de uma vez, em um ambiente em que a temperatura às vezes pode passar de 32 graus.^[20] Os boletins do programa repetem o slogan motivacional da empresa: “Trabalhe. Divirta-se. Faça história.” Enfatizam também as recompensas intangíveis do programa:^[21] “Você estará cercado de companheiros da CamperForce que se reúnem para fazer novos amigos e rever os antigos, dividir uma boa comida, boas histórias e boas diversões em torno da fogueira ou de uma mesa. De certo modo, isso vale mais do que dinheiro!”** Em um grupo fechado do Facebook, administrado por trabalhadores e chamado Amazon CamperForce Community, uma mulher falou em perder doze quilos em seus três meses no trabalho. Outra respondeu: “É fácil perder peso andando meia maratona todo dia. Bônus: você fica cansada demais para comer!” Um terceiro trabalhador se gabou de andar 880 quilômetros em dez semanas de trabalho. Mais tarde foi superado por outro, que postou um registro do Fitbit mostrando 1.319 quilômetros em doze semanas e meia.

EU QUERIA VER PESSOALMENTE esse novo tipo de cidade-empresa. Quando falei sobre isso com um antigo recrutador da CamperForce, ele sugeriu que a melhor época para uma visita era no final de outubro, porque “o pessoal não está tão exaurido ainda”.

Aceitei este conselho, chegando em Fernley na semana antes do Halloween em 2013. Na época, trabalhadores já se espremiavam em vagas por 56 quilômetros do depósito da Amazon, inclusive a área de estacionamento de RV no Grand Sierra Resort & Casino, em Reno. (Linda estava nesta multidão, hospedada na cidade vizinha de Fallon, mas eu não sabia disso na época e só a encontrei três meses depois, no Arizona.) Muitos destes estacionamentos para trailers tinham sido reservados com meses de antecedência e tinham longas filas de espera. O que mais fazia sucesso — por ser o mais próximo — era o Desert Rose RV Park, uma área de cascalho limitada pela Highway 50 e cortada por cabos de alta voltagem que estalavam audivelmente no alto. Ali os trabalhadores da CamperForce tinham colocado capachos e móveis de jardim. Penduraram sinos de vento e alimentadores de pássaros nos choupos e levantaram bandeiras estampadas com “AMÉRICA, A LINDA” e “SÃO CINCO HORAS EM ALGUM LUGAR”. Alguns exibiam arte de jardim caseira, que incluía um globo ocular voador do tamanho de um melão, instalado em uma coluna de direção invertida, com vários garfos soldados em cada lado, formando asas. Outros tinham colocado enfeites de Halloween: fardos de feno, talos de milho secos, uma abóbora coberta de glitter rosa. Quando não estavam embelezando suas vagas, eles se envolviam nas pequenas transações sociais que faziam com que este lugar

começasse a parecer uma comunidade: formando caronas solidárias para economizar na gasolina, trocando conselhos sobre restaurantes baratos para aproveitar o dia de folga. (O preferido deles? O Gold Pan Special no Pioneer Crossin Casino, em Fernley: dois ovos e duas panquecas com bacon, salsicha, ou presunto, além de uma travessa de batatas rosti ou fritas, tudo isso por apenas 2,70 dólares, considerando o desconto de 10% para idosos.)



Angela e Kenny Harper, trabalhadores da CamperForce, no Big Chief RV Park em Coffeyville, no Kansas.

Há muito tempo eu supunha que a maioria dos moradores de RVs eram aposentados vagando pelos Estados Unidos, fazendo turismo e desfrutando do relaxamento que conquistaram depois de décadas de emprego. RV, afinal, significa “veículo recreativo”. Aqueles aposentados despreocupados ainda existem, mas receberam a companhia dos novos nômades. A maioria dos habitantes

do Desert Rose, por exemplo, não pensava em recreação. Os recém-chegados estavam preocupados com o “endurecimento do trabalho”, um período de aclimatação de turnos de meio dia. Os que chegaram mais cedo já se esforçavam para acompanhar o ritmo no depósito.

“Esta é a primeira vez na vida que faço trabalho fabril. Agora tenho todo um novo respeito por isso”, disse-me Linda Chesser, antes consultora acadêmica da Universidade Estadual de Washington. Ela pendurava camisas na lavanderia no Desert Rose, onde estantes continham uma modesta biblioteca e uma campina com flores silvestres surgia de um quebra-cabeças inacabado de mil peças. Linda tinha 68 anos e me disse que era agradecida ao ibuprofeno. “Tomo quatro quando saio para trabalhar de manhã e quatro quando volto à noite.” Para alguns campistas, o ibuprofeno não bastava. Karren Chamberlen, ex-motorista de ônibus de 68 anos com duas próteses nos quadris, disse-me que saiu da CamperForce depois de cinco semanas porque seus joelhos não conseguiam lidar com as longas horas de caminhada em concreto. Durante uma visita a outro acampamento da Amazon — o Big Chief RV Park, em Coffeyville —, conheci Kenny Harper, que se demitiu pouco depois. Mais tarde, por e-mail, ela explicou que “meu rotador esquerdo não aceitou o trabalho”. Outros trabalhadores falaram no “dedo de gatilho”, um problema nos tendões que pode ser provocado por tarefas repetitivas como o uso do scanner da UPC. Muitos dos RVs em que entrei tinham uma farmácia móvel, com gel analgésico, bacias para mergulhar os pés cansados, sais de Epsom e frascos de anti-inflamatórios como Aleve e Advil. Se os trabalhadores ficavam sem comprimidos, não tinha problema — a Amazon tinha máquinas distribuidoras de analgésicos de graça no depósito.

“ESTE É TODO UM bando de refugiados da habitação!”, lembrou-se Bob de especular para a esposa, Anita, quando eles chegaram em Fernley para se unir à CamperForce. Os Apperley costumavam pensar que se aposentariam para viver no exterior em um veleiro, financiando este sonho com o valor de sua casa de três quartos em Beaverton, em Oregon. Eles compraram a casa por 340 mil dólares no auge do mercado e investiram mais 20 mil nela. Depois a bolha habitacional estourou e seu valor despencou para 260 mil dólares. Antes do crash, eles iam bem. Bob trabalhava como contador de uma empresa de produtos de madeira — detestava o emprego, mas pagava as contas — e Anita era uma decoradora de interiores e cuidadora em meio expediente. Nenhum dos dois podia imaginar passar o resto da vida pagando os juros de um empréstimo maior que o valor de sua casa. Assim, eles compraram um trailer Cardinal 2003 de cinco rodas e pegaram a estrada. “Nós simplesmente fomos embora”, disse Anita. “Dissemos a nós mesmos: ‘Não vamos mais fazer esse jogo.’”

Bob culpava os bandidos de Wall Street. Quase na defensiva, falou de sua decisão de abandonar a casa. Apressou-se a acrescentar que sempre pagou as contas na data do vencimento e tinha um bom crédito. Sua perdição foi depositar a fé no evangelho dos preços sempre crescentes da habitação. “Nunca tive nenhuma experiência de uma casa perder valor”, disse Bob, meneando a cabeça. Ele comparou a “realidade que me ocorre lentamente” da nova vida com acordar em *Matrix*: aprender que o mundo agradável e previsível em que você vivia era uma miragem, uma mentira construída para esconder uma distopia brutal. “A segurança que reconforta a maioria das pessoas, não

estou convencido de que não seja uma ilusão”, acrescentou. “Quando você descobre que o que acreditava ser verdade não é verdade, fica desorientado. O que você acreditava ser verdade é arraigado demais. É preciso uma pancada radical para largar mão.” Quando conheci os Apperley, ambos ainda estavam a alguns anos de usar a previdência social. Bob pretendia continuar fazendo trabalho temporário com a CamperForce até completar 65 anos. Anita não era qualificada para um cargo no depósito porque não tinha diploma do ensino médio. Assim, fazia bicos com os vizinhos. O acampamento deles, junto com outros habitados por trabalhadores da CamperForce, desenvolvera economias de pequena escala, administradas pelos parceiros dos trabalhadores do depósito. Eles anunciavam os trabalhos — passear com cachorro, preparar refeições, costurar, consertar estofamentos, aulas de pintura para iniciantes — em quadros de aviso nas lavanderias comunitárias.

Os Apperley não eram as únicas vítimas da execução da hipoteca que encontrei entre os funcionários da CamperForce da Amazon. Falei com uma dúzia de trabalhadores em Nevada, no Kansas e no Kentucky. As histórias de problemas financeiros eram galopantes. Às vezes parecia que eu vagava por campos de refugiados pós-recessão, lugares de último recurso em que os americanos embarcavam se a chamada “recuperação sem emprego” os exilara da força de trabalho convencional. Em outros momentos, parecia que eu falava com prisioneiros. Era tentador deixar as amabilidades de lado e perguntar: “Por que você está aqui?”

Entre as pessoas que conheci, algumas tiveram as economias dizimadas por investimentos ruins ou viram seu plano de aposentadoria 401(k) evaporar no crash do

mercado de 2008. Algumas nem conseguiram criar uma rede de segurança suficiente para suportar traumas que seriam superáveis: divórcio, doença, ferimentos. Outras foram demitidas ou eram donas de pequenos negócios que fecharam as portas na recessão. Embora os trabalhadores com menos de cinquenta anos fossem uma minoria, eu os encontrei também. Eles descreveram os trabalhos que perderam — ou nunca encontraram, para começar — e os problemas agravados pelas dívidas de crédito estudantil e os diplomas que acabaram por se mostrar de pouco valor prático. Muitos tinham esperanças de que a vida na estrada fosse uma escapatória de um futuro vazio.

A CamperForce começou como uma experiência que por acaso coincidiu com o crash habitacional. Os depósitos distantes da Amazon vinham lutando há anos para ter pessoal suficiente para atender à demanda do Natal, então tentaram vários programas de contratação e até embarcavam trabalhadores em ônibus de três a cinco horas de distância.^[22] Até que, em 2008, uma agência de temporários, a Express Employment Professionals, levou um bando de moradores de RVs para a febre pré-natalina no depósito da empresa em Coffeyville, no Kansas. Satisfeita com os resultados, a Amazon deu ao programa o nome de CamperForce e criou sua logomarca, expandiu-o aos depósitos em Fernley e em Campbellsville, no Kentucky, e começou a contratar trabalhadores diretamente, alijando as agências de temporários. Mais tarde, os gerentes criaram pequenos esquadrões de veteranos confiáveis da CamperForce — eram chamados de “grupos avançados” — para treinar trabalhadores nas instalações que tinham sido abertas havia pouco em Tracy, na Califórnia; em Murfreesboro, no Tennessee, e em Robbinsville, em Nova Jersey. No início de 2017, a Amazon anunciou a última

rodada de aberturas da CamperForce em seus depósitos em Campbellsville, Murfreesboro, e Haslet e San Marcos, no Texas. (A instalação de Fernley, em Nevada, tinha sido fechada, substituída por uma nova localização em Reno, que não contratava trabalhadores da CamperForce.)

Os *workampers* são mão de obra pronta para uso, o epítome da conveniência para empregadores em busca de pessoal temporário. Eles aparecem onde e quando são necessários. Levam a própria casa, transformando estacionamentos em cidades-empresa efêmeras que se esvaziam depois que os trabalhos terminam. Não ficam juntos por tempo suficiente para se sindicalizarem. Em trabalhos que são fisicamente difíceis, muitos ficam cansados demais até para socializar depois dos turnos.

Eles também são pouco exigentes com os benefícios ou proteções. Ao contrário, entre os mais de cinquenta destes trabalhadores que entrevistei em meu primeiro ano de reportagem sobre *workampers*, a maioria expressava apreço por qualquer semelhança de estabilidade que proporcionavam seus trabalhos de curto prazo. Pense em Joanne Johnson, de 57 anos, que corria escada acima na instalação de Campbellsville da Amazon quando tropeçou e caiu, batendo a cabeça na barra de suporte de uma esteira transportadora. Fizeram-lhe um curativo na Am-Care — uma instalação médica interna —, depois a levaram às pressas a uma emergência hospitalar.^[23] O episódio a deixou com os olhos roxos e nove pontos pela linha do cabelo. “Eles me deixaram continuar trabalhando. Não me demitiram”, recordou-se Johnson calorosamente. No dia seguinte à sua lesão, um representante dos recursos humanos visitou o RV que ela dividia com o marido de 67 anos, um antigo *workamper*. Johnson, que tinha prometido aos empregadores que nunca voltaria a subir uma escada

correndo, ficou assombrada: “Achamos uma das coisas mais incríveis do mundo que ele literalmente perdesse tempo para vir a nossa porta ver como estávamos.”

Perguntei por que uma empresa como a Amazon acolheria candidatos mais velhos a trabalhos que pareciam mais adequados a corpos mais jovens. “É porque somos muito confiáveis”, sugeriu Johnson. “Sabemos que quando nos comprometemos com uma coisa, fazemos o melhor para que o trabalho seja realizado. Não tiramos dias de folga, se não precisarmos.” (Enquanto se recuperava do ferimento na cabeça, Johnson perdeu apenas um dia de trabalho. Não foi remunerado.)

As pessoas que administram a CamperForce reiteram a crença de que os trabalhadores mais velhos têm boa ética profissional. “Temos um pessoal em seus oitenta anos que faz um trabalho fenomenal para nós”, disse Kelly Calmes, administradora do programa em Campbellsville, durante um seminário online sobre emprego patrocinado pela *Workamper News*. “A vantagem de nossa população de *workampers* ser, em sua maior parte, um pouco mais velha é que vocês se dedicaram a uma vida inteira de trabalho. Vocês entendem o que é o trabalho. Mergulham de cabeça no trabalho e sabemos que é uma maratona de resistência, não uma corrida de velocidade. É meio como *A lebre e a tartaruga*. Temos alguns mais jovens que vão correr. Vocês são muito metódicos... trabalham e avançam, trabalham e avançam... e, no fim do turno, podem acreditar, os dois cruzam a linha de chegada mais ou menos ao mesmo tempo.”[24]

Além disso, a Amazon amealha créditos em impostos federais — que vão de 25 a 40% dos salários — quando contrata trabalhadores desfavorecidos de várias categorias, inclusive destinatários envelhecidos da Supplemental

Security Income (SSI), a Renda de Segurança Suplementar, e qualquer um que receba cupons de alimentação. Os integrantes mais espertos da CamperForce sabem tudo sobre esse incentivo. “O incentivo fiscal Work Opportunity Tax Credit é o motivo para a Amazon assumir uma força de trabalho lenta e ineficiente”, observou uma trabalhadora itinerante em seu blog, *Tales from the Rampage*. “Como eles nos tiram da assistência do governo por quase três meses por ano, nós somos uma dedução de impostos para eles.”[25]

A ATITUDE PRÓ-IDOSOS NÃO é exclusiva da Amazon. Durante um seminário de recrutamento online para a colheita anual de beterraba-açucareira, Scott Lindgren, um sócio diretor da empresa de contratação de temporários Express Employment Professionals, elogiou a perseverança dos RVers mais velhos.[26]

“Também descobrimos que nossos *workampers* têm uma maior ética de trabalho e por isso os aplaudimos”, disse ele. “Sabemos que vocês trabalharam arduamente a vida toda e sabemos que podemos contar com vocês para ter o trabalho feito e são nossos melhores trabalhadores.”

David Roderick, um *workamper* de 77 anos, concordou. “Eles adoram aposentados porque somos confiáveis. Nós aparecemos, trabalhamos muito e basicamente somos trabalho escravo”, disse-me ele, recordando-se do inverno de 2012, quando ele e a esposa, também em seus setenta anos, venderam árvores de Natal no San Mateo Event Center, na Califórnia, enquanto moravam em seu RV Lazy Daze de quinze anos. O trabalho dele envolvia carregar coníferas que tinham mais de 2,5 metros de altura e colocá-

las no alto dos carros e picapes dos clientes, por oito a dez horas seguidas, seis dias por semana. “Adoro a parte das vendas, mas o trabalho nos bastidores, de cortar e carregar as árvores, é para uma pessoa bem novinha. Mas vários de nós éramos aposentados”, disse ele sobre a equipe.

Se não fosse pela camiseta turquesa da CamperForce que David estava usando quando nos conhecemos no Desert Rose RV Park, o avô de cabelos e cavanhaque brancos não teria parecido um candidato provável para o trabalho itinerante. Depois de começar a carreira dando aulas de química e oceanografia em faculdades comunitárias da Califórnia, ele criou uma empresa pioneira em ecoturismo e mais tarde trabalhou como professor de inglês do Departamento de Estado em Jordan. (David também recebeu propostas para empregos no magistério na Arábia Saudita e no Kuwait. Ambas foram rescindidas quando os administradores perceberam que ele tinha feito setenta anos, passando do ponto de corte etário da região.)

Entretanto, o amortecedor financeiro com que David podia ter se aposentado desapareceu. Durante um divórcio quando muito mais novo, ele foi obrigado a sacar prematuramente a pensão de dezesseis anos de ensino em faculdades comunitárias da Califórnia. Se tivesse ficado onde estava, teria aumentado a pelo menos 500 mil dólares com a contrapartida do estado; na época, somava 22 mil dólares que tiveram de ser divididos entre ele e a primeira mulher. Quando David se casou de novo, foi com uma mulher que também tinha levado um golpe financeiro, perdendo uma anuidade de 650 mil dólares de seu primeiro casamento no colapso da Executive Life em 1991, que foi, na época, a maior falência na história do setor de seguros.

David me demonstrou os movimentos de agachar e estender a mão que ele fazia centenas de vezes por dia no

depósito da Amazon. Disse que tinha sorte porque, ao contrário da esposa, não sentia dores. Estimava que ganhava, na Amazon, um quinto do maior salário que teve na vida.

“Quer dizer, nunca tive nenhum problema para encontrar emprego, mas o trabalho é praticamente escravo”, disse David. “Esta é a nova era dos aposentados.”

Enquanto trabalhadores como David contavam suas histórias, os acampamentos da Amazon, cada vez mais, pareciam microcosmos de uma catástrofe nacional. Os estacionamentos de RV estavam apinhados de trabalhadores que tinham caído muito dos confortos de classe média que sempre consideraram garantidos. Eram arautos de cada desventura econômica a afligir os americanos nas últimas décadas. Todos tinham uma história.

Um deles era Chuck Stout, setenta anos, que estimava ter caminhado vinte quilômetros por dia como “selecionador” de um depósito, retirando produtos das prateleiras para atender aos pedidos. “As pessoas chamam isso de ‘prisão’ porque você anda em fila única, bate o ponto de entrada, vai fazer seu trabalho”, disse-me ele. Em uma vida anterior, Chuck passou 45 anos na McDonald’s Corporation, onde era funcionário burocrático, trabalhando como diretor de desenvolvimento de produto no final dos anos 1970 na sede mundial da empresa. Chuck acabou declarando falência em 2011 depois que ele e a esposa, Barbara, uma professora de música de 57 anos, viram 410 mil dólares evaporarem no mercado de ações. Eles perderam a casa no campo de golfe de Heron Pointe, um condomínio fechado em Myrtle Beach, Carolina do Sul, mudando-se para um trailer National Seabreeze 1996 que eles chamam de TC. (Em um dia bom, explicaram eles, “TC” significava “totalmente confortável”).

Em um dia ruim, significava “tamanho caixinha”.) Dentro dele havia um bordado que dizia: “O lar é onde você se aperta.” Depois da Amazon, seu trabalho seguinte foi vender cerveja e hambúrgueres em jogos de treinamento de primavera para o Oakland Athletics.

Outro deles era Phil DePeal, veterano de 48 anos da Guerra do Golfo. “Ainda digo a mim mesmo que são só dois meses”, disse ele. “Se consegui servir ao exército, posso trabalhar na Amazon.” Phil e a esposa, Robin, de 46 anos, começaram o *workamping* depois do crash do mercado de 2008 e de o banco subsequentemente retomar sua casa. A competição intensa criada pelo aumento nos preços das commodities esmagou o negócio de transporte de sucata de Phil, o We-R-Junk, em Michigan. “A sucata subiu muito”, disse ele. “Quem conseguia levar alguma coisa no alto do carro, a carregava.” Agora eles moravam em um trailer de cinco rodas, rebocado por uma picape Dodge P350 marrom e dourada, ano 1993. De um lado da picape tem um adesivo com as palavras “Dinheiro fácil”.

“Já estava aí quando compramos o carro”, disse Phil.

MUITOS TRABALHADORES QUE CONHECI em acampamentos da Amazon faziam parte de um grupo demográfico que nos últimos anos tem aumentado com uma velocidade alarmante: americanos mais velhos em mobilidade descendente. No auge de um lugar como Empire — área de uma classe média forte, com estabilidade profissional e aposentadoria —, as circunstâncias de sua vida atual eram praticamente impensáveis.

Monique Morrissey, economista do Economic Policy Institute, falou comigo sobre a natureza sem precedentes

desta mudança. “Estamos diante da primeiríssima reversão na segurança da aposentadoria na história moderna dos Estados Unidos”, explicou ela. “A começar pelos *baby boomers* mais novos, agora cada geração sucessiva se sai pior do que as gerações anteriores em termos de sua capacidade de se aposentar sem ver uma queda nos padrões de vida.”

Isto significa que não há descanso na velhice. Quase nove milhões de americanos de pelo menos 65 anos ainda estavam empregados em 2016, um aumento de 60% em relação à década anterior.^[27] Os economistas esperam que esse número — junto com a porcentagem de idosos na força de trabalho — continue aumentando. Um recente levantamento sugere que os americanos agora têm mais medo de viver mais que seus bens do que da morte.^[28] Outra pesquisa revela que, embora americanos mais velhos ainda vejam a aposentadoria como “uma época de lazer”, somente 17% preveem não trabalhar em nada nos últimos anos de vida.^[29]

A PRÓPRIA IDEIA DA aposentadoria é uma invenção relativamente nova. Na maior parte da história humana, as pessoas trabalhavam até morrerem ou ficarem doentes demais para levantar um dedo que fosse; a essa altura, de todo modo, elas morriam bem rápido. Em 1795, Thomas Paine, um dos fundadores mais progressistas dos EUA, escreveu um panfleto intitulado “Justiça agrária”, que propunha uma pensão anual de dez libras esterlinas a partir dos cinquenta anos, que ele considerava a expectativa de vida típica. Os americanos o ignoraram e mais de um século se passou até que o estadista alemão Otto von Bismarck

criou o primeiro seguro de velhice do mundo. Adotado em 1889, o plano de Bismarck recompensava com pensões os trabalhadores que chegavam a seu septuagésimo aniversário. Esta atitude pretendia repelir a agitação marxista — de um jeito barato, visto que poucos alemães sobreviviam a esta idade madura. Também colocou Bismarck, um imperialista de direita apelidado de Chanceler de Ferro, na mira de críticos conservadores, que o acusaram de ter amolecido. Ele ignorou as queixas deles durante anos. “Chamem de socialismo ou como quiserem; para mim, dá no mesmo”, disse Bismarck ao Reichstag em 1881, no debate inicial sobre o seguro estatal.

A ideia da aposentadoria foi propagada na América do início do século XX por William Osler, médico celebrado e franco que ajudou a fundar a Faculdade de Medicina Johns Hopkins. Os trabalhadores atingiam o auge aos quarenta anos, argumentou ele em um discurso de 1905, depois desciam a ladeira até chegar aos sessenta anos — a essa altura, ele sugeriu de brincadeira, eles podiam muito bem receber clorofórmio. Estas observações passaram a ser conhecidas como “o discurso do clorofórmio” e provocaram um escândalo nacional. O conselho editorial do *The New York Times* comparou a posição dele à de “tribos selvagens cujo costume é bater na cabeça de seus velhos sempre que os mais novos encontram os idosos pelo caminho”.^[30] Enquanto isso, “oslerizar” desfrutou de um breve apogeu como verbo popular. (Esta cunhagem não era inteiramente justa, porém, porque o plano de eutanásia compulsória foi tomado de empréstimo de *The Fixed Period*, de Anthony Trollope, uma narrativa distópica que bem possivelmente foi a obra menos conhecida do autor, vendendo apenas 877 exemplares.)^[31]

O defensor da pensão Lee Welling Squier expressou sentimento semelhante em 1912, em termos consideravelmente menos cômicos:

Depois que se chega aos sessenta anos, a transição da não dependência para a dependência é fácil — a propriedade se acaba, os amigos faleceram ou se mudaram, os parentes agora são poucos, a ambição desmoronou, restam apenas alguns curtos anos de vida, com a morte como um fim definitivo e bem-vindo a tudo isso — tais conclusões inevitavelmente levam o assalariado da condição de cidadão independente e esperançoso àquela de pobre indefeso.^[32]

Muitas nações industrializadas acompanharam a Alemanha e adotaram alguma forma de seguro da velhice. Mas os Estados Unidos, terra dos individualistas empedernidos, atrasaram-se. No início do século XX, os americanos que ficavam velhos demais para trabalhar tinham duas opções. Podiam se mudar para a casa dos filhos, se tivessem algum. Ou podiam ir para o albergue, uma instituição deprimente importada da Grã-Bretanha, onde a vida era tão miserável que os moradores — chamados de “internos” — podiam mesmo preferir ser oslerizados. Um observador de uma instalação dessas em Sandusky, em Ohio, descreveu-a nestes termos: “Construção muito velha e dilapidada; paredes em péssimo estado; sem telas; enxames de moscas por toda parte; sem cadeiras confortáveis; quartos muito sujos; internos fazem o trabalho; comida muito ruim. O suposto hospital é um lugar horrendo, mais parece uma prisão.” Uma instituição igualmente miserável apareceu em um relato de 1920 ao conselho estadual de instituições de caridade do Colorado:

“A construção é uma antiga igreja condenada cinco anos antes como imprópria para habitação; paredes perigosas e desmoronando; pouca proteção contra o frio; pisos antigos rachados e sujos; camas e beliches miseráveis; um interno preso ao leito com tuberculose óssea que está de cama desde setembro e não tomou um banho sequer... em outro quarto dilapidado está sentada uma mulher em farrapos, de mais de noventa anos, recurvada sobre um velho fogão, tentando se manter aquecida.”^[33]

Tão icônico — e temido — era o albergue que foi premiado com um quadrado na primeira versão do jogo Monopoly. Situada em um canto do tabuleiro, esta instituição civil era o espaço de último recurso para qualquer jogador que “não tivesse dinheiro para pagar suas despesas e não pudesse pegar nenhum emprestado, nem conseguisse vender ou hipotecar nenhuma propriedade sua”, segundo as regras de 1904.^[34] Nas versões mais recentes, os projetistas pavimentaram o albergue e colocaram um espaço de “estacionamento gratuito”.

Foi preciso a Grande Depressão para fazer da aposentadoria uma realidade nos Estados Unidos. Eram muitos os trabalhadores, muito poucos os empregos, e a ideia consequente de que os idosos precisavam ser expulsos da reserva de mão-de-obra. Ao mesmo tempo, os americanos mais velhos não estavam se saindo muito bem. Em 1934, mais de metade deles carecia dos meios para se sustentar. Alguns estados conceberam uma colcha de retalhos de sistemas de pensão por velhice, mas conseguiram servir apenas a uma fração dos idosos indigentes. Francis Townsend, médico californiano que também tinha cultivado feno e gerenciara uma fábrica de gelo seco falida, começou a defender o que passou a ser conhecido como o Plano Townsend: se um trabalhador se

aposentasse aos sessenta anos, o governo federal o recompensaria com uma pensão mensal de mais de 200 dólares. Em pouco tempo, milhares de “Clubes Townsend” populares brotaram pelo país. Foi, em parte, em resposta a esta iniciativa populista que o presidente Franklin D. Roosevelt e um Congresso democrata aprovaram a Lei de Previdência Social de 1935 — que, diferentemente do Plano Townsend, exigia que os futuros aposentados contribuíssem com um fundo comum por toda sua vida de trabalho. Cinco anos depois, o primeiro cheque da previdência social foi emitido a certa Ida Mae Fuller, secretária aposentada de 65 anos de Vermont. Trazia a quantia de 22,54 dólares.^[35]

Depois do New Deal, os economistas começaram a se referir ao modelo de financiamento de aposentadoria americano como um “banco de três pernas”. Este tripé sólido era composto da previdência social, de pensões privadas e de investimentos e economias combinados. Nos últimos anos, naturalmente, duas destas pernas foram arrancadas. Muitos americanos viram seus ativos destruídos pela Grande Recessão; mesmo antes do colapso econômico, muitos vinham poupando cada vez menos. Desde os anos 1980, os empregadores têm substituído pensões com prestações definidas, que são financiadas pelos empregadores e garantem uma soma mensal vitalícia, por planos de aposentadoria 401(k), que em geral dependem de contribuições do empregado e podem secar antes da morte. Vendido como instrumentos de libertação financeira que permitiria que os trabalhadores tomassem as próprias decisões de investimento, os planos 401(k) faziam parte de um afastamento cultural maior na América das responsabilidades compartilhadas, rumo a um individualismo mais precário. Tradução: o plano 401(k) é

muito mais barato para as empresas do que os planos de aposentadoria.

“Na última geração, temos testemunhado uma imensa transferência de risco econômico de amplas estruturas de seguridade, inclusive aquelas patrocinadas pelo setor corporativo, bem como pelo governo, para os frágeis balancetes das famílias americanas”, escreve o cientista político de Yale Jacob S. Hacker em seu livro *The Great Risk Shift*. A mensagem fundamental: “Você está por conta própria.”^[36]

Tudo isso é para dizer que a previdência social agora é a maior fonte única de renda para a maioria dos americanos de 65 anos em diante.^[37] Mas é terrivelmente inadequada. “Em lugar de um banco de três pernas, temos um pulapula”, ironizou o economista Peter Brady, do Investment Company Institute.^[38]

Isto significa que mal cobre as necessidades. Quase metade dos trabalhadores de classe média pode ser obrigada a viver de um orçamento pequeno para alimentação, chegando a 5 dólares por dia, quando se aposentar, segundo Teresa Ghilarducci, economista e professora da New School em Nova York. “Chamo isto de ‘o fim da aposentadoria’”,^[39] disse ela em uma entrevista. Muitos aposentados simplesmente não conseguem sobreviver sem algum salário. Enquanto isso, observou, os empregos para americanos mais velhos estão pagando menos e exigindo cada vez mais fisicamente. Ela receia que estejamos voltando ao mundo que Lee Weeling Squier descreveu mais de um século atrás. Qualquer discussão séria deste problema, acrescentou Teresa, é complicada por um estigma cultural. “Nunca falo nesta questão em termos de ‘aposentadoria’”, disse ela. Os americanos

tradicionalmente abominam “a ideia de que você está vagabundeando ou não é produtivo”.

Afinal, a menção mesma de “aposentadoria” corre o risco de invocar o estereótipo do “velhote ganancioso”: um bicho-papão conjurado pelos críticos da previdência social na virada do século XXI, principalmente o ex-senador americano Alan Simpson, de Wyoming. O “velhote ganancioso” desperdiça seus anos dourados em lazer abastado enquanto seca a força vital das gerações mais novas. Ele é um vampiro geriatra, uma versão septuagenária da “rainha do bem-estar social” de Ronald Reagan. Só que ela dirigia um Cadillac, e a caricatura que Alan Simpson descreveu dirige um Lexus. Simpson também notoriamente se insurgiu contra os “Panteras Cor-de-rosa”, um grupo que faz lobby pela previdência social, grupo que na verdade não existe; ele o inventou como figura de retórica. Quando um verdadeiro grupo de advocacia, o Older Women’s League, o acusou de vomitar ácido etarista e machista, ele bateu os pés e lhes mandou um e-mail em que dizia que a previdência social tinha se transformado “em uma vaca-leiteira com 310 milhões de tetas!”^[40]

Este e-mail encerrava com uma despedida sarcástica. Parecia sugerir que o legislador nunca tinha posto os pés em um lugar como as novas cidades-empresa da Amazon, nem conhecera nenhum dos muitos americanos idosos que devem trabalhar longas horas para complementar seus parques benéficos.

Dizia: “Telefonem quando conseguirem um trabalho honesto!”

* Alguns destes *workampers* chegaram às manchetes nacionais em 2010, quando o Departamento do Trabalho dos EUA alegou que seu empregador, a Gate Guard Services LP em Corpus Christi, os havia classificado incorretamente como terceirizados independentes e não como empregados e, portanto, devia a eles 6,2 milhões em salários atrasados. Um juiz federal mais tarde anulou esta ordem.

** Mas nem todos parecem priorizar os incentivos piegas. “O que mais importa para *workampers* na Amazon.com: Dinheiro”, dizia a manchete de uma matéria de capa sobre a CamperForce na *Workamper News*, que entrevistou alguns trabalhadores em 2014.

CAPÍTULO QUATRO

Plano de fuga

DIANTE DE UM PROBLEMA insuperável — o baixo benefício da previdência social —, Linda fez o que qualquer um faria: consultou a internet. Ela se deparou com um site com as seguintes palavras:

Talvez você tenha sido cigano, vagabundo ou andarilho em uma vida passada, mas ache que nunca poderia sustentar a vida de liberdade que anseia tanto?

Talvez você só esteja enjoado dessa vida corrida e queira simplificar.

Temos boas notícias: você pode e nós estamos aqui para mostrar como!^[1]

Linda tinha descoberto o CheapRVLiving.com, criação de um ex-estoquista da Safeway do Alasca chamado Bob Wells. Imagine uma doutrina anticonsumista pregada com o fervor do evangelho da prosperidade — era esta a mensagem de Bob. Pregava viver feliz com menos. Um princípio sublinhava todos os seus escritos — a melhor maneira de encontrar a liberdade, sugeria ele, era tornar-se o que a sociedade tradicional consideraria sem-teto.

“A chave é eliminar a maior despesa que a maioria de nós tem, nossa moradia”, escreveu Bob. Exortava os leitores a deixar de lado casas e apartamentos tradicionais em favor do que alguns nômades chamam de “casa com volante”: uma van, um carro ou RV. Observava que havia moradores de van subsistindo com 500 dólares por mês ou menos — uma quantia que fez sentido imediato para Linda — e esboçava uma amostra de orçamento esticando essa ninharia pelas necessidades da vida, inclusive provisões para alimentação, seguro do carro, gasolina, serviço de celular e um pequeno fundo emergencial.

A odisseia do próprio Bob como morador de van começara quase duas décadas antes, com um entusiasmo consideravelmente menor. Em 1995, ele lutava com um divórcio atroz de um casamento de treze anos com a mãe dos dois filhos pequenos. Ele era o que chama de “viciado em dívidas”, com 30 mil dólares estourados nos cartões de crédito. Estava se preparando para declarar falência.

Quando chegou a época de se mudar do trailer apinhado da família em Anchorage, Bob escapou para Wasilla, onde anos antes tinha comprado um hectare com planos de construir uma casa ali. Até então, tinha apenas uma fundação e o piso. Sem se deixar abalar, ficou em uma barraca e usou o lugar como acampamento-base do qual percorria os oitenta quilômetros até Anchorage para trabalhar.

Logo ansiava para ficar mais perto dos filhos e da Safeway, onde tinha um emprego fixo. (O pai tinha sido gerente da Safeway e Bob conseguiu seu primeiro emprego ali, como empacotador, quando completou dezesseis anos.) Mas os apartamentos em Anchorage eram caros e parecia quase impossível sustentar dois lares diferentes. Dos 2.400 dólares que levava para casa todo mês, metade ia para a

ex. “Ela pegava 1.200 e isso me deixava 1.200, e não dá para alugar um apartamento em Anchorage com isso”, disse ele. “Na maioria dos lugares, até dá, mas lá eu certamente não conseguia.” Enquanto isso, Bob queimava tempo e gasolina todo dia no trajeto de ida e volta entre Anchorage e Wasilla. Bob começou a se desesperar.

Então ele fez uma experiência. Para economizar combustível, começou a passar a semana útil na cidade, dormindo em uma velha picape Ford Courier com capota, e voltando a Wasilla nos fins de semana. Isto aliviou um pouco a pressão. Quando estava em Anchorage, estacionava na frente da Safeway. Os gerentes não se importavam. Se alguém faltava a um turno, ofereciam o horário a Bob — ele estava bem ali, afinal de contas — e assim ele ganhava horas extras. Tudo isso o levou a pensar: será que posso fazer isso permanentemente?

Bob nem conseguia imaginar viver o tempo todo debaixo daquela capota mínima, mas começou a pensar em alternativas. No trajeto para o trabalho, passava por um caminhão-baú Chevrolet amassado com uma placa de “Vende-se”, estacionado na frente de uma oficina de eletricitista. Um dia, entrou para perguntar sobre o veículo. Não tinha problemas mecânicos, pelo que soube. Só era tão feio e amassado que o chefe ficava sem-graça de usá-lo nas chamadas de serviço. O preço pedido era de 1.500 dólares, a quantia que Bob tinha nas economias. Ele apostou tudo.

As paredes do caminhão-baú tinham pouco mais de dois metros de altura, com uma porta traseira *roll-up*. O piso tinha 2,5 por 3,5 metros. Era do tamanho de um quarto pequeno, raciocinou Bob, abrindo o saco de dormir e os cobertores. Porém, deitado ali na primeira noite, ele se viu chorando. Não importava o que dissesse a si mesmo, a imersão nesta nova vida parecia devastadora. Não ajudava

que Bob, em seus quarenta anos, nunca tenha sido uma pessoa particularmente animada ou otimista. Desde a infância, aprendera duras lições sobre a impermanência quando o chão, às vezes literalmente, se mexia debaixo de seus pés. Quando estava em idade de engatinhar, os pais, de casamento infeliz, mudaram-se de Flagstaff a Prescott, no Arizona, e a Ponca City, em Oklahoma. Em 1961, quando ele fez seis anos, a família se estabeleceu em Anchorage. Três anos depois, o mundo parou. Ou pelo menos foi o que pareceu. O segundo maior terremoto da história atingiu a região centro-sul do Alasca às 17h36 do dia 27 de março de 1964, quando uma falha se rompeu entre as placas tectônicas norte-americana e do Pacífico. O Grande Terremoto do Alasca, também conhecido como o Terremoto da Sexta-feira Santa, registrou 9,2 na escala Richter e durou apavorantes quatro minutos e meio, com numerosos abalos secundários.^[2] Tsunamis varreram as cidades litorâneas do Alasca, enquanto Anchorage foi arrasada por deslizamentos de terra que demoliram quadras inteiras da cidade. A torre de controle de dezoito metros do Aeroporto Internacional de Anchorage desmoronou. Lajes de concreto caíram da fachada do prédio de cinco andares da J. C. Penney, esmagando pessoas e carros. Na escola de Bob, a Denali Elementary, a fundação foi dilacerada por rachaduras e uma chaminé de tijolos caiu pelo telhado, interditando o prédio pelo ano seguinte.^[3]

Bob se lembra de se esconder em casa, sem luz, nem aquecimento. Lá fora, o clima estava abaixo do congelamento e havia neve no chão. “Quer dizer, a terra se abriu em volta da gente e toda noite tínhamos abalos secundários”, disse ele. “Ouvíamos casas explodindo. Você ficava deitado ali na cama e uma casa explodia. Tinha

vazamento de gás natural e ele se inflamava de algum jeito.”

A casa dele não explodiu naquela noite. Mas explodiria, de certo modo, sete anos depois, quando ele tinha dezesseis e os pais finalmente se separaram. A irmã decidiu morar com a mãe. Bob teve pena do pai e decidiu ficar com ele. Logo estava dividindo um teto com uma madrasta que odiava. Enquanto entrava na idade adulta, Bob rechaçava os sentimentos de vazio. Nos anos que se seguiram, tentou preencher esse vazio com o que tinha à mão: dívidas, comida, sexo, religião.

Bob nunca foi especialmente orgulhoso da vida que construía. Mas quando se mudou para um caminhão-baú aos quarenta anos, quaisquer migalhas que restassem de autoestima desapareceram. Temia ter chegado ao fundo do poço. Via a si mesmo criticamente: um trabalhador, pai de dois filhos, que não conseguiu manter o casamento funcionando, reduzido a morar em um veículo. Disse a si mesmo que era um sem-teto, um fracasso. “Chorar até dormir era rotina”, disse ele.^[4]

Aquele caminhão-baú, que ele, em geral, chamava de van, seria seu lar pelos seis anos seguintes. Morar ali, porém, não foi a queda na miséria que ele esperava. As coisas começaram a mudar à proporção que ele tornava o lugar habitável. Construiu beliches de compensado e toras de madeira. Dormia na cama de baixo e usava a de cima como depósito. Arrastou para dentro uma poltrona confortável. Aparafusou prateleiras de plástico nas paredes. Como cozinha improvisada, tinha uma caixa térmica e um fogareiro Coleman de duas bocas. Para a água, ia aos banheiros das lojas de conveniência e enchia um galão. Nos dias de folga do trabalho, os filhos vinham de visita. Um dormia no beliche, o outro na poltrona.

Logo, quando Bob se lembrava de como era a vida, descobria que não sentia falta de muita coisa. Ao contrário, pensar em algumas coisas que agora lhe faltavam — em particular aluguel e contas — deixavam-no tonto. Com o dinheiro que economizava, ele tornou a van ainda mais confortável. Instalou isolamento nas paredes e no teto. Comprou um aquecedor catalítico com um tanque de propano de 150 litros para ficar aquecido quando as temperaturas de inverno caíam abaixo de zero e instalou um ventilador de teto para manter o lugar fresco no verão. Depois de acrescentar um gerador, bateria e um transformador, ficou fácil acender as luzes à noite. Logo tinha um micro-ondas e uma TV de tubo de 27 polegadas.

Bob ficou tão apegado a este novo estilo de vida que, quando o motor do caminhão pifou, ele não se abalou. Vendeu o terreno em Wasilla, junto com a casca de casa que tinha continuado a construir ali com cartões de crédito. Parte dos ganhos foram para consertar o motor.

“Sinceramente não sei se eu teria tido coragem de fazer isso, se não fosse obrigado a tanto”, admite Bob em seu site, mas, pensando bem, ele fica feliz pela mudança ter acontecido. “Quando me mudei para a van, percebi que tudo o que a sociedade me dizia era mentira — que eu tinha de me casar e morar em uma casinha com uma cerca branca e ir trabalhar, e depois ser feliz no finzinho da minha vida, mas ser infeliz até lá”, disse-me ele em uma entrevista. “Eu estava feliz pela primeira vez na vida, morando na minha van.”

Em 2005, Bob criou o CheapRVLiving.com. O site começou como uma coleção modesta de tutoriais para leitores que esperavam morar em um veículo com um orçamento apertado. A chave era o “*boondocking*”: sair do sistema em vez de depender de ligações de água,

saneamento e eletricidade que acompanhavam uma vaga paga em um estacionamento de RV. (Embora seu uso informal tenha se ampliado, a palavra “*boondocking*” — como os puristas prontamente observarão — também implica que alguém está estacionado no meio selvagem. Tecnicamente, moradores de veículos que fazem esse tipo de coisa em cidades não praticam “*boondocking*” — eles estão “estacionando furtivamente” ou “acampando furtivamente”. De todo modo, o site de Bob partilha estratégias para os dois tipos de vida.)

Depois do colapso financeiro de 2008, os acessos na CheapRVLiving.com explodiram. “Comecei a receber e-mails quase todo dia de pessoas que tinham perdido o emprego e esgotado as economias e enfrentavam a retomada de suas casas pelos bancos”, escreveu ele depois. Expulsos da classe média, esses leitores tentavam aprender a sobreviver. Frases procuradas no Google como “viver com pouco” e “morar em um carro ou van” os levaram ao site de Bob. Em uma cultura em que a culpa pelo infortúnio econômico era colocada principalmente nas vítimas, Bob lhes oferecia encorajamento em vez de humilhação. “A certa altura houve um contrato social segundo o qual, se você jogasse conforme as regras (estudasse, conseguisse um emprego e trabalhasse muito), tudo ficaria bem”, ele dizia aos leitores. “Hoje isto não é mais verdade. Você pode fazer tudo certinho, do jeito que a sociedade quer, e ainda assim acabar falido, sozinho e sem-teto.” Mudando-se para vans e outros veículos, ele sugeria, as pessoas podiam se tornar opositoras conscientes do sistema que as deixou na mão. Podiam renascer em uma vida de liberdade e aventura.^[5]

TUDO ISSO TEM UM precedente. Em meados dos anos 1930, com os Estados Unidos nas garras da Grande Depressão, os trailers entraram em produção em massa pela primeira vez. [6] Hobbistas e pequenos construtores vinham fazendo as curiosas geringonças há anos, mas naquele momento sua popularidade foi à estratosfera. “No início (...), o trailer era só algo diferente no acampamento (...), depois as pessoas descobriram que podiam morar neles”, relatou a *Fortune Magazine* dois anos depois.[7]

Em todo esse tempo, milhões de americanos despossuídos compartilharam dos sentimentos que Bob ecoou mais tarde. Defendiam o fim de seu contrato social, entretanto o sistema não os largava. Algumas destas pessoas tiveram uma revelação — que podiam escapar do garrote do aluguel, mudando-se para trailers. Tornando-se nômades. Libertando-se. Era melhor do que mudar-se para a favela. “Vá a qualquer lugar, pare em qualquer lugar, fuja dos impostos e do aluguel — isto é irresistível. Nada além da morte já ofereceu tanto em um só pacote”, dizia um artigo na *Automotive Industries* em 1936.[8]

“Estamos rapidamente nos transformando em uma nação sobre rodas”, escreveu um importante sociólogo no *New York Times* em 1936. “Hoje, centenas de milhares de famílias guardaram suas posses em casas sobre rodas, despediram-se dos amigos e pegaram a estrada (...) [logo] outras famílias farão o mesmo, transformando grande proporção de nosso povo em ciganos errantes.” Roger Ward Babson, um oráculo financeiro que previu o crash do mercado de 1929, chamou atenção quando anunciou que metade de todos os americanos estariam morando em trailers pelos anos 1950.[9] A *Harpers’s Magazine* proclamou que as “casas sobre rodas” representavam “um novo estilo de vida que um dia mudará nossa arquitetura, nossa moral,

nossas leis, nosso sistema industrial e nosso sistema de tributação”.^[10]

No quarto de século seguinte, os americanos compraram — ou construíram em suas garagens ou quintais — um número estimado em um milhão e meio a dois milhões de trailers.^[11] A moda terminou por volta de 1960, com a ascensão da chamada “casa móvel”: unidades habitacionais de fabricação barata que eram mais espaçosas que suas primas errantes, mas davam menos liberdade porque, depois de rebocadas a um estacionamento de trailers, em geral, permaneciam ali.

A crítica social se dividiu sobre os moradores de trailers, retratando-os ou como pioneiros amantes da liberdade, ou arautos da desintegração social. O escritor David A. Thornburg, cujos pais moraram por quinze anos em um trailer, via uma revolução silenciosa em sua pressão pela autodeterminação. Em uma história poética intitulada *Galloping Bungalows*, escreveu:

E assim, saído do coração da Grande Depressão, nascia um novo sonho: o sonho da fuga. Fuga da neve e do gelo, dos impostos e aluguéis altos, de um sistema econômico em que ninguém confiava mais. Fuga! Do inverno, do fim de semana, do resto de sua vida. Só era preciso coragem e um trailer de 600 dólares.

Ele continuou, elaborando:

A Grande Depressão reduziu milhões de americanos de todas as idades e classes sociais à condição impotente de adolescentes (...). Mas algumas pessoas viram oportunidade em meio a todo esse caos —

oportunidade de reconstruir seu mundo e seus valores segundo linhas mais pessoais e talvez menos vulneráveis. Entre estes reconstrutores estavam os pioneiros moradores de trailers dos anos 1930, uma força de mais de um milhão, idealistas e iconoclastas, desistentes conscientes e voluntários. Pessoas que decidiram não esperar que o governo ou que grandes empresas as salvassem, que decidiram tomar seu destino econômico nas próprias mãos. Pessoas que escolheram sair do laço da classe média e formar por si mesmas toda uma nova subcultura — uma vida um pouco mais livre, um pouco mais autônoma e menos atormentada pela ansiedade, um pouco mais próxima dos desejos de seus corações.^[12]

MESMO ENQUANTO O MERCADO de ações melhorava, Bob ainda ouvia falar de novos refugiados econômicos para quem a “recuperação sem emprego” trouxera pouco alívio. Parecia que, diferentemente dos moradores de trailers dos anos 1930 — cuja maioria por fim voltaria a casas de tijolos —, a nova onda de nômades preparava-se para uma transição mais permanente.

“O dinheiro é uma questão importante para todos nós, em particular na economia muito ruim dos dias de hoje”, escreveu Bob em um post de 2012 sobre orçamentos. “Quase toda semana recebo e-mails leitores me dizendo que perderam o emprego algum tempo atrás e agora estão sendo despejados. Entre as perguntas que me fazem, indagam se podem arcar com a moradia em uma van. Respondo a suas outras perguntas e indago-lhes: ‘Como vocês conseguem arcar com *não* morar em uma van?’ Estou

convencido de que morar em um carro, van ou RV é, de longe, o jeito mais barato de viver a longo prazo.”^[13]

Nessa época, o site de Bob incluía relatos sobre morar em veículos de todos os tamanhos, de um Ford Fiesta subcompacto a um Honda Prius, de vans de cada época concebível até um ônibus desativado da Força Aérea americana. Mostrava alguns de seus habitantes também, inclusive Charlene Swankie (vulgo “Swankie Wheels”), que se mudou para uma van aos 64 anos quando estava falida demais para alugar um apartamento decente e sofria de problemas nos joelhos e asma. O estilo de vida lhe convinha; ela perdeu 29 quilos e embarcou em uma busca por remar por todos os cinquenta estados em um caiaque amarelo que transportava no alto da van. (Swankie acabou completando a missão aos setenta e estabeleceu uma nova meta: escalar a Arizona Trail, de 1.290 quilômetros.)^[14] Em outro artigo, um nômade chamado Trooper Dan descreveu ter perdido o emprego em Ohio e morar em uma picape Toyota branca com uma capota vermelha, que ele dirigia ao sul da Flórida e chamava de seu VDS, ou veículo de sobrevivência. Como um ardoroso sobrevivente, há muito ele estava pronto para QAMBNV, ou Quando A Merda Bater No Ventilador. “Sou apenas um sujeito mediano que foi vítima da crise econômica atual. Basicamente parece que estou acampando e não me considero sem-teto”, escreveu ele no site. “Acho que este é um sinal do futuro e veremos gente morando em barracas e veículos em toda parte (lembra-se das ‘Hoover towns’?). O ‘desabrigo móvel’ é tão grave que os policiais nem impedem mais as pessoas de fazerem isso.”^[15]



Swankie Wheels tem, em sua van, um mapa que comemora ter feito caiaque em todos os cinquenta estados.

O CheapRVLiving.com cobria temas variados, da escolha e equipamento de um veículo a encontrar trabalhos temporários e alimentação saudável na estrada. Tutoriais explicavam como instalar no teto do veículo painéis solares, que tinham baixado de preço na década anterior, colocando ao alcance de moradores de van de baixo orçamento uma tecnologia que antes só era disponível a pessoas relativamente abastadas.

Para fins de discrição — para não serem importunados por desconhecidos ou, pior, detidos e talvez multados pela polícia —, os leitores eram aconselhados a esconder os painéis solares entre as barras do bagageiro ou no suporte da escada.

Embora muitos artigos publicados fossem puramente pragmáticos, Bob também se interessava por filosofia. Postou citações inspiradoras de uma variedade de pensadores, de Braveheart e Dale Carnegie a Kahlil Gibran,

Hellen Keller, Henry David Thoreau e J.R.R. Tolkien. Combinando esta retórica emprestada com reflexões existenciais pessoais, Bob sugeria que um estilo de vida reduzido e peripatético podia ir bem além da satisfação de necessidades básicas, tornando-se um portal para aspirações mais elevadas: liberdade, realização pessoal e aventura.

Para os americanos convencionais, esse tipo de transitoriedade pode sugerir uma versão atual de *As vinhas da ira*, de John Steinbeck. Entretanto, vale a pena notar uma distinção fundamental. Para os refugiados nômades da era da tempestade de areia Dust Bowl que antes esnobavam os “Okies”, o valor pessoal dependia de manter vivas as brasas de uma esperança preciosa: que um dia o *status quo* voltaria, devolvendo-os à habitação tradicional, restaurando pelo menos um pingo de estabilidade.

Junto com muitos viajantes que passou a inspirar, Bob via as coisas de um jeito diferente. Concebia um futuro em que convulsões econômicas e ambientais tornar-se-iam o novo normal americano. Por este motivo, não vendia a vida nômade como uma solução rápida, para ajudar as pessoas até que a sociedade tivesse se estabilizado, e a essa altura elas poderiam reintegrar-se com as convenções. Em vez disso, ele aspirava a criar uma comunidade de moradores de van cujos integrantes pudessem operar fora da ordem social esgarçada — ou até transcendê-la: um mundo paralelo sobre rodas.

No final de 2013, um fórum de discussão no site de Bob atraiu mais de 4.500 membros registrados. Menos de três anos depois, o número tinha aumentado para mais de 6.500. Nômades trocavam conselhos sobre tudo, do acompanhamento do correio tradicional a lutar com a solidão e as importunações da polícia. Neste ambiente de

apoio, até uma pergunta básica — por exemplo, “como tomo banho?”— gerava uma onda de soluções inteligentes. Alguns comentadores recomendavam se matricular em uma cadeia de academias sem frescuras — a Planet Fitness era uma opção popular — e tratar sua associação como um passe para o banheiro em âmbito nacional. Alguns defendiam banhos de esponja e o uso generoso de lenços umedecidos para bebês. Alguns preferiam chuveiros solares, que pareciam gigantescos sacos intravenosos, com um lado pintado de preto para reter o calor. Alguns se banhavam usando pulverizadores pressurizados de jardim. Alguns sabiam de lavanderias com chuveiros pagos nos fundos. Outros visitavam paradas de caminhões como a Flying J, a Love’s e a Pilot, que recompensavam motoristas com créditos para o chuveiro quando eles abasteciam. Os caminhoneiros de longo percurso costumavam acumular mais brindes do que precisavam e doavam os créditos aos companheiros viajantes na fila do caixa.*

As conversas ficaram intensas e não se limitavam ao CheapRVLiving.com. O site de Bob era apenas um nó em uma rede de rápida expansão, uma rede de locais de reunião na internet em que nômades dispersos de baixo orçamento podiam aprender e encontrar apoio. A comunidade online remonta a pelo menos novembro de 2000, quando uma figura misteriosa que se chamava “lance5g” criou “Live in Your Van”, um fórum do Yahoo, com esta simples apresentação:

Bem-vindo. Quero ensinar a partes interessadas a técnica de viver em sua van para economizar, o que mais seria?, \$.

Evidentemente, este tema é mais adequado a homens solteiros, mas as mulheres também podem aprender...

Categorias: banho, dormir, estacionar, ir ao banheiro, segurança, evitar a detecção, organização do interior, noites de inverno.^[16]

Depois disso, lance5g nunca mais postou. Como uma versão barata do “deus relojoeiro” concebido por teólogos da era do Iluminismo, ele construiu um mundo, colocou-o em movimento e foi embora. Sua criação cresceu sem ele, porém povoada pelo que viria a se tornar um grupo coeso de amigos que postavam com nomes como vangypsy e vwtankgirl. Então veio um problema: o Yahoo decidiu transferir todos os fóruns para uma plataforma nova. Parecia improvável que grupos com donos ausentes sobrevivessem a esta transição.

Um dos membros mais ativos do “Live in Your Van” era um errante gregário chamado Ghost Dancer. Em 1º de janeiro de 2002, Ghost Dancer estava estacionado na frente de um McDonald’s na Highway 41 em Vincennes, Indiana, em sua casa, uma picape Ford F150 marrom, ano 1989. Ele soube que o prazo final de mudança dos fóruns seria o final daquele dia. Ficou preocupado: os novos amigos, já espalhados pelo país, estavam prestes a perder seu clube na internet? Não saber o que aconteceria o devorava, como a espera pelo bug do milênio em menor escala. Ainda assim, ele não fizera nada para se preparar.

Quando veio a solução, parecia óbvia: por que não criar um novo local de reunião antes que o antigo se apagasse? Para fazer isto, Ghost Dancer não podia simplesmente entrar no McDonald’s com um laptop. Para começar, não tinha um laptop e os pontos de WiFi só se tornariam comuns

dali a mais alguns anos. Assim, ele improvisou uma conexão com a internet entre o telefone público e o equipamento limitado que levava na picape.^[17] “Estilo dissidente”, como ele chamou. A configuração dependia de um acoplador acústico Konexx: um dispositivo que se conectava a um fone de um telefone público para receber e transmitir dados analógicos, segurando-se um microfone no auricular e um alto-falante no bocal. A outra ponta deste acoplador era conectada a uma caixa WebTV, que tinha um modem embutido e proporcionava serviços básicos de navegação; estas caixas tinham começado a aparecer em meados dos anos 1990, quando os computadores eram mais caros e menos intuitivos. Para poupar espaço, Ghost Dancer pendurou a WebTV em seu rádio do cidadão. Dali, ela se conectava a um televisor Phillips de treze polegadas que estava no chão, do lado do carona. Depois de horas mexendo na configuração, ele colocou 35 cents no telefone público para se conectar, depois entrou no Yahoo e criou um fórum chamado “Vandwellers: Live in Your Van 2”.^[18] Teve orgulho deste sucesso, uma gambiarra de McGyver cibernético que se tornou uma história muito conhecida e levou um blogger famoso a chamá-lo de “pai fundador da moradia em vans”.^[19]



Ghost Dancer sentado na van que é seu lar atual.

Só depois Ghost Dancer percebeu que tinha ferrado tudo. Operando entre fusos horários, tinha estourado em algumas horas o suposto prazo final. Não importava. Os membros o seguiram ao novo fórum. Embora o Yahoo nunca tenha desativado o “Live in Your Van” original, o fórum passou a ser uma cidade fantasma virtual, infestada de bots da indústria pornô que apregoam “encontros informais” e “cibersolteiros pervertidos” a um público de ninguém. Enquanto isso, “Live in Your Van 2” atraiu milhares de recém-chegados, inclusive Bob Wells, e continuou ganhando ímpeto. Nos quatro anos que se seguiram ao crash econômico de 2008, o grupo mais que dobrou, chegando a 8.560 pessoas. Uma descrição do fórum dizia:

VanDwellers é o local de reunião de [uma] tribo dispersa. É o Círculo de Anciãos, o Berço de Alimentação para aqueles que se veem entrando neste

mundo cultural por opção ou por circunstância, o lugar para os Ritos de Passagem dos novatos, um local em que os Caçadores e Coletores de Informações compartilham o butim com a tribo.

A conversa deles se espalhou pelas plataformas. Em 2010, um membro da comunidade do Yahoo criou um grupo no Facebook chamado “VanDwellers: Live in Your Van”,^[20] com uma declaração de missão semelhante registrada em um arquivo de perguntas frequentes:

Trata-se de cuidar, compartilhar, doar conhecimento, formar amizades e ajudar uns aos outros.

O mesmo documento levantava a questão mais espinhosa de participar de uma rede de apoio mútuo cujos membros frequentemente viviam no aperto:

A maioria de nós no grupo é pobre. Quando vem o desastre, em geral, nos deixa sem nada, nem dinheiro, dependendo da gentileza de parentes, amigos e às vezes de desconhecidos. Embora não seja nosso desejo que o grupo se transforme em uma cibertoca de pedintes, de tempos em tempos, quando as pessoas estão falidas e desesperadas, elas vão pedir a ajuda do grupo. Encorajamos você a usar seu senso crítico aqui e decidir o que pode e quer fazer.

No Reddit, uma *thread* chamada “vandwellers” começou em 2010 e cresceu, incluindo mais de 26 mil leitores.^[21] No YouTube, dezenas de pessoas dedicadas ao faça-você-mesmo competiam para serem o Bob Vila dos moradores de vans, exibindo truques para transformar veículos de

passageiros banais em cabanas bem equipadas sobre rodas. Alguns sites compilaram dicas e atualizações de viajantes pelo país, organizando mapas pesquisáveis de lugares acolhedores aos nômades. Um deles, o FreeCampsites.net, registrava locais idílicos na natureza onde os visitantes podem ficar de graça, de pequenos parques municipais a florestas nacionais imensas. Outro, o AllStays.com, localizava empresas que permitem estacionamento noturno, de paradas de caminhões a cassinos, lojas de material esportivo Cabela's e restaurantes Cracker Barrel. Também vendia um aplicativo para smartphone dedicado a "Wallydocking", ou *boondocking* no Walmart.

A Walmart há muito encantava os moradores de RV, deixando que passassem a noite em seus estacionamentos. Alguns acreditam que o fundador Sam Walton, um ávido caçador de aves, começou a tradição em solidariedade aos amantes da vida ao ar livre. Outros pensam que é uma estratégia astuta para capturar mais compradores. Seja como for, os nômades agradecem pelo convite, embora seja frustrante para campings e estacionamentos de RV pagos, que não gostam de perder negócios. A política, porém, não tem vigor em toda parte. Algumas Walmarts localizam-se em cidades que proíbem esta prática. Outras revogaram o privilégio porque os visitantes começaram a abusar das boas-vindas, instalando churrasqueiras e móveis de jardim, construindo acampamentos semipermanentes. Em março de 2015, uma confusão entre a polícia e uma família de oito integrantes de músicos cristãos de Idaho, que estivera morando em seu Chevy Suburban no estacionamento da Walmart Supercenter em Cottonwood, no Arizona, acabou em uma luta pela arma de um policial que deixou um dos viajantes mortos.^[22] Depois disso, a loja passou a expulsar quem quisesse passar a noite. ("É muito triste que alguns

imbecis tenham de estragar um bom acordo para todos”, escreveu o editor do site *RV Daily Report*.)^[23] Algumas Walmarts ficam em uma zona ambígua, lutando para administrar a quantidade crescente de visitantes noturnos — muitos que moram em automóveis — criadas pela economia precária. Food trucks de um grupo assistencial chamado Mobile Loaves and Fishes fazem visitas constantes aos estacionamento da varejista em Austin, no Texas. “Talvez os clientes da Walmart fiquem meio assustados com gente dormindo em seus carros no estacionamento da Walmart”, disse Alan Graham, fundador da organização, a um jornalista da rádio local. “Mas Deus abençoe [a gerência] por continuar a permitir isto.”^[24]

Com milhares de Walmarts por todo o país, como um viajante de olhos cansados pode saber em qual delas é bem-vindo? O aplicativo da AllStays “Walmart Overnight Parking Locator” [“Localizador de estacionamento noturno da Walmart”] marca cada loja nos Estados Unidos e no Canadá com um pequeno ícone de “W”.^[25] Alguns são vermelhos. Quem estacionar ali pode ser expulso ou, pior, rebocado. A maioria é amarela. Um clique neles leva o usuário a relatos de experiência, como o que se segue de uma Walmart em Pahrump, Nevada:

Supercenter nº 5101

Julho de 2015: Fiquei bem em minha van. Vi outras duas vans de viagem.

Maio de 2015: Outro RV. Permissão dada pelo gerente noturno de atendimento ao cliente. Estacionada perto da entrada de caminhões e da primeira ilha de

concreto com árvores. Muitos caminhões de entrega de manhã cedo, então é bom dar muito espaço.

Setembro de 2010: Gerente acolhe o pessoal dos RVs. Fique na extremidade sul do estacionamento com o cuidado de não bloquear os caminhões de entrega.

Os pequenos ícones de “W” e as observações parecem uma versão atualizada de sinais para andarilhos, os signos usados por eles para partilhar conhecimento do lugar no esquema de colaboração coletiva do final do século XIX e início do XX. Inscritos em paredes e portas com giz ou carvão, às vezes entalhados em árvores, os sinais alertavam sobre ameaças — polícia zelosa, cães bravos, água ruim — ou apontavam recursos: local seguro para acampar, dona de bom coração, trabalho disponível.

A proliferação de blogs em meados dos anos 2000 estimulou viajantes solitários a fazer a crônica de suas aventuras para um público amplo, criando microcelebridades. Entre os primeiros e mais prolíficos estava George Lehrer, vulgo “Tioga George”, um sobrevivente do câncer que começou a postar em 2003 quando, em meados de seus sessenta anos, sem renda para pagar por apartamento e comida ao mesmo tempo, mudou-se para uma motorhome Fleetwood Tioga Arrow de oito metros com painéis solares e internet por satélite. Em seu blog, *The Adventures of Tioga and George*,^[26] ele e seu confiável equipamento eram “Os Maiores Vagabundos da História do Mundo” e se aventuravam com um lema agitador: “Nunca pague aluguel!” George postou a seu bel-prazer sobre as viagens com a “srta. Tioga” (seu RV) e sua tripulação de companheiros igualmente antropomorfizados: sr. Sony Mavica (uma câmera), sr. Chips (um computador

desktop), sr. Sunny (um sistema de energia solar), sr. Data-Storm (uma antena de satélite), sr. Dometic (uma geladeira), sr. DeLorme (um sistema GPS) e assim por diante. Em geral, ele escrevia várias atualizações em um dia, de histórias de fazer amizade com companheiros viajantes a combater uma infestação de formigas minúsculas e levar um sacode de policiais corruptos no México, para onde adorava especialmente viajar. Postava relatos detalhados de sua renda e das despesas, inclusive a receita de anúncios do Google. (Em agosto de 2010, bateu 1.300 dólares.) Escreveu de forma comovente sobre o suicídio do filho, David, e lembrou-se de dormir no chão da sala de jantar da casa mínima de David depois que a recessão do início dos anos 1990 destruiu a empresa que empregava George para vender software AutoCAD. Menos de uma década depois de George começar a escrever, seu blog atraía cerca de 7 milhões de visitantes.

Tioga George influenciou uma geração de blogueiros de *boondocking*. Entre eles, Tara Burns, uma profissional do sexo de vinte e poucos anos em um Chevy Astro 98. Seu blog famoso, *Hobo Stripper*, fazia a crônica de como era “viver em uma van e dirigir por todo o país ficando nua em troca de dinheiro”.^[27] Quando não estava viajando entre boates de strip com Bro, seu border collie, ela estava ao teclado, instruindo leitores sobre como vender uma *lap dance* ou como trocar a bomba de fluido do sistema de arrefecimento do motor. Outro site conhecido era *RV Sue & Her Canine Crew*, o blog de Susan Rogers, uma professora de matemática aposentada de sessenta e poucos anos da Geórgia, que dava a Tioga George o crédito por tê-la inspirado a pegar a estrada.^[28] Postando mensagens diariamente de uma van Chevy Express 2005 que rebocava um trailer Casita de cinco metros, ela acumulou seguidores

animados e, em 2012, ganhou as manchetes nacionais quando seu blog ajudou no reencontro de Rusty Reed, um veterano militar que morava em uma picape de capota com pintura de camuflagem, com seu cão pastor mestiço perdido, Timber, no Arizona. Buscando o que ela chamava de “vida de pouco dinheiro e muita experiência” e “viver com menos e desfrutar mais da vida”, Sue tornou-se um modelo para muitos leitores. “Penso em RV Sue como minha fada madrinha do RV”, escreveu um blogueiro que mora em um caminhão e chama a si mesmo de ZenOnWheels. “Pelo humor e pela humildade de Sue, li uma história depois de outra de sua vida diária na estrada e, aos poucos, ao longo de muitos meses, percebi que, sim, eu sem dúvida podia fazer isso também”, acrescentou ele, expressando gratidão por sua “receptividade, gentileza e capacidade danada de boa de contar histórias”.

Como Tioga George, Sue partilhava relatos financeiros que, a começar em 2013, incluíam a renda de anúncios de seu site. No final daquele primeiro ano, não era incomum Sue ganhar mais de mil dólares por mês. Às vezes isto agitava blogueiros menos populares que tentavam monetizar seus posts, com pouco sucesso. (Embora a maioria dos leitores não pareça ter rancor por remuneração a blogueiros viajantes por seu trabalho, é fácil entender por que os anúncios que aparecem em sites minimalistas e anticonsumismo às vezes ficam fora de sintonia. No Cheap RV Living, por exemplo, um post de título “Livrando-se de Coisas” com uma citação de Bertrand Russell — “É a preocupação com as posses, mais do que qualquer outra coisa, que nos impede de ter uma vida livre e nobre” — desafia quando posicionado ao lado de uma coluna de links da Amazon anunciando produtos como um fogareiro portátil de 12 volts e um assento para privada portátil.)

Inevitavelmente, as conversas online entre errantes afins transbordam para reuniões no mundo real. Conforme se encontravam ao redor de fogueiras em florestas e desertos pelo país, os nômades começaram a formar os clãs improvisados que o romancista Armistead Maupin chamou de família “lógica” — em lugar de “biológica”. Alguns até a chamaram de “vanília”. Para alguns, passar as festas de fim de ano juntos tornou-se mais atraente do que se reencontrar com os verdadeiros parentes. Uma cena típica: ceia de Natal em um trecho do deserto árido, como uma paisagem lunar, perto da Interstate 10 na Califórnia, atraindo mais de uma dúzia de veículos, cujos habitantes têm idades que variam dos vinte aos setenta anos. Eles dividem um peru de oito quilos que foi desossado, cortado e assado em duas churrasqueiras portáteis, com acompanhamento de purê de batata, molho de carne e de oxicoco e dois tipos de torta, e até os cães que lamberam os restos dos pratos ficaram saciados.

Grande parte da ação acontecia no Oeste, mas as confraternizações — também conhecidas como GTGs, de “*get-together*” — também se aglutinavam no Leste, de Ohio, passando para Alabama, Geórgia e Tennessee. Quando as pessoas vão em caravana de um lugar a outro, juntas, como as carroças de outrora, montando e levantando acampamento pelo caminho, chama-se um “GTG itinerante”. Em 2011, Bob organizou pela primeira vez o que se tornou uma das reuniões mais aguardadas do ano. O Rubber Tramp Rendezvous, ou RTR,** foi inspirado em parte pelos montanheseiros durões do século XIX, que passavam a maior parte do ano na dificuldade e no isolamento, caçando animais em lugares remotos, mas reunindo-se todo ano em um encontro anual para troca de peles. Realizado em terras públicas no deserto perto da

cidade de Quartzsite, no Arizona, por duas semanas de janeiro, o RTR de inverno era uma chance de os nômades compartilharem habilidades e histórias, fazerem amigos e orientarem recém-chegados no estilo de vida. Aspirantes a moradores de vans às vezes apareciam com barracas ou vans emprestadas para aprender tudo que pudessem antes de eles mesmos meterem o pé na estrada. O evento era gratuito e o convite era feito principalmente na base do boca a boca.

Para esta comunidade, fazer um esforço de se reunir pessoalmente não é banal. Os membros passam grande parte do ano espalhados pelo país. Em geral, não têm dinheiro para a gasolina necessária para dirigir direto por longas distâncias. E muitos se consideram solitários. Entre os eremitas, RV Sue cultivou uma reputação particularmente solitária, pedindo aos leitores de seu blog para não aparecerem sem avisar nos locais onde acampa, explicando que “blogar me cai bem porque posso interagir com todo tipo de gente interessante sem ter de realmente conhecê-las”. Alguns de seus fãs escreveram sobre passar por um conhecido Casita de cinco metros durante suas viagens — até perceber a quem o trailer pertencia e imediatamente partir na outra direção.



Bob Wells segura um mapa de parques nacionais durante uma palestra sobre *boondocking* no Rubber Tramp Rendezvous.

Alguns que comparecem ao Rubber Tramp Rendezvous estacionam propositalmente na margem mais distante da área de acampamento, enquanto outros só conseguem lidar com a companhia humana em pequenas doses e ficam por pouco tempo, e não pelas duas semanas inteiras. Quando Swankie chegou a uma sessão de RTR com uma camiseta que dizia “Introvertidos Unidos: Estamos Aqui, Estamos Desconfortáveis e Queremos Ir Para Casa”, recebeu sorrisos e gestos afirmativos de reconhecimento o dia todo.

Cada vez mais, Bob Wells se via como o coordenador social *de facto* deste bando crescente de isolados. Depois que o encontro se dispersava todo ano, alguns começaram a migrar com Bob para seu próximo local de acampamento. (Muitas áreas públicas de acampamento, inclusive onde o RTR acontece, impõem um limite de catorze dias; quando este expira, é preciso se mudar para um novo local a pelo

menos quarenta quilômetros de distância.) Bob os acolhia e eles estacionavam a uma distância respeitosa, para lhe dar espaço. Quando um leitor do blog notou que as pessoas passaram a seguir Bob por aí e se referiu a elas, ironicamente, como suas “discípulas”, ele brincou: “Apesar de eu me esforçar ao máximo com controle da mente, lavagem cerebral e manipulação, ainda não tenho nenhum discípulo!”

Mas o tom de Bob nem sempre era tão animado. Em uma conversa mais séria com um leitor, ele escreveu: “Acho que você tem razão, muita, muita gente mesmo será obrigada a ter uma vida mais simples. Meu objetivo é ajudá-las a fazer a transição com a maior facilidade possível e, com sorte, um dia encontrar a alegria nisso, como tantos de nós encontramos.”



AO NAVEGAR PELO CHEAPRVLIVING.COM, absorvendo as histórias de vidas transformadas, Linda teve uma revelação. “Putaquepariu!”, pensou. “Se eles podem fazer isso, certamente eu também posso.” Bob fazia com que a extrema frugalidade parecesse um caminho para a liberdade: a libertação em vez da privação. Ou, nas palavras de Linda: “Viver uma vida de plenitude com o que você tem.” Além disso, mesmo como viajante solo, estava claro que ela nunca ficaria verdadeiramente sozinha — havia todo um bando de errantes para encontrar, inclusive muitas mulheres sós, mais ou menos de sua idade, que também estavam na estrada. Juntos, eles eram uma subcultura, formando seus próprios costumes, experimentando com estratégias de sobrevivência e divulgando as melhores, escrevendo uma cartilha para a vida na fração inferior da economia. Esse

tipo de companheirismo era importante para Linda. “Sou uma pessoa sociável”, explicou ela. “Acho que não quero ficar aí fora sozinha, solitária e deprimida, só sobrevivendo. Minha vida pode ser empolgante, satisfatória e criativa.”

Linda começou a sonhar com o veículo certo e procurá-lo na *Craigslist*. Viu dezenas de anúncios e encontrou um forte candidato, mas ainda não tinha dinheiro suficiente para a compra. Então seu neto mais velho, que é autista, acabou comprando para ele mesmo, seduzido pela promessa de aluguel barato: 500 dólares por mês, mais eletricidade, por um espaço em um estacionamento de RV que não ficava muito longe da casa dos pais e dos três irmãos. Linda ficou feliz ao vê-lo fazer isso, porque ele tinha poucas opções para viver de forma independente. “Meio expediente no Burger King não dá dinheiro bastante para se viver”, disse ela, com segurança.

Até que veio um golpe de sorte. Collin, o genro de Linda, trabalhava com vendas para uma empresa de armazenamento comercial que instalava de tudo, de armários de armas e provas policiais a arquivos de museus, em geral contratada pelo governo. Ele notou uma lacuna nos planos para um projeto próximo em um hospital do Departamento de Veteranos. Placas novas apareciam por toda a instalação, mas não organizaram nenhuma preparação: arrancar as antigas placas, consertar e pintar as paredes por baixo. Então a filha de Linda, Audra, assumiu o trabalho e delegou parte da tarefa a ela. “Cinquenta dólares por hora para pintar e preparar o hospital foi uma bênção e tanto para mim”, recorda-se Linda. Em dois meses, ela havia acumulado 10 mil dólares.

Em abril de 2013, Linda estava dando uma olhada na *Craigslist* quando viu uma motorhome El Dorado 1994 com listras pretas e azuis petróleo. Com apenas 46 mil

quilômetros no odômetro, o RV de 8,5 metros devia valer uns 17 mil dólares. O preço pedido, porém, era de apenas 4 mil.

Empolgada, Linda marcou um encontro e levou uma amiga para ter apoio moral. Juntas, elas examinaram o RV. O exterior estava em condições razoáveis, tirando pneus apodrecidos e uma cratera do tamanho de uma bola de futebol americano no desvão acima da cabine, do lado do carona. Tinha sido remendada com uma massa de calafetagem que parecia pasta de dente seca. (“Essa massa não precisava estar ali”, refletiu Linda. “Não sei o que ele estava pensando. Chamamos isso de ‘abuso de material de construção’.”) O dono explicou que vinha dirigindo em uma estrada abaulada — alta no meio e baixa nas laterais, que faz o veículo virar para fora — quando bateu em um poste telefônico inclinado para dentro.

Abrindo a porta do RV, Linda foi atingida por um odor rançoso e bolorento. Mantas de geomembrana e compensado cobriam o chão. As paredes eram cobertas de mais plástico do tipo de saco de lixo. *Danos pela água*, ela pensou e suas esperanças despencaram. Mas, enquanto examinava mais atentamente o interior, ela percebeu que o cheiro ruim vinha do chuveiro, que tinha um buraco que não seria difícil de consertar. O resto estava impecável, de um quarto aconchegante no fundo a uma saleta de jantar ao lado da cozinha. O estofamento, as persianas e o carpete pareciam ótimos; ela atribuiu ao dono uma personalidade obsessiva, de alguém que nunca entrava no RV sem antes tirar os sapatos. Comparado com algumas vans sobre as quais ela andava lendo, aquele lugar era o Ritz Carlton. O gerador estava quebrado, mas quase todo o resto funcionava, inclusive a descarga da privada, o que a deixou feliz. (Embora tenha lido sobre moradores de van que

ferravam baldes de vinte litros com plástico para usar como privadas portáteis, Linda já decidira que aquilo não servia para ela.)

Linda sentiu seu otimismo voltar. Depois uma voz conhecida se intrometeu. “Ah, não, você não pode. *Não pode* consertar isso”, disse a amiga. Mas era tarde demais. Linda já havia se decidido. “Ah, sem essa, dona ‘*Eu não posso!*’”, retrucou. “Meu lema é ‘*eu posso, sim!*’”

Linda comprou o RV. Consertou o chuveiro, abolindo o cheiro estranho. Não mexeu na cratera preenchida com massa acima da cabine — embora não fosse atraente, por enquanto parecia aguentar. Os pneus não podiam esperar, então ela gastou 1.200 dólares em sua troca. Era uma grande despesa, mas Linda investia em seu futuro — sua liberdade — e já lhe ocorrera algumas ideias sobre como manter o dinheiro entrando depois que pegasse a estrada.

Bob tinha blogado sobre as três temporadas que passou trabalhando para a California Land Management como recepcionista de camping na Floresta Nacional Sierra. Seguindo esta dica, Linda se candidatou na mesma empresa e pegou um bico perto de Yosemite. “Nem consigo acreditar na facilidade com que se consegue um trabalho em um RV”, ela mais tarde refletiu. Certa vez, Linda esperou seis meses por uma vaga na Home Depot em San Clemente, e foi graças a uma transferência. O etarismo, ela sabia, podia tornar dolorosamente difícil encontrar um novo emprego nos últimos anos de vida, mas quem contratava itinerantes para trabalho temporário não parecia ler o mesmo roteiro de outros empregadores. “Se você tiver um RV, entre na internet e conseguirá um trabalho em seis segundos”, ela se admirou.

Linda também virou fã do *Jimbo’s Journeys*, o blog de Jim Melvin,^[29] um antigo vendedor de eletrodomésticos de

Lowe, de seus sessenta e muitos anos, com um bigode branco de vassoura. Depois que percebeu que nunca conseguiria se sustentar com a aposentadoria no estado natal da Califórnia, Jim partiu em um RV Lazy Daze azul-claro e branco de 1992, citando Tioga George como inspiração. Viajou entre trabalhos temporários, primeiro sozinho, depois com Chica, uma chihuahua esfomeada e perdida que andou até seu RV em um estacionamento de trailer e foi declarada a “alma gêmea” de Jim. Jim fez muitos tipos de trabalho: zelador na Piney Ridge RV Estates no Texas enquanto as temperaturas de julho passavam de 37 graus; recepção de camping no Ochoco Divide Campground, no Oregon central; fritando hambúrgueres no Tempe Diablo Stadium, no Arizona, durante o treinamento de primavera dos Los Angeles Angels; e se unindo à CamperForce no depósito da Amazon.com em Fernley. Ele descreveu o último destes trabalhos como o mais difícil que já fez. Para aguentar, tomava dois Aleve por dia. As dores persistiram por meses. Mas pagava mais do que os outros bicos e ele gostava do convívio com os companheiros de RVs que trabalhavam lá. “Conheci muita gente divertida e muito simpática”, escreveu. “Se voltaria no ano que vem? Pode apostar seu mindinho!!!”

Linda decidiu se candidatar à Amazon também. A empresa oferecia 50 dólares de bônus de indicação, então ela pôs o nome de Jim. “Graças a deus pelos blogueiros, cara”, disse ela. “Dá para imaginar? Não tínhamos isso quando éramos jovens. Se você precisasse de alguma coisa, era assim: ‘Seu vizinho sabe? De onde você tira esta informação?’ Você não teria sabido desta comunidade, a não ser que conhecesse alguém dela.”

Se Linda sobrevivesse a trabalhos temporários consecutivos como recepcionista de camping e no depósito

da CamperForce, imaginava que talvez pudesse tirar uma folga depois e viver do seguro-desemprego por um tempinho. Ela também poderia fazer uma viagem ao Rubber Tramp Rendezvous para encontrar sua nova comunidade, a família a que se unira, mas ainda não conhecera.

Quanto aos parentes verdadeiros de Linda, eles deram apoio quando ela anunciou seus planos. “Isso parece tão emocionante!”, disse Audra. Ela insistiu que Linda precisaria de um smartphone para ficar conectada e se propôs a cobrir as contas no plano da família. “Vamos cuidar para que tenha um bom pacote de dados”, acrescentou Collin.

Será que tudo isso daria certo? Não havia como saber. Mas uma coisa era garantida: a vida de Linda estava prestes a mudar e, por ora, isso bastava.

* Tomei meu primeiríssimo banho em parada de caminhões de graça durante o inverno de 2014-2015, na Pilot em Quartzsite, Arizona. Saí de minha van levando sabonete, xampu e chinelos em uma sacola plástica, entrei para pagar e devo ter feito uma careta quando soube que custaria 12 dólares. Um caminhoneiro na caixa registradora a minha direita passou seu cartão de recompensas pelo balcão e disse ao caixa para computar meu banho. “Senhor, percebe que, se usar seu cartão agora, só poderá usar novamente em 24 horas?”, perguntou-lhe o caixa. O motorista levantou os cotovelos e cheirou cada axila — primeiro a esquerda, depois a direita — e deu de ombros. “Iiiih, já faz uma semana”, disse ele.

** Quando compareci a esta reunião em 2013, havia cerca de sessenta habitantes móveis ali; quatro anos depois, em 2017, estimava-se que eram quinhentos veículos.



Parte dois

CAPÍTULO CINCO

Amazon Town^[1]

EM JUNHO DE 2013, Linda completou 63 anos e dirigia o RV El Dorado que comprara na Craigslist até o Junction Campground, a três quilômetros da entrada leste do Parque Nacional Yosemite. Era ali que começaria sua nova vida de *workamper* — cercada por campinas de flores silvestres, regatos cintilantes e grupos de pinheiros *P. contorta* e de casca-branca, com o revigorante ar da montanha e paisagens de cartão postal dos picos cobertos de neve da Sierra. Como empregada pela primeira vez da California Land Management, ela trabalharia trinta horas por semana a 8,50 dólares por hora. (Com este salário, mesmo que Linda convencesse seu empregador a lhe dar o horário integral, quarenta horas por semana o ano todo — e não tirasse férias nunca —, seu salário anual seria de 17.680 dólares, sem benefícios.)

Linda estava apenas a meio dia de viagem de carro da Home Depot em Lake Elsinore, onde fora caixa, mas a natureza parecia inteiramente remota. Este novo emprego de recepcionista de camping era a antítese de cuidar de uma fila de caixa sob as luzes claras de uma loja de departamento. Não era nada parecido com os trabalhos que fizera em restaurantes, obras, cassinos ou escritórios, todos os outros lugares onde trocara tempo por dinheiro. O melhor de tudo é que ela seria paga e moraria sem pagar aluguel.

Embora a vaga de camping não tivesse instalações de serviços públicos, o supervisor lhe emprestou um gerador e despachava um caminhão-pipa toda terça-feira para encher o tanque de duzentos litros do RV. Suas despesas agora se reduziam a mantimentos, diesel para o gerador e propano para o fogão. Linda ficou extasiada.

O Junction Campground não era muito exigente. Suas treze vagas de camping eram ocupadas por quem chegasse primeiro — eliminando o tormento das reservas e da papelada resultante, que consumiam tempo — e só havia duas latrinas para limpar. Assim, em parte da estadia, Linda concordou em cuidar de outro camping pequeno, no vizinho Tioga Lake.

Linda adorava o aspecto social do trabalho: bater papo com as pessoas de férias. Um de seus visitantes preferidos era um alpinista solitário de 69 anos que ela conhecia como “sr. Brown”. Ele subia rotas populares por todo Yosemite, examinando a face rochosa à procura de âncoras ali presas por décadas e que começavam a corroer. Como estas âncoras prendem as cordas de segurança dos alpinistas, as consequências podem ser fatais quando elas quebram. Sempre que o Sr. Brown encontrava uma ferragem com problemas, arrancava e instalava outra nova. Ele disse a Linda que vinha fazendo isso havia quinze anos. “A mochila que ele carregava”, ela se admirou. “Ah, meu deus! Que monstro era aquilo.” Embora ela apreciasse a generosidade e o vigor dele, também se preocupava com o homem. “Não tem medo de morrer numa queda?”, perguntou. “Aaah, não não”, respondeu o sr. Brown em um resmungo escarpado de montanhista. “Sei o que estou fazendo.”^[2] Outros dois campistas que Linda conheceu no trabalho, Billy e Helene Outlaw — o sobrenome era verdadeiro —, eram moradores septuagenários de RV. Quando falaram que procuravam por

trabalho de recepção de camping, Linda os apresentou aos chefes. Logo eles tinham assumido seus deveres em Tioga Lake. Mais ou menos na mesma época, Linda aprendeu que recepção de camping não servia para todo mundo. Um dos colegas de trabalho, um antigo patrulheiro de fronteira, insistia em fazer as rondas diárias com uma arma de fogo. “Ele decidiu que não podia existir sem uma arma”, explicou ela. “Mas o recepcionista de camping não pode andar armado. Ninguém na floresta nacional aceita um recepcionista armado. Precisaram dispensá-lo.”

O verão de Linda perto de Yosemite passava tranquilamente até meados de agosto. Foi quando investigadores acreditaram que um caçador solitário com arco e flecha usava galhos e agulhas de pinheiro para montar uma pequena fogueira — ilegal na época — para esquentar sopa e queimar lixo de sua mochila. Ele estivera procurando cervos no remoto Clavey River Canyon da Floresta Nacional Stanislaus, oitenta quilômetros a oeste do Junction Campground. Quando as brasas foram sopradas para os arbustos secos, começou o terceiro maior incêndio florestal da história da Califórnia. Nos dois meses seguintes, o incêndio conhecido como Rim Fire incinerou uma área com mais de dezessete vezes o tamanho de Manhattan.^[3]

Em setembro, com a fumaça adensando o ar em seu camping, era hora de Linda se mudar. Ela se despediu, depois dirigiu para o norte, a Fernley, para se juntar à CamperForce da Amazon — o segundo trabalho de *workamping* a que se candidatara. Os estacionamentos de trailer perto do depósito já estavam abarrotados e completamente reservados por trabalhadores itinerantes; o espaço era tão apertado que, na orientação, instrutores da Amazon disseram a membros da CamperForce que a empresa pensava em comprar um terreno vizinho para

construir seu próprio estacionamento de trailers. Linda não tinha feito reserva, pois passara a maior parte do verão sem celular e serviço de internet. Trinta e sete quilômetros ao sul do depósito, ela encontrou o Sage Valley RV Park: uma área de cascalho cercada à beira da Highway 50 em Fallon, Nevada, pontilhada de choupos e perfumada com o fedor de pastos próximos. Também fora inteiramente reservado pela CamperForce, mas ela convenceu um gerente solidário a lhe abrir uma vaga.

Antes que começasse o pico da temporada de remessas de 2013, a Amazon tinha soltado a última rodada de boletins digitais para possíveis trabalhadores. A primeira página da edição de junho dizia: “CamperForce: O Valor da Amizade.”^[4] Ecoando o tom animado dos folhetos de recepção de camping, fazia com que o trabalho braçal pesado parecesse um acampamento de férias. “Um benefício que vale seu peso em ouro é o de formar amizades duradouras!”, dizia com entusiasmo. “Embora a recompensa monetária seja uma parte importante do motivo [para trabalhar], a amizade fica muito perto do topo! Todo ano ouvimos histórias sobre amizades e relacionamentos que são feitos e continuarão depois que o ‘Desfile de Lanternas Traseiras’ deixa a Amazon.”

Isto contrastava com a edição de março. Em uma seção chamada “Preparando-se para Fazer História em 2013!”^[5] ela recomendava um regime preparatório de condicionamento físico e abordava alguns desafios do envelhecimento:

Preparar-se física e mentalmente será a chave para seu sucesso em uma temporada de pico na Amazon. Qualquer coisa que dissermos será pouco para enfatizar a importância de chegar à Amazon

fisicamente preparado. Se você não se exercitou regularmente, consulte seu médico sobre um programa de condicionamento, depois exercite-se! Aqui está uma sugestão de baixo custo: saia para caminhar! Caminhar é uma ótima forma de se exercitar. Não custa nada e é mais tranquilo para as articulações do que outras formas de exercício. Antes de sair, aqueça os músculos, fazendo alongamento. Os especialistas dizem que, à medida que envelhecemos, a estrutura de colágeno em nossos corpos muda, reduzindo a flexibilidade e o alcance dos movimentos.

A edição de abril falava ainda de alguns aspectos psicológicos do trabalho. Sob a manchete “O Que Esperar de Suas Primeiras Semanas no Programa CamperForce da Amazon”,^[6] dizia:

Suas primeiras semanas na Amazon podem intimidar um pouco. O tamanho das instalações, as siglas que parecem ser de outra língua, os scanners de mão que agem como se tivessem mente própria, tudo isso contribui para aquela sensação de sobrecarga...

Enquanto isso, o tratamento da Amazon aos trabalhadores do depósito vem ganhando as manchetes desde 2011. Foi quando uma investigação do jornal *Allentown Morning Call* revelou que eram condições de exploração. Quando a temperatura no verão passava de 37 graus dentro do depósito da empresa em Breinigsville, Pensilvânia, os gerentes não abriam as portas do setor de carga por medo de roubos. Em vez disso, contratavam paramédicos para esperarem do lado de fora em ambulâncias, prontos para retirar empregados com

hipertermia em macas e cadeiras de rodas, descobriu a investigação.^[7] Também diziam aos trabalhadores que eles eram pressionados a cumprir metas de produção cada vez maiores, uma estratégia coloquialmente conhecida como “gestão por estresse”. A Amazon monitora a produtividade em tempo real, analisando dados dos scanners em rede que os empregados usam enquanto se deslocam e selecionam mercadorias.^[8] Laura Graham, membro da CamperForce que trabalhou como selecionadora no depósito de Coffeyville, no Kansas, disse-me que, sempre que passava o scanner em um produto, começava uma contagem em sua tela. Indicava quantos segundos tinha para alcançar o item seguinte, como quem avança ao próximo nível de um jogo. Seu progresso para as metas horárias também era acompanhado. Quando um tropeço acidental no corredor errado a deixou mais de cinco minutos atrasada no cronograma, apareceu um supervisor para repreendê-la. (Além da pressão mental, o corpo de Laura se rebelou contra as exigências do dispositivo, que dirigia como Laura andava de 15 a 35 quilômetros por dia em concreto no complexo de 85 mil metros quadrados por 11,25 dólares por hora. “Não há nada que descreva o tormento, fisicamente”, disse-me ela. “Comecei com umas dores muito fortes nos arcos dos pés... era fascite plantar.” Não ajudou trocar as palmilhas dos sapatos. Para suportar, ela tomava dois comprimidos de ibuprofeno na metade do turno da madrugada, que ia de 17h30 às 3h30, e mais dois no fim. Nos dias de folga, tentava não usar os pés e ficava deitada na cama, a não ser para ir ao banheiro e ao chuveiro.)

LINDA, PORÉM, NÃO SE intimidou com nada que ouviu sobre os depósitos. Nem estranhava o trabalho braçal e árduo. “Trabalhei na construção civil e fui garçonete, um trabalho mais difícil do que numa obra”, recordou-se ela. “Com o que eu me preocuparia?” Além disso, Linda tinha acabado de concluir a recepção em camping mais de 2.500 metros acima do nível do mar. Em termos de entrar em forma, ela imaginava que isso devia contar para alguma coisa.

Quando começou a primeira semana, Linda sentou-se durante as oficinas de orientação e segurança. Soube que fora designada para ser “estoquista”, alguém que guarda nas prateleiras as mercadorias que chegam. Para aprender as particularidades do trabalho, ela foi ao que a empresa chama de “escola de processo”.

Os estoquistas empurram carrinhos carregados de engradados amarelos de plástico — conhecidos como “totes” —, cheios de itens recém-chegados, pelos corredores de prateleiras no estilo biblioteca onde a Amazon armazena as mercadorias. (No jargão da empresa, estas áreas são chamadas de “módulos de seleção”.) Cada prateleira é separada por divisórias de plástico em unidades chamadas “cestos”, e os estoquistas estão constantemente procurando por cestos com espaço livre para descarregar seus produtos. Quando coloca um item na prateleira, o estoquista deve apontar o scanner de mão para um código na frente do cesto e também para o produto que será colocado ali. O processo é lento, porque mandam os empregados distribuírem itens idênticos que chegaram no mesmo carregamento por diferentes cestos, espalhando-os, em lugar de mantê-los agrupados. Isto torna o trabalho mais eficiente para os “selecionadores”, trabalhadores que disparam pelos corredores pegando produtos para atender aos pedidos dos clientes. “É esquisito!”, disse Linda,

lembrando-se do sortimento heterogêneo de itens que podem dividir o mesmo cesto. “Fluido de freios, fórmula infantil, sombra para os olhos, um livro, fita adesiva... fica tudo ali.”

Depois de sua apresentação à estocagem, Linda terminou a primeira semana com o que a Amazon chama de “endurecimento do trabalho”: uma série de períodos de meio dia para aclimatar os recém-chegados a andar em concreto, assim eles conseguirão fazer isso por dez horas ou mais quando terminar o período de orientação. Linda requisitou o turno da noite, porque o salário por hora era 75 centavos mais alto, levando-o a 12,25 dólares por hora, mais horas extras. “Eu queria todo o dinheiro que pudesse arrumar”, disse Linda. Quando começou seu horário completo, ela trabalhou das 18h00 até as 4h30, com dois intervalos de 15 minutos, além de trinta minutos para uma refeição rápida. “Eu dormia o dia todo”, acrescentou ela. “Isso muda a sua vida.” Depois de se levantar no início da tarde, em geral tinha uma janela de três horas para cuidar de suas tarefas, preparar um almoço para viagem e passear com os cães pelo Sage Valley RV Park. Depois ela fazia a viagem de 25 minutos de volta ao depósito.

Quando cada turno começava, Linda vestia um colete refletor laranja e um cordão com seu crachá de segurança, pegava uma bateria recém-carregada para o scanner de mão e ia ao “suporte” — uma reunião em que os trabalhadores faziam alongamento enquanto os supervisores recitavam metas de produtividade. Em seguida, ela ia para o salão, passando o scanner em códigos de barra UPC enquanto guardava milhares de produtos nas prateleiras. “Você tem um carrinho com catorze engradados de porcaria chinesa”, ela me disse. “Uma das partes deprimentes era que eu sabia que todas aquelas coisas iam

parar em um aterro sanitário.” Esta parte a desmoralizava. “Você pensa em todos os recursos que a coisa exigiu para chegar lá”, refletiu. “E depois é ‘Use e jogue fora’.” O trabalho era cansativo. Além de andar de um lado a outro de corredores intermináveis, ela se abaixava, se levantava, se agachava, estendia o braço e subia e descia escadas, o tempo todo atravessando um depósito com o tamanho aproximado de treze campos de futebol americano. O lugar era tão imenso que os trabalhadores usavam os nomes dos estados para navegar por seu vasto interior, chamando a metade oeste de “Nevada” e a leste de “Utah”.

No início de outubro, depois das duas primeiras semanas de Linda no trabalho, ela postou no Facebook: “Se eu sobreviver a isto, ficarei em ótima forma. Não paro de pensar em *The Biggest Loser*” (referindo-se à competição de perda de peso da televisão). “Se eles conseguem, eu também consigo.” Ela também repetia a si mesma um mantra que aprendera com os Alcoólicos Anônimos: “Não desista antes de acontecer o primeiro milagre.”

A essa altura, Linda estava sóbria havia mais de duas décadas. Quando mais jovem, travou uma luta que parecia quase inevitável — o gosto pela bebida estava gravado nos genes da família e, mesmo que não estivesse, o pai alcoólatra de Linda parecia decidido a passar a característica adiante. Mais para o final dos anos de ensino médio de Linda, ele a apresentou a coquetéis de gim que preparava no liquidificador toda noite, com limão fresco e açúcar. Ele e Linda ficavam acordados até tarde, bebendo e conversando. Ele começara a jogar no mercado de ações e tentava lhe ensinar sobre finanças; ela o achava um gênio. Eles desenvolveram uma rotina matinal. Ele abria a porta do quarto dela. “Vai à escola?”, perguntava. “Estou de

ressaca”, ela gemia. “Ah, coitadinha!”, respondia ele, fechando delicadamente a porta.

Quando adulta, Linda tornara-se uma alcoólatra muito ocupada, bebendo cada vez mais, apesar de manter um desempenho impressionante na vida. Em certo momento, começou a tomar um pouco de metanfetamina — não tanto pela onda rápida, mas porque permitia que consumisse uma quantidade ainda maior do álcool que precisava para se embriagar.

Linda tentou parar e teve algumas recaídas. Mas, depois de uma noite inteira de bebedeira, não suportou mais. Voltou para casa por volta das seis da manhã. Os filhos a olharam mudos quando ela entrou. “As carinhas deles contavam a história... a decepção”, recordou-se Linda. “É horrível esperar que alguém chegue em casa. Você espera que cheguem em casa e eles não chegam. Não é uma coisa boa de se fazer com aqueles que você ama.”

Depois disso, Linda voltou a se dedicar a parar com um vigor renovado. Desta vez, deu certo. Quando tinha receio de escorregar entre as reuniões do AA, ligava para o padrinho. Estranhamente, foi assim que ela aprendeu algumas das mesmas técnicas que a ajudaram a persistir pelos longos turnos na Amazon. Especializou-se em se concentrar no desafio que tinha imediatamente à frente, processando problemas maiores em pedaços pequenos até sentir que podia lidar com tudo.

“Já lavou a louça? Tudo bem. Vá lavar a louça, depois me ligue de novo”, dizia o padrinho. Linda lavava os pratos e os copos até brilharem, depois voltava a telefonar. “Já arrumou a sua cama?”, era a pergunta seguinte. Linda fazia isso também. E assim por diante, até passar a crise.



LINDA NÃO ERA A ÚNICA que enfrentava dificuldades no depósito. Em 1º de outubro, a Administração de Saúde e Segurança Ocupacional (OSHA, na sigla em inglês) de Nevada recebeu uma queixa sobre trabalhadores com lesões nas costas por levantarem caixas pesadas.^[9] Uma semana depois, dois fiscais foram às instalações de Fernley. Analisaram o registro de lesões da empresa e andaram pelo depósito, acompanhados pelos gerentes da Amazon. A visita não levou mais de quatro horas. O caso foi encerrado naquele mesmo dia, com um relatório oficial que concluía: “As instalações têm numerosas lesões por esforço, inclusive nas costas, mas nada fora da norma para um ambiente de trabalho deste tipo.”

Além do esforço físico, Linda disse que seu maior desafio era o tédio. Ela fazia jogos mentais para dividir as horas. “Só vou ficar mais cinco minutos aqui, depois vou embora. Estou saindo. Acabou!”, ela dizia sem parar a si mesma. Era assim que suportava até duas horas antes do nascer do sol, quando terminava o turno. Depois ela e os colegas de trabalho batiam o ponto e saíam do prédio por uma estação com detectores de metal e seguranças, parte da estratégia antirroubo da empresa. (Mark Thierman, um advogado de Reno, representou um grupo de trabalhadores temporários dos depósitos de Fernley e Las Vegas da Amazon que alegavam que a empresa lhes devia salário pelo tempo que passavam esperando na fila para passar pelas estações de segurança, até trinta minutos por dia. Embora a Nona Corte de Apelações dos EUA tenha decidido a favor deles em 2013, a Suprema Corte anulou esta decisão no ano seguinte.)^[10]

Apesar do tédio, Linda era agradecida por uma parte de seu trabalho. “A melhor coisa era a camaradagem”, disse ela. “Fiz amigos ali.”

Foi na Amazon que Linda conheceu Sylvianne, a astróloga que mais tarde trabalharia com ela como recepcionista de camping nas montanhas de San Bernardino. Antes de chegar a Fernley para a CamperForce, Sylvianne escrevera em seu blog:

Cena 1: Saindo do norte do Novo México e indo ao norte de Nevada para um trabalho de *workamping* temporário como associada de depósito do baluarte online do Império Consumidor do Mal, enfrentando uma aventura temporária na barriga-da-fera. Um passo drástico, mas necessário para financiar os primeiros estágios da jornada...

Sylvianne era uma das vizinhas de Linda no Sage Valley RV Park. Ali ela costumava passear com Layla, sua gata, usando uma coleira com arnês cor-de-rosa. O hábito fez dela uma espécie de celebridade local. Mesmo no depósito, as pessoas se aproximavam e perguntavam: “É você que passeia com a gata, não é?”

Como Linda, Sylvianne era estoquista no turno da noite. Ela se descrevia como uma personalidade do tipo A, perfeccionista e obsessiva, e achava o trabalho enlouquecedor. Os cestos viviam cheios. Não havia espaço para as coisas, nem um jeito de trabalhar bem, e isso fazia o depósito parecer uma versão do castelo de Kafka projetada para torturar perfeccionistas. Sylvianne estivera vendo *Orange Is the New Black* e se viu comparando a vida das prisioneiras com a própria. No início, chorava duas ou três vezes por semana. (“Sou emotiva”, explicou ela. “Era tão constrangedor. É porque me importo muito.”) Suas costas doíam o tempo todo, o que era novo — além de uma ou duas pontadas em seus dias de bufê, isso nunca a havia

incomodado. E ela era uma entre os muitos trabalhadores que tinham problemas com choques de estática. Empurrar um carrinho cheio de engradados de plástico pelo depósito parecia criar carga, explicou ela depois. Certa vez, ela o empurrou por uma série de estantes de metal e tentou estocar um livro na última prateleira. Sua mão roçou o metal e uma descarga subiu pelo braço, que se retraiu por reflexo, fazendo o livro voar em sua cara. Isto a deixou com o lábio inchado e a gengiva sangrando. O livro tinha caído de capa para o chão. Quando ela olhou, a fotografia de um monge tibetano lhe sorria da contracapa. “Este é o senso de humor de minha deusa”, ela refletiu mais tarde. (Este problema não era novo. Os empregados de Fernley entravam com queixas formais por levarem choques das prateleiras havia dois anos quando Silvianna ingressou na CamperForce. Durante as inspeções de segurança conduzidas pelo departamento estadual, gerentes da Amazon disseram que sabiam do problema e tinham aterrado as estantes a para-raios, além de instalar ouropel nos carrinhos para ajudar a descarregar eletricidade. Como os choques continuaram, eles passaram no chão um produto chamado Staticide. Um representante da empresa declarou que isto “reduziu a ocorrência de choque estático nos empregados”. Os inspetores não pediram mudança nenhuma.)^[11]

Linda também fez amizade com Jen Derge e Ash Haag, um casal de vinte e muitos anos que tinha chegado ao Sage Valley no início de outubro. Elas moravam na Manatee, uma van de teto alto GMC azul marinho e branca de 1995, comprada no caminho para Nevada por 4.500 dólares. O vendedor tinha dado um desconto de mil dólares do preço pedido. Depois de ter o veículo em sua vaga por seis meses, queria que fosse embora.



Jen Derge e Ash Haag posam com sua van, a Manatee.

Jen se lembrou de como Linda as convocou pela primeira vez a sair da van para dar um oi, e que ela passara correndo com chamados de “panquecas, panquecas!” para anunciar que preparava café da manhã suficiente para dividir com os outros. “Sabe como é a Linda”, disse Jen. “Ela é o eixo social!” Quando Ash esperava por uma carta especial da sobrinha — endereçada “À titia, srta. Jen e Van” —, foi Linda quem soube pela recepção do estacionamento de RV que a carta tinha chegado. “Então Linda entra de rompante no banheiro e fala ‘Você está aí?’ e eu digo ‘Sim!’ e ela fala assim: ‘O que está fazendo?’ E eu digo, ‘Estou em um momento particular, Linda!’”, recordou-se Ash. “Ela fala: ‘Tem correspondência para você!’ Eu a amo.”

Antes de se tornarem nômades, Jen e Ash alugaram uma casa juntas em Colorado Springs, onde ambas lutaram com períodos de depressão e ficaram cada vez mais desencantadas com as perspectivas de emprego.

Jen foi criada vendo os pais trabalharem no King Snoopers — um mercadinho que pertence à rede de supermercados Kroger —, um emprego que o pai detestava. “Queremos o melhor para vocês, crianças”, eles sempre diziam, exortando-a a fazer faculdade. A independência era importante para Jen. No ensino médio, começou a trabalhar como empacotadora e atendente no mercadinho por 6 dólares a hora. Mais tarde, conquistou um diploma técnico, por um programa de bolsas. Contudo, não via sentido em continuar. “É a mesma história em todo lugar”, disse ela. “Você vê todos os seus amigos que fizeram, no mínimo, o bacharelado e eles não conseguem um emprego. Então não vejo motivo para voltar, embora adore estudar. Só a parte financeira disto, entrar em dívida... A ideia me assusta tanto que não quero fazer.”

Jen aceitou empregos em uma loja de artesanato e em alguns sebos de livros, depois tornou-se assistente de bibliotecária escolar. Neste papel, acabou trabalhando para a administradora de software de biblioteca do maior distrito em Colorado Springs. Jen adorava o cargo. “Era muito divertido, me comunicar com todos aqueles bibliotecários, entrar em seus computadores e mostrar a eles todas as coisas legais”, disse ela. Mas logo ficou claro que a chefe, que tinha mestrado, era empurrada para a aposentadoria, enquanto Jen assumia o mesmo nível de trabalho por um salário muito menor.

“A geração mais velha que tinha diplomas avançados... estavam eliminando essas pessoas e colocando técnicos naqueles cargos. É muito triste para as pessoas que têm esses diplomas e se esforçaram tanto por eles”, disse Jen. “Senti que eu traía minha chefe ao aceitar seu emprego, porque ela era uma mulher incrível.”

Ao mesmo tempo, Jen imaginou que nunca conseguiria um emprego como o que a chefe tinha — estava sendo reclassificado a um cargo inferior —, quer voltasse ou não à faculdade. “Por que fazer faculdade quando a força de trabalho tinha apenas cargos de entrada?”, ela refletiu.

Enquanto isso, Ash tinha visto os próprios pais caírem da classe média depois que o pai, engenheiro eletricista com um salário de seis dígitos, foi demitido em 2001. Ele era orgulhoso demais para aceitar um emprego de remuneração menor, pelo menos antes que as finanças da família se esgotassem. Acabou dirigindo ônibus escolares e trabalhando no Walmart à noite.

“De todo modo, estou vendo meus pais em meados de seus sessenta anos sem aposentadoria, sabe, tudo que eles construíram a vida toda simplesmente desapareceu. E depois, com a recessão, nós vemos isso acontecendo com mais gente”, disse Ash. Embora ela sempre tenha se considerado uma “seguidora”, começou a ter medo de que, mesmo que aderisse a todas as regras da sociedade para ter uma vida de classe média, não tinha garantias de estabilidade. Duvidava que a previdência social ainda existisse para sustentar sua geração na velhice. E, embora tivesse dois planos 401(k)s e um plano de previdência da Goldman Sachs que os pais abriram em sua infância, Ash tinha medo de que não tivessem valor nenhum quando precisasse deles.

Ash também lidava com a dívida de crédito estudantil. Os 30 mil dólares que tomou emprestados tinham se multiplicado pelos juros a 37 mil, tudo por um curso que ela não concluiu depois de seis anos de aulas. Ela se sentira obrigada a fazer faculdade depois do ensino médio — embora acredite que “você não sabe o que quer, não sabe

do que precisa e não sabe quem é” nessa idade — e acabou estudando de tudo, de história da arte a física.

Durante a faculdade e depois dela, Ash trabalhou em uma farmácia pequena que, para ela, era como a própria família. Porém, uma reorganização da liderança tinha mudado as atitudes dos supervisores; ela viu funcionários leais, de longa data, pressionados a se demitirem. “Nossa sociedade está se transformando nisto”, disse ela. “Eles não querem empregados por muito tempo, porque depois você tem pensões, depois tem de aumentá-las acompanhando o custo de vida e, se eles estiverem trabalhando há muito tempo para a empresa, vão querer um aumento baseado no mérito.” A nova gerência, disse ela, “literalmente queria pessoas descartáveis. E para fazer pessoas descartáveis, você precisa ter um trabalho descartável. E, assim, tudo foi automatizado”.

Enquanto isso, Jen procurou na internet meios alternativos de viver. Pesquisou o minimalismo e o movimento *tiny house*, de casas minúsculas. Ela também encontrou o CheapRVLiving.com. Aos poucos, começou a pensar ter encontrado uma saída. Para Ash, mudar-se para um veículo e tornar-se nômade, inicialmente, não era a opção de maior apelo. Ela pensou no clássico esquete do *Saturday Night Live* em que Chris Farley faz o papel de um morador de van e orador motivacional de nome Matt Fley. [12] Ele alerta as crianças para tomarem jeito, se não quiserem morar numa van também. “A primeira coisa que pensei foi que seríamos como aquele cara, dizendo ‘Moro em uma van perto do rio!’”, disse Ash. Apesar disso, ela finalmente adotou a ideia.

O plano era alternar entre trabalho e aventura enquanto moravam em um hatchback Subaru Impreza que fora da mãe de Jen. No entanto, não era um carro fácil para

transformar em um lar. Embora os bancos traseiros pudessem ser rebatidos, não havia espaço suficiente para se deitar, a não ser que espremessem coisas no piso atrás dos bancos dianteiros, criando um apoio para a cabeça. Ainda assim, Jen e Ash se prepararam da melhor forma que puderam. Jen cortou feltro de lã em painéis que podiam ser presos com velcro nas janelas, para ter privacidade. Para reduzir os pertences, elas publicaram uma mensagem no Craigslist — ALERTA MEIO-FIO: GRÁTIS — e deixaram no gramado tudo de que não precisavam. A postagem dizia às pessoas para aparecerem às nove da manhã. Às oito e meia, tudo no gramado tinha desaparecido. “Se você diz que é de graça, as pessoas vão achar utilidade para tudo”, disse Ash. “Alguém até levou o lixo!” (Ela deduziu ter sido um equívoco.)

A primeira aventura das duas foi fazer trilha na Colorado Trail — mais de 770 quilômetros de Denver a Durango — sem parar por 52 dias. Depois foram ao depósito da Amazon em Fernley. De início, pretendiam fazer a CamperForce enquanto moravam no Subaru. (“Isto não teria dado certo”, disse Jen, objetivamente. “Teríamos pedido demissão.”) Felizmente, elas encontraram uma van. Sua compra, porém, as deixou falidas.

Depois de terem se acomodado no Sage Valley RV Park, o casal decidiu ir de bicicleta até o depósito para seu primeiro turno completo. Imaginaram que seria divertido, porque o caminho era principalmente plano, e também as ajudaria a poupar o dinheiro da gasolina. Porém, um dos pneus de Jen teve um vazamento lento. Elas precisaram parar a cada quinze minutos para bombear ar. A viagem levou três horas, mas ainda chegaram a tempo para começar o turno de dez horas. Quando saíram, às cinco da manhã, estava escuro e fazia um frio de bater os dentes. Elas pararam no Walmart

para comprar camadas a mais de roupas, depois pedalar pelo trânsito da hora do rush em um nascer do sol ofuscante. “Ficamos conhecidas para sempre como as garotas que iam de bicicleta ao trabalho”, disse Jen, rindo. Depois disso, elas decidiram ficar perto do depósito durante a semana, para economizar gasolina. Estacionavam a Manatee no Walmart ou em um posto de gasolina, voltando só nos dias de folga ao Sage Valley RV Park.

Como estoquistas, elas descobriram a utilidade de toda a experiência recente com trilha. Ainda assim, disse Jen, “leva algum tempo para a gente se acostumar com tanto agachamento, mas você ganha músculos depois de algumas semanas. Você vê todas aquelas pessoas mais velhas ali e fica toda assim, ‘Ah, meu deus, se eles conseguem fazer isso, do que estou reclamando?’”

Ash achava o trabalho “monótono e isolador”. Para ajudar a aliviar o tédio, às vezes se entretinha combinando criativamente os itens que guardavam nas prateleiras, enfileirando, por exemplo, uma caixa de camisinhas ao lado dos testes de gravidez. Usava a lista de desejos do site da Amazon para catalogar “todas as merdas incríveis e espantosas que colocávamos nas prateleiras”. Estas incluíam bichos-da-seda vivos, um urso de goma de 2,5 quilos, um arpão de mergulhador, um livro intitulado *Venus with Biceps: A Pictorial History of Muscular Women* [*Vênus com bíceps: uma história em imagens de mulheres musculosas*], um plug anal preso a um rabo de raposa de pelúcia, meio quilo de moedas americanas obsoletas, cuecas de algodão com quatro buracos para as pernas chamadas de “cuequinhas para dois” e um consolo com tema do Batman.*

No final de outubro, as temperaturas em Fernley caíram abaixo de zero. Rajadas polvilharam os estacionamentos de

trailer perto do Halloween. A neve de verdade chegou uma semana antes do Dia de Ação de Graças. O clima mais severo começou em dezembro — as temperaturas eram baixíssimas, chegando a uma péssima noite de -18 graus. Para dormir no frio, Jen e Ash começaram a usar cada peça de roupa que tinham, depois se enterravam em uma coleção de cobertores e sacos de dormir, junto com um edredom e um cobertor do exército. Nas noites de trabalho, quando acampavam furtivamente perto do depósito, elas ligavam o aquecedor a gás Little Buddy por dez minutos antes de dormir; colocando os pés acima dele, viam o suor de horas de caminhada se transformar em nuvens de vapor. Embora o turno da noite as deixasse se sentindo como “Amazumbis”, elas estavam gratas por terem-no escolhido. “Durante a parte mais fria do ciclo de 24 horas, estávamos em um ambiente aquecido, e isto é muito importante”, disse Ash.

Quando o clima de inverno chegou ao Sage Valley RV Park, Linda tinha um vizinho da CamperForce, Carl, que morava em uma barraca. Ele era do turno diurno. Como Linda passava a noite toda no depósito, insistiu que ele dormisse em sua motorhome, onde tinha aquecimento (ela deixava um aquecedor ligado na eletricidade do estacionamento para economizar propano), mas ele sempre dizia: “Não, não, não. Está confortável, eu estou bem.” Enquanto isso, até os moradores experientes de RV passavam por dificuldades. Alguns tinham truques para ficar confortáveis, como enrolar mangueiras de água na fita de aquecimento elétrico e cobrir as janelas com isolamento de plástico bolha reflexivo. (Alguns anos depois, a Amazon criou uma página no site para candidatos à CamperForce chamada “Preparando Seu Veículo para o Inverno” que aconselhava cobrir as janelas com plástico filme

termorretrátil e fechar as aberturas de ventilação com isolamento reflexivo. Fornecia links para que os leitores pudessem comprar os dois materiais na — onde mais seria? — Amazon.com.) Mas havia limites. Linda desconectou as linhas de água. Quando tentou soltar a mangueira de esgoto, descobriu que os dejetos dentro dela já haviam congelado. “Tinha um baita picolé de cocô ali dentro. Eu fiquei toda: ‘Que nojo!’”

Phil e Robin DePeal, de Michigan, que antigamente negociavam sucata, travavam uma batalha semelhante. Compraram um refletor e tentaram usá-lo para derreter a mangueira de esgoto congelada, em vão. Enquanto isso um dos heróis de Linda — Jim Melvin, do blog *Jimbo’s Journeys*, que apontara a ela os trabalhos temporários na Amazon — corria à cidade para comprar um tapete elétrico e um aquecedor para Chica, sua chihuahua de um quilo.

Linda começou a fantasiar com o próximo destino, que seria mais quente e menos cansativo. Como muitos vizinhos, pretendia acampar em terras públicas em torno da cidade de Quartzsite, no Arizona. Aquela região, uma Shangri-lá de migrantes no deserto de Sonora, atraía dezenas de milhares de visitantes no inverno e abrigava vários eventos durante a estação, de imensos hectares de feiras de troca a exposições para colecionadores de pedras e entusiastas de RV, assim como centenas de reuniões sociais. Linda estava louca para ver um desses encontros, o Rubber Tramp Rendezvous, que acontecia ali em janeiro. Quando ela falou nisso com Jen e Ash, que tinham ouvido falar do evento, mas ainda pensavam no que fariam depois da Amazon, ambas decidiram se juntar a Linda. “Não tinha um plano firme sobre o RTR, mas quando Linda falou nisso, eu falei: ‘Tudo bem, temos de ir’,” recordou-se Jen. Silvianna também pretendia ir.

Mas o inverno não ia desistir com tanta facilidade. Havia semanas obrigatórias de cinquenta horas. Com a aproximação do Natal, os cestos de todas as prateleiras transbordavam de mercadorias, o pesadelo de um estoquista. “Estávamos com 120% da capacidade para o último mês e meio, então sempre que você passava o scanner em um cesto para tentar tirar alguma coisa, o scanner ficava ‘I-nu! I-nu! I-nu! I-nu!’ e você tinha de esperar antes de tentar o cesto seguinte”, disse Ash. “As pessoas andavam por ali como loucas. Não havia onde colocar nada, dava vontade de bater a cara na parede.” Os estoquistas tinham de continuar procurando, frustrados, até encontrarem os raros cestos com espaço. Ao mesmo tempo, supervisores lhes diziam para acelerar o passo, para ter “ritmo”, porque “temos de bater nossos números”. A Amazon mais tarde contaria que este período foi o mais forte de todas as temporadas de festas. Só em 2 de dezembro (vulgo o Cyber Monday, a primeira segunda-feira depois do Dia de Ação de Graças), os clientes encomendaram cerca de 36,8 milhões de produtos — ou 426 pedidos por segundo —, ajudando a levar as vendas gerais da empresa em 2013 a um pico recorde de 74,45 bilhões de dólares.^[13]

Em meio a isto, Linda tomou um susto com a saúde. Estava se aguentando bem, apesar de forçar o pulso direito com o scanner UPC. Mas em 15 de dezembro, duas semanas antes de seu último dia no depósito, começou a ter vertigens. Não sabia o que as provocava. Outros trabalhadores sentiram o mesmo e alguns acreditavam se dever à má qualidade do ar no depósito. Linda aguentou firme por uma hora, mas as tentativas de respirar fundo não ajudavam, então um colega de trabalho a acompanhou até

o AmCare. Ali a equipe médica tirou sua pressão sanguínea: 6 por 4,8 — baixa o bastante para chamar uma ambulância.

No hospital em Reno, meia hora a oeste de carro, Linda passou por uma tomografia e um raio X, mas não teve um diagnóstico conclusivo. “A enfermeira do hospital disse que eu posso ter comprimido alguma coisa no nervo vago”, recordou-se Linda. “Isso provoca desmaios. Pode acontecer por esforço.” Ela parecia cética, porque não achava que estivesse exigindo tanto de si. De todo modo, foi instruída a procurar seu clínico. “É, eu faria isso, se tivesse um”, disse ela, rindo. Como a maioria dos *workampers* que conheci pouco antes de o Obamacare entrar em vigor, Linda não tinha seguro de saúde. Como não tinha uma carona de volta ao Sage Valley RV Park, ela pagou 172 dólares por um táxi. Nos dias que se seguiram, sentiu-se fraca e tirou uma folga não remunerada.

A CamperForce estava chegando ao fim. A maioria dos trabalhadores saiu pouco antes do Natal, assim podia comemorar com suas famílias distantes. Linda se apresentou para ficar até 30 de dezembro. Queria ganhar o máximo possível. Além disso, não se sentia festiva. Depois de mais de quatro meses no turno da noite, entrou em um estado de fuga interrompido apenas por dores que se irradiavam do pulso direito, aquele que usava o scanner. O trabalho era repetitivo, estúpido: colocar a mercadoria na prateleira, apontar o scanner para um item depois do outro, puxar e segurar o gatilho, esperar pelo bipe que significava que o laser vermelho tinha encontrado o alvo — o código de barras — e continuar andando. O que isso lhe dava, além de um cheque de pagamento? Cada item que Linda passava no scanner era um pixel em uma imagem que a deprimia. Alguns trabalhadores da CamperForce se chamavam de “elfos de Papai Noel”. Isso lhes dava um jeito de se orgulhar

do trabalho, porque significava que mandavam presentes, espalhando a alegria. Mas Linda não engolia essa história de Natal — sentia-se mais como uma engrenagem na maior máquina de vendas do mundo, e a experiência a deixava entorpecida. “Eu queria me desligar do Natal depois de ver todo aquele lixo”, disse ela. Mandou presentes para os netos, mas, tirando isso, ignorou a data festiva. Quando o depósito fechou para o Natal, ela também se fechou. Linda passou o dia sozinha, descansando no RV.

Por baixo da fadiga, porém, havia um orgulho que nascia lentamente. Linda tinha atingido um objetivo, passando por seu primeiro meio ano como *workamper*, completando dois trabalhos temporários — recepcionista de camping e CamperForce — enquanto se aclimatava à vida frugal e nômade no RV. Sentia-se autossuficiente e livre. Mas era só o começo. O passo seguinte era encontrar um grupo, uma comunidade, o que alguns nômades chamavam de “vanília”. O melhor lugar para isso era o Rubber Tramp Rendezvous, que duraria duas semanas no inverno e logo começaria em Quartzsite.

“Me deixa sair daqui!”, pensou ela. “Pisa fundo. Vamos nessa!” Pronta para uma folga e um clima mais quente, ela partiu para o Arizona.

Enquanto o resto da CamperForce ia embora de Fernley e entrava no Ano-novo, um trabalhador ficou por ali. Era Don Wheeler, o antigo executivo de software do jet-set que me escrevera um cântico orgulhoso sobre o *workamping* e que aparece aqui sob pseudônimo. Don foi o primeiro membro da CamperForce que conheci, um contador de histórias afiado e divertido que passou longas horas me regalando com anedotas da vida na estrada. Originalmente, pretendia trabalhar em seu último turno na CamperForce em 21 de dezembro. Seus planos pós-Amazon incluíam passar por

Quartzsite — que ele chamava de “Burning Man para os velhos” — e visitar amigos nas montanhas Rochosas, no Colorado. Mas algo muito incomum tinha acontecido. No que se tornariam três anos de relatos sobre trabalhadores da CamperForce, nunca voltei a testemunhar nada parecido — a Amazon ofereceu a Don um emprego de horário integral, o ano todo. “Ei, tenho setenta anos, quem mais vai me contratar?”, ele fez piada por e-mail. No jargão da empresa, Don estava prestes a se tornar um “associado da Amazon”. No depósito, seria o que os trabalhadores da CamperForce e outros temporários chamavam — com inveja e algum desprezo — de “crachá azul”, referindo-se aos crachás usados por empregados permanentes.

Em outro e-mail, ele me pediu para não revelar seu nome em meus escritos. E explicou:

Como *apparatchiks* iniciantes, não podemos nem mesmo falar com a mídia, correndo risco de morte, esquitejamento ou de coisa pior. Então, agora estou preocupado. Antes era diferente — como *workamper*, eu podia ter uma atitude indiferente e imprudente para com as portentosas maquinações da nação corporativa, mas agora sou parte dela. Preciso deste emprego...

Não posso ficar famoso. Se eu aparecer na mídia nacional, mesmo em uma nota secundária, o RH vai acabar comigo e quando eu aparecer no depósito um dia, meu crachá não me deixará entrar no prédio. Tem o que se chama ACS (Amazon Cold Shoulder, a “indiferença da Amazon”) e não tem jeito, porque eles podem me demitir sem justificativa.

Peço desculpas por minha aparente paranoia, mas o RH NÃO é meu amigo, embora muitos dali insistam ser. O papel deles é validado quando eles se livram das

maças podres e dos encrenqueiros. Não sou tão corajoso como Nadezhda Tolokonnikova (nem tão bonito assim).**

Alguns meses depois, Don pagou suas dívidas, conseguiu um tratamento odontológico há muito adiado, comprou óculos novos, passou a contribuir para seu plano de previdência privada e começou a economizar para uma Harley.

* O apetite da América por brinquedos sexuais — indicado pelo número e pela variedade de consolos e plugs anais que passam pelos depósitos da Amazon — é tema de fascínio para muitos trabalhadores. Embora a maioria das “diversões para adultos” seja embrulhada em plástico preto assim que sai da área de carga, algumas passam despercebidas. Uma estoquista da CamperForce recorda-se alegremente de quando recebeu uma caixa de sessenta consolos montados em suportes com ventosas. Ela os arrumou nas prateleiras com cada um deles preso à frente de um cesto, eretos. “Quando você virava a esquina, só o que via naquele corredor eram aquelas pirocas”, disse ela, rindo. “É claro que todos tivemos de circular, contando a todo mundo, ‘Vá ver o C23!’” Em geral, ela teria medo de irritar a gerência, mas “eram as duas últimas semanas de trabalho ali, então o que eles iam dizer?”.

** Quando Don escreveu este e-mail, Tolokonnikova, da banda punk dissidente russa Pussy Riot, tinha acabado de ser libertada de uma prisão na Sibéria.

CAPÍTULO SEIS

O lugar de reunião

Era um lugar pacífico, esse acampamento — um Jardim do Éden sobre rodas, capaz de escolher a própria latitude e seguir o clima suave o ano todo, um refúgio em que cada ocupante colocara sua vida em foco ao comprimi-la no espaço mínimo, um milagre de organização interna somada à mobilidade.

— E. B. WHITE^[1]

ENQUANTO DIRIGIMOS PARA O Oeste na Interstate 10 em um poente de janeiro, aparece uma estranha visão no deserto. Milhares de pontos dourados cintilam ao pé das montanhas Dome Rock, como se os picos estivessem cercados por uma vasta poça refletora. De perto, os pontos cintilantes se separam em uma imensidão de RVs, os para-brisas pegando os últimos raios de luz do dia. É a cidade de Quartzsite, no Arizona. Na maior parte do ano, fica dormente, um posto avançado solitário entre Los Angeles e Phoenix, com duas paradas de caminhões e temperaturas altas o bastante para provocar alucinações. No inferno do verão tem menos de 4 mil habitantes.^[2] Tem mais arbustos secos rolando do que visitantes. Mas todo inverno, quando os dias ficam amenos e agradáveis, centenas de milhares de nômades afluem de

todo o país e do Canadá, transformando a cidade em uma metrópole instantânea apelidada de “O Lugar de Reunião”. Alguns que chegam são migrantes amantes do calor e do lazer — gente com pensões generosas ou aposentados sortudos cujas economias conseguiram atravessar o colapso financeiro de 2008 —, enquanto outros são sobreviventes, agarrados à borda irregular do contrato social. Suas circunstâncias se refletem no leque de habitações que desfilam pela rua principal.

Carros e picapes chegam rebocando todo tipo de abrigos, de Airstreams de alumínio brilhantes a caminhões-baú adaptados com portas e janelas, incluindo trailers no estilo gota do tamanho de barracas de escoteiro. Podemos ver uma casinha mínima com janelas de sótão triangulares e rendinha no peitoril instalada em uma plataforma de eixo paralelo, ou uma picape puxando um veleiro habitável que ficará ancorado a seco ali como um apartamento improvisado. São dezenas de ônibus escolares desativados. Alguns ainda são amarelíssimos, como é o padrão escolar, enquanto outros foram pintados a spray com cenas da natureza ou espirais psicodélicas. Alguns foram convertidos em casas complexas com sofás e fogões a lenha. Uns poucos são casas-empresas, inclusive o Bus Stop Ice Cream & Coffee Shop [Sorveteria e Cafeteria Ponto de Ônibus] — uma relíquia nas cores do arco-íris que parece ter pertencido a um Ken Kesey moderno cuja droga preferida é o café expresso — e um estúdio de serralheiro com um logo de bigorna e o slogan “Reciclando o Refugio da Sociedade com Martelo & Mão”.^[3] Também há picapes que são uns trastes com cabines montadas nas áreas de carga, RVs chiques de cinco rodas com antenas de satélite e calhambeques tão sobrecarregados de pertences que o chassi raspa o asfalto. Alguns veículos estão imaculados,

com acabamento cromado reluzindo ao sol. Outros estão esburacados de ferrugem, soltando nuvens de escapamento escuro. Alguns expressam pedidos de doações. Uma perua com uma lata de gasolina vazia amarrada ao teto foi pintada, dizendo “AJUDE NOSSA FAMÍLIA A COMEÇAR UM NEGÓCIO”, e mostra o endereço na internet para uma campanha de financiamento coletivo no Go Fund Me. Uma velha picape com capota tem escritos “ABRIGO DE SEM-TETO” e “DEUS ABENÇOE” na traseira em maiúsculas. Abaixo há uma lista de desejos: “PRECISA-SE: GASOLINA, DINHEIRO, RV MAIOR.”



Uma picape com capota é coberta por textos religiosos e pedidos de ajuda no estacionamento do McDonald's de Quartzsite.

Vale a pena observar que nem sempre conseguimos avaliar a situação econômica das pessoas só de ver seus RVs. Algumas habitações estacionadas em locais de *workamping*, por exemplo, parecem o tipo de veículo de

recreio que podemos associar com veranistas abastados. Quando comecei a visitar os estacionamentos de RV onde ficavam trabalhadores da CamperForce da Amazon, perguntei-me: *O que aqueles iates terrestres reluzentes com antenas de satélite estão fazendo aqui?* Aprendi duas coisas: primeiro, uns poucos estacionamentos de RV eram também lares temporários de trabalhadores bem remunerados do petróleo, que tinham dinheiro para torrar em brinquedos caros. Segundo, muita gente não é inteiramente dona de seu RV. Como no mercado habitacional, é possível gastar mais do que se tem e ficar atrelado a um ciclo de dívidas, lutando para fazer os pagamentos. Infelizmente, como nas casas tradicionais, os RVs também podem ir pelo ralo.

O trânsito se arrasta. Mas ninguém parece ter pressa. Junto com as casas móveis estão veículos empoeirados para uso fora da estrada voltando de passeios pelo deserto — os motoristas usam lenços e óculos de proteção e parece que foram borrifados com açúcar de confeitiro. Carretas arrastam-se para paradas de caminhões lotadas, obstruindo as áreas de manobra. Nos cruzamentos, idosos em cadeiras motorizadas e pessoas de meia-idade empurrando cachorrinhos em carrinhos de bebê esperam que o sinal abra para eles. Adolescentes e jovens de vinte e poucos anos de dreadlocks e com mochilas surradas estão sentados no meio-fio. A galera deles se chama por muitos nomes — *crust punks*, garotos sujos, viajantes e Rainbows, uma referência às reuniões da Rainbow Family, que muitos frequentam. Alguns garotos pegam caronas para sair da cidade — a Yuma, a Phoenix, qualquer lugar. Outros seguram cartazes de papelão que pedem dinheiro. Mas eles não chamam isto de mendicância. É “mostrar um cartaz”, ou “passar a caneca”, ou “pedir um trocado”, o que se faz

quando acaba o dinheiro da gasolina. Muitos dos mais velhos lhes lançam olhares feios, mas outros colaboram. Uma caixa de cabelos brancos da Dollar General registra a venda de dois packs de seis cervejas Miller Genuine Draft para um cara de moletom marrom e dreadlocks louros; ela ri quando ele, brincando, estende a palma da mão cheia de pedras coloridas como pagamento, em vez de dólares. Um debate animado começa na fila dos correios entre um veranista e um jovem vagabundo de bigodão. *Os humanos são seres espirituais que transcendem este planeta? Ou só escrotos destruindo a terra?* Quando chega a noite, os jovens se retiram para acampamentos no deserto. Passam garrafas de uísque em volta da fogueira, tocam violão, assam salsichas, enrolam baseados, matam tempo.

A maioria dos restaurantes na cidade fica lotada na hora do jantar, que começa no final da tarde. Na Silly Al's, uma pizzaria popular, os mais velhos dançam a Electric Slide e ouvem uma banda local, cujo show inclui uma música dos Barenaked Ladies que começa com "If I had a million dollars, I'd buy you a house".* Em outros dias, cantam karaokê. Uma mulher enrugada de chapéu de palha vermelho vai para a pista com sua cadeira motorizada e canta "Lookin' out My Back Door" do Creedence Clearwater Revival em um forte vibrato. Durante o solo fanhoso de guitarra, ela dá voltas no meio do salão e a plateia explode em aplausos.

A Main Street Eatery and Laundromat fervilha de clientes que aparecem para comprar comida, lavar as roupas, até tomar banho. No fundo, os chuveiros custam 7 dólares e vêm com uma litania de regras afixadas: "Limite de 20 Minutos", "Não Fume", "Proibido Tingir Cabelo" e "Proibido Usar Sapatos no Box". Policiais incomodam os Rainbows que zanzam perto da porta lateral. Um cliente da lavandeira

arenga sobre um cometa que destruirá o universo (e que Obama não poderá fazer nada a respeito disso). Um velho desganhado está sentado no estacionamento, com as costas apoiadas na cerca de tela, jogando uma pedra para um Jack Russell que a apanha devidamente para ele, sem parar. “Ele é um caçador de pedras!”, o homem dá uma gargalhada quando me vê olhando. (Procurar pedras semipreciosas no deserto — mais conhecido como caçar pedras — é um passatempo predileto do lugar.)

Os donos de restaurantes não são os únicos que lutam para ganhar uma grana. Todo ano, vendedores descem a Quartzsite, armando barracas temporárias e reabrindo lojas que ficaram fechadas na baixa temporada, espalhando placas por toda a cidade. “Mr. Motorhome Tem os RVS MAIS LIMPOS de QUARTZSITE”, alega um garoto-propaganda, cuja foto aparece em uma série de cartazes, o sorriso branco inquietante. “Não é uma miragem, o desconto é pra valer”, berra o anúncio de um concorrente, RVs for Less. “PANQUECAS GRÁTIS NO CAFÉ DA MANHÃ”, diz uma faixa na frente do La Mesa RV, outro vendedor. Seis manhãs por semana, os mais velhos formam fila ali para comer uma refeição quente em um espaço chamado Silver Buckle Customer Corral, em meio a anúncios televisionados de motorhomes que a maioria não pode comprar. (Eles tratam os anúncios como o sermão de sopão da igreja — ruído obrigatório de fundo a ser ignorado.) Existem dezenas de postos de abastecimento e serviços para RVs, de ferros-velhos a vendedores de painéis solares e reparos de parabrisas para nômades. Alguns usam nomes bobos para se destacar: Passmore Gas, A Toe Truck, o RV Proctologist. Outros fazem um apelo mais nobre. Na Schartel Pinstriping Services, há uma barraca em cujo topo estão uma cruz

gigante e uma placa que diz “Esperança para a América. A América para Jesus”.

Todos pescam dinheiro rápido, prometendo preços irrisórios. “Empilhamos Mais & Vendemos Mais Barato”, promete uma placa. “Liquidação Total!”, diz outra. Em estabelecimentos de mantimentos recuperados — conhecidos como lojas de “ponta de estoque” — os compradores encontram alimentos com grandes descontos e validade vencida em caixas e latas amassadas. Por trás da escandalosa fachada cor-de-rosa de um estabelecimento chamado Addicted to Deals, eles compram DVDs — três por 10 dólares — e vitaminas vencidas. “Este lugar é uma loucura”, escreveu um comprador online. “Parece uma cria proibida de um alojamento universitário com uma Kmart abandonada, pintado de rosa Pepto-Bismol e batizada com uma frase.”[4]

Quartzsite não oferece grande coisa do que o pessoal da cidade considera cultura, mas quase todos vão ao Reader’s Oasis, na extremidade leste da rua principal. A livraria pertence ao nudista septuagenário Paul Winer, que tem a pele feito couro queimado e anda pelos corredores vestindo só um tapa-sexo de tricô. Quando faz frio, ele usa um suéter. Paul consegue manter a livraria aberta porque, tecnicamente, não é uma estrutura permanente, e isso mantém os impostos baixos. Não tem paredes de verdade — só um telhado acima de uma laje de concreto. Lonas cobrem o espaço entre eles. Contêineres e um trailer servem de anexos. A revista *Trailer Life* o chamou de “a arquitetura definitiva de Quartzsite”.[5] Em uma carreira anterior, Paul fazia turnês como Sweet Pie, um pianista nu de boogie-woogie conhecido por seu hino de cantoria “Fuck ‘Em If They Can’t Take a Joke”, e ele ainda se apresenta espontaneamente com um piano quarto de cauda perto da

frente da loja, não muito longe de uma seção de livros eróticos discretamente coberta. Tem uma seção cristã também, mas fica no fundo, e Paul em geral precisa ajudar as pessoas a encontrá-la. “Eles seguem minha bunda de fora até a Bíblia”, declara ele.

Aqueles que procuram uma religião mais tradicional vão ao outro lado da rua principal, a oeste do Reader’s Oasis, onde uma tenda roxa, branca e grande abriga a Last Call Tent Ministries. Nas reuniões de avivamento às 19h00, um pregador viajante dedilha uma Stratocaster dourada enquanto espalha a luz de Jesus. “Esta luz será vista no mundo todo!”, ele grita. “Não está contida só nesta tenda. Não está contida só em Quartzsite. Não está contida só no Arizona. É graaaaaaande! Maior e melhor!”^[6] Depois de cada culto, os paroquianos se aproximam do púlpito para serem ungidos com óleo. O pregador fala em línguas e segura seus ombros, levando os fiéis — inclusive uma mulher de muletas — a cair, lânguidos, nos braços de ajudantes, que os aguardam.

Dezenas de milhares de nômades participam todo ano do espetáculo de inverno que é Quartzsite. A cidade tem apenas três hotéis pequenos, porém mais de setenta estacionamentos de RV com nomes que prometem relaxamento: Arizona Sun, Desert Oasis, Holiday Palms, La Mirage, Paradise, Winter Haven, o Scenic Road. (Este último tem um slogan — “Curtir a vida na pista lenta” — que resume o papo de vendedor geral.) Cobram em média 30 dólares por noite por uma vaga de estacionamento no asfalto ou cascalho, com saídas de água, eletricidade e esgoto, acesso a chuveiros e lavanderias, às vezes WiFi e TV a cabo. Muitos estacionamentos proíbem os hóspedes menores de idade — o que significa “nascido depois do governo Eisenhower” — e afixam placas de alerta que

dizem “> 55”. Quando um repórter do jornal *The Scotsman* escreveu sobre esta cena, chamou de “Jurassic Trailer Park”.

A maioria das pessoas que fica em Quartzsite nem usa os estacionamentos de trailer. Em lugar disto, reúnem-se no equivalente local de um distrito de baixa renda — as terras públicas nos arredores da cidade — como pioneiros pululando no local de uma corrida do ouro dos tempos modernos. (“A freada do ouro”, brincou o mesmo repórter do *Scotsman*.) Ali eles acampam na mistura compacta de terra e cascalho conhecida como “o concreto do deserto”. Em vez de pagar por comodidades, eles praticam *boondocking*, usando painéis solares e geradores a gasolina para ter eletricidade, carregando a própria água em galões e tanques. Os confortos pessoais que eles sacrificam são compensados pela paisagem. Estacionam ao lado de saguaros gigantescos de braços abertos que crescem grossos e altos como postes telefônicos; de longe, os cactos parecem postes gigantes para amarrar as motorhomes. Eles se agrupam pelas margens de áreas secas de inundação, procurando os raros trechos de sombra entre creosoto, algaroba, pau-ferro e palo verde. Como vizinhos, têm ratos-cangurus, codornizes, lagartos, escorpiões e bandos errantes de coiotes, cujos uivos noturnos competem com o zumbido dos geradores. (Existem cascavéis também, mas a maioria está em dormência e só se mexe na primavera, quando ondas tremulantes de calor vasculham o deserto, expulsando a maioria dos visitantes humanos.) Enquanto se acomodam, os campistas instalam capachos de boas-vindas, churrasqueiras e cadeiras de jardim; abrem toldos, gramados sintéticos e carpetes à prova d’água; fazem tremular bandeiras coloridas e instalam canis. Parece uma enorme festa de bagageiros, um espetáculo que a *National Geographic* certa vez chamou de “O Maior Estacionamento

da América”. Também angariou outros apelidos, inclusive “Férias de Primavera para Velhos”^[7] e “Palm Springs dos Pobres”.^[8]

Este deserto aberto é território federal. Administrado pelo Escritório de Gestão de Terras, inclui locais gratuitos de acampamento que recebem nômades por até duas semanas de cada vez. Depois disso, eles têm de se mudar para outra área de deserto federal a pelo menos quarenta quilômetros dali, ou à área de visitantes de estadia duradoura da La Posa, que fica um pouco ao sul de Quartzsite, em mais de 4 mil hectares. Ficar ali custa 40 dólares por duas semanas ou 180 por até sete meses.^[9] As permissões de acampamento são adesivos em cores vivas com imagens de um papaléguas e um floco de neve gigante. Depois de colocado no para-brisa, parecem ficar ali, identificando os nômades de Quartzsite durante a baixa temporada, como distintivos de uma sociedade secreta.

Estima-se que mais de 40 mil moradores de RV fiquem no deserto perto de Quartzsite de dezembro até o final de fevereiro. Bill Alexander os observou chegar e sair pelo que parece uma eternidade. O planejador de recreação ao ar livre e chefe da guarda-florestal da delegação de Yuma do Escritório de Gestão de Terras trabalha naquela região há dezessete anos. Mesmo depois de todo esse tempo, diz ele, ainda fica impressionado com o senso de boa vizinhança dos campistas. “Podemos ter um cara que anda de bicicleta com seu cachorro em uma coleira e arma a barraca ao lado de um cara em uma motorhome customizada de 500 mil dólares, e eles se entendem muito bem”, contou-me Bill. “Essa capacidade de coexistir se baseia simplesmente no desejo deles de desfrutar de terras públicas e do fato de que elas pertencem igualmente ao cara da bicicleta e ao cara da motorhome.”

Sua observação ecoava os pensamentos de Iris Goldenberg, uma trabalhadora da CamperForce da Amazon que conheci em Fernley. Aos 62 anos, Iris morava em um trailer esportivo Carson Kalispell de três metros que dividia com Madison, uma Shih-Tzu; Pancho, um periquito; e Kaspar, um papagaio-cinzento loquaz que recebeu o nome de um teólogo do século XVI. Estávamos todos espremidos ali, conversando, quando ela falou em Quartzsite. Eu nunca tinha ouvido falar do lugar. Como Bill, ela era fascinada pela indefinição das linhas de classe. Isso não é pouco contra o pano de fundo dos Estados Unidos modernos, onde bairros segregados por renda estão em ascensão, separando — e isolando — os ricos dos pobres. Quartzsite não é assim. “É o quintal de todo mundo”, explicou Iris. “Não importa o que você tenha, você é bem recebido.”



Iris Goldenberg segura seu papagaio, Kaspar.

Quando me falou de Quartzsite pela primeira vez, Iris entusiasmou-se ao descrever como se sentiu saudável no clima seco e como era barato viver ali. Além do acampamento de baixo custo, é um lugar onde se consegue facilmente trabalhos de curto prazo — afinal, cidades temporárias precisam de mão-de-obra temporária — em uma época do ano em que os trabalhos para *workampers* são escassos na maior parte do país. Um de seus serviços foi lavar pratos por 8 dólares por hora no Sweet Darlene's Restaurant & Bakery (slogan: “Ótima Comida, Preços Razoáveis”), onde os clientes madrugadores começam a formar fila às 16h00, toda sexta-feira, para comer peixe frito e, na cozinha, pilhas de pratos sujos se equilibram para o teto. Iris também trabalhou em um trailer de comida chinesa chamado Rockin' Wok; quando fui visitá-la ali, ela saiu correndo com um punhado de biscoitos da sorte.

Embora o deserto atraia o espírito cívico, pessoas ainda são pessoas — elas marcam território e se dividem em grupos. Usar pedras para traçar falsas linhas de propriedade é uma tradição estabelecida. As pedras também são arrumadas em formas e iniciais, uma espécie de tatuagem na paisagem. Os campistas criam bairros com nomes como “Coyote Flat” e “Roger's ½ Acre Lazy Daze Homeless Camp” e afixam sinalização caseira, de placas de madeira certinhas que parecem ter sido feitas em aulas de oficina a cartazes de papel escritos às pressas e colados com fita adesiva em estacas de madeira.^[10]

Quanto aos grupos, existem dúzias de “encontros” no deserto: reuniões de clubes de RV cujos membros têm características em comum. Algumas destas organizações se baseiam na idade. Uma delas, chamada Boomers, é para membros da geração pós-guerra, mas tantos se encaixam neste perfil que quase parece irrelevante ter um clube.

Outros grupos, inclusive Xscapers e NuRVers, miram uma geração um pouco mais jovem — o que entrega é a grafia errática e o uso de maiúsculas, uma mensagem da era ponto-com. Existem grupos adicionais para pescadores (os Roving Rods), voluntários de socorro em desastres (os DOVES), gays e lésbicas (Rainbows RV, sem nenhuma relação com a garotada viajante chamada de “Rainbows”). Existem clubes para solteiros, inclusive o Wandering Individuals Network, o SOLOS e o Loners on Wheels, este último com regras muito rigorosas. “Se houver alguma safadeza, você é expulso”, disse um membro ao *The Victoria Advocate*, um jornal do Texas. O credo do Loners instrui todos a “se comportar como um solteiro sociável” e declara que “os membros do gênero oposto, se não forem parentes, não devem ocupar a mesma unidade de acampamento”.[11] Tem até um grupo dedicado no deserto para nudistas. Uma área de 30 hectares na margem sul de área de visitantes de longo prazo, chamada The Magic Circle, é cercada de cartazes que dizem “ATENÇÃO: PASSANDO DAQUI VOCÊ PODE ENCONTRAR NUDISTAS TOMANDO SOL”. (Os habitués de Quartzsite se referem jocosamente a isso online como “rugópolis” e “flacidolândia”).[12]

Outros acampamentos são compostos de veículos iguais. Dezenas de RVs La-Z-Days, trailers Casita ou Montana Fifth Wheels estacionam juntos, formando hordas da mesma espécie em meio a um monte anárquico de veículos pelo deserto. Encontrar estes grupos é como topiar com um condomínio de subúrbio — a vizinhança toda saída da mesma forma — no meio do nada.

O *LONDON FINANCIAL TIMES* chamou Quartzsite de “um dos lugares mais bizarros e seriamente dementes da América”, [13] mas Quartzsite não é uma aberração nacional. Seria muito difícil encontrar outra cidade que seja tão essencialmente americana — hiperamericana ao ponto da caricatura. Ali, a maioria dos habitantes originais se foi e, em seu lugar, os visitantes adquirem suvenires como apanhadores de sonhos feitos no Paquistão e mocassins com miçangas da China. O inverno não existe. Videntes, buscadores espirituais e pechincheiros se reúnem em torno da crença compartilhada de que a melhor maneira de escapar dos problemas da vida é encher o tanque de gasolina e pegar a estrada. Quartzsite sempre foi um refúgio para os viajantes, os *outsiders*, pessoas que tentam se reinventar, e aperfeiçoou a arte do ciclo de expansão e contração.

A cidade tem sua origem em 1856, quando colonos brancos construíram o Forte Tyson, particular, para repelir o povo indígena Mojave.[14] Mais tarde o forte tornou-se uma escala de diligências, Tyson’s Wells, cujas ruínas são agora o local de um museu minúsculo ao lado da pizzaria Silly Al’s. (A cidade tem outros dois museus — um exibe uma coleção de gomas de mascar do mundo todo e o outro, apetrechos militares —, mas eles parecem menos frequentados.) Em 1875, a memorialista Martha Summerhayes passou a noite em Tyson’s Wells e o descreveu como “sumamente melancólico e nada convidativo. Fede a toda impureza, moral e fisicamente”.[15] Quando as diligências foram desativadas, a colônia tornou-se uma cidade fantasma. Em 1897, foi ressuscitada em meio a um boom na mineração, quando a agência postal reabriu e a municipalidade recebeu um novo nome: Quartzsite. (Era para ser “Quartzite”, o

nome do mineral. O “s” foi um erro de ortografia que pegou.)

A figura histórica mais famosa de Quartzsite foi um condutor de camelos nascido na Síria chamado Hadji Ali. Enterrado na cidade depois de morrer em 1902, ele é mais conhecido pelo apelido de “Hi Jolly”, um abastardamento americano de seu nome. Hadji Ali foi recrutado em 1856 para o corpo de camelos do exército americano, um breve experimento que usava os animais notoriamente intratáveis para transportar carga pelo sudoeste. (A certa altura, os camelos levavam até correspondência de Tucson a Los Angeles. O programa foi abandonado em 1861 com o início da Guerra Civil.)^[16] O que marca a sepultura de Ali é uma pirâmide feita de quartzo e madeira petrificada com um dromedário de aço por cima; tudo isso junto chega a três metros de altura. Uma placa na frente diz: “O DERRADEIRO ACAMPAMENTO DE HI JOLLY, NASCIDO EM ALGUM LUGAR NA SÍRIA EM 1828” e “POR TRINTA ANOS UM FIEL ASSESSOR DO GOVERNO DOS EUA”. Dizem os boatos que as cinzas de Topsy, um de seus camelos, foram enterradas com ele.

Além talvez do livreiro nu, Hadji Ali é o cidadão mais famoso de Quartzsite. Em tributo, a cidade usa seu camelo como mascote extraoficial. Os visitantes de Quartzsite passam por placas de boas-vindas de tamanho monumental que exibem dromedários de metal como aquele da sepultura de Ali. Um dos estacionamentos de trailer do lugar se chama Stuffed Camel. Perto da ponta oeste da rua principal, aros de rodas de automóveis e outros escombros foram soldados em uma enorme escultura de camelo. Quartzsite também comemora um desfile anual Hi Jolly Days; em tempos mais prósperos, era um festival completo que incluiu, em anos diferentes, concursos de demolição e corridas de camelos. No Quartzsite Yatch Club — um bar e

restaurante com apostas cujo slogan é “Há Quanto Tempo Não Te Vejo, Mar” —, o filho do dono costumava vestir uma fantasia de camelo da cabeça aos pés e se soltar na pista de dança enquanto uma banda tocava “Hi Jolly”, um sucesso folk dos New Christy Minstrels que descreve o condutor de camelos ao mesmo tempo como um trabalhador incansável e um *bon vivant* mulherengo.

A história peculiar de Quartzsite não bastou para impedir que a cidade afundasse na obscuridade. Em meados dos anos 1950, a população tinha encolhido a apenas onze famílias.^[17] Depois, continua a história, foi ressuscitada por montes de tralhas e pedras bonitas. Vastos mercados de antiguidades começaram ali nos anos 1960, depois que uma perua quebrou na Interstate 10. A motorista, que viajava para o oeste com quatro filhas pequenas, não podia pagar pelo conserto e vendeu os brinquedos das filhas para obter dinheiro. Outros seguiram sua dica, apregoando mercadorias da traseira de suas picapes. Isto cresceu e se transformou em um bazar imenso.^[18] Em 1967, um grupo dedicado a melhorias na cidade criou uma exposição de gemas e minerais chamada Pow Wow, tirando proveito do influxo de compradores. O evento tornou-se tão famoso que muitos creditam a ele o retorno de Quartzsite da beira da extinção. Com o tempo, foi acrescido de numerosos brechós e feiras de troca. No inverno, tomam hectares de deserto duro e asfalto, que ficam vazios no resto do ano. Tem o Greasewood Park n’ Sell. O Prospector’s Panorama. O Main Event. O Sell-A-Rama em Tyson Wells. Parece um leilão de acumuladores, com mesas oferecendo crânios de bois, painéis de ferro batido e bolsas femininas com compartimentos para armas.

Em uma dessas áreas de vendas, o Hi Ali Swap Meet, na rua principal, conheci Sharen Peterson, de setenta anos.

Todo mundo a chamava de Chere (pronuncia-se como “Sherry”). Ela usava portas velhas de madeira como mesas para exibir as quinquilharias que tinha para vender. Estas incluíam uma katana, um couro de alce, camisas havaianas e utensílios domésticos de que ela não precisava mais, porque morava em uma van Ford E350. Espalhadas entre suas miudezas estavam tiras de papel em que ela escrevera gotas de sabedoria do gênero para-choque de caminhão: “Devido ao custo crescente de munição, não espere um tiro de advertência” e “Não procuramos o sol, somos flocos de neve”. Compradores passavam por ali. Um comprou quatro camisas por 17 dólares. “O mundo seria um lugar melhor se todo mundo usasse camisas havaianas!”, exclamou Chere. Outro pagou 25 por um jogo de talheres marrons e turquesa que Chere tinha comprado por 20 dólares em Santa Barbara. “É o único vício em que você consegue seu dinheiro de volta!”, disse ela sobre as compras em brechós.

Chere usava um boné cravejado de broches dourados e prateados de cavalo-marinho e outros seres aquáticos, com tranças louras em maria-chiquinha aparecendo por baixo. Seus olhos se enrugavam nos cantos e o bronzeado era permanente, possivelmente um legado de surfar em Manhattan Beach, um pouco ao sul de Los Angeles, nos anos 1960. (Ela ainda tem fotos dela em tamanho carteira e postal com um corte de cabelo Gidget e biquíni, ao lado de um pranchão amarelo.) Naquela época, ela lembrou, era mais fácil se virar. Vivia segundo a regra dos 25: “Hambúrguer, cigarros e gasolina custavam 25 centavos o galão, 25 centavos o maço e 25 centavos a libra”.

Chere tem ficado na van desde que foi obrigada a vender a casa no Minnesota. Comprou a casa em 1989 e, por 23 anos, era uma senhoria que morava ali, alugando os quartos extra para cobrir as despesas. Então foi apanhada sem a

permissão necessária para o aluguel e teve de parar, o que significou perder a casa. “Os burocratas estão ficando ridículos”, lamentou ela. Originalmente, Chere pretendia viver dos rendimentos da venda do lugar, mas sua casa, que tinha sido avaliada em 300 mil dólares em 2002, caiu para 140 mil por causa do crash habitacional. Depois da hipoteca e da comissão do corretor, não restou muita coisa, mas ela fazia o melhor possível. Sua van originalmente tinha quinze lugares. Ela me disse que era como morar em uma mansão móvel com janelas panorâmicas para todo lado, só que a vista mudava constantemente. A previdência social dava 600 dólares por mês, depois de uma dedução de 100 dólares do Medicare. “Parece que tenho o suficiente para a gasolina”, disse ela, rindo. “Se não tivesse, simplesmente ficaria em um lugar só.” Ela espremeu todas as roupas em três cestos de plástico na van e também alugava um guarda-móveis por 600 dólares por ano. Disse que pagava 300 por mês por seu espaço na feira de trocas, junto com 50 por uma permissão municipal de vendedora. Quando não estava na feira em Quartzsite, vendia bijuterias na praia em Santa Barbara, onde um passe de temporada custa apenas 100 dólares, mas não inclui o período entre as duas e as seis da manhã, quando as praias ficavam fechadas. Aonde ela ia nesse horário? “Eu me escondo”, disse com naturalidade, explicando que havia muitos lugares para estacionar sem atrapalhar ninguém e que, ao contrário de uma van de velha hippie que ela já teve, coberta de adesivos, seu lar atual era branco e não chamava atenção.

Dois dias depois de nos conhecermos, Chere e eu fomos jantar juntas no Quartzsite Yatch Club. Chere pediu um hambúrguer duplo, comendo apenas um dos hambúrgueres. O segundo, embrulhou cuidadosamente em um guardanapo

para levar a Skittles, um cachorro do qual cuidava para outro vendedor, que partiu em uma viagem rápida a Phoenix. Ela fez uma salada dos ingredientes do sanduíche — alface, tomate e cebola —, cobrindo-a com uma mistura de ketchup e maionese que parecia molho rosé. Bebeu duas cervejas sem álcool O’Doul’s e um copo de água gelada com limão. Quando a refeição acabou, ela se recusou a me deixar pagar sua parte, depois despejou cuidadosamente a água restante em um copo de isopor para viagem. Era fria e refrescante, e o gelo era um pequeno luxo, porque ela não conseguia fazer nenhum na van.

Juntas, voltamos a pé para a feira de troca Hi Ali. Quando perguntei onde ia dormir à noite, ela respondeu que era fácil ficar na van, que estava estacionada na frente de suas mesas de venda. Ninguém a incomodava ali. Disse-me que eu era louca por morar em Nova York e que ela era grata por não ficar presa em uma “selva de concreto” em algum lugar.

“Se as aves podem morar no parque — ou podem morar na cidade —, por que não eu?”, disse ela. “Não precisamos morar onde as pessoas devem morar — é disso que se trata!”



COMO MUITAS CIDADEZINHAS DOS Estados Unidos, Quartzsite passou por tempos difíceis. Em meio ao alvoroço de comércio na rua principal, podemos também ver negócios que não deram certo. Um restaurante foi coberto por tapumes. Em um posto de gasolina, a tinta está lascada e desbotada a um tom pastel; parece que as bombas foram abandonadas há décadas.

O pessoal dos velhos tempos diz que a alta temporada costumava trazer tantos RVs a Quartzsite que era possível atravessar o deserto andando de um teto de veículo a outro, mas o movimento diminuiu sensivelmente nos últimos anos. Ninguém parece saber bem o motivo, mas todos têm suas teorias, de conflito político local a impostos mais altos sobre propriedade e taxas maiores para vendedores de brechós, do câmbio EUA-Canadá às flutuações no preço da gasolina. Alguns pensam que os milhares de caçadores de pedras que visitam as exposições de gemas e minerais de Quartzsite têm preferido eventos semelhantes em Tucson. Outros ainda acreditam que é sintomático de um mal-estar econômico maior, o que significa que menos gente pode pagar por longas viagens em uma motorhome que bebe muita gasolina, que dirá ter o luxo do tempo livre.

“Como nascido em Quartzsite, lembro-me do início dos anos 1980, quando tínhamos mais de um milhão de visitantes no auge da temporada. Agora fica mais em torno de 300 mil pessoas”, disse-me por e-mail o presidente da câmara de comércio local, Philip Cushman.

“É uma ironia que, antes do ar-condicionado, as pessoas ficassem satisfeitas em acampar no deserto por seis meses. Agora, assim que bate 37 graus, saem todos numa correria louca para outro lugar”, disse ele, acrescentando que “a demografia de visitantes de inverno está mudando. A geração da Segunda Guerra Mundial se satisfazia em jogar bingo, ir a bailes, caçar pedras e trabalhar como voluntária em várias de nossas organizações de serviços comunitários. À medida que foram substituídas por *baby boomers*, observamos que querem mais coisas para fazer, ou ficam entediadas”. Ele não está disposto a acreditar que os melhores dias de Quartzsite já se foram. Nos últimos anos, a comunidade tem experimentado novos eventos, como a

Grand Gathering, uma celebração de quatro dias para avós em que 631 participantes ficam em pé (e se sentam) na forma de um “Q” gigantesco para bater o recorde mundial de Maior Letra Humana do Guinness.^[19]

Apesar destes esforços, muitas pessoas que visitam Quartzsite têm dificuldades financeiras, não são os turistas esbanjadores necessários para fazer a cidade reviver.^[20] No Church of the Isaiah 58 Project, na avenida South Moon Mountain, um motociclista convertido em pastor chamado Mike Hobby e sua esposa, Linda, criaram um sopão sazonal para ajudá-los. Depois de ter a experiência de ficar sem teto — uma crise de saúde afogou o casal sem seguro em contas impagáveis —, eles fundaram a igreja em 2003 com a missão de ajudar os despossuídos. O programa cresceu e agora serve milhares de refeições a idosos e sem-teto de novembro ao final de março, todo ano. Ao contrário de muitas missões religiosas, em que as pessoas só são servidas depois de passarem um sermão inteiro sentados — “martelada no ouvido”, como chamam os iniciados —, ali não há exigência alguma.

Mike me disse que os idosos transitórios vão aos bandos a Quartzsite porque é “uma cidade de aposentadoria de baixa renda” e “um lugar barato para se esconder”. Esconder-se do quê? Ele responde: da vergonha, da pobreza, do frio. No deserto, explicou, “eles não precisam ter medo do congelamento. Dizem aos filhos que passam bem”.

Uma noite, quando estive lá, havia uma fila de pessoas com bandejas de plástico para receber espaguete com frango à caçadora por cima, junto com salada, pão de hambúrguer com alho e torta de maçã. Sentaram-se a mesas compridas em um espaço de depósito atrás da igreja que se abria para o estacionamento. O clima era sociável. Aposentados trocavam histórias com viajantes de trens de

carga e ciclistas. No alto, em uma faixa pintada à mão, uma figura de palito se aproximava de uma porta com chamas vermelhas à esquerda e uma nuvem dourada à direita. “Acabou o Tempo!”, proclamava. “O Que Você Escolheu? Se Não Escolhe Jesus, Você Escolhe o Inferno.”

Durante este jantar, conheci Leonard Scott, antigo dono de posto de gasolina que atendia por “Scottie” e tinha o cabelo em um rabo de cavalo grisalho e oleoso por baixo do boné de caminhoneiro dizendo “Jesus Cristo é o Senhor”. O homem de 63 anos estava morando em um Winnebago 1995: “Perdi meu império” — duas casas e um duplex que ele comprara como investimento — “quando a economia entrou em colapso.” Scottie trabalhou em uma fonte termal em Tonopah, no Arizona, para complementar seu cheque da previdência social de 590 dólares por mês, e pretendia se unir a amigos no Noroeste Pacífico para colher cogumelos morel, que ele soube que rendem mais de três dólares por dez gramas. Por fim, acrescentou, torcia para se mudar para uma praia em Kauai e viver das frutas colhidas nas árvores.**

A igreja fica perto do dispensário de alimentos da cidade. Passei algum tempo ali com Carol Kelley, uma viúva de oitenta anos que administra o lugar incansavelmente de uma mesa atulhada encostada a uma parede coberta de cartazes sobre nutrição. “Vou morrer nesta cadeira”, ela brincou. Uma bonança inesperada tinha chegado na forma de um semitrailer capotado — engradados de ervilhas-tortas, pepinos, vagem e mangas — e ela empurrava o espólio a seus visitantes com o entusiasmo de uma feirante na queima de estoque. Um casal do Oregon se aproximou. Morava em uma van. A mulher me disse que sua cafeteria tinha falido e eles recomeçavam sem nada. Ela era boa na pintura de retratos de cães, assim estavam a caminho de

um mercado das pulgas próximo, na esperança de vender sua arte.

Carol os despachou com uma caixa de legumes. Depois que eles saíram, ela parecia estressada. Era dureza acompanhar as necessidades dos moradores fixos de Quartzsite, explicou, que dirá dos visitantes. “Nossa cidadezinha precisa alimentar toda essa gente que vaga para cá no inverno”, disse ela. “Isso não é justo.” Um dos voluntários costumeiros intrometeu-se, como que para acalmá-la.

“Nós alimentamos todo mundo”, disse ele em voz baixa. “Tratamos todo mundo da mesma forma.”



POR TRÊS INVERNOS SEGUIDOS, acampeei no deserto perto de Quartzsite — no início em uma barraca, depois em uma van — para me familiarizar com os nômades que moram meses sem fim ali. Consegui acompanhar algumas das mesmas pessoas durante as três viagens, inclusive Barb e Chuck Stout, a professora de música e o antigo vice-presidente do McDonald’s que eu tinha entrevistado em Nevada.

Quando Barb e Chuck apareceram em Quartzsite pela primeira vez, ainda se recuperavam de sua temporada de três meses na CamperForce. Como os colegas de trabalho, enfrentaram uma provação tripla por lá. Primeiro veio a exaustão física. (“Músculos que eu nem sabia que tinha gritavam para mim depois de dez horas de levantar, torcer, agachar, esticar”, refletiu Barb.) Depois veio a loucura kafkiana. (Após 45 minutos procurando por um cesto com espaço suficiente para guardar um produto, Barb teve de repetir “respire, respire” para ficar mentalmente sã no depósito, que ela apelidava de “Amazoológico”.) Por fim,

veio a sobrevivência pura e simples: o estresse de temperaturas abaixo de zero em um RV feito para climas mais quentes. (O suprimento de água do veículo foi cortado quando um filtro congelou e explodiu. Depois a bomba quebrou. Chuck perdeu um dia de trabalho para fazer os reparos.)

Depois disso tudo, eles estavam prontos para o sol do Arizona. No entanto, como os novatos “na Q”, eles não sabiam onde, no vasto deserto selvagem, deviam *boondock*. Outro casal os convidou a uma reunião anual chamada Birds of a Feather Quartzsite Rally. Eles decidiram dar uma olhada. O que encontraram: mais de 85 ônibus BlueBird Wanderlodge de luxo estacionados lado a lado em uma roda imensa, como os raios de um sol desenhado por uma criança, em uma área que os donos dos veículos chamavam de “o ninho”. Os para-choques dianteiros eram apontados para dentro, cada um alinhado com um X que fora traçado na terra a intervalos perfeitos de 7,5 metros. Quando a reunião começou, um quadro branco dizendo “Bem-vindos a Q” era atualizado diariamente com um cronograma de eventos que iam de uma “Caminhada para Senhoras” (a legenda dizia: “ande, piranha, ande, piranha...”) a um “Tecnopasseio para Homens”, uma sessão de armas de fogo chamada “Tiro Tático” e o “Jantar de Costeletas do Ray”. (Uma nota sarcástica alertava as pessoas de que, se elas se esquecessem de pagar por sua carne, chegariam ao jantar e descobririam que “Ray doou seu pedaço do paraíso aos sem-teto na cidade!”)

Os Stout rapidamente entenderam que seu National Seabreeze 1996 era um “OMQ” — gíria para “Outra Marca Qualquer”. Não tinha permissão para se juntar ao círculo. Eles tiveram de estacionar longe. Em algumas noites, faziam suas próprias fogueiras.

Embora os Stout tenham se sentido deslocados no encontro, rapidamente se reconectaram com um grupo mais acolhedor — cujos laços tinham sido forjados pelo trabalho árduo. Um reencontro extraoficial da CamperForce brotou em uma área do deserto chamada de Scaddan Wash. Nove amazonianos e um policial aposentado, que participava por diversão, sentaram-se em cadeiras de acampamento e recordaram-se do trabalho no depósito enquanto comiam torresmo, chips de tortilla, cenourinhas e os sanduíches de salada de ovo veganos de Barb. Cantaram “The Twelve Days of Amazon”, uma paródia dos trabalhadores do clássico natalino “The Twelve Days of Christmas” que substituíra “ten lords a leaping” (os Dez Mandamentos) por “horns a beeping” (buzinas tocando) — uma referência ao barulho no depósito — e acrescentava outros presentes, como “um crachá de segurança”, “dois pares de luvas”, “três coletes laranja” e, por fim, “dez músculos doídos”. Depois eles tiraram nomes de um chapéu para os prêmios do portão: muambas com a marca da Amazon que incluíam chaveiros, abridores de garrafa, cordões e pen drives. (Ofereceram-me um estilete, mas declinei educadamente, explicando que precisaria pegar um avião para casa depois.) Alguém jogou um Frisbee de plástico azul e Sydney, o cão dos Stout, uma mistura de pastor e boiadeiro australiano, correu atrás dele. As pessoas refletiam sobre como, na Amazon, contavam os dias para a temporada terminar, enquanto em Quartzsite era fácil se perder completamente no tempo.

Barb e Chuck passaram a gostar de Quartzsite e fizeram da cidade um destino de peregrinação anual. Como Iris, encontraram trabalhos de curto prazo ali. Estes incluíam bicos em uma exposição de RV: catar o lixo, proteger entradas para vendedores e guarnecer uma barraca que

vendia utensílios de pescaria, suportes para bebida esportivos e outros apetrechos. Barb gostava mais de trabalhar naquela barraca — ali ela era um cruzamento de animadora de circo com uma apresentadora do canal Home Shopping Network. Distribuía amostras de mistura para bloody Mary e demonstrava com agilidade um dispositivo para dar nós em linha de pesca. Seu chefe encorajava a teatralidade. Certa vez, quando uma idosa em uma cadeira motorizada encostou no balcão para olhar, ele pegou uma caneca Liquid Caddy Ultimate e prendeu com velcro na prótese de sua perna. Barb opinou. “Isto vai caber em qualquer lugar, a qualquer hora, em qualquer coisa!”, exclamou ela, depois apontou para seu chefe. “Ele não está brincando! Não é pegadinha!”

Da última vez que vi os Stout em Quartzsite, era o terceiro inverno deles ali. Agora eram nômades veteranos. Sentados junto a uma fogueira, realizavam um alegre rito de catarse: queimar os antigos documentos de falência.

* “Se eu tivesse um milhão de dólares, compraria uma casa para você” (N. da T.)

** Ele não é a primeira pessoa de pouca sorte a considerar isto. A maior operadora de abrigos para sem-teto do Havaí, o Institute for Human Services, recebe de 100 a 150 telefonemas e e-mails por ano “de pessoas que realmente procuram ser sem-teto aqui, no Havaí”, disse um representante da agência a um repórter da TV local. A população de sem-teto aumentou em mais de um terço nos últimos anos e agora é maior, *per capita*, do que qualquer outra no país, levando o governador a decretar estado de emergência e o prefeito de Honolulu a apelar por uma “guerra ao desabrigo”. Enquanto isso, o setor de turismo havaiano tem financiado uma iniciativa para mandar os sem-teto de avião de volta ao continente.

CAPÍTULO SETE

O Rubber Tramp Rendezvous

A CIDADE DE NEEDLES, na Califórnia, foi batizada com o nome de uma cadeia de pináculos de granito que se elevam como dentes irregulares. Quando John Steinbeck escreveu sobre o lugar em *As vinhas da ira*, o fez com tanta hostilidade quanto sugere sua geografia. A família Joad para a fim de descansar em um acampamento de barracas perto do rio Colorado, em Needles, e é expulsa por um xerife. Chamando-os de “Okies”, ele rosna: “Não queremos ninguém de sua laia por aqui.” Ma Joad o ameaça com uma frigideira de ferro. “O senhor tem um distintivo e uma arma”, retruca ela. “De onde eu venho, tem de manter o tom de voz baixo.”^[1]

Linda parou em Needles a caminho do Rubber Tramp Rendezvous. Tinha vindo direto do depósito da Amazon em Fernley, a oito horas de distância. Como os Joad, estava exausta e torcia para dormir ali. Ao contrário deles, pretendia não ser importunada pela polícia. Isto significava encontrar um lugar para estacionar a motorhome de 8,5 metros à noite, de graça, sem chamar atenção. Needles não tem Walmart. A melhor aposta seria outra loja que funcionasse a noite toda, com um estacionamento ativo. Parando na histórica rota 66, Linda viu o horário de um supermercado Basha no centro comercial Needles Towne Center. Fechava cedo, mas a cem metros ficava uma

academia 24 horas. O lugar não parecia especialmente movimentado, mas teria de servir. Ela estacionou na frente da entrada e foi para a cama.

Linda dormiu a noite toda. Pela manhã, acordou com uma tarefa em mente. Enquanto trabalhava na Amazon, deixou o registro da motorhome expirar sem querer — “Sou uma cabeça de vento!” — e precisava renová-lo antes de seguir viagem. Assim, ela mapeou as orientações para o departamento de trânsito local. O GPS do celular a levou de volta à estrada. Disse para dar a volta. Depois, que ela dirigisse um pouco mais. Quando a orientação acabou, Linda estava exatamente onde tinha começado. Tentou de novo, obteve o mesmo resultado, e parou para pedir ajuda em um posto de gasolina. O frentista apontou um escritório perto da esquina do centro comercial. “Fiquei estacionada ali a noite toda”, lembrou Linda, rindo. “Simplesmente não vi.” Logo sua motorhome estava registrada e ia ao sul na Interstate 95. Quartzsite ficava a menos de duas horas dali.

“Vá ao Rubber Tramp Rendezvous para fazer aulas e aprender, além de conhecer muitos amigos”, dizia um convite no site de Bob Wells. “De muitas formas, nós, moradores modernos de vans, somos como os montanhistas de antigamente: precisamos ficar sozinhos e em movimento, mas também precisamos nos reunir de vez em quando em algum lugar e nos relacionar com pessoas de espírito semelhante, que nos compreendem.”[2]

Isto pareceu maravilhoso a Linda, que ansiava por companheirismo. Quando partira no RV sete meses antes, a sobrevivência financeira não era seu único objetivo — também sonhava em se unir a uma comunidade maior, gente que estava disposta a refazer radicalmente a vida, em busca de satisfação e liberdade. Entretanto, na Amazon, os turnos da madrugada foram extenuantes e solitários. Os

dias de folga eram mais para a recuperação do que a socialização, o que não deixava muito tempo para formar laços com outros nômades. Depois que o inverno rigoroso de Nevada chegou para valer — quando a temperatura caiu a -18 graus —, a maioria dos vizinhos no Desert Rose tinha se escondido nos veículos, esvaziando os espaços ao ar livre nos estacionamentos. Linda estava farta de tudo aquilo. Estava pronta para o clima mais ameno de Quartzsite, com suas tardes de 21 graus.

É claro que os bons tempos não estavam garantidos. Linda nunca tinha ido ao “Q”. Não sabia percorrer a vastidão do deserto que cercava a cidade. Nem mesmo tinha as orientações para chegar ao acampamento. Ao contrário de muitos novatos, que faziam amizade com o pessoal do RTR virtualmente pelas conversas no site de Bob, Linda não participara desse diálogo. A única pessoa que conhecia no RTR era Silvianne. (Jen e Ash estavam em outras aventuras e só chegariam na segunda semana do evento.) Por conseguinte, Linda parecia uma criança no primeiro dia de aula na escola nova. Queria conhecer gente. Queria aprender coisas. Mas e se não se encaixasse? A maior parte do grupo seria de moradores minimalistas de vans, afinal. Eles veriam com gentileza seu enorme RV beberrão de gasolina?

Ela não passou muito tempo preocupada. Em vez disso, procurou instruções na internet. “Ei, este será meu primeiro RTR. Tem um mapa para o acampamento, um calendário de eventos? Agradecerei por qualquer ajuda”, ela postou em uma página do encontro no Facebook. Alguém respondeu com um cronograma. Swankie Wheels linkou o que parecia um mapa do tesouro em clip art, com a rota para o RTR destacada em amarelo, levando a um “X” vermelho com as palavras “Estamos aqui”.

Assim Linda partiu para encontrar o que esperava ser sua comunidade. A motorhome estremeceu pela estrada Dome Rock East em um calçamento que parecia mais pós-apocalíptico quanto mais ela se afastava da cidade. Em certos lugares, estava tão esburacado e rachado que os motoristas desistiam e usavam o acostamento. A sua direita ficava Scaddan Wash, terras públicas que ofereciam catorze dias de acampamento gratuito. Filas de RVs gigantescos agrupavam-se à margem, fazendo com que o lugar mais parecesse uma festa do que uma reserva natural. Mais adiante, o que restava do asfalto acabava em uma barreira laranja e branca. Ali, Linda fez uma curva fechada para a direita e entrou na Mitchell Mine, uma estrada de cascalho que se elevava e descia pelo chaparral, para o sul, passando pelas massas e entrando no deserto. Depois de uns 2,5 quilômetros, apareceu uma placa amarela no acostamento. “Rubber Tramp Rendezvous”, dizia, com uma seta apontando para a direita. (A placa facilitava a descoberta do acampamento à luz do dia. Chegar lá depois de escurecer, porém, era difícil para os novatos. Em meu primeiro inverno em Quartzsite, tentei visitar uma noite e me perdi rapidamente. Quando localizei uma fogueira ao longe, dirigi para ela na esperança de ser o RTR, mas descobri um grupo de Rainbows e crust punks fazendo a festa com uísque e baseados. Sentei-me e ouvi um violonista cantar uma música alegre de Kimya Dawson: “The beer I had for breakfast was a bottle of Mad Dog! And my twenty-twenty vision was fifty percent off!”*)



Uma placa aponta o caminho para o Rubber Tramp Rendezvous.

Linda atravessou lentamente para a área de camping. Cerca de cinco dúzias de veículos pontilhavam o deserto aberto, como casinhas dividindo o quintal imenso. Ela viu todo tipo de vans — minivans, de carga e de passageiros, convertidas de teto alto, com elevador para cadeira de rodas, furgões. Uma era alugada, com o logo da empresa de transporte U-Haul pintado nas laterais. (Esta, Linda soube depois, era o lar temporário de um morador de van em treinamento que tinha viajado de avião de Chicago a Phoenix, onde a alugara para usar de transporte e abrigo durante o evento.) Em meio às vans, havia alguns trailers de viagem, picapes com capota e RVs, além de um ou outro SUV e sedã — até um Prius — preparados para a vida móvel de longo prazo. Um ciclista se virava com ainda menos: duas rodas e uma barraca. Havia alguns veículos mais

exóticos, inclusive uma carroça de madeira, ou vardo, que fora pintada de verde-água. Modelada como as tradicionais carroças a cavalo usadas pelo povo Romani no século XIX, era puxada por uma picape e lar de um construtor de barcos de 65 anos de Oregon, que sobreviveu a um carcinoma celular renal e se sustentava com os cheques mensais de 471 dólares da previdência social.

No meio do acampamento anárquico, havia uma enorme roda em torno de uma fogueira — o centro da reunião. Não muito longe dali, Linda encontrou um lugar para estacionar o RV, perto de umas árvores desgrenhadas. Ela montou acampamento.

A frota de habitações móveis compunha uma exibição impressionante, e Bob mais tarde postou fotos em seu site. Um leitor ficou admirado: “Se eu visse suas fotos sem o comentário (...) pensaria que é um relato sobre um futuro de guerreiros da estrada (...) pós-colapso econômico em que todos passaram a morar em veículos.”^[3]

Era a quarta vez que Bob promovia o Rubber Tramp Rendezvous no inverno. Não era fácil ser guru. Ele passava meses planejando e espalhando a palavra. À medida que o evento começava, seu trabalho ficava mais tangível. Pela estrada, ele afixou as placas de RTR em estacas firmes, que martelou no chão para suportar os ventos do deserto. Fez cópias de um calendário com ocasiões sociais e um programa de seminários que pretendia dar. Armou uma tenda contendo um balde de vinte litros, sacos de lixo, lenços umedecidos e papel higiênico — um gesto cortês de boas-vindas. Empilhou madeira ao lado da fogueira e, perto dali, abriu no chão uma lona azul, como uma manta de piquenique, prendendo os cantos com pedras. Esta seria a pilha grátis. Os moradores de van se livravam de coisas o tempo todo, tentando maximizar o espaço limitado. Novos

objetos apareciam na pilha todo dia: cobertores, livros, um enorme chapéu de palha, peças automotivas, chinelos, uma câmera digital, estacas de barraca, copos de plástico, a edição de Yosemite da revista *Backpacker*, camisetas, calças e um vaso grande de terracota, cujo novo dono encheu de gravetos, cobrindo com uma grelha, e usou para ferver uma panela de sopa. Linda foi procurar livros ali, pegando o que despertasse seu interesse, e me mostrou uma de suas descobertas, uma brochura com o título *The Secret Symbols of the Dollar Bill: A Closer Look at the Hidden Magic and Meaning of the Money You Use Every Day* [Os símbolos secretos das notas de dólar: Um olhar atento à magia e ao significado oculto do dinheiro que usamos todo dia].



Lou Brochetti em sua carroça Romani feita à mão.

Bob não lucra nada com o RTR. Sua hospitalidade estabelece um tom de generosidade, atraindo pessoas

igualmente ávidas por partilhar habilidades, recursos e experiências. Uma cosmetologista formada fazia cortes de cabelo gratuitos perto da van Chevy Astro em que morava com o marido e dois cachorros. Um morador de RV montou um bar tiki com placa de néon, flamingos de jardim e uma palmeira acesa, onde promoveu festas. Swankie demonstrou seu forno solar — essencialmente, uma caixa com espelhos de bronzeamento para comida — assando brownies, pães de banana e muffins de mirtilo para todos. Mecânicos ensinaram habilidades básicas de conserto de automóveis. Carpinteiros martelavam estruturas de camas e estantes que se encaixassem em vans recentemente evisceradas. Quem tinha grandes painéis solares cedia a energia excedente, deixando cabos de extensão para que quem passasse pudesse recarregar suas engenhocas. Uma mulher surda deu uma aula improvisada de ASL, a língua de sinais americana. Um cara demonstrou como consertar pneus. Levou um pneu radial velho em que os participantes podiam praticar, deixou que apunhalassem e tapassem o vazamento, vezes sem conta, depois deu conselhos sobre compressores de ar portáteis de 12 volts. Linda valorizava especialmente estas habilidades e, durante outra estada como recepcionista de camping, as colocaria em prática para resgatar guardas florestais cuja picape tinha um pneu furado.



Bob faz seu corte de cabelo anual com a cosmetologista Kyndal Dimon.

Toda manhã, ao nascer do sol, uma moradora de van, Lesa NeSmith, levantava-se para acender a primeira fogueira e ferver um bule de café caubói para todos que passassem com uma caneca. Era uma antiga tradição de Lesa. Quando morava em um arranha-céu em Richmond, na Virgínia, acordava cedo nas manhãs de domingo para preparar café em uma cafeteira elétrica e abrir a porta do apartamento, mostrando aos vizinhos que o café estava pronto para ser compartilhado.

Havia refeições coletivas: uma noite de batata assada em que cada um levava seu recheio, junto com chili e sopas em que todos acrescentavam alguma coisa a panelas colossais, remetendo às caldeiradas de viajantes da Grande Depressão dos anos 1930. Toda noite, depois do pôr do sol, alguém acendia uma fogueira grande, mas em geral era abandonada lá pelas nove ou dez horas, quando o sono começava a arriar as pálpebras e o frio da noite se instalava.

Também havia um sentimento dominante de orgulho. Quase todos que conheci partilhavam a atitude de Al Christensen, 62, antigo diretor de arte de agência de publicidade que preferia ser chamado de “sem-casa”, segundo me disse, em lugar de “sem-teto”. Como convém a sua antiga profissão, Al é habilidoso com as palavras. Descreveu ver os empregos na publicidade secarem em um período de vários anos, com as poucas oportunidades restantes destinadas aos mais jovens. Ele deixou de trabalhar em uma “agência virtual” para ser “virtualmente desempregado”, explicou. Naturalmente solitário, segundo suas próprias palavras, Al só conseguia ficar cercado de gente por pouco tempo. Teve de deixar a RTR no meio de um seminário sobre orçamento para recuperar sua solidão, mas voltou alguns dias depois. Gostava das pessoas no RTR e sentia que mostrava o lado bom do estilo de vida nômade, “fazia parecer muito possível e respeitável — não estou morando em uma van perto do rio”.^[4]

Linda também ficou deliciada com o convívio. Queria aprender o máximo que pudesse e ia a seminários que começavam às dez, na maioria das manhãs. Muitos veteranos do RTR já eram fluentes no que Bob ensinava — seja porque aprenderam as lições com a própria vida, porque tinham comparecido a seminários quase idênticos no ano anterior, ou porque tinham lido o livro dele, *How to Live in a Car, Van or RV... And Get Out of Debt, Travel & Find True Freedom* [Como morar em um carro, van ou RV... E acabar com as dívidas, viajar & encontrar a liberdade].^[5] Embora o livro de Bob fosse bastante prático, também incluía alguns exercícios que beiravam a arte performática para aspirantes a moradores de van. “Treine em seu apartamento”, aconselhava. “O primeiro passo é se mudar para seu quarto e parar de usar o resto da casa.” O passo

seguinte, continuava o livro, era determinar as medidas internas de seu futuro lar. Se você previsse, digamos, seis metros quadrados, podia construir um modelo útil com base naquilo. “Arranje umas caixas de papelão e use para criar um espaço de dois metros por três no canto de seu quarto”, explicava o livro. “Agora mude-se para sua ‘van’ de papelão. Em vez de morar no quarto, você viverá somente em sua van de papelão.” (Para alguém estressado com as perspectivas de se mudar para uma van, é difícil imaginar que ensaiar com uma caixa de geladeira daria algum ânimo.)

Ainda assim, quase todos, inclusive os veteranos, apareciam com cadeiras dobráveis para se sentar e ouvir. Alguns tomavam notas. Outros ficavam ocupados demais protegendo-se do ar frio matinal, metendo as mãos nos bolsos dos moletons ou bebendo canecas de café fumegante. Alguns tentavam manter a ordem em meio à legião errante de cães de nômades. Os cachorros eram de todos os tamanhos — de chihuahuas a coonhounds e cães-lobo educados — e vagavam por ali durante os seminários, cumprimentando-se, pedindo petiscos, farejando cinzas na fogueira, urinando nos arbustos de creosoto (e uma vez em meu gravador) e se metendo em brigas ocasionais.

Um dos seminários mais animados ensinava a arte de estacionar escondido. Destinado a moradores de van urbanos, que costumavam se esquivar de leis anticamping, as lições trataram de se misturar com o ambiente para evitar a temida “batida” de um policial na porta, um bêbado esmurrando as paredes ou transeuntes espiando pelas janelas, perguntando “Mora alguém aí?”. Todos conheciam “a batida”. Era um inimigo comum. Swankie até tinha pesadelos com isso. “Tenho um sonho estranho e surreal de alguém batendo na van”, escreveu ela, certa vez. “Em geral

acontece se não estou inteiramente à vontade no lugar em que estaciono. É muito irritante. Nunca tem ninguém lá. Bom, às vezes tem, mas, se for da polícia ou da segurança, em geral eles FALAM.”[6]

O primeiro conselho de Bob era encontrar uma área segura. Sua carreira na indústria de supermercados e as primeiras experiências acampando no estacionamento do local de trabalho fizeram dele um grande fã de mercados 24 horas. Acrescentou que, em algumas cidades onde era proibido estacionar à noite no Walmart, os nômades podiam encontrar refúgio em outras grandes redes, inclusive Kmart, Sam’s Club, Costco, Home Depot e Lowe’s. Os varejistas que atendiam a entusiastas da vida ao ar livre, como a Bass Pro e a Cabela’s, também podem ser uma boa aposta. A Cracker Barrel tinha fama de tolerância com RVs. Centros comerciais e lanchonetes 24 horas como a Denny’s também podem funcionar. Às vezes o melhor plano era posicionar o veículo entre duas lojas; cada uma delas vai supor que você está de visita na outra. Sempre que estacionar, é inteligente parar de ré — assim a frente do veículo aponta para a rua e você pode sair rapidamente, se houver problemas. E quando passar algum tempo em um lugar só — em particular quando estiver perto de áreas residenciais — é bom ter um ponto para o dia e outro para a noite. É no estacionamento diurno que se pode cuidar de todas as atividades costumeiras, inclusive qualquer coisa que precise fazer à noite ao se preparar para dormir. O estacionamento noturno fica em algum lugar aonde se vai depois que escurece, estritamente para dormir. E então se sai de manhã bem cedinho. Se precisar usar uma luz quando já estiver no estacionamento noturno, pense em uma lâmpada com filtro vermelho, que é menos intensa.

Bob também destacou a importância de ter uma boa história preparada. Se estiver estacionado perto de um hospital, você está visitando um paciente. Se estiver estacionado em uma oficina mecânica, você está consertando o motor. Quando se trata de álibis, ele exortava seu bando a conhecer seus limites e não exagerar com histórias inacreditáveis. “Se você não sabe contar história, não tente contar história”, disse ele.

Outro elemento era a camuflagem. Significava manter o veículo limpo, tirar do banco do carona a roupa suja ou outra bagunça e evitar adornos que pudessem atrair interesse, de enfeites de antenas a adesivos em janelas e em para-choques. (Este último ponto suscitou uma divergência irreverente. *E um adesivo de “Me pergunte sobre Jesus”? Isso não afasta as pessoas?* Um dos nômades, que não era religioso, tinha colado um adesivo desses em sua picape como uma mistura de experiência e piada interna.) As pessoas que moram em vans de carga, sugeriu Bob, podem assumir um visual de trabalhador — deixar um colete de segurança no banco, de forma que fique visível pela janela, instalar um suporte para escada no teto. Os que moram em vans brancas podem procurar empresas locais — como serviços de encanador ou bufê — que tenham frotas de veículos parecidas e tentar se misturar com o rebanho. Camuflagem também significava tentar não se fechar demais — se sua van sempre tem as janelas bloqueadas por cortinas, as pessoas vão perguntar o que tem ali dentro. Outra estratégia importante era tentar não chamar atenção quando fosse tomar banho em um banheiro público, por exemplo, usando um colete de caçador ou de passeio ao ar livre, com muitos bolsos pequenos onde guardar os produtos de toalete.

Bob também enfatizou: nem sempre a polícia é o inimigo. Alguns moradores de van e RV contaram de receber “a batida” de policiais preocupados que só queriam saber se eles estavam bem. Houve relatos de uma moradora de van em Ohio sobre um policial simpático que às vezes lhe levava café. Ao pesquisar uma cidade com antecedência ou falar com outros moradores de van, se aprende muito sobre a mentalidade do lugar. Em lugares amistosos, a melhor opção pode ser ir diretamente à central de polícia, contar uma história de azar e perguntar onde, na cidade, seria seguro estacionar para passar a noite. E lembre-se: não importa o quanto for furtivo, é muito provável que a polícia local tome consciência de sua presença. “Os policiais são espertos. Vão perceber que está acontecendo alguma coisa se você estiver ‘só de passagem’ pelos últimos seis meses.”

Todos reconheceram, porém, que normalmente era preferível evitar inteiramente a polícia. Alguns tinham maneiras inteligentes de fazer isso. Um morador de van falou na internet que instalara um aplicativo de scanner da polícia em seu smartphone. Ouvindo o papo dos canais policiais locais, ele podia determinar se alguém o denunciara por acampamento ilegal e sair antes que a polícia aparecesse. Também tinha outro propósito. Se vândalos se aproximassem, ele podia assustá-los tocando alto o rádio da polícia, com estática e guinchos, para fazer com que o veículo parecesse uma viatura disfarçada.

Outro seminário frequentado era a palestra de Bob sobre orçamento, que trazia uma forte mensagem em favor do minimalismo e contra a cultura de consumo. Bob dizia às pessoas que, embora elas fossem escravas da economia de mercado, podiam maximizar sua liberdade reduzindo as necessidades materiais e gastando menos. “Pelos padrões da sociedade, sou miserável, mas, pelos padrões de

moradores de vans, eu vivo muito bem”, explicou ele. Para economizar na gasolina, Bob recomendou rachar o preço com caronas quando fosse à cidade, evitar usos desnecessários do veículo e verificar aplicativos como o Gas Buddy para encontrar os postos de abastecimento mais baratos. Ele os exortou a manter um fundo emergencial — de mais ou menos 2 mil dólares —, mesmo que tenha de ser formado lentamente, reservando um envelope e acrescentando 3 dólares por dia. Disse que conhecia alguém que vivia com 250 dólares por mês. “Quantas pessoas aqui vivem com no máximo 500 dólares por mês?”, perguntou. Alguns levantaram a mão. “Quantos estão sem dívidas?” O pinga-pinga de mãos tornou-se uma torrente, provocando risos e aplausos. Um cara se levantou para tirar uma foto. “Não se vê isso em nenhum outro lugar dos Estados Unidos!”, ele se admirou.

Quando alguém levantou o assunto de ganhar dinheiro enquanto viaja, um morador de van revelou que era crupiê de pôquer itinerante. Cassinos de todo o país contratavam crupiês temporários para os torneios e o trabalho pode tranquilamente pagar 30 dólares por hora, com comida gratuita durante o expediente. Em seu primeiro bico, a World Series of Poker em Las Vegas, ele ganhou 11 mil dólares em sete semanas. O processo de contratação parecia não levar a idade em conta; ele conheceu crupiês em seus setenta e oitenta anos. Só conseguia pensar em duas desvantagens. A primeira era que os candidatos a crupiê tinham de comparecer a um curso de treinamento e, embora às vezes os cassinos os oferecessem de graça, esses cursos podiam custar algumas centenas de dólares. A segunda era que você precisava tomar banho todo dia.

Depois da palestra sobre orçamento, Linda me disse que não tinha muita certeza sobre voltar à Amazon e o trabalho

de crupiê parecia incrível. Fez com que ela pensasse em seus dias trabalhando como vendedora de cigarros e garçõete no Riverside Casino. “Eu faria isso num estalo!”, disse ela. “Seria crupiê de pôquer.”

Outros seminários davam conselhos sobre instalação de painéis solares, *workamping*, cozinhar com uma cozinha limitada e *boondocking* em terras públicas. Em uma sessão de perguntas e respostas anônimas, os participantes escreviam perguntas difíceis em tiras de papel, que deixavam em uma lata. Um moderador as lia em voz alta. *O que posso fazer se minha família não aceita meu jeito de viver? Como encontro alguém para namorar? Também aparecia uma ou outra piada. Como fazer sexo em uma van?*

Bob também explicou como conseguir tratamento odontológico barato em Los Algodones, uma cidade no estado mexicano de Baja California apelidada de “Cidade Molar” por ter cerca de 350 dentistas espremidos em algumas quadras. Linda tinha esperanças de fazer uma viagem até lá a certa altura para fazer reparos na dentadura superior. Ela caiu do bolso de sua blusa quando se abaixou para fazer carinho em Coco e Linda pisou nela por acidente. Bob tinha ido a Los Algodones pela primeira vez depois de receber um orçamento de 2.500 dólares de um dentista de Nevada, que era muito mais do que ele podia pagar. Acabou recebendo o mesmo tratamento por 600 dólares. Embora a diferença ainda não seja sempre assim tão drástica, os procedimentos odontológicos costumam custar menos que a metade dos preços praticados nos EUA.

Bob passou a viajar a Los Algodones todo ano para uma limpeza dentária de 25 dólares. Como a cidade também tem muitos oftalmologistas e farmácias baratos, ele fez estoque de medicamentos para controlar a pressão alta — não

exigiam receitas — e também pagou 100 dólares por um exame de vista e óculos novos. Em uma dessas ocasiões, consegui me juntar a ele na excursão anual. Um grupo dividiu a gasolina pelos 130 quilômetros de Scaddan Wash, perto de Quartzsite, a Yuma. Depois, seguimos mais para o oeste até a pequena comunidade de fronteira de Andrade. Estacionamos perto de um cassino de propriedade do povo Quechan local e atravessamos a fronteira, passando por uma placa que dizia BIENVENIDOS em grandes caracteres e, em letras menores, abaixo, um alerta a visitantes americanos: “Armas são ilegais no México.”

Bob nos levou a uma construção que parecia nova, com fachada de vidro e mármore. Do lado direito, estava pendurada uma faixa com fotos de pacientes sorridentes, principalmente brancos, sobreposta a uma ilustração de um implante dentário. Passamos pelas portas espelhadas. Ali dentro, os funcionários usavam jalecos cinza azulados limpos e nos convidaram a sentar em uma sala de espera com paredes cobertas de diplomas. Bob tolerou minha companhia até um consultório imaculado, onde seus raios X anteriores foram carregados em um monitor. Quando saí para explorar a cidade, deixei-o reclinado na cadeira de paciente debaixo da luz intensa, de boca escancarada, enquanto o dentista o examinava.

De volta à rua, passei por barracas de raridades e lojas de bebidas, placas anunciando aparelhos auditivos pela metade do preço e uma farmácia cujo quadro branco anunciava Viagra e comprimidos para dieta com descontos. Na frente de uma loja, dois protéticos estavam sentados a uma bancada; um deles tinha máscara facial e cortava, com um serrote pequeno, um molde odontológico de gesso. Turistas de cabelos brancos estavam sentados em pátios abertos, comendo tacos de camarão, bebendo margaritas,

às vezes dançando com a música ao vivo. Um violonista cantava “Desperado”. Virando a esquina, os acordes de “Hotel California” vagaram de um bar. Mais tarde li um post em um blog de um nômade que tinha ido a Los Algodones pouco depois do RTR e foi agraciado com a trilha sonora de “Take It to the Limit” e “Lyn’ Eyes” no sistema de som enquanto fazia uma limpeza nos dentes e tirava raios X.^[7] Parecia que não se podia andar uma quadra sem ouvir os Eagles.

Esperamos até depois do maior movimento de almoço, entre meio-dia e três horas, quando é possível ficar na fila do posto de fronteira por mais de uma hora, e cruzamos de volta ao Arizona.



LINDA DESFRUTAVA DE SEU Rubber Tramp Rendezvous inaugural quando nos conhecemos, depois de um seminário sobre orçamento. Perguntei o que ela estava achando. “Ah, meu deus”, disse. “Outro dia, pela primeira vez em muitos anos, senti alegria. Alegria! Isso é melhor do que ser feliz”, disse ela, os olhos se enrugando nos cantos ao me contar de uma ida à cidade com Sylvianne. “Estávamos só dirigindo pela rua naquele onibusinho dela, procurando um lugar para deixar o lixo, e pensei: ‘É assim que nós vivemos. É maravilhoso fazer isso.’”

Alguns dias depois, Linda ainda vivia uma onda de sentimentos bons. Contou-me que estava em modo de sobrevivência quando descobriu o site de Bob. “Agora não me limito a sobreviver, eu vivo bem!”, ela se admirou. “E esta, sabe, é a ideia... você quer viver bem na velhice, e não se limitar a sobreviver dia após dia.”

Depois de meses de correria pelo depósito, ela finalmente começava a relaxar. As coisas que, em geral, eram irritantes passaram a ser divertidas, como o credor que ligava sem parar, tentando falar com outra mulher que antes teve o número do telefone de Linda. No passado, Linda explicava diligentemente a confusão. Agora dizia “Espere um pouco. Vou chamá-la!” e deixava o telefone na espera por vinte minutos. Ela morria de rir.

Jen e Ash se juntaram a Linda no RTR em meados de janeiro. Depois de acabar o contrato na Amazon, elas visitaram a família no Colorado, fizeram trilha na margem sul do Grand Canyon e passearam por Earthships no Novo México. Encontraram Linda e estacionaram a Manatee atrás de seu RV. Não ficaram surpresas que Linda tivesse feito um monte de novos amigos para elas conhecerem, no tempo que levaram para chegar ali.

Uma delas era Lois Middleton, 61, acampada ali por perto em um trailer Aloha 1965 de três metros que ela batizou de Home Sweet Home, ou Lil’ Homey, para abreviar. Como Linda, Lois trabalhara como fiscal de obras. Depois de mais de duas décadas neste trabalho em Vancouver, Washington, ela foi demitida em 2010 em meio a cortes iminentes. Outros dominós começaram a cair. O pai morreu. Seu carro foi retomado. Ela perdeu a casa para a execução hipotecária. Declarou falência. Tinha esperanças de um dia se mudar para a casa do filho, mas então a casa dele também foi executada. Quando Lois partiu no Lil’ Homey, foi sem saber o que vinha pela frente. Ou assim ela me disse: “O plano é que não existe plano.”

Linda ainda não percebera, mas ela também conheceu a mulher que viria a ser sua melhor amiga. (Mais tarde, elas começaram a se chamar de “BFF”; no início parecia ironia, imitando gírias, mas, com o tempo, o verniz se desgastou,

deixando apenas a sinceridade.) LaVonne Ellis era uma escritora de 67 anos que estava na estrada desde outubro. Depois de uma carreira em jornalismo de rádio que incluiu trabalhar como correspondente para a ABC, ela foi parar em uma emissora de Minneapolis. Chegou um novo chefe e eliminou a redação de notícias. Ela foi promovida a gerente, mas não estava dando certo. Eles a despediram. LaVonne deduziu que conseguiria um novo emprego rapidamente, mas, em seus cinquenta anos, descobriu o quanto o mercado de trabalho estava mais complicado. “Fui excluída por velhice”, refletiu ela. Depois de se mudar para a casa da irmã e procurar trabalho, enfim recebeu uma oferta: ler relatórios de trânsito de trinta segundos por 10 dólares por hora. Ela aceitou, trabalhando primeiro em Los Angeles, depois em San Diego. O dinheiro era pouco — em particular porque LaVonne era uma mãe solo cujo filho mais novo ainda morava com ela —, mas ela estava se virando bem até as crises de enxaqueca. Com o tempo, se viu cada vez mais sensível a substâncias químicas e fragrâncias. Conseguiu se adaptar em casa com produtos de limpeza inodoros, mas as horas que passava no trabalho deixavam a cabeça latejando. Por fim, ela se demitiu, requisitando aposentadoria por invalidez. Embora tenha conseguido trabalhos esparsos na internet, nunca trouxe muita renda. Acabou dormindo em uma cama de armar na sala de estar do apartamento de quarto e sala que dividia com o filho e a esposa dele. Detestava sentir que tolhia a liberdade deles, mas não sabia mais para onde ir. Ainda assim, não estava dando certo. Até que ela leu um livro sobre moradia em vans, que lhe deu outra ideia.

No verão de 2013, LaVonne alugou um carro e pegou uma barraca emprestada para comparecer a uma versão menor do Rubber Tramp Rendezvous perto de Flagstaff, no Arizona.

Em seu blog, *The Complete Flake*, ela descreveu a experiência como transformadora:

Descobri meu povo: um bando de desajustados que me cercaram de amor e aceitação. Por desajustados, não quero dizer fracassados e desistentes. Eram americanos inteligentes, solidários e trabalhadores cujos olhos se livraram do que os vendava. Depois de uma vida inteira perseguindo o Sonho Americano, eles chegaram à conclusão de que não passa de um grande golpe.^[8]

Gostou tanto disso que comprou uma van. Era uma GMC Safari marrom de 2003 com 207 mil quilômetros rodados no odômetro. Comprou-a por 4.995 dólares em uma revenda de carros usados em El Cajon e a batizou de LaVanne. Os bancos traseiros tornaram-se seu sofá e cama. Ela montou uma cozinha no bagageiro. Seu objetivo era quitar as dívidas, pagar a van e montar um fundo emergencial enquanto vivia com o dinheiro da previdência social e tentava escrever suas memórias. Dois meses antes de conhecer Linda, ela se mudou para a LaVanne e foi ver Bob. No início, foi difícil fazer a mudança, com tantas noites frias. Bob lhe emprestou um saco de dormir quente e depois insistiu que ela ficasse com ele, dizendo-lhe: “Não gosto dele.” Agora LaVonne estava desfrutando de seu primeiro RTR como moradora de van plena. Dois novos amigos a ajudaram a instalar um painel solar no teto da LaVanne. Ela se ofereceu para liderar as caminhadas diárias do grupo, que partiam da roda da fogueira toda manhã, às oito e meia. Depois fez um convite aberto a sua vaga para um café da manhã de ovos mexidos com batata. Compareci, levando suco de laranja e ovos. LaVonne me lançou um

olhar cético. As pessoas não sabem muito bem como se sentem com uma jornalista por perto, disse ela. Receiam que eu as faça parecer “um bando de vagabundos sem-teto”. Disse a ela que esta não era minha pauta e me retirei para conversar com algumas outras pessoas.

Nessa época, LaVonne e muitos outros no acampamento ansiavam por um evento que coincidia com o RTR e atraía milhares de nômades todo ano: o Quartzsite Sports, Vacation & RV Show. O nome era comprido demais, então todos só chamavam de “a Tenda Grande”. Com mais de duzentos expositores, parecia um comercial gigantesco. Pregoeiros de microfone demonstravam liquidificadores Vitamix e esfregões de borracha. Barracas anunciavam curas para um alfabeto de doenças, de ansiedade e artrite a ciática, dores nas costas e musculares, esporões do calcâneo, gota e joanetes. Um vendedor prometia ajudar os donos de motorhomes com problemas, com placas que diziam “Somos a solução para livrar você de seu pagamento do RV”. Havia mesas da Associação Americana de Recreação Nudista, Twin Peaks RV Insurance e America’s Mailbox, uma empresa que oferecia “encaminhamento de correspondência e serviços de endereço” para itinerantes que precisavam de um endereço na Dakota do Sul, rapidamente. Outras barracas ofereciam escovas adesivas, supercola, placas de identificação para bichos de estimação, treinamento em armas de fogo e travesseiros massageadores.

Havia também mesas de recrutamento para *workampers*. A Amazon enviara representantes que pegavam nomes e davam blocos de post-it com o logo do RV sorridente da CamperForce. Concessionárias do Serviço Florestal estavam presentes, exortando quem passava a se candidatar a trabalhos como recepcionistas de camping. Algumas

entrevistavam candidatos e faziam nomeações ali mesmo. Um representante tinha uniformes para dar aos novos empregados. Uma empresa de empregos temporários chamada Express Employment Professionals procurava mão de obra para a colheita anual de beterraba-açucareira. “Se estiver disposto a preencher uma inscrição, está contratado para a próxima temporada”, disse-me o recrutador. “Contrataríamos hoje mesmo.”

Uma das mesas mais atraentes tinha uma placa iluminada por trás que dizia “Adventureland”. Um display de três painéis abaixo mostrava fotos de empregados grisalhos de parques de diversões, com camisas polo azuis e crachás de plástico. Trabalhadores sorridentes eram retratados sentados no vagão frontal da montanha-russa Tornado, passeando em uma locomotiva retrô, relaxando na estação de lanches Chicken Shack, segurando prêmios de pelúcia imensos. Espalhados entre esses instantâneos, havia desenhos — carinhas sorridentes, um cão mascote com a língua de fora — e slogans impressos:

Sinta-se Criança de Novo!

Ei, Workamper, Está na Hora de Se Divertir!

Camping + Trabalho + Sorrisos = Diversão!!!

Sediada em Atoona, em Iowa, a Adventureland mandava recrutadores para contratar trezentos *workampers* para cuidar de seus brinquedos, jogos e comidas por salários que iam de 7,25 a 7,50 dólares por hora. O parque é dono de um estacionamento vizinho para trailers onde os trabalhadores eram estimulados a ficar, em troca de uma taxa. De junho a setembro, o preço era de 160 dólares por mês; os

empregados que ficassem até o fim da temporada eram dispensados dos aluguéis de agosto e setembro.

Os gerentes da Adventureland contratavam trabalhadores temporários mais velhos há quase duas décadas e gostavam de sua atitude animada. “Acho que alguns *workampers* sabem levar uma conversa até com um poste telefônico porque eles têm o dom da fala”, entusiasmou-se o diretor de recursos humanos do parque, Gary Pardekooper, em uma entrevista por vídeo de 2012 à *Workamper News*. “Nós gostamos disso e nossos clientes gostam disso.”

Só uma vez eu tinha encontrado uma antiga *workamper* da Adventureland; falei com ela quando trabalhava para a Amazon, em Fernley. Ela não era fã da empresa. “A gerência foi horrível e o público era muito, mas muito ruim, e o clima era brutal, era Iowa e fazia calor”, desabafou a mulher de 62 anos, acrescentando que muitos de seus colegas de trabalho sentiram-se maltratados e pediram demissão. “Teve um sujeito que ficou tão irritado que se enfiou na motorhome. O toldo estava para fora, preso por estacas, mas ele simplesmente arrancou dali”, acrescentou ela, rindo ao descrever como o toldo batia no vento.

Na época, eu não sabia disso, mas no ano seguinte eu teria a chance de parar na Adventureland durante uma viagem pelo país em meados de julho. A tarde era úmida, com a temperatura nos 32 graus, e o ar tremulava de calor. O parque temático parecia uma miragem multicolorida entre milhares verdes e o Prairie Meadows. (Este era o nome de um complexo de cassino e pista de corrida vizinho.) O camping dos empregados tinha freixos. Muitos RVs ali exibiam bandeiras americanas e placas da região central — Iowa, Nebraska, Minnesota e Dakota do Sul. Duas barracas estavam armadas no fundo. Parecia haver alguns

habitantes de longo prazo entre os nômades — dava para saber, pelo mato que tinha crescido em volta dos pneus e pelos tomateiros maduros plantados em baldes de vinte litros.

Dentro do parque, a equipe parecia se dividir igualmente entre estudantes do ensino médio locais e idosos. Havia várias lojas de lembrancinhas. Uma vendia camisetas com trocadilhos e mensagens cristãs que diziam, “Wanna Taco ‘Bout Jesus? Lettuce Pray” e “God Is Greater Than Any Failed Plan Debt Disease Army or Mountain Standing in Your Way”. Em outra, uma atendente de sessenta e poucos anos falava animadamente de um recente aumento de salário que pegara todo mundo de surpresa. Agora eles recebiam 8,50 dólares por hora. Ela e os colegas especulavam que era pressão da concorrência, porque a Walmart começara a pagar 9 dólares por hora. Embora ela tenha ido para trabalhar em meio expediente, acrescentou, a empresa precisava de empregados e a colocou em horário integral. (Isto explicava por que, no meio da temporada, ainda havia placas pelo parque dizendo “Contratando Agora! Emprego de Verão Divertido. Trabalhe com Todos os Seus Amigos!”) Mudando de assunto, perguntei se ela teria um brinquedo preferido. “Minha brincadeira preferida é quando alguém me dá uma carona para casa em um carrinho de golfe”, ela ironizou.

Outra funcionária, de 77 anos, disse que antes era recrutadora da Adventureland. Tinha orgulho porque os anos avançados e as deficiências relacionadas com a idade não pareciam deter seus companheiros de trabalho, acrescentando que atualmente tinha uma colega próxima de mais de oitenta anos. “Uma vez tive alguém com 86 em meu departamento”, disse ela. “Tivemos um homem de cadeira de rodas que era capaz de contar usando um

clicker, então o colocaram para trabalhar no parque aquático. Tivemos um homem de um braço só que era supervisor de todos os brinquedos.” Na montanha-russa Tornado, o operador usava óculos bifocais de armação de metal e um chapéu de palha de aba larga. Ele me disse ter 81 anos.

Nem mesmo a atitude mais animada conseguia evitar a tragédia, entretanto. Menos de um ano depois de eu ter ido ao Adventureland, um *workamper* morreu em um acidente de trabalho ali. O carteiro aposentado e pastor Steve Brooher, de 68 anos, ajudava passageiros a desembarcar do brinquedo Raging River quando a esteira que levava os botes ligou antes da hora. Com um pé ainda no bote que arremetia para a frente, ele caiu da plataforma de concreto na esteira rolante, fraturando o crânio.^[9]

A Adventureland reabriu o Raging River no dia seguinte. Houve uma investigação e os reguladores do estado enviaram ao parque uma notificação de violação dois meses depois. Pedia atualizações de segurança e cobrava uma multa de 4.500 dólares.

DEPOIS DA ABERTURA DA Tenda Grande, o clima no Rubber Tramp Rendezvous mudou. Até então, os dias tinham passado languidamente. Agora se aceleravam. Mais gente desaparecia em idas diurnas à cidade. Quando estavam no acampamento, as perguntas pairavam no ar. *Aonde você vai agora? Quando verei você de novo? Encontrou trabalho?* O limite de catorze dias de acampamento gratuito logo terminaria e, este ano, não havia como contornar. No primeiro dia do encontro, um guarda apareceu para distribuir permissões e anotar os números das placas de

todos. Logo os campistas teriam de se mudar para, pelo menos, quarenta quilômetros dali.

A diáspora estava prestes a começar. Alguns saíam sozinhos. Outros partiam juntos em pequenos grupos de viajantes. Em alguns anos, as praias de Baja eram um destino preferido entre aqueles afortunados o bastante para ter passaportes e dinheiro para a gasolina. Com frequência, uma delegação visitava Slab City, um acampamento de ocupadores, artistas *outsiders* e veranistas ao lado de uma antiga base militar perto de Salton Sea que chama a si mesmo de “O Último Lugar Livre”. (O posto do RTR ali foi apelidado de “Amigos do Bob”.) Outros iriam para a área de Yuma. Uma área conhecida para acampar por ali era o Fortuna Pond — tranquilo de dia, mas parecia ter saído de *Além da imaginação* depois que escurecia, quando os campos tinham um brilho verde e sinistro sob as luzes fortes de aviões fumigadores que zumbiam ruidosamente a noite toda.

Quando o RTR terminou, Bob retirou a placa oficial. Silvianna encaixotou o que restava da pilha gratuita — inclusive o sombreiro grande de palha, que ninguém quis — para um brechó local. Linda preparou café e bebi uma caneca com ela. Ela me mostrou um novo solenoide que um amigo a ajudara a instalar. Permitiria que ela carregasse a energia do RV usando o circuito da bateria do carro quando estivesse dirigindo. Logo se espalhou que Bob iria para seu acampamento seguinte em Ehrenberg. Ele convidou quem quisesse para acompanhá-lo até lá. Linda apressou-se a desmontar acampamento. Abraçou Jen e Ash, despedindo-se. As meninas pretendiam vagar pelo sudoeste até o próximo trabalho, na Rocking 7 Ranch, nas montanhas a leste do Salinas Valley ou, como Ash chamava, o “Território do Steinbeck”. O rancho fazia parte de uma rede

internacional chamada WWOOF (World Wide Opportunities on Organic Farms), cujos membros trocavam comida, alojamento e treinamento por trabalho voluntário, e se intitulavam WWOOFers. Depois disso, elas iriam mais para o interior, até o trabalho remunerado seguinte, de recepção de camping na Floresta Nacional Sequoia.

Linda pegou a Interstate 10 para o oeste na direção do rio Colorado, saindo pouco antes da fronteira da Califórnia, perto de uma parada de caminhões Flying J. Entrou na estrada paralela, passando por uma placa de Sem Saída. Ali, a paisagem era austera, vazia e ecoante. O solo era coberto de cascalho. A vegetação era esparsa; os desertos em torno de Quartzsite pareciam o Jardim do Éden, por comparação. Afastados da entrada sem pavimentação, estavam antigos RVs amassados. Os pneus vazios e o abandono geral sugeriam que eles rolaram para lá anos antes e nunca saíram, seus habitantes se acomodando para ficar o ano todo. Tecnicamente, o departamento de Gestão de Terras tinha um limite de catorze dias de acampamento ali, mas a regra — assim como a área em geral — era amplamente ignorada por visitantes e patrulheiros, provavelmente devido a sua ausência evidente de encantos. Não eram muitos campistas que achavam o local desejável, o que beneficiava os poucos que procuravam a solidão e discordavam deles. Em dezenas de visitas, nunca vi um guarda nem ouvi ninguém ser solicitado a se retirar.

Os veículos estacionavam mais separados ali do que no RTR. Os introvertidos se recuperavam de suas duas semanas de socialização intensa. Alguns ainda se reuniam para um café matinal. Depois de um desses cafés, encontrei Silvianna, em seu veículo com Layla, a gata, lendo um livro de título *Hamlet's Mill: An Essay Investigating the Origins of Human Knowledge and Its Transmission Through Myth* [A

mó de Hamlet: Um ensaio investigando as origens do conhecimento humano e sua transmissão por mitos].

“Quantas pessoas você acha que estão aqui?”, perguntei.

“Ninguém sabe!”, respondeu ela alegremente. “É a graça. São os Estados Unidos fora do radar.” Embora os campistas fossem bem dispersos, indo e vindo regularmente, o número parecia pairar em torno de quinze. Também encontrei LaVonne. Ela foi mais calorosa do que no RTR, mais relaxada. Riu e deu de ombros à sugestão anterior de que alguém de fora podia considerar o grupo “um bando de vagabundos sem-teto”.

“O que tem na ideia de ser sem-teto que é tão sensível?”, ela refletiu. “Algumas pessoas me considerariam sem-teto. Eu não. Tenho abrigo.” Ao mesmo tempo, explicou, ela se sentia culpada por se colocar em uma categoria diferente, como se pudesse reforçar o estigma social maior.

A essa altura, LaVonne e Linda se davam tão bem que decidiram tentar trabalhar juntas. O trabalho seguinte de Linda como recepcionista de camping começaria na primavera, no Sherwin Creek Campground, em Mammoth Lakes. Enquanto isso, a Tenda Grande ainda acontecia e tinha uma mesa com recrutadores da California Land Management. A conselho de Linda, LaVonne e outra nômade à procura de trabalho — Trish Hay, de 59 anos, que morava em um Nissan Sentra — planejavam se inscrever ali.

Naquela tarde, sentei-me com Linda enquanto ela esquentava água em uma chaleira, para lavar a louça. Ela devia ter água quente, explicou, mas alguém em Nevada tinha lhe vendido o aparelho com o tipo de bateria errado — uma bateria de motor de arranque em vez de uma de ciclo profundo — para ligar a fonte do RV, o que significava que não havia energia suficiente para bombear água do tanque de armazenamento embaixo do sofá até a pia. Ela estava

feliz em Ehrenberg, mas não queria ficar tanto tempo quanto LaVonne, que pretendia seguir Bob com o que restava do grupo do RTR. Enquanto isso, Bob se atinha a sua rotina costumeira — ficar em Ehrenberg até o calor chegar e as cascavéis despertarem, depois mudar-se para áreas mais elevadas em Cottonwood e Flagstaff. Linda tinha umas tarefas importantes a fazer antes do próximo trabalho, inclusive procurar terreno e esvaziar um antigo guarda-móveis. Assim, logo ela se despediria.

Depois da partida, LaVonne postou uma foto de Linda em seu blog e escreveu:

Outra nova amiga se mudou e estou triste de novo. Uma por uma, elas partem para outros lugares. Verei algumas de novo, tenho certeza, mas esta tristeza é uma consequência inevitável da vida nômade. As pessoas entram e saem de sua vida. Você não consegue ficar com elas para sempre.

Aqui está Linda May, a mãe substituta de todos, que preparou rabanadas e nos fez rir. Não existe ninguém que não ame Linda. Ela partiu para encontrar um terreno onde pretende construir uma casa Earthship sustentável e fora do sistema. Prometi ajudar a construir (isto é, socar terra em um monte de pneus), assim posso ficar um tempo com ela de novo.^[10]

DEPOIS DE DEIXAR OS amigos, Linda viajou 611 quilômetros para o sudeste, até os desertos do condado de Cochise, no Arizona, onde os códigos de construção eram frouxos e os terrenos, baratos. Tinha esperanças de encontrar alguns hectares para sua Earthship, mas, depois de horas de

exploração, ficou decepcionada. A área era isolada demais. Depois do pique do Rubber Tramp Rendezvous — todos aqueles sentimentos calorosos de comunidade e conexão —, ela não estava interessada numa vida de eremita. “Ninguém virá me visitar aqui”, pensou ela. “É melhor procurar um terreno aonde a família possa ir, porque esta é a ideia da coisa toda, que seja acessível e que possamos dar reuniões.” Ela passou uma noite em um estacionamento perto da fronteira mexicana, e voltou para a estrada.

Depois, Linda foi esvaziar o guarda-móveis que passara quatro anos alugando nos subúrbios de Phoenix. (“Acho que queria jogar um fósforo lá dentro”, refletira ela.) Colocou o conteúdo em um caminhão e foi à propriedade de 2 hectares de um amigo em New River, Arizona. Separou lembranças — uma aquarela do jardim de infância de uma criatura felina feita pelo neto Julian, um cartão de aniversário da filha mais nova Valerie com uma *pinup* de biquíni de cacto. “Você ainda está afiada!”, brincava. Mas todo o resto — o antigo toca-fitas, as luminárias iguais com cúpulas felpudas, o monte de utensílios de cozinha — precisava ir. Ela fez vendas de garagem. Depois de descontar o custo de embarcar tudo para New River, seu lucro no primeiro fim de semana foi de 99,75 dólares. “Nunca mais vou alugar um guarda-móveis”, Linda jurou. Pouco tempo depois, ela me escreveu, contando uma citação que tinha visto na internet e achou poética: “Crises inevitáveis com obstáculos servem de desestímulo enquanto você corta qualquer corrente que prenda sua liberdade.”

Enquanto isso, o grupo do Rubber Tramp tinha migrado de Ehrenberg, onde o calor ficava desconfortável, à Floresta Nacional Prescott, perto de Cottonwood, quase um quilômetro mais elevada e uns dez graus mais fria. Ali os

moradores de van se espalharam. Alguns estacionaram em área aberta, em uma colina com vista para um planalto raiado de sol. Outros se aninharam mais furtivamente abaixo, em uma área arborizada, longe do vento. Bob, LaVonne e Silvianna ficaram ali, junto com alguns dos novos amigos de Linda. Estes incluíam Atli Poller, de 34 anos, um antigo motorista de ônibus que morava em um Chevy Astro batizado de Donovan, nome do cantor dos anos 1960, e Sameer Ali, 65, que perdera sua fazenda de cabras halal em meio à alta dos preços do feno provocada pela seca no oeste e agora morava em uma van com seu chihuahua, Mr. Pico. (Muçulmano praticante, Sameer tornou sua fé portátil com um aplicativo para iPhone que emitia chamados para a oração cinco vezes por dia. Também exibia uma bússola apontando para Meca, que ele usava ao estacionar, para que a van sempre ficasse na direção certa. “Tem aplicativo para tudo”, ele se admirou.)

Quando as vendas de garagem acabaram, já era final de março. Linda foi para Cottonwood, aparecendo bem a tempo para uma festa de pizza. Bob conseguiu alimentar onze pessoas com 28 dólares de pizzas da Little Caesars. Depois disso, eles saíram da refeição para uma caminhada sob os céus rosados do poente. O grupo de nômades era principalmente feminino — sete mulheres para três homens e um adolescente —, e Bob mais tarde observou que isto era bom, em uma cultura que há muito desencorajava a independência feminina.

Um guarda-florestal apareceu no acampamento no dia seguinte. Confuso, ele perguntou se o grupo era um clube — “Acho que somos!”, respondeu Sameer — e há quanto tempo estavam lá. Bob contou uma mentirinha: só estavam há quatro dias. (Na verdade, acabara de passar de duas semanas.) O guarda anotou as placas e foi embora. Isto

significava que o relógio começara a bater para o limite de catorze dias de acampamento gratuito, então o grupo tinha de escolher para onde iria. Eles se decidiram pela Floresta Nacional Kaibab, perto de Flagstaff. Em uma elevação de 2 mil metros, seria muito mais frio lá. Enquanto isso, o teto do RV de Linda estava em mau estado. Ela torcia para consertar e selar antes da mudança, porque a cura da borracha líquida é mais rápida em temperaturas mais altas. Outro integrante do pessoal do RTR, um pintor profissional chamado Wayne, subiu no teto e passou o selante com um rolo de cabo comprido. O trabalho foi terminado bem a tempo.

Em Flagstaff, eles estacionaram em um bosque de pinheiros altos. Linda postou fotos no Facebook para que os amigos e familiares pudessem ver. “Os cães e eu adoramos isso aqui”, escreveu ela. “Quanto se paga por um quintal desses? É de graça.” Linda agradeceu pela ajuda de Wayne com um jantar caseiro: bife Salisbury, purê de batatas e molho de carne, servidos em porcelana da Kansas City Railroad dos anos 1930 que ela comprara em uma venda de espólio. Como os pratos tinham durado três quartos de século sem lascar, ela deduziu que eram robustos o bastante para chocalhar no RV. Linda também pode ver Lori Hicks, mãe solo com problema cardíaco e que morava com o filho de treze anos, Russell, e seu cachorro, Kaylee, em um Chevy Tahoe azul 1995 apelidado de “Babe”, por causa do touro de Paul Bunyan. Juntos, eles exploravam seu novo ambiente. Enquanto visitavam a vaga de Linda, Russell e Kaylee encontraram um crânio de alce gigantesco. Linda tinha dado a Lori um exemplar de *Viagens com o Charley*, o qual Lori estava devorando. A história de John Steinbeck de viajar com seu poodle francês em uma picape com capota

era famosa entre os nômades, e exemplares surrados eram passados de mão em mão.**

Alguns dias depois, Linda teve de se mudar de novo. Seu trabalho seguinte, de recepcionista de camping em Mammoth Lakes na Eastern Sierra, estava prestes a começar. Ela dirigiu dez horas no primeiro dia e parou para passar a noite em um posto Texaco em Tonopah, Nevada. Linda levou os cães para passear. De volta ao RV, Coco teve uma convulsão súbita. A cadela enrijeceu e ganiu, depois caiu flácida e parou de respirar. Frenética, Linda colocou a boca nas mandíbulas da cachorra e soprou fundo. Logo Coco estava consciente de novo, rígida, mas respirando. Linda pressionou um saco de legumes congelados no dorso da cadela — soube que usar um saco de gelo assim podia aliviar convulsões caninas — e ligou para a filha. Audra tinha estudado óleos essenciais e recomendou olíbano. Linda passou um pouco nas patas de Coco. Os músculos da cadela relaxaram. Em pouco tempo ela estava roncando. Linda ficou observando por horas, monitorando o peito da cadela subir e descer. Na manhã seguinte, Coco parecia normal. Abalada, Linda partiu para os últimos 240 quilômetros até Mammoth.

O Sherwin Creek Campground estava tranquilo quando Linda chegou em meados de abril. Os únicos visitantes foram um cervo e um caminhão transportando cães de trenó para uma filmagem. Uma semana depois, o inverno chegou. Pingentes de gelo de trinta centímetros pendiam da cabine da motorhome e a neve pesada se acumulava no teto, mais do que Linda já encontrou no RV. Dentro dela, porém, estava aquecida e seca — o teto recém-consertado não tinha vazamentos. Coco parecia saudável. No todo, refletiu Linda, a vida era boa. Em 28 de abril, ela comemorou seu aniversário do AA — 24 anos de

sobriedade. “Lágrimas de gratidão enchem meus olhos enquanto escrevo”, postou ela no Facebook. “Meu neto mais velho tem 21 anos e sempre teve o milagre de uma avó sóbria e amorosa. Orações foram atendidas... sou feliz, alegre e livre.”

Antigamente, Linda fazia piada que parabenizar um alcoólatra por não beber era como elogiar um caubói com hemorroidas por não cavalgar. Ainda assim, sua página foi inundada de comentários carinhosos de parentes e amigos, comemorando este marco. “Obrigada por se aguentar contra o vício e trazer luz e consciência a uma doença que tem infestado nossa família há gerações”, escreveu Audra. “Eu te amo muito.”

O dinheiro era apertado, mas nada que conseguisse diminuir o ânimo de Linda. Ela esticou o suprimento minguate de comida, transformando tortillas velhas em chilaquiles e pão velho em uma panela de rabanada. Os não perecíveis praticamente tinham acabado. A geladeira estava reduzida a quatro ovos, quase dois litros de leite e alguns condimentos — ketchup, maionese, mostarda e geleia — que ela jocosamente chamava de “comida para pôr na comida”. Finalmente o cheque chegou e ela se abasteceu de novo.

Linda e eu conversamos por telefone no final de maio. “Está um dia lindo! Meu camping está cheio”, disse ela, animada. Perguntei como ia a procura do terreno. A última viagem de reconhecimento tinha sido um fracasso, explicou Linda. Ela mudou o foco para a área perto de Julian, na Califórnia, uma hora a leste de San Diego. “Fica nas montanhas, uma antiga cidade de mineração de ouro, é bonito lá”, disse-me ela. “E se a merda bater no ventilador, como todos esses catastrofistas pensam, fica perto da água. Se tivermos secas extremas, a água pode ser trazida. Com o

clima, nunca se sabe.” Linda também esperava ter mais dinheiro para o projeto em breve — ia ficar na recepção do camping até o início do outono e, depois, se reintegrar à CamperForce. A lesão no pulso, da última temporada na Amazon, ainda não tinha se curado, mas, com a data de início a meses de distância, Linda estava otimista. Algumas semanas antes, ela ajudara a mobilizar uma amiga moradora de van que queria ingressar na CamperForce, mas não sabia se conseguiria lidar com o trabalho extenuante. “Não se preocupe”, respondera Linda. “Nós vamos apoiar uma à outra.”

Enquanto isso, Linda me contou que se saía incrivelmente bem. “Toda minha vida foi de altos e baixos”, explicou. “Tenho muito pouco e nunca estive tão feliz.” Conversamos sobre os cachorros, sobre como Linda esperava remodelar o RV. Logo, porém, ela teve de pedir licença (“Parece que tem um campista vindo para a minha porta!”) e voltou ao trabalho.

* Em tradução livre, “A cerveja que tomei no café foi uma garrafa de Mad Dog! E minha visão perfeita só funcionou pela metade!”. (N. da P.O.)

** Um sujeito na fogueira do Rubber Tramp Rendezvous ficou horrorizado ao saber que eu não tinha lido *Viagens com o Charley*; no dia seguinte, chegou na van para me emprestar uma brochura. Outras menções no cânone literário desta subcultura incluíam *Blue Highways* [*Estradas azuis*], de William Least Heat-Moon, *Desert Solitaire* [*Deserto solitário*], de Edward Abbey, *Na natureza selvagem*, de Jon Krakauer, *Walden*, de Henry David Thoreau, e *Livre*, de Cheryl Strayed.

CAPÍTULO OITO

Halen

QUANDO LINDA COMEÇOU o trabalho no Sherwin Creek Campground, eu já entrevistava *workampers* havia seis meses. Nesse período, também vasculhei a mídia — online, impressa e de rádio e TV — em busca de qualquer coisa sobre a subcultura. Grande parte do que encontrei fazia o *workamping* parecer um estilo de vida radiante, ou até um hobby excêntrico, e não uma estratégia de sobrevivência numa época em que os americanos eram expulsos pelos preços da habitação tradicional e lutavam para ganhar seu sustento.

Um segmento do programa de rádio *All Things Considered*, da NPR, começava com a narração do correspondente: “Papai Noel, naturalmente, precisa de elfos para garantir a entrega dos presentes a tempo. A Amazon.com precisa de *workampers*!” O repórter apresentou um trabalhador da CamperForce que morava no Big Chief RV Park em Coffeyville, no Kansas. Eles passaram a maior parte do segmento de três minutos conversando sobre as alegrias de viajar pelo país e fazer novos amigos. A conversa foi pontuada quatro vezes por gargalhadas.^[1]

Outras histórias eram menos alegres, mas ainda enfatizavam a emoção e a camaradagem da estrada, evitando os desafios que levaram tantas pessoas a reimaginar radicalmente a própria vida. De certo modo, não

posso culpar os repórteres por aceitarem o que também descobri em minhas primeiras entrevistas. Uma jornalista que cai de paraquedas por uma tarde para cobrir uma história não chega tão perto assim para ouvir a verdade. Quando procurei os *workampers* pela primeira vez, fui recebida com frases genéricas e alegres. Também recebi alertas. Um morador de RV da CamperForce concordou em me receber, mas acrescentou que era melhor que eu não o retratasse, nem a seus camaradas, como americanos em crise. “Existem muitos indolentes chorões, de corpo mole e malandros que adoram reclamar de quase tudo, e é fácil encontrá-los”, escreveu ele altivamente. “Não sou um deles.”^[2]

Vi um sentimento “sem chororô” semelhante na *Workamper News*, uma revista bimestral dirigida a nômades. “Precisa de um ajuste na atitude?”, perguntava uma manchete. A coluna abaixo exortava *workampers* infelizes, com problemas no trabalho, a procurarem soluções voltando-se para seu íntimo. “Veja se consegue mudar sua atitude e não deixar que ela o atinja, tranquilizando-se com algumas destas declarações”, sugeria o redator. “Não ficaremos aqui para sempre. É um meio para chegar a um fim. Podemos viajar, ficar algum tempo nesta área explorando (ou visitando familiares) e viver nosso sonho.”

Este discurso motivacional era surreal, mas não surpreendia inteiramente. O pensamento positivo, afinal, é um mecanismo de enfrentamento tipicamente americano, praticamente um passatempo nacional. O escritor James Rorty observou isto durante a Grande Depressão, quando viajou pelos Estados Unidos falando com pessoas forçadas a procurar trabalho na estrada. Em seu livro de 1936, *Where Life Is Better [Onde a vida é melhor]*, ele ficou consternado

porque muitos entrevistados pareciam inabalavelmente animados. “Não encontrei nada em 24 mil quilômetros de viagem que me enjoasse e me horrorizasse mais do que esse vício americano no faz-de-conta”, escreveu ele.^[3]

Não sou assim tão cética. Embora seja da natureza humana ter uma postura otimista em épocas turbulentas — e demonstrar esta postura a estranhos —, algo mais também acontecia entre os nômades. A verdade que vi é que as pessoas podem passar por dificuldades e continuar otimistas, mesmo nos desafios que mais colocam à prova seu espírito. Isto não quer dizer que estejam em negação. Em vez disso, testemunham a extraordinária capacidade da humanidade de se adaptar, de buscar significado e afinidade quando enfrentam adversidades. Como observa Rebecca Solnit no livro *A Paradise Built in Hell: The Extraordinary Communities That Arise in Disaster* [*Um paraíso construído no inferno: As comunidades extraordinárias que surgem do desastre*], as pessoas não só ficam firmes em tempos de crise, como o fazem com uma “alegria aguda e impressionante”.^[4] É possível suportar dificuldades que abalam nossa vontade e ao mesmo tempo encontrar felicidade em momentos compartilhados, como sentar-se em volta de uma fogueira com companheiros *workampers* sob o vasto céu estrelado.

Em outras palavras, os nômades que entrevistei durante meses não eram nem vítimas impotentes, nem aventureiros despreocupados. A verdade era muito mais complexa, mas como eu chegaria a ela? A essa altura, não viajava mais só por um dia. Passei muitas semanas próxima desses *workampers*, documentando suas histórias por cinco estados, depois fiquei em uma barraca em Quartzsite com temperaturas noturnas que caíam a -1 grau durante as reuniões de inverno. Ainda assim, ainda não entendia a

história no nível que esperava entender — não tinha me aproximado o suficiente para verdadeiramente apreender a vida deles. Isto exigiria uma imersão maior, passar meses entre eles, dia após dia, tornar-me uma presença constante em alguns de seus acampamentos.

Com minha barraca, pude viver fora do sistema, no deserto, mas não na natureza, onde a maioria das pessoas sobre quem eu escrevia praticava *boondocking*.* Campistas de barracas só eram permitidos em áreas próximas a latrinas. Graças a isto, acabei dormindo a seis quilômetros de distância do local do Rubber Tramp Rendezvous, que visitava de carro. Para realmente me juntar aos nômades, eu precisaria de um abrigo portátil mais robusto — algo em que pudesse dormir, cozinhar e escrever, com pelo menos uma instalação sanitária rudimentar. No jargão de quem mora em RV, meu veículo teria de ser “autocontido”.

Durante meses, esquadrinhei anúncios na Craigslist atrás de vans usadas. Muitas de início pareciam ótimas, mas provaram-se enferrujadas ou apodrecidas, inclusive uma RoadTrek antiga cujo vendedor me disse que abrigou anos de diversão, um veículo que ele apelidara de “Porta Party”. Enfim uma coisa chamou minha atenção: um GMC Vandura 1995 branco, com uma assombrosa faixa azul-petróleo. (Mais tarde, um amigo observou que era o mesmo modelo da van do sr. T em *Esquadrão Classe A*, então a nostalgia pode ter exercido cerca influência.) Para um veículo de décadas, estava em ótimas condições, com apenas 103 mil quilômetros no odômetro. Estacionado principalmente no litoral da Califórnia, não vira invernos rigorosos e o interior fora convertido para camping.

Quando entrei na van pela primeira vez, ela parecia maior do que sugeria o exterior, como se de algum modo fosse imune à física, como a TARDIS de *Doctor Who*. As paredes

eram estofadas de um tecido aveludado azul-claro. Na traseira, uma pequena sala de jantar se dobrava e virava uma cama. A cabine continha um frigobar de 12 volts, um fogareiro a propano e um banheiro químico portátil, comodidades úteis para *boondocking*. A van tinha teto retrátil, do tipo pop-up. Quando abria os fechos e levantava a tampa, podia ficar em pé, mas qualquer pretensão à discricção evaporava — de fora, parecia que uma barraca de lona do tipo safári pegava carona.

A van precisava de um nome. Em meus encontros com moradores de van, já conhecera Vansion, Van Go, DonoVan, Vantucket e Vanna White — era uma subcultura que gostava de trocadilhos. Um amigo sugeriu “Beethoven”, referindo-se à banda Camper Van Beethoven. Mas isso me fez pensar em “Roll Over Beethoven”, um prenúncio desastroso para quem queria dirigir. Em vez disso, batizei a van de Halen. Nasci no final dos anos 1970, quando fez sucesso o primeiro álbum da banda, e tentei decorar com talismãs apropriados, inclusive uma pintura em veludo preto de Ernest Hemingway de uma feira de trocas em Quartzsite e um crânio de esquilo que Linda encontrou como recepcionista de camping. Um cordão de contas verde-azuladas contra “mau-olhado” que ganhei de presente ficou pendurado no retrovisor, o mais perto que eu tinha de um alarme antifurto.



A van Halen no deserto perto de Ehrenberg.

Halen tinha vindo de um vendedor da Califórnia. Meu melhor amigo, o jornalista Dale Maharidge, encontrou-se comigo para buscá-la. Juntos, viajamos até a fazenda do tio dele nos cânions do norte do condado de San Diego. Dirigi Halen, lutando para me aclimatar ao mamute de quase seis metros e duas toneladas. Manobrava como um barco, adernando de lado, exigindo uma correção constante. (Ficar no curso me deixou tão tensa que meus ombros doeram por horas depois das primeiras vezes que a dirigi.)

Quando chegamos, estacionamos Halen ao lado de um pomar de frutas cítricas e passamos ao trabalho. A parte mais fácil era a limpeza — esfregar xarope de bordo endurecido que tinha vazado no interior de um armário e remover pequenas ferrugens na superfície com uma escova de aço rotativa. O trabalho mais difícil foi instalar um painel solar de 100 watts. Muitos nômades instalam painéis solares em seus veículos, usando os racks de teto com suportes

laterais. Isso não daria certo com o teto retrátil de Halen, então tivemos de fazer uma coisa que me fez tremer: abrir dois furos na imaculada porção traseira do teto. Os furos foram necessários para instalar uma estrutura de alumínio, que prenderia o painel solar e podia ser inclinada, de forma a pegar mais luz quando Halen estivesse estacionada. Depois de apertar os parafusos, besuntei a área dos furos com um composto forte à prova d'água, rezando para não vazar. Em seguida, Dale e eu instalamos um regulador de voltagem dentro da van. Conectamos o painel solar de modo a passar por ele, depois em duas baterias de 6 volts para carrinhos de golfe que enfiamos embaixo da mesinha de jantar. Isto forneceria energia quando eu estivesse *boondocking*. Por fim instalamos um transformador, também embaixo da mesinha, para criar a energia de 100 volts que eu precisaria para carregar o laptop e a câmera.

Por um breve momento, receei que toda esta preparação se mostrasse excessiva, mas não foi o que aconteceu quando me vi morando em Halen episodicamente nos dois anos de reportagem que se seguiram, em viagens que duravam até dois meses de cada vez. A jornada cobriu mais de 24 mil quilômetros, de uma fronteira a outra — Halen tocou o México e o Canadá — e de costa a costa.

A primeira coisa que eu notaria na estrada era que, apesar de ter entrevistado muitas dezenas de nômades, eu não sabia nada sobre morar em uma van. A curva de aprendizado era íngreme e nunca realmente se estreitava, porque as circunstâncias sempre mudavam. Dirigindo no deserto, fiquei atolada duas vezes, girando os pneus em lodo mole até que um bom samaritano de jipe me rebocou. No alto das montanhas, a van empacou em uma nevasca e os tanques da privada e de água congelaram. Tarde da noite, em uma estrada vazia do Kansas, o alternador pifou.

O painel de instrumentos se apagou quando Halen perdeu energia, rodando por inércia até a frente de uma parada de beira de estrada.

Certa vez, perto de Fort Worth, no Texas, eu estacionei para comprar café quando o céu ficou verde e sirenes de tornado começaram a tocar. O barista aconselhou: se vir um tornado, vá se esconder no porão. Apontei Halen pela janela — não tinha porão — e ele riu. Naquele mesmo dia, abriguei-me em Halen durante chuvas torrenciais e observei, apavorada, a água penetrar os lacres acima das portas traseiras e cair em cascata dentro do veículo, ensopando minha cama e fritando parte do sistema elétrico que eu tinha montado. Em outra ocasião, depois de um intervalo em casa, voltei ao estacionamento mensal e encontrei Halen saqueada. Alguém tinha metido uma pedra do tamanho de uma batata grande pela janela do motorista, enchendo a cabine de cacos de vidro. Felizmente não havia nada para roubar, só a pintura de veludo preto de Ernest Hemingway e um frasco de molho de pimenta muito bom. Não levaram nenhum dos dois.

Infligi muitas indignidades a Halen: bati de ré em um rochedo, arranquei de uma vaga com o teto ainda levantado e dirigi algumas quadras sem perceber que eu tinha prendido um cone de trânsito grande embaixo do chassi, arrastando-o pelo asfalto. Certa vez, estacionei perto de uma Starbucks para usar o WiFi e tentei instalar um alarme combinado contra incêndio e monóxido de carbono. (Manual Básico de Segurança para Nômades: qualquer veículo que sirva de moradia deve ter extintor de incêndio e um alarme de monóxido de carbono.) Entretanto, sempre que eu tentava instalar na parede, uma voz feminina e robótica gritava “FOGO! FOGO! EVACUAR! EVACUAR!”. Meu disfarce

foi revelado; estranhos pararam de beber seus lattes para olhar.

Durante uma longa viagem de reportagem, tive de renovar uma receita médica. Meu médico ligou para uma drogaria. Mais tarde, ele me disse que, quando o farmacêutico pediu meu endereço, ele não soube o que responder e soltou “Ela está morando numa van!”. O farmacêutico deixou passar, mas o episódio me fez pensar. *Nos Estados Unidos, se você não tem endereço, não é uma pessoa de verdade.*

Quando eu estava na Halen, meu endereço era em toda parte. Dormi em paradas de caminhões Flying J, Walmart Supercenters, um cassino chamado Whiskey Pete’s e um posto de gasolina abandonado; em desertos áridos, na natureza das montanhas e em ruas de subúrbio. As áreas residenciais eram as piores, porque vizinhos curiosos podiam causar problemas. Depois de uma noite acampando furtivamente em Mission Viejo, acordei com o gemido de um aparador elétrico de cerca-viva. Um jardineiro trabalhava a pouca distância. Fiquei deitada em meu saco de dormir, silenciosa e imóvel dentro da Halen, até ele terminar o trabalho. Naquele mesmo dia, Linda e LaVonne implicaram comigo por ser paranoica.

Estas experiências foram a música de fundo da reportagem para este livro. Sem morar na Halen, acho que eu não teria me aproximado o bastante das pessoas para realmente ouvir suas histórias. Mas é justo dizer que, no início, previ muito pouco disso. Não sabia no que estava me metendo, mas tive o bom senso de ficar meio apavorada no começo.

Perdi alguns dias lutando com o sistema de energia solar na van antes que Dale e eu finalmente o puséssemos para trabalhar. Quando tudo estava funcional, não restava nada a

fazer se não partir. Já escurecia quando Dale me deu um abraço de despedida. Subi ao banco do motorista e saí devagar com Halen da fazenda do tio dele, passando pelas formas escuras de frutíferas. A entrada de carros era íngreme. De súbito, a van de duas toneladas pareceu incrivelmente pesada. Agarrei o volante e pisei fundo no freio. No final, meus olhos estavam baços de lágrimas inesperadas e as enxuguei com a manga, perguntando-me se eu um dia ficaria à vontade dirigindo Halen, que dirá morando nela.

Agora você só precisa se concentrar na estrada, eu disse a mim mesma. *Você tem uma caneca cheia de café, GPS no smartphone e um destino que a empolga há meses*. Assim, a van lentamente voltou pelos cânions, a caminho de uma visita à Linda.



POUCO ANTES DO NATAL de 2014, Linda dormia no sofá de um apartamento pequeno que a filha e o genro alugaram em San Clemente com os netos adolescentes. A janela dos fundos dava para o Camp Pendleton, a base dos Fuzileiros Navais. Músicas militares podiam ser ouvidas ao pôr do sol e às vezes exercícios de artilharia varavam a noite. (A família ainda não tinha ido para o imóvel alugado seguinte, a casa em Mission Viejo onde Linda ficou quando comprou o Squeeze Inn — e se mudou para ele.)

O RV de Linda estava estacionado na rua e acumulava muitas. Guaxinins tinham aberto um buraco na mangueira de combustível. Ela descobrira isso enquanto enchia o tanque de gasolina — assustada, olhou para baixo e viu uma poça se formar em torno dos pés. Linda esperava voltar a trabalhar no depósito da Amazon em Fernley

naquela temporada, mas seu punho ainda estava ruim do ano anterior, então ela teve de cancelar. Estava apertada de dinheiro de novo.

Na noite em que cheguei, sob meus protestos, Linda me levou para jantar com a família em um restaurante mexicano. Ao sairmos, um músico de rua tocava o sucesso pop “Royals”, de Lorde. O estojo de violino estava aberto na calçada e Linda deu a cada uma das netas uma nota de um dólar para colocar ali dentro. De volta ao apartamento, a família disse que eu podia dormir ali. No entanto, Linda já estava dormindo no sofá. Uma das netas ocupava um closet. Como se já tivesse feito aquilo mil vezes, falei que ia dormir na van, estacionada em uma vaga ao lado do prédio. Linda colocou a coleira nos dois cachorros e no chihuahua da família, Gizmo, para o último passeio da noite. Juntos, atravessamos o estacionamento. Ao nos aproximarmos de Halen, fiquei ansiosa. A essa altura, eu só tinha dormido uma noite na van — na fazenda no condado de San Diego —, sem estranhos ou trânsito a minha volta. *Esta era minha primeira noite estacionada na rua. E se vizinhos chamarem a polícia? E se alguém tentar invadir enquanto eu estiver dormindo?*

Uma dor lancinante me arrancou destes pensamentos. Gizmo tinha enterrado os dentes atrás de minha coxa direita. Tentei rir disso. Mais cedo, Audra o havia chamado de “mordedor de tornozelos”, mas eu tomara isso como brincadeira, não como um aviso. O ferimento doía muito. Tentei levar a situação com leveza, mas, no íntimo, minhas preocupações levaram ao pânico. *Será que a vacinação do cachorro estava em dia?* Eu não queria ofender ninguém com a pergunta.

Dei boa-noite, entrei na van, fechei as persianas e fui investigar um pacote mandado por um amigo de Los

Angeles. Metido embaixo de uma pequena bandeira dos Estados Unidos e sabonete Irish Spring, tinha Band-Aids e uma bisnaga meio usada de Neosporin. Tirei a calça jeans, esperando uma perfuração ensanguentada, mas não tinha rompido a pele — era só um hematoma feio. Isso devia ter me reconfortado, mas não reconfortou. Escovei os dentes e me enrosquei no saco de dormir, pensando em uma coisa que Bob Wells tinha escrito em seu livro. “Para a maioria das pessoas, a primeira noite de sono em uma van está tão distante de sua zona de conforto, que pode ser muito complicada”, explicara. “Seu medo aumentará a cada ruído (e eles serão muitos) e você talvez não consiga dormir muito. Quando acordar pela manhã, estará desorientado, perguntando-se onde está.”^[5]

Não pensei que estas palavras se aplicassem a mim. Afinal, eu era só uma escritora com uma câmera digital, um gravador e anotações, e não alguém que fazia uma mudança radical no estilo de vida. Eu pretendia morar na minha van por meses, e não anos.

Carros passavam pelo estacionamento, metralhando Halen com seus faróis. As persianas brilhavam, brancas, quando cada um se aproximava, escurecendo ao vermelho quando os veículos se afastavam. Sombras giravam dentro da van. *Esse motorista reduziu? Este está estacionando perto demais? Será que eles sabem que estou aqui dentro?* Fechei os olhos e tentei relaxar, mas o sono só chegou horas depois.



UMA BATIDA NA JANELA me acordou, assustada. Era de manhã. Uma voz conhecida chamou: “Alôôô-ôôô-ôôô!” Linda passeava com os cães de novo. Tinha café no apartamento.

Grogue, vesti umas roupas e a acompanhei ao prédio. Ela apontou para o chuveiro e me deu uma toalha estampada cor-de-rosa. “Tome, saiu agora mesmo da secadora”, disse ela. “De bolinhas, porque as bolinhas fazem a gente feliz.”

Levamos Halen para uma volta. Linda me deixou pagar por nosso café da manhã de burritos em seu lugar preferido. Levamos a comida para a praia, onde comemos e batemos papo, vendo surfistas se balançarem nas ondas. De volta à van, ela me deu uma breve aula de estacionamento. Embora pilotar uma van de carga de seis metros fosse elementar para Linda, graças a seus seis meses como caminhoneira profissional, ela sabia que isso ainda me assustava. Em seguida, ela me orientou a um brechó para equipar a van com utensílios de cozinha. Vasculhei uma caixa de talheres descasados, enquanto Linda encontrou para mim uma panela de ferro e um coador por uma pechincha. Naquela tarde, nós nos despedimos.

Minha próxima parada era Quartzsite, onde eu pretendia acampar no deserto por dois meses, o que incluiria o Rubber Tramp Rendezvous. No entanto, ainda faltavam semanas para a reunião. Eu não sabia onde estacionar até que começasse.

Então chegou, pelo Facebook, um convite para um jantar coletivo. Era de Charlene Swankie, a guru moradora de van de setenta anos mais conhecida como Swankie Wheels. Conhecemo-nos brevemente no ano anterior e eu tinha lido sobre suas aventuras no site de Bob Wells. Fiquei emocionada. O acampamento de Swankie seria um lugar tranquilo para ficar. Além disso, ela era especialista em *boondocking*, alguém com quem aprender.

“Rapte Linda e a traga com você”, brincou Swankie. Expliquei que isto não era possível — Linda estava falida, sem um veículo funcional, e tinha recusado educadamente

minha oferta de levá-la até lá. Então Swankie me pediu para comprar uns cachorros-quentes.

Chegando a seu acampamento, vi que Swankie não era novata na orientação de moradores de van de primeira viagem. Já havia adotado um protegido nesta temporada, um homem de 27 anos chamado Vincent Mosemann. Logo ele me contava sua história.

Até dois meses antes, Vincent morava com a mãe em Billings, Montana. Embora ganhasse o bastante para morar sozinho, não era realista alugar um apartamento. Ele devia mais de 25 mil dólares em crédito estudantil de um curso que não concluía, apesar de trabalhar em dois empregos durante a faculdade — como monitor de laboratório e barista — para se manter à tona e fazer um sanduíche de 30 cm do Subway durar dois dias de refeições quando ficava apertado de grana. Com três anos de estudos, os pais se divorciaram. Quando Vincent voltou a solicitar ajuda financeira, precisava de uma assinatura do pai, que não era encontrado em lugar nenhum. Então largou os estudos. Depois de voltar para a casa da família, pegou um emprego em uma casa de acolhimento para adultos autistas, mas não pagava muito. Ele deduziu que só havia um jeito de viver com independência. Então comprou a minivan da mãe, uma Plymouth Grand Voyager LE 1995. Estripou o interior, colocou linóleo no piso, cortinas, prateleiras e uma beliche. Batizou o veículo de “Tillie”, nome do trem no conto *The Little Engine That Could* [A locomotiva que pode tudo], que diz “Acho que posso, acho que posso”. Depois Vincent partiu em uma jornada.

“Peguei a estrada para aprender a me sustentar nos próprios pés”, explicou ele.

Vincent seguia para Quartzsite. Ali pretendia encontrar Swankie, com quem fez amizade em um grupo do Facebook

para nômades. Ela o convidou a acampar *perto* dela — mas não *com* ela — na La Posa Long Term Visitor Area, no sul do deserto de Quartzsite, onde me juntei a eles depois.

Após fazer essa proposta a ele, ela ficou cheia de preocupação e arrependimento. Swankie valorizava sua solidão, tanto que tinha comprado uma bandeira com uma caveira e ossos cruzados para hastear quando não queria visitantes. Vincent, por outro lado, era hipersocial. Descrevia-se como portador de “SCP”, Síndrome do Cachorrinho Perdido.

Vincent chegou um dia antes do Halloween e estacionou ao lado de um arroio. Ficava bem de frente para o acampamento de Swankie, que parecia uma sala de estar ao ar livre, com um tapete à prova de intempéries, cadeiras, um trailer de carga e um toldo. Junto dali estava sua van, mobiliada com uma cama, uma mesa de computador, um freezer e um micro-ondas que ela conseguia usar com um transformador, com o motor da van ligado. O teto sustentava um caiaque e um painel solar. Na porta traseira, havia um adesivo da Planet Fitness, a rede de academias em que ela se matriculara para ter acesso aos chuveiros.

Swankie deu a Vincent uma barraca extra para ele guardar comida e suprimentos. Ele a ajudou a instalar um armário no trailer para usar como despensa. Ela o treinou a instalar um painel solar. Quando Vincent o aparafusou a seu teto, usou moedas perfuradas — eram mais baratas que arruelas. Swankie também deixou Vincent usar sua caixa postal alugada. Este gesto significava muito. A família não aceitava mais sua correspondência, disse ela. Para Vincent, que era trans, um endereço de correspondência era fundamental. Sua terapia exigia uma injeção de testosterona na coxa a intervalos de duas semanas. As recargas eram enviadas pelo correio. Outras coisas boas

apareceram na caixa postal, inclusive um presente de Natal da mãe: uma fornada de biscoitos caseiros e a réplica mínima de uma lareira de tijolinhos feita com uma caixa de Saltines, com a miniatura de um pinheiro equilibrada no alto.

Swankie e Vincent formavam uma dupla e tanto. A vibrante moradora de van de cabelos grisalhos era pelo menos uma cabeça mais alta que o jovem aprendiz barbado, que tinha uma molécula de testosterona tatuada no pulso e um sorriso malicioso com um buraco do lado superior direito. A extração do dente custou 250 dólares, contou-me Vincent, enquanto uma coroa teria custado mil. Para muitos nômades que conheci, perder um dente era o emblema de pobreza de que mais se envergonhavam. Alguns tentavam não sorrir quando minha câmera aparecia, ou me pediam para não compartilhar fotos que revelassem as cavidades. (É triste — mas não surpreendente — que os dentes tenham se tornado um símbolo de status em um país em que mais de um terço dos cidadãos não tem cobertura odontológica, que não é incluída no plano de saúde padrão.)^[6] Vincent, entretanto, chamava o espaço de porta-canudo e o exibia com orgulho. “Quem tem algum problema com isso não é alguém com quem eu queira ficar”, explicou.



Vincent e Swankie curtem uma fogueira em Quartzsite.

Vincent e Swankie compartilhavam uma característica determinante — nenhum dos dois respeitava esnobes. Swankie lembrou-se de uma noite no deserto em que ela desfrutava de uma conversa com umas pessoas que moravam em motorhomes de luxo. Elas perguntaram sobre seu RV. Swankie disse que era uma van. As amabilidades cessaram abruptamente. “Eles se levantaram e abandonaram a própria fogueira”, disse ela, fazendo que não com a cabeça. Em outra ocasião, Swankie se juntou à Wandering Individuals Network e acabou por saber que o grupo não tinha acrescentado seu blog no rol de sites integrantes.^[7] O motivo? O blog de Swankie incluía um tutorial detalhado sobre o uso de um balde de vinte litros como privada. Então ela saiu.

Como Vincent, Swankie não precisava de amigos assim. Seu acampamento crescia. Depois do jantar naquela primeira noite, acabei ficando lá com minha van. O mesmo

fizeram Kat e Mike Valentino, ambos de 47 anos, que moravam em um Ford Econoline azul de 1991 batizado de Katvandu com o filho de nove anos, Alex, e um furão chamado Ronnie. Meses antes, eles moravam em Washington quando Kat, veterana do exército, foi levada de ambulância às pressas do trabalho de gerente da Albertson's com o que foi diagnosticado como esclerose múltipla. Ela ainda tentava uma pensão por invalidez, processo que acabaria levando três anos. Enquanto isso, Mike estivera trabalhando por 9,40 dólares por hora em uma fábrica de processamento de legumes congelados, mas seu contrato estava perto do fim. Eles tiveram medo pelo futuro.

Por um bom tempo, Kat pesquisara a vida em RVs e em vans na internet. Escrevera no Facebook: “Não consigo decidir se fico triste ou esperançosa que TANTAS pessoas com quem falo em meus vários grupos de RV agora morem nelas em tempo integral devido a dificuldades financeiras. Suponho que seja agridoce. A nova liberdade... capaz de viver enquanto se reinventam. Graças a Deus pelas intensas e variadas Tribos lá fora, que dão tanta orientação, conselhos, objetos e ouvidos receptivos. Será esta a evolução da antiga classe média? Será que estamos vendo o surgimento de uma moderna classe de caçadores-coletores?”

Os Valentino acabaram em uns hotéis sujos de estadia curta. Alguns vizinhos vendiam drogas e se prostituíam. Não era lugar para uma família. Então eles compraram a van e partiram duas semanas antes de Vincent começar sua própria odisseia. Até ali as coisas pareciam seguir bem. Kat me explicou que Alex era “educado na estrada”, o equivalente nômade da educação em casa. Ele era um garoto inteligente e curioso com um senso de humor

precoce, mas lidava com problemas sociais relacionados ao Asperger e sofrera bullying na escola pública. Agora dizia a todo mundo que queria criar a própria nação democrática. A capital se chamaria “Vandweller City”.

Um dos momentos mais difíceis aconteceu em Quartzsite, quando a temperatura caiu a -6 graus à noite. Kat e Mike ficaram sem gasolina, por deixarem a van ligada para mantê-la aquecida; o medidor de combustível estava com defeito, então eles não sabiam da rapidez com que o tanque se esvaziava. A essa altura, estavam acampados perto de Swankie e Vincent, que faziam a mesma coisa. Copiei a estratégia, deixando o motor de Halen em ponto morto com o aquecimento no máximo, depois entrando em meu saco de dormir. Dormi algumas horas, acordei congelando e repeti o processo. Durante toda a noite, ouvi o coro de vans, intermitentemente ganhando vida, depois voltando a se silenciar.

Mais tarde, acabei comprando um aquecedor Buddy a propano — uma opção comum entre moradores de van —, mas não ajudava muito à noite, porque não é seguro deixar um aquecedor a propano ligado sozinho enquanto se dorme. Em espaços pequenos de moradia, a combustão incompleta do aquecimento ou do cozimento — combinada com a ventilação limitada — pode criar um acúmulo letal de monóxido de carbono inodoro. Isto pode acontecer com uma rapidez enervante em uma van. Certa vez, quando eu tinha acabado de apagar meu Buddy e começava a cochilar, um guincho agudo cortou a noite. Era o alarme de monóxido de carbono. Eu não tinha ventilado bem o aquecedor. Escancarei as portas e as janelas e fiquei do lado de fora, no deserto, tremendo, de pijama, até deduzir que tinha arejado o suficiente e era seguro voltar para dentro.

Na manhã depois de os Valentino ficarem sem gasolina tentando se manter aquecidos, Vincent os levou à cidade para encher um galão de combustível. Eles voltaram com mais do que pretendiam — espólios do banco de alimentos de Quartzsite, inclusive maçãs, salsichas e um saco de salada mista do tamanho de um travesseiro.

Dois dias depois do Natal, era o aniversário de dez anos de Alex. Swankie fez uma festinha de sorvete para ele. Na mesma época, Vincent conseguiu um emprego de meio expediente em uma Dollar General por 9 dólares por hora. Paralelamente, vendia aventais e sacolas reutilizáveis que fazia em sua máquina de costura, que convertera para funcionar com pedal em vez de eletricidade. Ele deu um dos aventais a Alex de presente de aniversário, junto com um exemplar de *O senhor dos anéis*. Alex ficou em êxtase. De repente, Vincent parecia mais adulto.

Mais tarde, Kat escreveu para agradecer a todos pelos “presentes atenciosos e muito riso. De pessoas que eu nem conhecia até uns meses atrás. Estou comovida, honrada e espantada. Isso que é família...”.

Isto ecoava algo que Swankie tinha dito antes. “Depois de ficar no acampamento de Swankie por mais de 24 horas”, dissera-me ela, “você é da família”. Ela sabia fazer com que os recém-chegados se sentissem incluídos. Um dia, liderou um bando de nós em nossas vans para visitar gravuras rupestres entalhadas em uma face rochosa próxima. Houve algo de revigorante naquela viagem, nossa caravana se abrindo em leque atrás dela. Dirigindo Halen, vendo a poeira levantar dos pneus à minha frente, parecia que eu fazia parte de um grupo que cavalgava no deserto. Naquele mesmo dia, quando um integrante de nosso grupo ficou preso em uma vala, Swankie guinchou seu veículo usando a própria van e uma cinta de correias de náilon.

Quando chegou a hora do Rubber Tramp Rendezvous, todos dirigimos para o deserto, atrás de Scaddan Wash. Era minha segunda vez no encontro. Vi-me notando coisas que não tinham chamado minha atenção no ano anterior — em particular o que passei a chamar, ironicamente, de “a brancura insuportável das vans”.

Mais cedo, Swankie tinha brincado que o RTR parecia uma “convenção de vans brancas” e, em um sentido literal, era verdade. A maioria das vans era pintada de branco, cintilando na luz forte do deserto. Como as frotas comerciais usavam vans brancas, os veículos eram ubíquos. Era fácil comprar uma de segunda mão e se misturar praticamente em qualquer lugar, fazendo delas uma opção comum para moradores de van. Morar em uma van branca, porém, vem acompanhado de seus próprios desafios — o que um cara no RTR chamou de “fator sinistro”, o estereótipo cultural que os relaciona com pedófilos e outros predadores. Um empreiteiro de 53 anos de Salem, em Oregon, contou-me que, depois que sua empresa quebrou e ele se mudou para um Ford E150 branco, os amigos o apelidaram de “Dan da Van, O Estuprador” e começaram a lhe pedir balas. Os amigos eram bem-intencionados, mas as piadas magoavam.

Também é comum que moradores de van — independentemente da cor do veículo — sejam atormentados por transeuntes que supõem que eles estão aprontando alguma. Um sujeito em um fórum online contou sobre acordar depois da meia-noite com o assédio de estranhos que não tinham motivo nenhum para incomodá-lo. Eles sacudiam a van e gritavam “Saia daí, seu pervertido de merda!” e “Nós vamos arrancar você daí!”.

Não eram só as vans brancas que eu tinha em mente. Estive notando outra coisa, em que continuaria a pensar

muito depois do RTR. Também me veio muito depois, quando mostrei minhas fotos do evento a um amigo, um fotógrafo negro cujo trabalho lida com raça e colonialismo. Ele observou: “Quase todas as pessoas nas fotos são brancas.” Ele queria saber por quê.

Eu também queria. A essa altura, eu tinha conhecido centenas de pessoas que viviam dessa maneira: *workampers*, errantes e RVer de costa a costa. Embora algumas não fossem brancas, visivelmente representavam uma microminoria na subcultura.

Então, por que a turma era tão branca? Os membros da comunidade nômade têm se perguntado a mesma coisa. Na página oficial no Facebook da CamperForce, fotos de trabalhadores mostram principalmente rostos brancos, levando um RVer negro a postar um comentário: “Tenho certeza de que afro-americanos se candidataram a estes cargos”, escreveu. “Não vejo nenhum nas fotos dos empregados da Amazon.”^[8]

Imaginei se a falta de diversidade racial tinha alguma relação com o fato de que acampamentos atraem um público desproporcionalmente branco, uma tendência corroborada por estudos do Serviço Florestal dos Estados Unidos. Talvez seja necessário certo privilégio para pensar em “passar apertados” ao ar livre como férias. O site satírico “*Stuff White People Like*” [“Coisa que gente branca gosta”] resume a questão como se segue:

Se você se visse preso no meio da mata sem eletricidade, água corrente ou um carro, provavelmente descreveria esta situação como um “pesadelo” ou “o pior cenário, tipo depois de um acidente de avião”. Os brancos se referem a isto como “acampar”.^[9]

Ou quem sabe o problema seja o racismo? Perguntei a alguns nômades se eles viram exemplos disto em sua comunidade. A maioria disse que não observou nada abertamente. Uma moradora de van, porém, recordou-se de quando um antigo frequentador do RTR insultou sua amiga negra, chamando a mulher de “escurinha”. Outros nômades intrometeram-se para condenar o racista, mas os danos já estavam feitos e a mulher deixou o acampamento. A preocupação com este episódio perdurou, lançando sementes de inquietação. Uma regra fundamental no fórum do site de Bob Wells era “Não ataque, menospreze nem deprecie ninguém”. E se os nômades não conseguissem fazer isso na comunidade temporária que criaram juntos offline, no mundo real?

Ash, amiga de Linda na Amazon, refletiu no Facebook que “uma grande maioria de nós, moradores de vans, é de brancos. Os motivos vão do óbvio ao dãã, mas tem isso também.” Linkado abaixo do post estava um artigo sobre a experiência de “viajar como negro”. Isto me fez pensar: os Estados Unidos dificultam para as pessoas viverem como nômades, independente da raça. Acampar furtivamente em áreas residenciais, em particular, foge muito do tradicional. Em geral, envolve infringir decretos municipais que proíbem dormir em carros. Evitar problemas — aborrecimentos com a polícia e transeuntes desconfiados — pode ser um desafio, mesmo com a segurança do privilégio branco. Em uma época em que pessoas negras desarmadas são alvejadas pela polícia durante abordagens de trânsito nos Estados Unidos, morar em um veículo parece uma aposta especialmente perigosa para qualquer um que possa vir a ser vítima de racismo policial.

Tudo isso me fez pensar nos momentos em que eu podia ter me metido em problemas, mas não aconteceu. Uma vez

fui parada à noite enquanto fazia uma reportagem na Dakota do Norte. Os policiais perguntaram de onde eu era, recomendaram umas atrações turísticas locais e me liberaram com uma advertência. Em geral, as pessoas não me incomodavam quando eu dirigia Halen. Queria poder atribuir essa tranquilidade a um carma bom ou a alguma benevolência cósmica, mas não há como fugir da realidade: sou branca. É certo que o privilégio tem importância.

Depois do Rubber Tramp Rendezvous, acompanhei o grupo até Ehrenberg. Uma noite, jantando em uma van vizinha, percebi que usava o balde de privada de sua dona — que era coberto e selado — para apoiar a bandeja que continha nossa comida. Em casa, uma mesa improvisada como aquela teria me incomodado. Ali, era um detalhe que se dissolvia no fundo. Estávamos em um espaço apertado, usando o que tínhamos.

Duas semanas depois, após me organizar para guardar Halen em um estacionamento mensal, peguei um avião para Nova York. Foi estranho voltar a ocupar meu apartamento no Brooklyn. Quando se mora em um espaço pequeno como uma van, a claustrofobia dá lugar a um conforto de toca. As paredes são próximas, as janelas são cobertas, quase tudo de que se precisa está ao alcance da mão. Parece um útero. Acordar de manhã traz uma sensação de segurança, mesmo que não se lembre de imediato onde estacionou na noite anterior.

Tudo isso tornou minha volta ao lar mais dissonante do que o esperado. Por alguns dias, acordei profundamente desorientada em minha cama. O colchão de casal parecia largo demais. As paredes eram distantes demais, o teto era alto demais. Todo aquele espaço vazio me deixou ansiosa, exposta. O sol infiltrando-se no quarto era forte demais.

Certa vez, ainda meio adormecida, confundi brevemente a janela com o vidro traseiro da van.

Depois da primeira semana em casa, a confusão desapareceu. Outra coisa tomou seu lugar: eu sentia saudade de Halen e dos nômades. Queria voltar para a estrada.

* Oportunidade de acampar longe dos serviços e comodidades que podem ser encontrados em áreas de trailers ou de campismo desenvolvidas. Uma forma mais silenciosa de acampar, que muitas vezes leva a belos destinos por dias ou semanas - <https://www.campendium.com> (N. da P.O.)

CAPÍTULO NOVE

Algumas experiências inigualáveis

O ACAMPAMENTO NA NATUREZA foi só no começo. Logo a van se abriu para outros territórios a explorar. Durante minha última viagem ao deserto, voltei para visitar a “Tenda Grande” — a exposição de RV onde os recrutadores procuravam *workampers* para trabalhos em todo o país. Ali, uma mulher sorridente me entregou um folheto: “Be Part of an ‘Unbeatable’ Experience!” (“Faça Parte de uma Experiência Inigualável!”).

A colheita anual de beterraba-açucareira me desconcertava havia um bom tempo. Parecia trabalho duro para corpos envelhecidos, incongruente com os errantes de cabelos grisalhos e brancos que eram atraídos à exposição de RV. Dei uma olhada mais atenta no folheto, que incluía uma citação de um trabalhador sem nome descrevendo o trabalho como “meio extenuante, mas não é tão difícil”. Isso não me dizia muito. A maior parte do que eu sabia sobre o trabalho vinha de conversas com as pessoas em Quartzsite.

“Fazia frio. Tinha neve. Era úmido”, disse Gretchen Erb quando nos sentamos juntas em seu RV Fleetwood Bounder 1999. No turno da noite em Minnesota, ela ficou ao ar livre em temperaturas abaixo de zero para pegar papelada de motoristas de caminhão e “tirar amostras” — isto é, encher

sacos reforçados de vinil com cargas de quinze quilos de beterrabas, depois levá-los a uma estação de trabalho, onde mais tarde seriam coletados e transportados a um laboratório para testes que visavam a avaliar o conteúdo de açúcar. Outro trabalhador, Brian Gore, de 62 anos, contou-me sobre a colheita em Montana, onde ele dirigiu uma carregadeira com uma porta quebrada. Pela abertura, foi bombardeado com beterrabas, algumas enormes, que voavam de uma esteira transportadora com defeito. “Levei uma surra de todas aquelas beterrabas!”, exclamou ele. Ele comparou isto a ser atacado por “uma metralhadora de batatas”. Ainda assim, contou, provavelmente trabalharia lá de novo porque precisava do dinheiro. “O expediente curto torna o trabalho mais tolerável”, acrescentou. “Acho que se você visse o futuro distante e ainda estivesse jogando beterrabas, seu cérebro ficaria podre.”



Recrutadores na Tenda Grande procuram *workampers* para a colheita anual de beterraba-açucareira.

Peguei uma ficha de inscrição com um recrutador. *Por que não?*, pensei. Já tinha passado horas incontáveis conversando com nômades sobre seus empregos temporários, mas ainda não tinha visto nenhum dos locais de trabalho em primeira mão. Eu não tinha ilusões: experimentar esse tipo de trabalho não ia me transformar, como que por mágica, em uma *workamper*. Entretanto, no mínimo, a imersão podia me ajudar a entender mais profundamente as vidas sobre as quais eu tanto tinha escutado.

Meses depois, minha candidatura foi aceita pela Express Employment Professionals, a agência de trabalho temporário que contrata funcionários para a American Crystal Sugar. Então, comecei a ler sobre o setor. Os Estados Unidos são um dos maiores produtores do mundo de açúcar processado e as beterrabas-açucareiras representam 55% desta produção. (O restante vem da cana-de-açúcar.) Mais de metade dos campos de beterraba-açucareira do país — cerca de 275 mil hectares plantados — fica no vale Red River, que abrange o oeste de Minnesota e o leste da Dakota do Norte. A região é o lar da American Crystal Sugar, a maior empresa de beterraba-açucareira do país. A área é uma anomalia nacional, pois ostenta desemprego praticamente zero, o que torna a contratação de trabalhadores muito complicada. (O desafio era ainda maior quando os campos de petróleo de Bakken estavam em alta.) Por este motivo, a American Crystal procura trabalhadores itinerantes que podem vir de longe — trazendo suas casas — para trabalhar na colheita de outono.

Equipada com estas informações e dois pares de luvas grossas de trabalho, cheguei durante a última semana de setembro a Drayton Yard, um imenso depósito e instalação de processamento de beterrabas na Dakota do Norte, perto da fronteira com o Canadá. Para os produtores de beterraba por todo o vale Red River, as duas primeiras semanas de outubro eram uma corrida contra o clima. Tomando emprestado o jargão militar, eles chamam de “campanha”. A batalha começa à meia-noite do dia 1º de outubro. Agricultores correm para colher beterrabas dos campos antes que a terra congele, na esperança de que a temperatura esteja fria o bastante para evitar o apodrecimento. Vinte e quatro horas por dia, caminhões levando várias toneladas de carga aceleram pelas rodovias locais até os depósitos. Levam pilhas que transbordam. Beterrabas caem pela estrada por quilômetros em cada direção. Motoristas abatidos fumam como chaminés para permanecerem acordados. O trânsito ronca. Acontecem acidentes.^[1] Alguns moradores colocam a culpa pelos acidentes em regulações estaduais que permitem que trabalhadores inexperientes levem cargas de muitas toneladas de legumes sem as carteiras de habilitação comerciais exigidas da maioria dos caminhoneiros. No auge, as mais de trinta estações de recebimento da American Crystal recebem cerca de 50 mil cargas de caminhão por dia.

Fui designada a turnos de doze horas com a equipe do chão na “Empilhadeira Número Um”. Nossa estação ficava dentro do “galpão”, uma instalação frigorífica colossal que parecia um hangar de avião aberto, com piso de concreto. Uma pilha de beterrabas já se elevava para o teto; nosso treinador de orientação estimava que tinha umas 20 mil toneladas, levadas como parte de uma safra “pré-pilha”

menor, antes da colheita principal. As beterrabas daquela estação, acrescentou ele, chegariam maiores do que no ano anterior; estavam vendo beterrabas do tamanho de bolas de basquete.

Muitas outras estações ficavam ao ar livre. Disseram-nos que tínhamos sorte, porque estávamos protegidos da chuva e da neve, mas, para compensar, o barulho e os vapores eram piores. Ali dentro, o cheiro enjoativo de beterrabas enlameadas misturava-se com poeira e óleo diesel.

Quando chegavam ao Drayton Yard, os caminhões eram pesados em um barracão chamado de casa da balança, depois faziam fila para nossa estação. Acenávamos para que um por um encostasse ao lado da empilhadeira, uma geringonça barulhenta e gigantesca que parecia uma pequena fábrica instalada em esteiras de tanque. Um enorme funil se fixava em cada caminhão para receber sua carga de beterrabas. Dali, elas rolavam por uma esteira transportadora para um tambor que arrancava o excesso de terra, despejando-as de volta ao caminhão. Continuavam até outra esteira, viajando para longe da empilhadeira por uma haste longa que parecia o braço de um guindaste de obra, fazendo voar a extremidade para o topo de uma montanha de beterrabas da altura de três andares. Durante a colheita, essa montanha ficaria muito mais alta. A fim de dar espaço para ela aumentar, a empilhadeira de vez em quando recuava um pouco nas esteiras. No final da colheita, o monte de beterrabas teria o tamanho de dois Boeings 747 unidos pelas pontas e a largura aproximada das asas dos aviões. Um sistema de ventilação a ar forçado ajudava a manter a pilha quase ao ponto de congelamento enquanto as beterrabas esperavam as viagens à refinaria.

O processo gerava um barulho estrondoso, era tremendamente apressado e imundo. Nosso trabalho

envolvia limpeza constante: enfiar quantidades enormes de beterrabas derramadas — algumas do tamanho de perus congelados — de volta aos funis, com forcados e pás agrícolas. (Desencorajavam ficar parado por ali: “Se você pode se encostar, então pode limpar!” era um dos bordões preferidos de um gerente.) Quando o levantamento repetido ficava difícil demais, desistíamos das pás e pegávamos cargas menores com as mãos. Se não agíssemos com rapidez suficiente, nossa supervisora — que usava botas de caubói cor-de-rosa e a cara cheia de maquiagem para trabalhar — tocava uma buzina que parecia de um submarino da Segunda Guerra em uma cabine de controle elevada, como se estivesse armando os torpedos, depois fazia gestos frenéticos pela janela na nossa direção, com uma pá invisível. Enquanto isso, as esteiras de transporte que se agitavam sobre nossa cabeça disparavam pedaços de beterraba e torrões de terra para todo lado, salpicando nossos coletes amarelos de segurança e os capacetes verdes. Quando levantei a mão esquerda para sinalizar a um colega de trabalho sobre um caminhão que chegava — era difícil ouvir mesmo quando gritávamos com a barulheira da máquina —, uma beterraba do tamanho de uma maçã me atingiu com força no pulso. Outra parte de nosso trabalho era manter o piso sem a lama densa e escorregadia usando pás para neve, que constantemente ficavam presas e exigiam um empurrão com o corpo todo para serem desalojadas. Também pegávamos amostras, a tarefa de que Gretchen tinha me contado. O que ela não falou foi que isso envolvia segurar cada saco de vinil aberto embaixo de uma calha vertical que saía da empilhadeira; as beterrabas voavam para o saco e mantê-lo parado significava se preparar para o impacto. Parecia pegar bolas de boliche em uma fronha.

A parte mais difícil era a limpeza da empilhadeira. Nossa supervisora desligava a máquina gigantesca para que pudéssemos subir a seu interior e raspar a calha principal com nossas pás. A lama era intratável e, quando finalmente cedia, descascava-se em faixas coriáceas da espessura de pneus. Nossa supervisora gritava “mais força nisso!” e explicava que só tínhamos quinze minutos. A paralisação saía cara.

Depois de dois dias de orientação, chegou o turno de doze horas. Quando acabou, dirigi de volta ao acampamento no escuro, passando por uma placa de recrutamento da “EXPERIÊNCIA INIGUALÁVEL”. Todo meu corpo doía, em particular as costas e os ombros; revigoravam-se antigas lesões e torções de que eu me esquecera há muito tempo. Isto me surpreendeu, porque eu tinha 37 anos e estava em uma forma física razoável, e havia pessoas em idade de aposentadoria trabalhando nas mesmas estações. Eu torcia por um banho quente — prometeram-nos acesso a banheiros —, mas aquela parte do camping ainda estava em construção. Preparei o jantar na van e adormeci de roupa com uma dor de cabeça de rachar. Acordei ao amanhecer do dia seguinte para começar o que seria um turno ainda mais difícil. Uma haste de metal de dois metros de uma colheitadeira quebrada chegara escondida em uma carga de beterrabas. Foi sugada para dentro da empilhadeira. Quando nossa supervisora fez uma parada de emergência, a haste tinha percorrido parte do caminho à primeira esteira e se aproximava do tambor gigante que sacudia a terra das beterrabas. Se tivesse entrado ali, podia causar sérios danos à máquina — e bem possivelmente àqueles de nós que estavam no chão, ali perto. Naquele mesmo dia, um colega caiu no concreto

escorregadio e teve de registrar a ocorrência do acidente porque seu joelho inchou.

Meus vizinhos trabalhadores no camping incluíam Dan, de 69 anos, que deixou o emprego de motorista de caminhão da Walmart em 2006 devido a problemas de saúde. Dan me contou que teve de pedir ao encarregado para sair do turno da noite, porque perdera a visão do olho direito e precisava da luz do dia para se locomover. A esposa, Alice, também morava na motorhome, mas teve o diagnóstico de ELA em janeiro e não podia trabalhar. Havia outras pessoas mais velhas no camping, mas também trabalhadores de cinquenta e poucos anos e outros de minha idade ou mais novos. Imediatamente à direita de minha van, um casal de vinte e poucos anos de crust punks morava em uma picape preta e fosca com placa de Nova Jersey, comendo potes de macarrão instantâneo e dormindo na cabine. Também conheci um trabalhador de cavanhaque que pedalava sua bicicleta pelo camping de RV e se chamava Overdrive. Ele falou um pouco de sua filosofia. “Pela manhã, se estiver chovendo, você pode acordar e dizer que este é um dia de merda, ou pode dizer que é um ótimo dia”, disse ele. “Prefiro dizer: ‘Este é um ótimo dia’.”

Estressada, dolorida e coberta de terra, parte de mim se sentia obrigada para com as pessoas que conheci e queria suportar tudo até o final da campanha. Mas não importava quanto tempo eu ficasse, a experiência não ia me iniciar nas fileiras dos verdadeiros *workampers* — eu iria para casa, no fim, para escrever. A essa altura, eu via — e principalmente sentia — o bastante para saber que os trabalhadores que conheci não exageravam suas experiências. Assim, uma noite, depois de meu turno, eu disse à encarregada que não voltaria. Ela não pareceu surpresa; o desgaste era comum. Alguns dias depois, soube que a maioria dos colegas de

trabalho de minha estação de empilhamento também tinha se demitido. Também soube de uma mulher em outra estação que quebrara o pulso. Com uma pontada de culpa, senti-me aliviada por não ter sido eu.

Parti de Drayton Yard com a van no escuro, passando por um fluxo de caminhões que seguiam na direção contrária. Pelo retrovisor, a placa vermelha de néon da refinaria dizia “American Crystal Sugar”. Brilhava através do vapor que subia da fábrica. Naquela noite, fui para um hotel em Grand Forks. Ali desfrutei de um banho quente, fumei um baseado e cochilei enquanto tentava ver um filme. Uma destas coisas acabou por se mostrar um erro.



EU TINHA ME INSCRITO na CamperForce mais ou menos na época em que me registrei para a colheita de beterraba-açucareira. Conseguir o trabalho na Amazon exigia um teste de doping pré-emprego, uma prática que sempre me pareceu invasiva e degradante. A coisa toda parecia até mais absurda quando imaginava RVers envelhecidos atravessando o país para submeter fluidos corporais ou tecidos a análise a fim de conseguir um trabalho precário, temporário e de baixa remuneração.

Eu já havia pesquisado na internet a política de exames da Amazon e encontrei funcionários falando de um teste de “raspagem da bochecha”. Neste método de exame, a maioria das drogas, inclusive maconha, só é detectável em questão de dias. Imaginei que eu ficaria bem, porque tinha dito à Amazon que podia me apresentar para trabalhar no início de novembro.

Em casa, recebi um e-mail da CamperForce marcando a data de meu início: 4 de novembro, no depósito da Amazon

em Haslet, no Texas, perto de Fort Worth. Dois dias depois, após ter passado pela verificação de antecedentes criminais, recebi outra mensagem dando-me 72 horas para completar um teste de doping em um laboratório na Atlantic Avenue, perto de meu apartamento. Sem problema, pensei. Mas o e-mail também revelou uma surpresa desagradável: eu faria um exame de urina.

A maconha pode aparecer na urina mais de um mês depois de fumada, porque os metabólitos se escondem no tecido adiposo. Meu exame estava marcado para uma semana e meia depois de eu ter fumado na Dakota do Norte. Em uma raspagem de bochecha, daria tudo certo. Em um exame de urina, era duvidoso. Encomendei um pacote de dez tiras de teste de THC na Amazon e experimentei. A linha que significava um resultado negativo apareceu, mas era deprimente de tão fraca. As instruções diziam que qualquer linha — não importava o tom — era motivo para passar no teste, mas a minha mal era visível. Eu não queria me arriscar.

Só havia um jeito infalível de passar: contrabandear urina limpa. Por sorte, eu ainda tinha nove tiras de teste de THC sem uso. Distribuí para amigos e parentes. Logo encontrei um doador, que me forneceu uma amostra limpa. Guardei em um frasquinho de xampu para viagem. No dia do teste, coloquei o frasco na calcinha e vesti jeans justos para mantê-lo no lugar. Quando a façanha estava concluída, um técnico disse que eu receberia o resultado em 48 horas.

Nunca tive notícias do laboratório, mas dias depois chegou um e-mail da CamperForce: eu estava liberada para trabalhar. Logo, estava de volta à van e partia para Haslet, Texas.

A ORIENTAÇÃO COMEÇOU EM uma manhã de quarta-feira, com nosso grupo de 31 pessoas reunido em uma sala de aula no depósito da Amazon. “Vocês farão um trabalho verdadeiramente braçal aqui”, alertou nosso instrutor. “Provavelmente farão mil agachamentos por dia e isto não é exagero. Bunda de aço, lá vamos nós! Certo?”

Alguns aprendizes riram. Estávamos sentados a mesas compridas, em ordem alfabética, como crianças na escola. A maioria da turma estava acima dos sessenta anos. Eu era a única pessoa com menos de quarenta, uma entre três trabalhadores sem cabelo grisalho. Os gerentes do depósito de Haslet, assim nos disseram, tinha requisitado oitocentos trabalhadores da CamperForce e recebido mais de novecentas candidaturas. Os estacionamentos de trailer por perto, porém, não tinham espaço para acomodar o exército de nômades. Outra ideia — alugar um pasto local — foi sumariamente rejeitada. (Dá para imaginar aquele campo, congelado em uma das famosas tempestades de granizo do Texas, com centenas de trabalhadores idosos sem eletricidade, água e esgoto? Um pesadelo de marketing!)

No fim, os gerentes arranjaram um número limitado de vagas para RV em uma dúzia de estacionamentos de trailer em um raio de 65 quilômetros. Contrataram 251 trabalhadores da CamperForce, o máximo que conseguiram encaixar. Algumas novas contratações ficavam presas noventa minutos por dia no trajeto para o trabalho, além de seus turnos de dez horas. Uma mulher que morava em uma van branca da Ford me disse que pretendia “acampar furtivamente” em um estacionamento da Amazon duas vezes por semana, para economizar gasolina e tempo.

Nossa treinadora — ela mesma moradora de RV e veterana da CamperForce — pediu desculpas pelo incômodo. Disse que a Amazon estava emocionada em dar

as boas-vindas a nós. “Os funcionários da CamperForce são famosos por sua integridade, frequência e qualidade”, explicou ela. “Sabemos como é se dedicar a um dia duro de trabalho. É nisso que a Amazon está apostando. Recebem esse grupo experiente para dar uma sova nos outros!” Nosso grupo, acrescentou ela, era conhecido como “o efeito CamperForce”: uma ética de trabalho proativa da era Eisenhower que representa uma pressão para trabalhadores mais novos e menos experientes. Nos dias que se seguiram, contudo, nossa equipe parecia ter pouco efeito sobre nossos colegas jovens insatisfeitos. Como os de vinte e poucos anos, nossa cara era principalmente de “cansados” e “entediados”.

Pelo menos levávamos uma ampla gama de experiência. Keith, sentado a minha esquerda, era um ministro de igreja de sessenta e poucos anos com dez filhos (cinco eram adultos e os outros cinco moravam em seu RV). Charlie, de 77 anos, disse-me que seus joelhos estavam mortos de anos de trabalho como mecânico em uma mineradora de cobre. Ed e Patricia, casados há mais de quarenta anos, tinham se aposentado no final dos anos 1990 de trabalhos de policial de moto e carteiro.

Juntos, treinamos para trabalhar em um departamento chamado Garantia de Controle de Qualidade de Estoque, ou ICQA (Inventory Control Quality Assurance). O trabalho parecia tranquilo: passar o scanner por mercadorias para que combinassem com registros digitais de estoque. Entretanto, rapidamente aprendemos que nosso depósito — o maior da rede da Amazon, segundo nossa treinadora, e comparável em porte a mais de dezenove campos de futebol — era um labirinto de riscos. Mais de 35 quilômetros de esteiras de transporte levavam caixas pelo interior. O barulho era igual ao de um trem de carga e o mecanismo

emperrava com facilidade. Disseram-nos para manter o cabelo preso e não amarrar moletoms na cintura, ou eles ficariam presos nos roletes, e os crachás pendurados no pescoço ficavam em cordões quebráveis para evitar o estrangulamento. Uma buzina tocava sem parar em meio à barulheira. Quando perguntei o que significava, um colega disse que uma esteira emperrada tinha acabado de ser consertada e recomeçava a funcionar.

Barb e Chuck Stout, que eu vira pela última vez em Quartzsite queimando os documentos de falência, também estavam trabalhando em Haslet. Chuck estava perto de uma das esteiras quando uma caixa de papelão voou dali, atingindo-o em cheio. Ele bateu a cabeça no chão de concreto. Logo socorristas da AmCare, o serviço médico interno, o atendiam pressurosamente. Disseram que ele não teve uma concussão, então podia voltar ao trabalho no departamento de recepção, andando 24 quilômetros por dia. (Chuck, Barb e eu mais tarde nos reencontramos em um restaurante Buffalo Wild Wings entre os turnos. Eles contaram que, antes de eu chegar ao Texas, organizadores de sindicato tinham feito campanha no estacionamento do depósito. Por cerca de duas semanas, os gerentes deram duas palestras por dia alertando os trabalhadores para ficarem longe deles e, sobretudo, para não assinarem nada. As informações sobre os funcionários que se envolviam com organizadores acabariam no banco de dados do sindicato e seriam usadas para “rastreá-los” e entrar em contato com eles, Chuck se lembrou dos gerentes dizendo.)

Durante a orientação, também soubemos que nossas instalações estavam entre os dez centros de distribuição em que a Amazon usava robôs “sherpas”. As engenhocas laranja de 115 quilos pareciam aspiradores de pó Roomba gigantes. Tecnicamente, eles são “unidades de transporte”,

mas a maioria das pessoas os chamava de “Kiva”, nome do fabricante pintado nas laterais. Eles davam voltas dentro de um cercado escuro — afinal, os robôs não precisam de luz para enxergar — em uma área apelidada de “campo de Kiva”. O trabalho deles: transportar estantes abertas, cheias de mercadorias, a estações operadas por humanos no perímetro. Ninguém, exceto membros da unidade de trabalho chamada “Amnesty” (“Anistia”), tinha permissão de entrar no campo de Kiva, mesmo quando os produtos caíam das prateleiras ali. Os trabalhadores comuns tinham permissão de pegar esses objetos fora do cercado usando uma “Amnesty Retrieval Tool” (“Ferramenta de Recuperação da Anistia”). (Apesar do nome pomposo, era apenas um rolo de pintura em uma vara de um metro e meio. Cada estação era equipada com um deles.) Quando expressei interesse em experimentá-los, soube que teria de esperar: o uso da ferramenta exigia treinamento especial.

Ouvi muito falatório sobre os Kivas. Ou eles eram o sonho erótico dos especialistas em eficiência, uma inovação para libertar a humanidade de um trabalho sem sentido, ou eram os arautos de uma distopia sem empregos em que o trabalhador braçal tornava-se obsoleto enquanto a divisão entre ricos e pobres aumentava ao tamanho de uma muralha.

A realidade era menos polêmica, mais comédia pastelão, como uma versão atualizada do filme *Tempos modernos*, de Charlie Chaplin. Nossos treinadores nos regalaram com histórias de robôs desgovernados. Kivas tinham desertado, escapando por um espaço na cerca. Tentaram arrastar uma escada de uma estação, com um trabalhador nela. Em raras ocasiões, dois Kivas colidiam — cada um carregado com 340 quilos de mercadorias — como torcedores de futebol europeus bêbados batendo os peitos. Às vezes os Kivas

deixavam cair itens. Às vezes atropelavam mercadorias. Em abril, uma lata de “spray para urso” (basicamente spray de pimenta a nível industrial) caiu do carregamento de um robô e foi esmagada por outro. Tiveram de evacuar o depósito. Paramédicos trataram de sete trabalhadores do lado de fora. Outro foi levado às pressas ao hospital, com problemas respiratórios.

Além dos robôs salteadores, disseram-nos para ter cuidado com o excesso de esforço. “Preparem-se para sentir dores!”, alertava um cartaz. Um de nossos treinadores brincou que era possível dizer que o dia foi bom se “você não tomava mais de dois comprimidos de Tylenol na noite anterior”. Dispensadores instalados nas paredes e rotulados com “Farmacinha” ofereciam analgésicos genéricos gratuitamente. Se quisesse remédio de marca — ou, digamos, uma garrafa de energético —, podia comprar na sala de descanso.

Mostraram-nos o prédio. As paredes tinham murais com a mascote do depósito da Amazon — um desenho laranja redondo chamado “Pecy: O Cara Peculiar” — e slogans orwellianos, inclusive “Os Problemas São Tesouros” e “A Variação É o Inimigo, a Chave É o Tempo de Cadência”. (“Cadência” é jargão da empresa. Define-se como “o tempo desejado que se leva para fazer uma unidade de produção render” e é usado para regular o ritmo do trabalho.)^[2] Um grande calendário revelava que, até agora em novembro, houve pelo menos um “incidente” relacionado com a segurança por dia. Nosso guia apontou uma “parede da vergonha” com perfis anônimos de trabalhadores em desgraça. Cada um deles era ilustrado com clip art: a silhueta preta de uma cabeça sobreposta com letras maiúsculas vermelhas que diziam “PRESO” ou “ELIMINADO”. Um trabalhador tinha roubado iPhones, contrabandeando-os

para fora em suas botas de bico de aço. Outro fora apanhado comendo mercadorias em vez de guardá-las na prateleira (exatamente 17,46 dólares em produtos alimentícios, revelava o perfil prestativo). A organização era a regra. Disseram-nos para andar em rotas marcadas com fita verde no chão; quando alguém cortou caminho, nosso guia o repreendeu. Quando paramos para usar o banheiro, o interior de meu reservado tinha um gráfico com uma paleta de cores do amarelo-claro a um arroxeadado apavorante. Instruía a encontrar o tom que combinasse com minha urina e sugeria que eu bebesse mais água.

Passei uma semana no depósito. A dissonância cognitiva era intensa. No início de cada turno, uma gerente de vinte e poucos anos, usando rabo de cavalo louro, trinava “Olááááá, *campistas!*” a nosso grupo principalmente de trabalhadores idosos, enquanto sua assistente nos orientava nos alongamentos. Depois disso, passei o scanner em códigos de barras de consolos (fabricante: “Cloud 9”, modelo “Delightful Dong”) a estojos para armas Smith & Wesson (disponíveis em texturas granuladas e emborrachadas) e cartões de presente da AMC de 25 dólares (eram 146 deles e tinham de ser escaneados individualmente).

Em certa ocasião, um robô Kiva que carregava uma colina de prateleiras rodou para minha estação de trabalho. Veio um sopro de perfume nauseante, depois uma nuvem dele, adensando-se à medida que o robô se aproximava. Por algum motivo, o cheiro me lembrava... a faculdade? Quando as prateleiras estacionaram na minha frente, encontrei dezoito caixas de incenso de patchouli esperando pelo scanner. O odor grudou em minhas mãos. Tive ânsias de vômito, terminei o trabalho e apertei um botão para mandar o robô embora. Outros três robôs esperavam na fila à direita dele, como labradores pacientes. Enquanto a estante

fedorenta partia, um cheiro muito mais fresco tomou seu lugar. Cinco minutos depois, porém, o robô que trazia patchouli voltou. Passei o scanner de novo em tudo rapidamente e de novo ele foi embora. Cinco minutos depois, estava de volta. Fiquei em dúvida: era esta a prova de que os humanos eram mais inteligentes que os robôs? Ou o robô estava brincando comigo, com uma rodada depois de outra de contagem redundante de objetos — talvez para obter o melhor resultado entre três? Depois de eu ter despachado a estante pela terceira vez, meu turno tinha acabado. Juntei-me aos colegas para ir embora. Eles sentiram o cheiro do incenso. “Os embalos de sábado à noite!”, pronunciou Keith, o ministro.



Retiro o conteúdo de uma estante carregada por robô para passar o scanner no código de barras.

O turno da noite seguinte seria meu último. Por algumas horas, trabalhei de novo com os Kivas. Tentei me induzir a um estado meditativo. Outra trabalhadora da CamperForce, uma septuagenária de cabelos brancos, tinha me dito antes que estava prestes a se demitir porque achava os robôs

enlouquecedores. Os Kivas levavam a ela sem parar a mesma estante para o scanner. A situação parecia o meu problema do patchouli. Depois que isso aconteceu com ela três vezes, a estante passou a ir para o marido dela, que trabalhava em uma estação a 7,5 metros de distância. Ele a recebeu em um total de seis vezes. Ela me contou isso perto da sala de descanso, enquanto passávamos por uma integrante aparentemente animada da turma de limpeza que tirava o pó dos armários. Interrompendo sua história, ela encarou a trabalhadora e quis saber: “Como foi que ela conseguiu esse trabalho? Prefiro fazer isso! Prefiro limpar banheiros!”

Mais para o fim da noite, um gerente me pediu para passar o scanner em itens na “Damageland” (“Quebradolândia”), onde todas as mercadorias quebradas eram exiladas. Mas a leitura de meu scanner de mão insistia que eu devia estar dirigindo uma empilhadeira. (E eu não sei dirigir uma empilhadeira.) A gerente não sabia o que fazer. Reiniciamos o scanner várias vezes. Por fim, consegui ir para a Damageland. Depois de algumas horas fazendo um balanço de latas amassadas, caixas quebradas e um presente de brincadeira chamado toalha CU & CARA, meu turno tinha se encerrado.

Passei por outros três trabalhadores da CamperForce que tinham recebido comandos completamente erráticos nos scanners. Estavam agitados, sentados perto de uma série de estantes, de costas para a parede. Estava na hora de me demitir, mas eu ainda não tinha decidido como faria isso. De repente, surgiu um impulso perverso. Havia um ato, disseram a todos nós, que levava à demissão imediata. E se eu corresse desenfreada, descuidada e livre, para o campo de Kiva? Fantasiei com isso no início daquela semana. Como seria correr por aqueles corredores escuros, esquivando-me

de Kivas ocupados, como se fizesse uma espécie de parkour proletário? Quanto tempo a equipe Amnesty levaria para me alcançar? O que aconteceria quando me alcançassem? (Coisas estranhas me ocorreram. Mais tarde, soube de dois trabalhadores apaixonados que foram demitidos depois de tentarem um encontro na área dos Kivas.)

Mas eu tinha vindo para coletar histórias, e não para fazer uma cena digna de *Coração valente*. Além disso, não queria perder minhas anotações, cuidadosamente reunidas em um bloco que estava no bolso traseiro. Também ditei observações, em voz baixa, a um gravador de áudio escondido em uma caneta e fiz vídeos com uma câmera que parecia um chaveiro. Os dois dispositivos estavam pendurados no cordão, com o meu crachá.

Fui para a estação de segurança na saída do depósito. Depois de deixar o cordão — e sua carga — no cesto estilo aeroporto para chaves e moedas, desci a rampa até a guarda enquanto passava por um detector de metal. Parei, nervosa, olhando entre a guarda e o cesto, mas ela mal olhou os objetos. Em vez disso, olhava para mim, de sobrancelhas erguidas, como quem diz “O que está esperando?”. Então lhe dei boa-noite e fui embora.



Parte três

CAPÍTULO DEZ

A palavra com S

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DE Linda se mudar para o Squeeze Inn, LaVonne estava estacionada, sozinha, em San Diego. Estava acampando furtivamente ali. Depois de alguns meses difíceis, andava desanimada. Seu antigo lar — o GMC Safari 2003 de nome LaVanne — tinha quebrado depois do último Rubber Tramp Rendezvous, deixando-a encalhada em Ehrenberg, sem dinheiro para o conserto. Para piorar as coisas, ela ainda devia alguns milhares de dólares do financiamento da van agora inútil, que já tinha morrido várias vezes. Decidira ficar e esperar pelos cheques da previdência. Lori, a mulher que morava com o filho em um Chevy Tahoe, dava carona para LaVonne ir ao mercado. LaVonne também encontrou consolo no colo de um novo companheiro de viagem: um filhotinho animado chamado Scout, de uma ninhada recente da cadela de Lori.

LaVonne acabou morando na van morta por quase um mês e meio, enquanto as temperaturas subiam e a comunidade diminuía a sua volta. Por fim, ela conseguiu pagar um reboque até a oficina, onde recebeu o orçamento de 3 mil dólares para consertar o motor. Era mais do que podia pagar. Passeando com Scout por perto, viu uma Chevy Express quase nova para doze pessoas em uma revenda de carros usados. Um vendedor saiu do escritório. Disse que podia ajudá-la a obter um empréstimo, embora

ela tivesse crédito ruim. Não é surpreendente — os empréstimos de alto risco para automóveis aumentaram nos últimos anos.

LaVonne não tinha certeza dos termos, mas que opção tinha? “Se eu não o comprasse, ficaria sem-teto”, mais tarde me disse. Ela batizou o veículo de LaVanne Two.

Esta experiência foi um encontro indesejado com a temida palavra com S: *sem-teto*. A maioria dos nômades evita o rótulo como se fosse contagioso. Eles são “sem-casa”, afinal. “Sem-teto” são os outros.

Mesmo depois de ter escapado de Ehrenberg e voltado à familiar San Diego, LaVonne sentia-se assombrada pela palavra. Em seu blog, *The Complete Flake*, ela escreveu:

— Quando você mora numa van na cidade, as pessoas pensam que você é sem-teto.

— Quando as pessoas pensam que você é sem-teto, você começa a se sentir sem-teto.

— Então você começa a se esconder em plena vista... fazendo tudo que pode para parecer “normal”...

— E quando o velho obviamente sem-teto que você viu esconder o saco de lixo com suas coisas em um arbusto perto de sua van toda manhã sorri e cumprimenta como se te conhecesse, é enervante, para dizer o mínimo.

— Porque você percebe que se juntou ao crescente clube de pessoas que moram nas ruas, e no fim das contas não há muitas diferenças entre vocês dois.^[1]

Alguns dias depois, LaVonne deu seguimento com uma confissão tomada de culpa. Explicou em um novo post que dependia de empréstimos consignados para sobreviver ao mês e, a 255 dólares cada um, iam vencer em uma semana com juros de 45 dólares por empréstimo. Ela estava aborrecida e envergonhada. Seu amigo do RTR, Sameer, que viajava com Mr. Pico, o chihuahua, respondeu rapidamente:

Queria que você estivesse por perto, assim eu poderia dar, minha amiga, um abraço em você. Quero que saiba que não está sozinha nesta situação. Posso lembrar de mim mesmo e do Mr. Pico sentados na floresta em Dolores, Colorado, oito dias antes do pagamento, com o ponteiro da gasolina na reserva, comida para cinco dias e água para dois...

(...) É difícil aceitar a pobreza e o fato de que você deve ser considerada pobre. Apresentam a nós este estilo de vida como empolgante e inovador, e ele é. Porém, a verdade da questão é que a maioria de nós faz isso graças a nossa situação financeira (...). Aqui estão algumas palavras de conselho do ponto de vista de seu irmão Sameer (...). Saia da Califórnia e das ruas de San Diego, onde você é considerada sem-teto. Lembre-se do deserto ou da floresta em que está acampando (...). Venha para o deserto ou a floresta e viva com sua própria gente e cuide-se.

De seu irmão, Sameer

Sameer e LaVonne não eram ingênuos. Eles sabiam que, aos olhos da lei, eram sem-teto. Mas quem pode viver sob o

peso desta palavra? O termo “sem-teto” criou metástase para além de sua definição literal, tornando-se uma ameaça horrível. Ele sussurra: *Exílio. A Queda. O Outro. Aqueles a Quem Nada Resta*. “Os intocáveis de nossa sociedade”, sugeriu LaVonne em seu blog.^[2]

“No início, eu tinha medo da percepção das pessoas a meu respeito, morando em uma van”, disse-me Sameer certa vez, em uma entrevista. “Não queria ser definido como ‘sem-teto’.” Esta palavra o perturbava. Uma vez, ele dirigiu a van para visitar a irmã, para o Ramadã. Ela acabou por expulsá-lo, concluindo que ele era um “vagabundo sem-teto” que não dava um bom exemplo aos sobrinhos e sobrinhas. “Pensei que minha família fosse mais gentil.” Ele se interrompeu, depois continuou: “Como nos definimos é muito importante. Se você está dirigindo em uma estrada chamando a si mesmo de sem-teto, ou de qualquer outro rótulo negativo, você tem problemas. Paul Bowles escreveu um livro chamado *O céu que nos protege*. Ele descreveu a diferença entre turistas e viajantes.” Aqui ele faz uma pausa. “Sou um viajante.” Em seu livro, Bob Wells traça uma forte linha entre os moradores de van e os sem-teto. Sugere que moradores de van são opositores conscientes de uma ordem social corruptora e falida. Seja este estilo de vida escolhido ou não, eles o adotaram. Por outro lado, explica ele, “Uma pessoa sem-teto pode morar em uma van, mas não está ali porque odeia as regras da sociedade. Não, ela tem um objetivo, que é voltar para baixo da tirania dessas regras, onde se sente confortável e segura”.^[3]



Sameer sentado em sua van com Mr. Pico.

A ideia de escolher o próprio destino, por acaso, era importante. Ouvi isto repetidas vezes — por mais estreitas que fossem as opções disponíveis, a escolha era fundamental. Ghost Dancer, que administrava o grupo de moradores de van no Yahoo, descreveu desta forma em uma entrevista: “A economia não está melhorando. Você tem uma escolha — pode ser livre, ou pode ser sem-teto.”

O estigma social compõe apenas parte do problema e coisas ruins podem acontecer com aqueles que têm uma vida nômade — coisas que são piores do que paus e pedras. Nos últimos anos, os Estados Unidos têm imposto uma pressão sem precedentes às pessoas que não moram em habitações tradicionais. O *New York Times* relatou o seguinte em 2016:

Uma bateria de leis que efetivamente criminalizam o desabrigo está varrendo a nação, adotada por lugares

como Orlando, na Flórida; Santa Cruz, na Califórnia; e Manchester, em New Hampshire. No final de 2014, cem cidades criminalizaram ficar sentado em uma calçada, um aumento de 43% em relação a 2011, segundo um levantamento das 187 maiores cidades americanas feito pelo Centro Nacional de Direito sobre os Desabrigados e a Pobreza. O número de cidades que proibiram dormir em carros saltou de 37 para 81 neste mesmo período. O colapso chega em meio à gentrificação que transforma cidades como Nova York, San Francisco, Los Angeles, Washington e Honolulu, contribuindo para custos habitacionais mais altos e maior desabrigo.[4]

Essas leis priorizam a propriedade em detrimento das pessoas. Dizem aos nômades: “Seu carro pode ficar aqui, mas você, não.” Em comunidades de todo o país, excluíram do debate se isto pode expressar uma mudança sombria nos valores cívicos.

Isso não acontece só nas cidades. Os “perfis econômicos” também têm ocorrido em terras públicas. Na Floresta Nacional Coconino, no Arizona, guardas florestais têm interrogado campistas em vans e RVs sobre seus endereços. Qualquer um que pareça um nômade permanente — um adesivo indicando um veículo que acampou em Quartzsite é considerado um sinal óbvio — pode ser multado e expulso por fazer “uso residencial” da floresta.[5] Enquanto isso, *The Statesman Journal* recentemente publicou que o Serviço Florestal está desenvolvendo um aplicativo para smartphone que permite que os cidadãos denunciem suspeitas de acampamentos de longo prazo.[6]

As atitudes negativas para com os errantes motorizados não são nenhuma novidade. De meados ao final dos anos

1930, enquanto a popularidade dos trailers aumentava, a mídia retratou seus habitantes como uma ameaça crescente aos princípios morais da classe média. Eles eram uma ameaça móvel. Oportunistas. Aproveitadores. Disseminavam doenças. Desenraizados. Vagabundos. Preguiçosos. Parasitas. Indolentes.

“Os ciganos da gasolina pagam menos pelos serviços sociais do que qualquer outro cidadão nestes Estados Unidos assolados por impostos”, queixou-se o editorial do *New York Times* em 1937.^[7]

“Quem deve suportar a responsabilidade pelas multidões de errantes, morando brevemente aqui e ali como posseiros, sem raízes como plantas aéreas, sem pagar impostos, criando uma nova espécie de favela motorizada?”, perguntou a revista *Fortune* no mesmo ano.^[8]

Uma fabricante, a Caravan Trailer, ridicularizou este sentimento dando um nome irônico a seu modelo econômico de três metros e 425 dólares: “Tax Dodger”, ou “evasor fiscal”.^[9]

No entanto, a moda dos trailers dos anos 1930 passou. A maioria dos adeptos voltou a se acomodar em uma economia revigorada. Muitos dos nômades atuais que entrevistei, porém, dizem que nunca vão voltar. Eles não pretendem ser reabsorvidos pela habitação convencional. Isto significa que muitos terão de viver escondidos, intermitentemente, até morrerem.

LaVonne recebeu “a batida” uma vez naquela primavera, enquanto acampava furtivamente em San Diego. Podia ter acabado de um jeito pior. O policial Nunez foi amistoso. Queria saber se ela estava viva, segundo disse. Precisava saber se ela não tinha um laboratório de metanfetamina. LaVonne sabia que teve sorte. Sua van parecia nova e estava limpa. O cachorro era fofo. Ela era branca. Ele não a

multou. O policial Nunez, porém, anotou seu nome, a placa da van, a marca e modelo de LaVanne Two. Isto significava que seu disfarce tinha sido revelado e ela logo se mudaria novamente.^[10]

CAPÍTULO ONZE

A volta para casa

DUAS SEMANAS DEPOIS DE eu sair da CamperForce no Texas, era o Dia de Ação de Graças. Telefonei à Linda para saber como estava e lhe desejar um bom feriado.

As notícias eram ruins. Sua família estava sendo despejada da casa que alugava em Mission Viejo. O genro tinha perdido os benefícios de curto prazo por invalidez que começara a receber quando a vertigem e as enxaquecas o obrigaram a sair do escritório um ano antes. Eles não conseguiam pagar o aluguel, então Linda lhes deu sua velha mortorhome, que estava em um depósito. (Ela quase a vendeu no verão, mas a proposta não deu em nada.) Linda ficou feliz por eles poderem usar o El Dorado de 8,5 metros, mas preocupada com a acomodação de dois adultos, três adolescentes e quatro cachorros. O plano era que a filha Audra e o genro Collin dormissem no quarto, o neto Julian no desvão acima da cabine, as netas Gabbi e Jordan na saleta de jantar e os cães onde pudessem.

A família se preparou para vender suas posses, esvaziando a casa de 185 metros quadrados e a garagem anexa. “Sabe, foi como os acumuladores na TV”, contou-me Linda. Audra deu a cada um dos adolescentes uma caixa organizadora. Qualquer coisa que quisessem manter tinha de caber nela. Linda ajudou a arrumar a enorme venda de garagem. Havia caixas de roupas e livros, pranchas de

bodyboard e camas. Vestidos pendurados cuidadosamente em um muro na beira do gramado. Julian, um músico talentoso, separou-se da maior parte dos instrumentos, inclusive um amado acordeão. Jordan, aspirante a maquiadora, abriu mão de seu extenso guarda-roupa. (“Ela ainda não está apaixonada pela ideia”, disse Linda com secura.) Em dois fins de semana de vendas, eles ganharam mil dólares. Alguns compradores viram o Squeeze Inn estacionado na garagem e perguntaram pelo preço. Linda ficou lisonjeada com o interesse, mas disse que não estava à venda.

Embora Linda mostrasse ânimo, a crise a havia desgastado. “Estou ficando exausta”, disse-me ela. “Ainda estou ajudando, mas me afastei um pouco.” Enquanto isso, o jantar de Ação de Graças ia acontecer na casa vazia. Não tinha peru à venda na Costco nem na Ralph’s, disse ela, mas a família ia se virar bem com presunto.

No final de dezembro, Linda e eu voltamos a nos falar. Ela me contou que LaVonne fora a Mission Viejo para ajudá-la a acomodar a família no RV. Depois disso, Linda estava pronta para voltar para a estrada. Todos ficaram tristes porque ela não estaria presente no Natal. Audra chorou.

Linda e LaVonne dirigiram de Mission Viejo para Slab City, o largo acampamento de ocupadores perto de Salton Sea. Elas ouviram falar nele havia anos e queriam conhecer. Quando chegaram, estava escuro demais para ver o ambiente, então pararam para dormir. Pela manhã, viram lixo espalhado para todo lado. Elas partiram na van de LaVonne para procurar um local melhor para acampar. LaVonne tinha uma amiga do Facebook nos Slabs. Quando a encontraram, ela lhes contou tranquilamente que elas tinham dormido “onde ficam os viciados em metanfetamina”. Linda se assustou. O Squeeze Inn e seu

Jeep ainda estavam por lá. E se alguém invadissem? Elas correram de volta para descobrir. O lar de Linda estava bem, mas a inquietude permaneceu. Ela e LaVonne partiram imediatamente para se reencontrar com o pessoal do Rubber Tramp em Ehrenberg.

Depois de algumas semanas de estresse, foi bom reencontrar os amigos. Linda e LaVonne pretendiam ficar na área e alugaram uma caixa postal juntas. (Elas dividiam o custo de seus cartões de crédito, explicou Linda, acrescentando que não era possível pedir dinheiro emprestado à LaVonne porque ela nunca deixava a pessoa pagar, mas sempre ficava feliz em partilhar: “Quando chega seu cheque mensal, se alguém precisar de 50 dólares, ela vai dar.”) Depois de uma conversa franca sobre o estigma de viver com uma renda baixa, as duas postaram no Facebook uma passagem do romance *Matadouro-cinco*, de Kurt Vonnegut:

A América é a nação mais rica da Terra, mas a maior parte de seu povo é pobre e os americanos pobres são exortados a se odiarem (...). Qualquer outro país tem tradições populares de homens que são pobres, mas extremamente sábios e virtuosos, portanto mais estimados que qualquer um que tenha poder e ouro. Estas histórias não são contadas por americanos pobres. Eles zombam deles mesmos e glorificam seus superiores.^[1]

Certa noite, LaVonne perdeu a bolsa na van. Perder coisas em espaços pequenos era surpreendentemente fácil — alguns amigos dela tinham apelidado o fenômeno de “Buraco Negro da Van” —, então ela deixou para lá e foi ao Squeeze Inn para ver Linda, que lhe deu um chocolate. (“Eu

adoro a Linda. Ela é a amiga que eu quis ter a minha vida toda — sem críticas, sem intenções escusas, só pura amizade, amor e apoio. Além do mais, ela me dá comida”, blogou LaVonne mais tarde.)^[2] Com uma onda súbita de preocupação, LaVonne voltou à van. Como temia, ela se trancara por fora. A chave estava na ignição e o cachorro Scout ainda estava lá dentro. Ela e Linda tentaram arrombar as portas, em vão. Foram procurar Bob, mas ele não tinha sugestões. Ligaram para o seguro, mas o atendente não mandaria alguém a uma área erma e sem calçamento. Como Scout tinha comida e água, elas decidiram esperar para resolver o problema de dia. LaVonne dormiu no colchão mínimo do Squeeze Inn ao lado de Linda, que a gravou roncando. Tocou para LaVonne de manhã — “parece que ronrona!” — depois que o corpo de bombeiros retirou Scout da van. O coitado do cachorro tinha defecado em toda parte, então LaVonne passou a maior parte do dia na lavanderia.

Na véspera de Natal, duas dúzias de pessoas apareceram para uma refeição coletiva. Linda conheceu Swankie Wheels. Kyndal, que oferecia cortes de cabelo no Rendezvous, fez os amigos rirem com uma instalação artística: Rocky, o Boneco de Neve, uma pilha de pedras com um nariz de cenoura. LaVonne e alguns amigos discutiram os planos de ir a Los Algodones. (Linda queria ir, mas precisava arrumar um passaporte, e para isso era preciso renovar a carteira de habilitação que tinha vencido em junho, usando seu novo endereço, a caixa postal em Ehrenberg.)

Na manhã de Natal, Kyndal e o marido distribuíram presentes — pacotes de pano multiuso decorados com laços festivos e balas — e Linda preparou um café da manhã

especial para LaVonne: panqueca de abóbora com molho de cranberry, uma receita sugerida por Swankie.



LaVonne prepara panquecas em sua van.

Linda me pôs a par de muitas coisas durante aquele telefonema de dezembro. Ela pagou 30 dólares por um detector de monóxido de carbono, mas o deixou cair no balde de urina. Recentemente acabara de ler as memórias de Cyndi Lauper. Em Quartzsite, na Long Term Visitors Area, um RVer e seus dois gatos escaparam por pouco de um incêndio elétrico que incinerou seu lar e todos os pertences.

Linda quis saber se eu iria ao Rubber Tramp Rendezvous de 2016. Aconteceria dali a umas duas semanas. Ela estaria lá, de volta pela primeira vez desde sua experiência inaugural em 2014, quando nos conhecemos. Respondi que não ia perder a ocasião.

DIRIGINDO NO ESCURO DA estrada Mitchell Mine, vi duas luzes estroboscópicas ao longe. Linda tinha acendido o pisca-pisca de emergência, para que eu conseguisse localizar o acampamento do RTR à noite. Já eram dez horas quando encostei Halen, mas ela saiu para retirar as luzes e me cumprimentar. Entramos no Squeeze Inn e ela me serviu um copo de água. Um pisca-pisca ofuscante não apagava. “Coloca na geladeira!”, brinquei. Ela o colocou.

Quando cheguei lá em meados de janeiro, o RTR estava quase na metade. Tinha começado devagar devido à chuva, que prejudicou a socialização e forçou os nômades a se abrigarem em seus veículos. Mas o tempo tinha melhorado. Logo a população era cinco vezes maior do que na primeira visita de Linda, dois anos antes; mais tarde, Bob estimou a presença de 250 pessoas. Alguns veteranos e introvertidos ferrenhos ficaram afastados porque o encontro parecia muito maior. Tentando aproveitar a quantidade de gente, um nômade começou uma vaquinha para um sorteio da Powerball. O primeiro prêmio de 1,5 bilhão de dólares seria o maior em toda a história da loteria.^[3]

Muitos dos antigos seminários se repetiram, mas tivemos alguns eventos novos, inclusive uma sessão sobre morar em carros pequenos, o que seria mais barato e mais discreto do que morar em uma van. Entre os apresentadores, estava David Swanson, de 66 anos, antigo ceramista profissional que desenvolveu uma artrite grave nas mãos e vivia dos pagamentos da aposentadoria por invalidez. Dezoito meses antes, tinha se mudado para um Prius 2006 que tivera perda total e fora recuperado antes de ele o comprar por 6 mil dólares.

“Comer e dormir são as duas coisas mais importantes para mim, e é isso que faz com que eu sinta que estou em uma aventura de aposentado”, disse David à sua plateia.

“Estou vendo o mundo! Estou me divertindo! Desde que tenha uma boa cama, desde que consiga cozinhar, não me sinto sem-teto, como me sentiria se não pudesse.”

David mostrou ao grupo como substituiu o banco do carona por uma bancada forte: uma chapa de teca de cinco centímetros de sua antiga mesa de jantar, em que fizera centenas de milhares de vasos. Agora usava como uma superfície para preparar refeições com uma chapa de indução, que ele conectava a um transformador de energia ligado à bateria do carro. À noite, a bancada se transformava em uma plataforma para seu colchão inflável de camping e o saco de dormir. Para ter privacidade e bloquear a luz, ele fez uma cortina escura com casas para botões pela beira, que pendurava em ganchos sobre as janelas. Para criar um espaço a mais, tinha uma barraca personalizada que se conectava à traseira do veículo quando o porta-malas estava aberto.

Ele também descreveu a vantagem mais significativa do Prius como um lar — essencialmente, é um gerador de energia inteligente sobre rodas. Mesmo quando David está dormindo, pode conectar os sistemas de aquecimento e refrigeração do veículo na bateria embutida, com o motor automaticamente ligando uma ou duas vezes por hora para recarregar.

Depois de ter se acostumado com a configuração, disse David, morar no Prius lhe permitia muitos confortos. “Se eu parar na Starbucks de manhã e usar o WiFi deles, meu café fica pronto antes do que ficaria se eu entrasse e esperasse na fila”, explicou ele, rindo. Para ter diversão noturna, acrescentou: “Sento-me no banco do motorista com meu tabletzinho — está preso com velcro no para-sol —, reclino o banco e curto o cinema.”

Alguns dias depois do seminário sobre veículos pequenos, o RTR se preparou para outro evento inédito: um show de talentos da comunidade. Linda acendeu velas dentro de sacos de papel pardo presos por cascalho, criando uma fileira de ribaltas caseiras que lançavam um brilho caloroso em torno do palco improvisado. O evento começou ao pôr do sol. Teve música — uma nômade bateu ritmos em seu djembê, outro tocou tigelas cantantes tibetanas e um violonista cantou uma música dos Bottle Rockets que dizia: “A thousand-dollar car, it ain’t worth shit. You might as well take your thousand dollars and set fire to it.”* Teve comédia — de um monólogo sobre um polvo que tentava fazer amor com uma gaita de foles a uma récita de piadas, inclusive “Acampar é um jeito caro de parecer sem-teto”. Um contorcionista sem camisa entrelaçou as mãos às costas, depois deslocou os ombros, de forma a rotacionar os braços sobre a cabeça, levando-os para a frente do tronco. Um especialista em caratê partiu uma tábua de madeira ao meio com a mão. Um bêbado ruidoso insistia em interromper e gritar “Julio! Julio!” para um cachorro que tentava sem parar montar na perna de uma dançarina. Alguns na plateia olharam feio para o homem, que nada fez, antes de mandá-lo se calar e tirar seu cachorro do palco.

A atmosfera era alegre, mas com uma tendência mais sombria do que eu já havia sentido. Em um seminário, Bob falou no REAL ID, o programa de governo que estava apertando os padrões de segurança para as carteiras de habilitação. Durante anos, os nômades vinham estabelecendo residência usando os endereços de serviços de encaminhamento de correspondência locais. Agora muitos funcionários do departamento de veículos estavam procurando cada endereço online. Se pertencesse a uma empresa, exigiam um endereço residencial verdadeiro. Com

a intenção de erradicar o terrorismo, também dificultava as coisas para os nômades, pressionando-os a dar informações falsas — alegar que moravam na casa de um familiar ou amigo, ou usar o endereço de uma propriedade qualquer que tivessem visto à venda.

“O governo quer que você more em uma casa”, Bob os alertou. “Eles sabem o que estamos fazendo e estão apertando o laço o tempo todo.”[4]

Por essa época, peguei-me imaginando: o que aconteceria com todas essas pessoas? Em particular, perguntei-me se Linda ainda estava entusiasmada com a construção de uma Earthship. Alguns meses antes, ela falou que a procura por um terreno tinha mudado de novo — a Vidal, na Califórnia, perto do rio Colorado —, mas, no RTR, não falou muito no assunto. Quando indaguei, ela parecia meio morna e me disse que recentemente tinha se livrado de alguns livros sobre Earthships durante a limpeza em Mission Viejo.

Com o passar dos anos, ouvi nômades discutindo a partilha de um terreno comunitário, mas parecia que os planos não se concretizavam nunca. Conheci algumas pessoas que se livraram da estrada voltando-se para os filhos adultos, que ou os hospedavam ou alugavam apartamentos para eles. No entanto, nem todos tinham descendentes, e a geração seguinte tinha seus próprios problemas financeiros. Alguns filhos adultos mal conseguiam se manter, que dirá sustentar os pais.

Também soube de um centro de assistência no Texas que recebia RVers que não podiam mais dirigir. Chamado de Escapees CARE, é anexo ao Rainbow's End, um grande estacionamento para RV na cidade de Livingston. (“É verdade que nós vamos para o CARE para morrer?”, diz uma pergunta triste na página de perguntas frequentes das

instalações.) Os moradores ficam em suas próprias motorhomes. Alugar uma vaga ali, porém, custa mais de 850 dólares por mês. Os serviços de cuidados opcionais para adultos somam mais 200 dólares por semana. É muito além do alcance da maioria das pessoas que conheci.

Ouvi algumas histórias assustadoras. Iris, a nômade que morava com um papagaio falante, contou que um conhecido de nome Ron se matou de tanto beber enquanto acampava em um estacionamento da Walmart a 58 quilômetros de Quartzsite. Levaram um mês para descobrir seu corpo, disse ela. Uma voluntária do Isaiah 58 Project, Becky Hill, falou de um homem de oitenta anos que tinha se abrigado em sua igreja por três meses. Foi descoberto morto em seu RV no deserto perto de Ehrenberg. “Ele não tinha ninguém para ajudá-lo”, ela lamentou.

Uma trabalhadora da CamperForce que entrevistei quatro anos antes tinha falecido em fevereiro. Quando conheci Patti DiPino, tinha 57 anos e estocava mercadorias no turno da noite em um depósito da Amazon em Coffeyville, no Kansas. Ela me convidou para conversar em sua motorhome Ford Montera 1993.

Patti me contou que passara quinze anos como contadora em uma construtora de Denver, depois foi demitida quando a empresa fechou em 2009. Na mesma época, perdeu a casa em um divórcio turbulento. Então Patti se mudou para seu RV e tentou escalar de novo para a força de trabalho de tempo integral. Certa de que três décadas em trabalho de escritório contariam para alguma coisa, se candidatou online para milhares de empregos nos anos seguintes. No entanto, o mercado de trabalho não era gentil com uma desempregada em seus cinquenta anos. Não apareceu nada.

Patti me serviu uma caneca de café puro. Falou de Sammy, o amado chihuahua de 2,5 quilos, de ficar em Quartzsite, do plano de se candidatar a um trabalho na Adventureland. Contou uma piada: “Os contadores não morrem nunca, só saem do balancete.” Ela me falou de seu passatempo, tricotar mantas para reconfortar soldados que perderam membros no Afeganistão e usam cadeiras de rodas. (Uma de suas filhas, uma veterana da Marinha, ofereceu-se para distribuí-las em uma base na Califórnia.)

Patti ficou feliz com os 10,50 dólares por hora que ganhou na Amazon, mas não queria gastar seus ganhos lá. “Eu digo às pessoas: ‘Sabe do que mais? Não entrem no Walmart, não comprem na Amazon. Andem pela rua e comprem de uma loja de família, e comecem a prejudicar os bolsos dos maiores’”, disse Patti. “Quer dizer, os ricos estão ficando mais ricos enquanto nós estamos sentadas aqui, ficando mais pobres.”

Patti não queria vagar pelo restante da vida. Sonhava com uma comunidade permanente. “O que eu gostaria de descobrir é tipo uma escola que eu consiga de algum condado, para oferecer a cidadãos idosos, que nos deixem fazer nossas hortas e produzir nosso próprio metano, nosso próprio combustível, coisas assim”, explicou. “E ter uma cozinha, porque, ora essa, podemos cozinhar. As pessoas não sabem o quanto podemos ser habilidosos. Se tivermos a horta, então adivinhe só, vamos fazer conservas, porque alguns de nós sabem fazer conservas. Aprendemos anos atrás.”

Patti tinha sessenta anos quando morreu. Pelo que me informaram, fazia radioterapia contra um câncer. Em sua página no Facebook, um dos amigos postou um tributo que me comoveu quase às lágrimas:

Você enfim está livre de dívidas e vive em seu lar para sempre! Não congela mais no deserto nem no Kansas! Não fica mais em espaços apertados. Como sempre digo quando desligo o telefone: eu te amo, Patti. Vou sentir uma saudade danada.

Certa vez perguntei à Sylvianne, a leitora de tarô, sobre seus planos de longo prazo. “Na minha cabeça, estarei fazendo isso para sempre”, dissera-me ela. “Não me importa se chegar àquele lance de *Thelma & Louise* e só o que eu puder fazer for jogar o carro de um precipício.”

Perguntei à Iris também. “Me encontre morta no deserto”, foi sua resposta. “Cubra-me de pedras e deixe para lá.”

Bob tinha um plano mais prático para seus anos de declínio: “Vou cavar uma trincheira grande e comprida, comprar um ônibus escolar barato e encher completamente de um lado e no teto, com janelas para o lado sul. Dá para comprar um ônibus escolar de merda que não roda por 500 dólares. É super-resistente e vai durar para sempre.” Mas quando isso não desse mais certo, ele pretendia vagar para a natureza e tirar a vida com uma bala. “Meu plano de saúde de longo prazo é ter os ossos descorados no deserto”, disse ele.

Este objetivo desolado também sugeria algo maior: Bob não era otimista com relação ao futuro da civilização. Acreditava que as catástrofes ambientais e econômicas iminentes acabariam com a sociedade humana. Ele previa uma crise que faria “a Grande Depressão parecer um passeio no parque”.

Enquanto Bob ponderava o destino do planeta superpovoado, alguns leitores de seu site receavam que mesmo morar em vans estava ficando popular demais. Queria que Bob e outros nômades pregadores parassem de

falar no estilo de vida, com medo de que a atenção maior dificultasse viver discretamente e talvez atraísse a repressão da polícia.

UMA TARDE, DIRIGI A uma barraca de taco em Quartzsite, de um cara que chamava a si mesmo de Grumpy Gringo. Ele estivera tentando vender o negócio há mais de um ano, continuava baixando o preço, mas ninguém comprava. Eu pedia meu burrito, e ele me contou que queria escrever um roteiro sobre velhos que vão a Quartzsite para morrer. Quando me assustei, ele disse que a cidade tinha visto cinco ou seis suicídios no ano anterior. “Não tem nada aqui”, concluiu com tristeza. Peguei minha comida e fui embora.

De volta ao RTR, conversei com Peter Fox, de 66 anos, que tinha conhecido no ano anterior. Na época, ele era um morador de van em treinamento e estava no RTR em uma van Westfalia emprestada. Depois de 28 anos no setor de táxis de San Francisco como motorista, despachante, dono de permissão e gerente, tinha sido expulso do mercado pela Uber. “A economia compartilhada — a economia do subnas-costas-dos-pequenos — chegou”, anunciou ele, melancólico. “Eu tinha chegado a um ponto em que não conseguia mais pagar aluguel e comida ao mesmo tempo.” Ele tentou vender a permissão de taxista, que pensava valer uns 140 mil dólares, depois dos impostos, para se aposentar com os rendimentos. No entanto, as vendas foram limitadas pela prefeitura e a demanda por permissões era baixa. Peter ainda estava na lista de espera. No meio ano que tinha se passado, ele se mudara para uma van Ford E350 branca de doze passageiros que batizou de Pelican. (“Porque os

pelicanos voam baixo e lentamente”, explicou.) Dentro, tinha uma estatueta de Ganesha, o removedor de obstáculos.

Peter tinha esperanças de encontrar trabalhos de *workamper*, então fomos juntos à Tenda Grande. Eu o acompanhei até um recrutador de recepção de camping — “Fui obrigado a me aposentar e preciso ganhar dinheiro” — e o deixei fazer as entrevistas sozinho. Depois de comprar um jantar rápido na cidade, partimos de volta ao acampamento. “A essa hora, toda noite, me ocorre que isto não são férias, nem uma excursão”, disse-me ele. “É o fim.”



Peter prepara café na cozinha ao ar livre que montou ao lado de sua van.

Dois dias depois, conversamos sentados em uma lona ao lado da van dele. “Ainda sinto a oscilação entre o medo e a alegria”, disse ele. Falamos do futuro. “Para onde vão as pessoas quando estão velhas demais para acampar ou morar em uma van?”, ele refletiu. Peter me disse que era

agradecido a uma enfermeira profissional no RTR que o ajudara a lancetar uma infecção em um dos dedos. Achava que seria bom se existissem equipes médicas itinerantes, ou estações para atender os nômades, em particular em parques estaduais ou outros lugares gratuitos em que as pessoas se reuniam. Também pensava que seria legal criar uma organização sem fins lucrativos para moradores de van mais velhos. Quem sabe se alguém não financiaria uma coisa dessas? Ele queria chamar a fundação de “Hello in There”, o título de uma música de John Prine. Eu não conhecia, então ele pegou um violão e uma partitura e tocou. Sua voz aumentou ao chegar ao refrão: um pedido de conexão e carinho interpessoal para facilitar a solidão da velhice.

Qual era o plano dele para o futuro?

“Não morra. Não envelheça”, disse ele. “Não sei.” Se as coisas ficassem desesperadoras, acrescentou, uma sobrinha e um sobrinho se ofereceram para hospedá-lo.



No FINAL DO RTR, os nômades fizeram uma vanzinha usando uma caixa de papelão da Amazon; todo mundo assinou. À noite, jogaram a efígie na fogueira. Chamaram o novo ritual de “Burning Van” e o comemoraram cantando letras que escreveram para a música de “Little Boxes”, a ode satírica à conformidade suburbana composta em 1962 por Malvina Reynolds.

Little vans out in the desert
Little vans all made of ticky tacky
Little vans out in the desert
Little vans and none the same

*There's a white one and a white one
And a white one and a flowered one
And they're all made out of ticky tacky
And there's none two just the same*

*And the people are rubber trampers
The nicest people anywhere.
And they won't be put in boxes
And they won't be all the same*

*We are friendly
We are family
We love to get together
In the desert, in the desert,
Where the terrain is all the same...*

*And we have no pavilion,
No bathhouse, no central stage
But we do have a fire pit where friendships are made
We're all made out of ticky tacky
And none thinks all the same***

Os nômades desfrutaram da cerimônia e juraram que seria uma tradição anual. Talvez no ano que vem, sugeriu alguém, eles construíssem a van de compensado para ela queimar por mais um tempinho.



LINDA RECEBEU NOTÍCIAS DA família. Os netos agora ficavam em uma barraca ao lado do RV. Durante uma tempestade feia, a chuva a levantou, encharcando-os. A água penetrou pelo chão da barraca também. Uma das netas passara o

aspirador no chão para mantê-lo arrumado, sem perceber que puxava grãos de areia pelo tecido e abria furos minúsculos. Eles a remendaram com fita adesiva. Estavam fazendo o máximo que podiam, disse ela.

Nesse meio tempo, Linda também tinha novos desafios. Disse-me que começara a ver um ponto escuro no meio de sua visão quando dirigia à noite. O painel de instrumentos no Jeep não funcionava; ela notou quando estávamos dirigindo juntas por Scaddan Wash depois de uma ida à cidade. “Estou ferrada sem um velocímetro. Merda”, disse ela. “Sempre tem alguma coisa.”

Ela e LaVonne começaram a procurar trabalhos de *workamping* para a primavera. Linda pensou que conseguiria outro trabalho de recepcionista de camping com a California Land Management. Quando eu estava me preparando para sair do RTR, Linda recebeu um telefonema: a função, disseram a ela, fora eliminada.



ERA AÍ QUE EU pensava que a história terminaria — com Linda de volta ao Rubber Tramp Rendezvous, recomeçando o ciclo sazonal que regia sua vida de migrante, junto da comunidade que tinha se tornado uma família. Seus novos relacionamentos ficaram ainda mais fortes nas semanas que se seguiram, quando Linda levantou acampamento com alguns nômades a Ehrenberg. Ali, ela teve uma crise terrível de bronquite. Deitada no Squeeze Inn, fraca demais para cozinhar, os vizinhos fora do sistema chegaram com comida: ovos cozidos, tomates, salsicha. Vi um cuidado semelhante no ano anterior quando uma nômade chamada Beth caiu ao sair da van (chamada de The Beast), quebrando o braço esquerdo. Dois integrantes de sua

“vanília” armaram o que chamaram de “Recuperação de Campo”, ajudando-a a fazer muitas coisas que eram impossíveis com uma só mão, de amarrar os sapatos a fechar o sutiã, até ela estar recuperada e poder se cuidar.

Dois meses depois de Linda ter adoecido, estávamos conversando por telefone quando ela disse algo que me surpreendeu. Tinha encontrado um terreno para sua Earthship.

Ela vira um anúncio na Craigslist de 2 hectares perto da cidade fronteira de Douglas, no Arizona, na margem oeste do deserto de Chihuahua e catorze quilômetros ao norte da fronteira mexicana. Era uma área que ela havia examinado antes, depois de seu primeiro Rubber Tramp Rendezvous. Na época, Linda se convencera de que a região era remota demais, isolada demais. Agora, tinha outros sentimentos. “O relógio está batendo”, disse-me ela. “Quanto tempo tenho com saúde e força suficientes para completar a tarefa? Seria um desperdício jamais morar em uma casa que eu mesma construí.” Será que ela receava se sentir solitária? “Muitos amigos meus passam por aquela estrada e irão me ver”, Linda referia-se à sua comunidade de nômades. “Eu não ficaria totalmente sozinha.”

O terreno ficava em um distrito rural. Ali, proprietários de no mínimo 1,6 hectare estavam isentos dos códigos de construção do condado. Em outras palavras, era uma das zonas que o inventor da Earthship, Michael Reynolds, chamava de “bolsões de liberdade” — lugares sem burocracia, em que a arquitetura experimental podia florescer. Também era uma elevação de 1.300 metros, o que significava que os verões não seriam escaldantes demais. Além disso, se o calor ficasse desagradável, havia oportunidades de trabalhar como recepcionista de camping nas montanhas circundantes.

“Lote de terra sem melhorias com acesso legal muito bom, sem eletricidade, poço ou fossa séptica”, dizia o anúncio na Craigslist, que incluía fotografias do deserto infundável e bruto, sem nenhuma outra casa à vista. Também confessava alguns inconvenientes. As estradas em torno do terreno eram tomadas de algarobas. Uma delas cortava um barranco seco, onde era provável haver inundações repentinas durante tempestades.

O preço acabou por convencê-la. O vendedor queria 2.500 dólares pelo terreno, em parcelas irrisórias: 200 de entrada e 200 por mês, sem juros, até completar o total. Um ano antes, enquanto trabalhava na recepção de um camping nas montanhas de San Bernardino, Linda lera um livro de autoajuda, escrito pelo fundador de uma startup, intitulado *Making Ideas Happen: Overcoming the Obstacles Between Vision and Reality* [Fazendo as ideias acontecerem: Superando os obstáculos entre a visão e a realidade]. Perguntei por que o estava lendo. Ela me disse que tinha dado ao genro, mas ele não mostrou interesse, então Linda ficou com o livro. “Tenho um projeto empacado: minha Earthship”, disse ela tranquilamente. “Qual é o meu *obstáculo*? Finanças. Mas será mesmo *um obstáculo*?” Ela fez uma pausa, deu um trago pensativo no cigarro. Mais tarde, disse que podia anunciar seu projeto de autossuficiência no RTR. Talvez as pessoas fossem ajudar. “Quer ficar em meu terreno? O preço é encher um pneu de terra por dia!”, disse ela, rindo. “É claro que eu os farei encher mais pneus quando eles chegarem lá.”

Quando Linda viu o anúncio na Craigslist pela primeira vez, estava trabalhando como recepcionista de camping na floresta nacional Sequoia, a mais de doze horas de carro do terreno. (Ela fora contratada de novo pela California Land Management; depois da eliminação do trabalho prometido

antes, outro se abriu em outro lugar.) Não podia ver pessoalmente o terreno; então entrou no site da assessoria fiscal do condado de Cochise e pesquisou pelo número do terreno, o que lhe deu a latitude e a longitude, coordenadas que digitou no MapQuest. Na imagem de satélite resultante, o terreno era cor de camelo e pontilhado de chaparral. Arroios corriam por ele como vincos em uma palma da mão estendida.



Uma estrada de acesso ao terreno de Linda desaparece no matagal deserto.

Depois de pagar a entrada, Linda postou no Facebook que tinha comprado o terreno.

“ISSO!!! Fazendo acontecer”, escreveu Ash, uma das amigas moradoras de van da CamperForce da Amazon. “Avisar quando precisar de operárias!”

“Demais! Demais! Demais! Estou com inveja! Adoraríamos passar para ajudar na construção a certa altura!”, acrescentou Wendy, outra nômade, que morava

com o namorado e seus cães em uma “casinha sobre rodas”: um antigo ônibus escolar que eles equiparam com banheiro de compostagem e um forno a lenha.

Linda pretendia visitar o terreno depois de terminar o trabalho na recepção do camping, antes de se apresentar ao trabalho seguinte, na Amazon. Seu companheiro no camping, um morador de van chamado Gary, do Rubber Tramp Rendezvous, passou a ser um amigo íntimo e quis ver o terreno. Ele também pretendia trabalhar na Amazon. Gary parecia estar a fim de Linda, mas ela estava dividida se queria ter um relacionamento amoroso.

Perguntei se eu podia ver o terreno com eles. Linda concordou e reservei um voo para Phoenix. Entretanto, pouco antes da viagem, em meados de julho, soube que os planos tinham mudado. Gary havia sofrido um leve derrame. Ele e Linda estavam refugiados com a comunidade do RTR em Flagstaff, para ele se recuperar. Eles decidiram adiar a visita. Além da saúde de Gary, Linda receava o calor por lá. Esperava temperaturas na casa dos 27 graus, mas a previsão do tempo mostrava 39,5. O ar-condicionado do Jeep tinha pifado. Além de tudo isso, a Amazon antecipara o início deles para 1º de agosto e eles tinham de se apresentar em um depósito em Campbellsville, no Kentucky, para se unirem ao contingente da CamperForce que passaria a incluir mais de quinhentos trabalhadores. Pretendiam fazer uma viagem lenta pelo país, sem dirigir durante o calor do dia. “Estou chateada por não poder ir até lá”, disse Linda. Ela parecia exausta.

Decidi ir mesmo assim. A passagem de avião já estava reservada. Os 2 hectares de Linda não tinham cerca, abriam-se a qualquer um que quisesse visitar. Além disso, deduzi que uma peregrinação ao terreno talvez respondesse a algumas perguntas insistentes. Será que o futuro que

Linda já construía na cabeça se tornaria realidade naquele pedaço vazio do deserto? Ou era um sonho impossível?

Meu avião tocou o solo de Phoenix em um fim de tarde de meados de julho, durante a estação das monções no Arizona. Enquanto os passageiros desembarcavam, um coro de celulares — inclusive o meu — emitiu toques de alerta de emergência. Eram avisos do Serviço Nacional de Meteorologia de que se aproximava uma tempestade de poeira. Essas tempestades também são conhecidas como “haboobs”, para desgosto dos moradores do Arizona que, nos últimos anos, protestaram contra o uso de um termo climático de origem árabe. “Me ofende que as equipes de noticiário locais agora chamem esse tipo de tempestade de haboob”, escreveu certo Gilbert, no Arizona, em uma carta ao *The Arizona Republic*. “Como acham que nossos soldados se sentem voltando para o Arizona e ouvindo um termo do Oriente Médio [para o que] claramente é um fenômeno do Arizona?”^[5]

Fora do terminal, o ar era sufocante e quente como o de um secador de cabelo. O céu que escurecia estava tomado do sedimento fino que difundia as luzes brancas no asfalto, conferindo-lhes halos leitosos.

Ajeitei os retrovisores de um Toyota Corolla alugado. (Halen estava estacionada no leste do país, com minha família.) Linda me mandou mensagens de texto. Estava preparada para passar a noite em El Reno, um subúrbio de Oklahoma City, 560 quilômetros a leste de sua parada anterior, em Tucumcari, Novo México. Queria marcar nosso encontro para o dia seguinte.

Linda ainda estava ansiosa para ver o terreno, mas, agora que só poderia viajar para lá em janeiro, quando terminasse o trabalho na Amazon, tínhamos bolado outro plano. Depois de passar a noite em Douglas, eu iria de carro ao deserto, o

mais próximo possível de seus 2 hectares. Dali, partiria a pé com um laptop e um smartphone, usando o GPS para procurar os marcadores de cada canto. Se o sinal do celular fosse forte, eu transmitiria um vídeo ao vivo da caminhada diretamente para o telefone de Linda. Ela podia assistir e me orientar, apontando quaisquer características da terra que quisesse explorar, como um piloto remoto no controle de uma versão de baixa tecnologia e movida a energia humana da sonda de Marte.

Depois de calcular a diferença de fuso horário — o Arizona não tem horário de verão —, concordamos em começar no dia seguinte a uma hora em meu fuso, três horas no dela. Linda já parecia animada com a jornada indireta.

“Tente ver o Gadsden Hotel enquanto estiver em Douglas”, ela me exortou. “Tem pilastras de mármore e vitrais Tiffany, de quando a área era cheia de minas de cobre.” Depois ela escreveu: “Está dirigindo agora?”

Não, falei. O carro estava estacionado — eu não digitava mensagens enquanto dirigia.

“Ótimo”, continuou ela. “Tem uma Super Walmart em Douglas, trate de levar muita água.”

Água, protetor solar e um chapéu, afirmei.

“Se ficar atolada lá... posso falar com o cara que me vendeu o terreno”, escreveu ela, depois revisou a ideia. “Não fique atolada.”

Se a estrada de terra fosse fofa demais, eu estacionaria na parte calçada e seguiria a pé, falei. Ela me pareceu satisfeita com isso.

“Tudo bem, vou andando, a gente se fala amanhã”, escreveu Linda. “Você é uma louca. Nem acredito que está fazendo isso!” E por fim: “Boa noite.”

Às nove horas, o ar estava claro e limpo. Fui de carro para o sudeste de Phoenix na Interstate 10, chegando a Douglas depois da meia-noite. Na manhã seguinte, entrei no site da assessoria fiscal do condado de Cochise e puxei uma vista de satélite do terreno retangular de Linda. Encontrei a mesma área no Google Maps e marquei cada canto do terreno virtualmente. Quando os cantos estavam salvos no mapa, seus ícones se transformaram em estrelas douradas. Uma constelação retangular se materializou no deserto, 13,5 quilômetros a nordeste de minha atual localização no GPS, que aparecia na tela como um ponto azul.

Enchi uma garrafa de água e me aventurei no calor do meio da manhã. Minha primeira parada foi a rua principal de Douglas, a avenida G, lar do magnífico hotel histórico de que Linda me falara. Em volta dele, porém, havia um sortimento de construções vazias, a tinta descascando, as fachadas desbotadas, janelas cobertas por tapumes. As calçadas estavam desertas. Era difícil acreditar que um dia aquela fora a maior cidade do Arizona.^[6] Fundada em 1901 como um centro de fundição para processar o cobre das minas próximas, Douglas prosperou por décadas. Mas a prosperidade não foi permanente. Na segunda metade do século, os americanos ficaram cada vez mais conscientes das ameaças à saúde e ao ambiente criadas pela poluição do ar. Legisladores financiaram pesquisas sobre o problema em 1955, levando à Lei do Ar Limpo de 1963 e a suas extensões.^[7] A fundição local, a Douglas Reuction Works, de propriedade da Phelps Dodge Corporation, conseguiu burlar os padrões federais até os anos 1980. Na época, tinha se tornado a maior emissora de dióxido de enxofre da indústria americana, expelindo diariamente cerca de 950 toneladas do poluente que provoca a chuva ácida. A fumaça era tão densa que um médico parou de encorajar os pacientes a se

exercitarem, com medo dos efeitos da respiração laboriosa. “Quando fica muito ruim, seus pulmões parecem viscosos”, contou à Associated Press o dono de uma cafeteria na cidade vizinha, Bisbee, enquanto se preparava para se mudar com a família para longe da região.^[8]

A Agência de Proteção Ambiental ordenou que a Phelps Dodge instalasse controles de emissão a um custo de meio bilhão de dólares. A empresa, em vez disso, fechou as instalações.^[9] Em meados de janeiro de 1987, quatro trabalhadores despejaram o último lote de cobre. As nuvens de fumaça pararam de subir das chaminés imensas. Uma névoa que pairava sobre o vale se dissipou. Ninguém sentiu falta do ar denso, mas aconteceram outras perdas: 347 empregos com 10 milhões de dólares na folha de pagamento, um quarto da economia local, segundo estimativas. Isto irritou os cidadãos de Douglas, mesmo aqueles que ainda tinham trabalho. “Queria que despachassem para a Rússia e o Canadá todos aqueles FDP que tiveram alguma coisa a ver com o fechamento da fundição”, disse um empregado da distribuidora da cerveja Coor ao *Boston Globe*. “Na minha opinião, isso tem inspiração comunista.”^[10]

As perspectivas de Douglas ainda estão em queda livre. O único hospital da cidade fechou as portas no verão de 2015, levando outros setenta empregos.^[11] A área metropolitana que abrange Douglas e Sierra Vista, outra antiga cidade de fundição, recentemente foi nomeada a quarta que mais encolhe nos Estados Unidos.^[12] Entre 2010 e 2015, Douglas viu mais quedas acentuadas na população do que duas capitais do cinturão da ferrugem: Flint, em Michigan, e a área metropolitana de Youngstown, em Ohio.

Enquanto eu andava pela avenida G, o golfo entre o auge e a era moderna de Douglas era visível a toda volta. Na

frente do Gadsden Hotel fica o centenário Brophy Building, antigo polo comercial cuja beleza neoclássica com brasões decorados, molduras em padrão ovo e dardo e cornijas de dentículo conferem uma estranha solenidade às lojas cobertas por tapumes. Uma quadra ao norte, um letreiro no Grand Theatre há muito vazio dizia “EM CAR AZ”. Quando da inauguração do Grands, em 1919, patrocinadores chamavam o palácio do cinema de 1.600 lugares de “a mais requintada sala de cinema entre San Antonio e Los Angeles”, divulgando comodidades como um órgão de tubos para acompanhar os filmes mudos, um salão de chá e uma loja de doces. Além dos filmes em exibição, o Grand recebia artistas, de Ginger Rogers a John Philip Sousa.^[13] Entretanto, a ascensão da televisão em meados do século XX marcou o fim das salas de cinema opulentas e o Grand fechou as portas em 1958. Mais tarde, o teto desmoronou. Árvores brotaram nas ruínas. No início dos anos 1980, conservacionistas o compraram por um dólar, mas a restauração exigiria cerca de 9,5 milhões de dólares, e assim ainda está pendente. Na década de 2000, a sala de cinema abandonada encontrou pelo menos um papel: casa mal-assombrada para o Halloween. Para levantar fundos para a construção, voluntários começaram a tradição anual de criar cenários assustadores dentro do prédio, inclusive um laboratório de embalsamamento construído por uma funerária de verdade e uma cena de terror de *Cemitério maldito* em que atuam alunos do ensino médio.

Embora o passado lendário de Douglas intrigasse Linda, o declínio da cidade não era uma tragédia para ela. Para uma proprietária de terra experimental com orçamento curto, isso mantinha as coisas acessíveis. Os terrenos baratos já atraíam alguns empreendedores e artistas, de Robert Uribe, um transplantado de Manhattan que abriu uma cafeteria em

Douglas e foi eleito prefeito quatro anos depois, a Harrod Blank, cineasta de Berkeley que estava construindo o Art Car World, um museu de veículos criativamente modificados. A frota incluía Carthedral, um carro funerário com janelas de vitrais e pináculos góticos, e o Coltmobile, enfeitado com 1.045 cavalos de plástico. Este último foi criado por um veterano do Vietnã alcoólatra que, durante sua recuperação, colava um cavalo no carro sempre que queria uma bebida.^[14]

A cidade também representava desafios. Enquanto pesquisava seu novo lar, Linda encontrou algo preocupante. “Tem um grave problema com tráfico de drogas porque Douglas fica bem na fronteira com o México”, dissera-me Linda, não muito tempo depois de pagar a entrada do terreno. Esta informação saía dos livros sobre Douglas, acrescentou Linda, mas ela não sabia há quanto tempo foram escritos. Então, quem sabe as coisas não tinham melhorado desde então?

Enquanto lia sobre os problemas com o tráfico, Linda soube da mais famosa batida de drogas da cidade. Datava de 1990, quando os agentes encontraram um túnel de noventa metros correndo sob a fronteira. Usado pelo cartel de Sinaloa para contrabandear cocaína, a passagem reforçada com concreto descia três andares no subsolo e começava em uma casa em Agua Prieta, onde a entrada foi escondida de forma inteligente. A abertura de uma torneira ativava um elevador hidráulico, que trazia uma mesa de sinuca — e a laje que ficava por cima —, revelando uma escada para baixo. Lá dentro, o túnel tinha 1,5 metro de altura e ar-condicionado, era iluminado por lâmpadas elétricas e protegido de inundações por uma bomba de drenagem. Um vagonete percorria de uma ponta a outra dois trilhos de metal, terminando em Douglas, abaixo de um

armazém de 186 metros quadrados disfarçado de estação de lavagem de caminhões. Ali, um sistema de guincho e polia içava fardos de cocaína para a superfície, os quais os trabalhadores colocavam nas carretas à espera. Os agentes ficaram admirados que o túnel, apelidado de “travessa da cocaína”, parecesse “algo saído de um filme de James Bond”. O chefe de Sinaloa, Joaquín “El Chapo” Guzmán, foi ainda mais efusivo, gabando-se de que seus agentes tinham “feito um túnel do caralho”.^[15]

Linda ficou intrigada, mas nada disso a desencorajou de ser dona de um terreno na região. “Um antigo patrulheiro de fronteira escreveu sobre o assassinato de pessoas que tinham dado informações à polícia. Informantes”, ela explicara, com naturalidade. “É, o cartel de drogas mata os informantes. E eu pensei assim: ‘Bom, não vou me associar com nenhuma dessas pessoas.’” Depois que desligamos, perguntei-me se Linda tentava se tranquilizar. Ou a mim. Ou a nós duas. De todo modo, ela não exagerou quando disse que Douglas ficava bem na fronteira. Doze quadras ao sul do Grand Theatre, a cidade e o país cessam em duas cercas paralelas, flanqueando um canal revestido de cimento que parece um fosso seco. (Seu nome oficial, usado por construtoras federais, é “Douglas International Ditch”, o “Fosso Internacional de Douglas”.) A primeira cerca, do lado americano do fosso, é feita de uma tela grossa pintada de um bege deserto discreto. A segunda cerca, que dá para o México e é a barreira de fronteira oficial, parece saída de um filme de presídio. Uma estrutura no estilo poste de amarração, feita de aço pesado, agiganta-se a mais de cinco metros, continuando seu trabalho fora de vista e no subterrâneo, onde desce mais 2 a 2,5 metros para deter quem cavar. As grades são pretas e pontilhadas de ferrugem, separadas por espaços de dez centímetros que

emolduram vislumbres da cidade irmã mexicana de Agua Prieta, uma ampla metrópole industrial com quase cinco vezes o tamanho de Douglas. Muitos de seus cidadãos trabalham nas *maquiladoras* — fábricas de propriedade estrangeira que montam produtos para exportação —, fazendo de tudo, de peças automotivas a suprimentos médicos, persianas, aparelhos eletrônicos e roupas.

Os livros de Linda também estavam corretos sobre o tráfico. As “mulas” de drogas podem ganhar mais em uma noite só do que ganham os trabalhadores das *maquiladoras* em um mês. Assim, pouco surpreende que agentes da Patrulha de Fronteira na entrada de Douglas em geral encontrem pacotes de maconha escondidos nos painéis traseiros e estepes de carros que chegam. (Em ocasiões mais raras, é metanfetamina, heroína ou cocaína.) Em uma batida recente, pegaram um garoto mexicano de dezesseis anos que usava um cinto de segurança para descer de rapel do alto da cerca em Douglas. Sua missão? Recolher sacos de estopa recheados com 45 quilos de maconha, que tinham sido atirados por cima da barreira em Agua Prieta, e levá-los a um carro de fuga próximo. Pelo trabalho, prometeram-lhe 400 dólares. Em seu país, ele fazia correias dentadas automotivas em uma *maquiladora* por 42 dólares por semana, dinheiro que usava para ajudar a alimentar a mãe e nove irmãos.^[16]

Os agentes de fronteira também relataram façanhas estranhas, inclusive traficantes que construíram uma tirolesa caseira para transportar pacotes de drogas pelo alto, como miniteleféricos.^[17] Outro traficante criativo tentou entrar em Douglas pelos esgotos, carregando 25 quilos de maconha. Os agentes abriram um bueiro e o encontraram equipado com tanque e máscara de mergulho, usando um traje preto e roxo. Ele largou o equipamento e a

maconha e correu de volta a Agua Prieta.^[18] De todo lugar pela fronteira vinham histórias de maconha voando sobre a cerca em aeronaves ultraleves operadas por controle remoto. (Um desses drones largou por acidente um fardo de dez quilos em uma casinha de cachorro em Nogales, no Arizona.)^[19]

JÁ PASSAVA DO MEIO-DIA quando parti para ver o terreno de Linda, dirigindo para o vale Sulphur Springs. Fazendo fronteira com os desertos de Sonora e de Chihuahua, estas terras áridas atravessavam quase 160 quilômetros pelo sudeste do Arizona, entrando no norte do México. A metade mais baixa se aninha em meia dúzia de cadeias de montanhas: as Dragoons e as Mules a oeste, e as Chiricahuas, Swisshelms, Pedregosas e Porillas a leste. O terreno de Linda ficava ao pé das Porillas. Ela me disse que havia trabalhos de recepção em camping ao norte de seu terreno, nas Chiricahuas, que faziam parte da floresta nacional Coronado.

Atravessei o que parecia um matagal interminável, grande parte dele desabitado. À frente, o asfalto parecia uma poça tremeluzente — uma miragem de calor que desaparecia quando eu me aproximava. Um outdoor podre no acostamento dizia “POLÍTICA DE LIVRE COMÉRCIO: BILHÕES DE \$\$\$ EM DROGAS”. De vez em quando, casas de rancho rebaixadas se erguiam do chaparral. Parecia que algumas tinham sido abandonadas há muito tempo — espaços abertos onde estiveram portas e janelas, e vigas esqueléticas espiando por buracos nos telhados empenados. Do lado esquerdo da estrada apareceu um pequeno santuário branco cheio de flores silvestres e, mais

adiante, um solitário RV de último modelo, afastado na distância solitária como em um plano geral de *Breaking Bad*.

Depois de pegar algumas entradas erradas, encontrei uma estrada ruim que ia para o leste e era mencionada no anúncio da Craigslist do terreno de Linda. Já era uma hora da tarde, então mandei uma mensagem a ela dizendo que eu estava dez minutos atrasada. A resposta veio imediatamente: “Estou pronta.”

A estrada era estreita e acidentada, mas a terra avermelhada era compactada e firme. Foi uma sorte, considerando as chuvas de verão. Eu estava nervosa e empolgada, talvez dirigisse meio acelerada demais. *E se eu encontrar alguma coisa ruim aqui? E se Linda não gostar do que vir?* O carro trepidava, espantando aves dos arbustos que se espremiavam dos dois lados. Uma lebre de cauda preta, com orelhas exageradamente grandes, atravessou correndo a estrada. Logo apareceu um cruzamento, marcado com duas placas de rua oficiais. Eram as primeiras que eu via ali, estranhamente formais em uma área selvagem e sem calçamento. Peguei outra estrada de terra e dirigi 800 metros. À esquerda, apareceu o fantasma de uma estrada, tomado de algaroba. Uma fita de sinalização rosa, desbotada pelo sol, estava pendurada em um arbusto.

Conferi o mapa no smartphone. O ponto azul do GPS estava bem ao lado da constelação que marcava o terreno de Linda. O sinal do celular era forte, então usei o telefone como hotspot de WiFi para me conectar no laptop, depois liguei para uma teleconferência com Linda. Na primeira tentativa, não houve resposta, mas quando liguei de novo, ela atendeu. Estava sorrindo, os olhos enrugando nos cantos atrás dos bifocais cor-de-rosa. Esperei pela saudação conhecida de três sílabas.

“Alô-ôô-ôôô!”, exclamou Linda. O vídeo gaguejou em uma série de imagens congeladas, como uma animação antiga. “Você está travando”, disse ela. No entanto, o áudio era nítido e a conexão não caiu, então decidimos tentar. Apontei o laptop para a frente e fui ao oeste pelo caminho. “Estou vendo nuvens!”, exclamou Linda. Eu tinha virado a câmera muito para o alto e transmitia uma visão giratória do céu. Tentando virá-la para baixo, dei a Linda uma cena de minhas narinas, vistas por baixo. Por fim, endireitei a posição.

“Ah, olha só! Essa é a estrada?”, disse ela, incrédula. Seus 2 hectares deviam estar marcados com estacas de canos de PVC, acrescentou Linda. Será que vi alguma coisa assim? Ainda não, respondi. O que eu podia ver: terra seca e avermelhada, as silhuetas das montanhas Mule do outro lado do vale. “A vista é bem bonita, não é?”, Linda se admirou. Depois ela gritou a uma figura invisível. “Gary, senta aqui para ver!”

“Não posso me sentar”, veio uma voz meio abafada.

“Bom, então se encoste em uma árvore”, respondeu Linda.

Apareceu um homem mais velho, com óculos de armação de plástico preto. Seu rosto pairava acima do ombro de Linda, de testa franzida ao olhar a tela. O cabelo grisalho ficava ralo no alto e ele tinha uma expressão de curiosidade benevolente.

“Está nublado hoje”, observou ele. E depois: “Olha só toda essa grama!” Quando Linda riu da piada, Gary abriu um sorriso. “Acho que vai precisar de um aparador”, ele brincou.

Um poste branco apareceu ao longe, projetando-se do chão como uma farpa. “Está vendo o PVC?”, perguntei.

“Não!” Linda se inclinou e estreitou os olhos. Continuei andando. Ela me lembrou para ter cuidado. “Olhe onde você pisa”, alertou. “Muuuito cuidado com as cobras.” As cascavéis eram comuns no acampamento onde Linda e Gary trabalhavam na floresta nacional Sequoia e ela sabia que tinha cobras ali também.

Enfim, chegamos perto. Os canos de PVC de 1,5 metro estavam plantados ao lado de uma pequena pilha de pedras e um vergalhão. “Ah! Estou vendo”, disse Linda, empolgada. “Como aparece no seu GPS?” O ponto azul — minha localização no deserto — estava bem em cima da estrela que marcava o canto nordeste do terreno de Linda. “Bateu!”, falei. Linda soltou um uivo. “Para onde você quer ir?”, perguntei. “Podemos fazer o que você quiser.”

Linda queria ver o arroio. Um leito de rio seco atravessava o canto noroeste de sua propriedade. Outros candidatos a compradores tinham visto aquela fenda e foram embora, dissera o vendedor a ela, mas Linda achava que podia ser um recurso, um meio de coletar chuva durante as tempestades no deserto. “Sabe, estou pensando, ‘*mais água*’”, explicou ela depois.

Brincamos enquanto eu caminhava para o oeste, com o laptop apontado para a frente como uma varinha de condão. “Se vir alguma cobra antes de mim, diga alguma coisa!”, pedi. Linda, que já observara que a transmissão era picotada, foi desdenhosa. “Ah, tá, com o delay e tudo”, disse ela, sumindo. Falamos sobre o clima onde eles estavam, a leste de Joplin, em Missouri, ainda a caminho de Kentucky. Fazia 34 graus — o mesmo que aqui, mas ensolarado e úmido. “Ah, estou encharcada de suor!”, disse Linda. Antes de nossa reunião, ela havia corrido para encontrar uma parada na Interstate 44 com muita sombra de árvores, que fosse confortável no calor pegajoso do verão do Meio-Oeste.

(“Correr” significava dirigir a cem por hora no Squeeze Inn, explicou ela depois. Qualquer coisa além disso, ele se sacudiria demais.)

Contornando um formigueiro muito ativo, aponte a câmera do laptop para baixo para mostrar a Linda. “Ooooh, que formigas lindas!”, ela observou. Esta visão fez com que ela e Gary conjecturassem sobre a consistência do solo. Gary queria saber se havia muitas pedras. “Não é que seja rochoso, mas tem algumas”, falei. Linda perguntou-se em voz alta se a terra era arenosa e granulada, ou fina e empoeirada. Ela queria instalar tubos de refrigeração terrestres — um sistema de controle climático natural que envolve enterrar canos entre 1,5 e 2,5 metros de profundidade, onde a temperatura cai a 13 graus — e usá-los para circular ar pela casa e também em uma estufa. Sua instalação exigiria que cavassem muito.

“Ele se parte com muita facilidade”, eu disse, pegando um punhado da terra seca e grossa para mostrar a eles, depois abrindo os dedos e vendo-a ser peneirada para o chão. “Vê com escorre de minha mão?”

“Pode ser boa para cavar”, respondeu Gary. “Esta é uma vantagem imensa.” Linda concordou. “Pode ser bem fácil cavar para colocar os tubos. Ah, que bom. Ah, nossa.”

Continuamos para o arroio, e Linda admirou a vegetação. As chuvas de verão tinham feito as plantas do deserto parecerem vibrantes, quase exuberantes. Flores amarelas e delicadas pendiam entre as folhas cerosas do creosoto. Acácias de espinhos brancos eram decoradas com pompons minúsculos, pontilhados de pólen. Os agaves tinham encerrado há pouco um ciclo de floração. Um caule seco se projetava de cada grupo de frondes em formato de espada, contendo uma cabeça de flores ressecadas. Passamos por um cacto misterioso de braços compridos e ondulantes que

pareciam tentáculos espinhosos. Era coberto de frutos vermelhos arredondados que lembravam figo-da-índia. Linda tinha outra informação. “O figo-da-índia tem folhas achatadas. Este cacto é de outra espécie”, disse ela. “Mas talvez a gente possa comer”, acrescentou. (Mais tarde soube que era *Selenicereus grandiflorus* — também chamado de Rainha da Noite —, cujas flores noturnas se abrem só uma vez por ano.)

Depois de corrigir uma guinada errada, o leito de rio seco apareceu à frente. “É um arroio de verdade ou é só uma vala?”, perguntou Linda. “Que profundidade tem?” Apoiei o computador na beira, com a câmera apontada para o arroio, e desci para ver. Em alguns lugares, a beira batia nos meus quadris; em outros, batia em meus ombros. Calculei entre um metro e um metro e vinte.

“Tem essa profundidade por todo o terreno?”, perguntou ela. Não, expliquei. Só cortava um triângulo de terra a noroeste, e não era muito grande. Como os outros cantos, este estava marcado com um cano e, depois de sair do arroio, fui encontrá-lo. Desta vez, Linda viu o marcador prontamente. “Ah, aí está, olha!”, exclamou. “Issooooooooo!”

Depois disso, voltei ao primeiro marcador. “E então, o que você acha?”, perguntei a Linda.

“É melhor do que eu pensava”, disse ela, elogiando a vista panorâmica das montanhas e a qualidade da terra. “Eu estava pensando que podia terminar com um monte de pedras como Ehrenberg, mas não é isso que eu tenho”, acrescentou, referindo-se aos socacos de cascalho em que ela acampara depois do Rubber Tramp Rendezvous. Aquele lugar parecia uma paisagem lunar, com muito pouca vida vegetal. Linda também ficou deliciada porque o terreno foi corretamente medido e marcado. “É um grande negócio por aí!”, disse ela. “Em particular pelo preço, meu deus!”

Por três anos e meio — desde que conheci Linda —, ela me mostrou fotos de sua Earthship preferida, um modelo chamado Nautilus, cuja planta era baseada em uma sequência de Fibonacci. Imaginei-a se erguendo deste pedaço de terra, com paredes de adobe inclinadas que ecoavam os contornos das montanhas circundantes. “Estou tentando imaginar a Earthship aqui”, disse a ela.

“Sim, vai ficar tão bonita aí, né?”, respondeu Linda, feliz. Ela pretendia ir acampar quando o trabalho na Amazon estivesse no fim e o clima, mais frio. Depois que conseguisse ver o terreno pessoalmente, deduziu Linda, podia decidir onde construir. “Só vou precisar ficar um tempo aí pensando e o lugar vai aparecer”, disse ela.

Por meia hora, eu estivera andando e falando sob um céu nublado, o que mantinha as coisas confortáveis, apesar da temperatura de mais de 30 graus. De repente, o sol saiu e transformou o deserto em uma chapa quente. O alerta de temperatura piscou no laptop — não ia funcionar neste calor. O vídeo congelou, a conexão caiu. A excursão estava encerrada.

Passei muito tempo pensando no que aquele terreno significava para Linda. Ali estava o progresso tangível para o sonho de construir algo que ninguém tiraria dela, algo que Linda possuía sem encargos, algo que podia sobreviver a ela. Mas vê-la na tela com Gary deu uma nova dimensão. Apesar de todo seu carisma, Linda sempre me parecerá um lobo solitário. Tinha familiares e amigos queridos, é claro, mas os mantinha por perto enquanto continuava intensamente independente. Naquele momento, comecei a me perguntar como seria seu futuro se entrasse gente nova no quadro. Será que Gary acabaria se estabelecendo com Linda? LaVonne e outros nômades visitariam seu terreno com seus lares portáteis? Quem exatamente eram os

vizinhos de Linda? Havia alguém no deserto em quem ela poderia se fiar?

Não vi uma viva alma. Então bebi muita água e parti no carro de novo, procurando sinais de habitação humana.

A primeira pista foram cavalos. Um quilômetro e meio a sudoeste do terreno de Linda, três deles, atrás de um portão pintado de verde, olharam desconfiados para o carro que se aproximava, depois se afastaram. Uma placa no portão dizia “Entrada Proibida: Infratores Serão Processados”. Era perfurada por nove buracos enferrujados de bala e um buraco novo de espingarda cujas bordas ainda não tinham enferrujado. Uma cápsula amarela de uma bala calibre 20 estava esmagada na terra ali perto.

Soprou uma brisa, fazendo farfalhar o chaparral e trazendo outro som, entre um raspar e um guincho. Parecia vir de uma cabana triangular dilapidada que ficava cem metros a oeste. Uma chapa solta de zinco corrugado no telhado balançava-se para cima e para baixo, gemendo. Pela primeira vez me ocorreu que algumas pessoas talvez não quisessem ser encontradas. Assustar as pessoas por ali poderia ser um erro grave. Então me aproximei lentamente, gritando “Olááááá!”, como uma turista perdida. Ninguém respondeu.

A cabana era uma colagem de compensado, tela de galinheiro e zinco. Uma lona azul esfarrapada cobria um buraco na parede. O interior estava vazio, a não ser por um banco pequeno no chão de terra. O deserto em volta estava tomado de pilhas de detritos que sugeriam vidas interrompidas. Tinha dois ursinhos de pelúcia, uma panela com duas alças, um sapato de salto alto, cabides, latas vazias, canecas de cerâmica e uma fita cassete da banda Chicago. Perguntei-me sobre os donos dos objetos e se eles saíram às pressas deste lugar. (Mais tarde, leria sobre o lixo

que se acumula em desertos na fronteira, grande parte deixada por migrantes exaustos. Em alguns casos, entrar a pé no país exige reduzir seus pertences antes de se espremer nos carros lotados que os levarão embora.)

Voltando a dirigir, localizei mais sinais da humanidade. De uma estrada de terra 800 metros ao norte da cabana, vi uma área com alguns galpões de teto plano, um curral feito de pallets reciclados, duas estufas em arco — hortas, talvez? — e um antigo sedã com a capota aberta, tudo isso atrás de arame farpado. Contornado e voltando para o leste, encontrei uma propriedade que tinha deixado passar, um quilômetro a sudoeste do terreno de Linda. Um burrico em um cercado zurrou alto quando parei. Também havia um trailer para viagem, desbotado e branco feito osso, com um banheiro químico preso à lateral. Mais uma vez chamei. Ninguém respondeu.

Mapas de satélite mostravam um rancho mais ao sul. Quem sabe não teria alguém em casa? Seguindo o mapa, passei por gado preto descansando embaixo de algarobas andrajosas. Logo apareceu uma cerca e, bem depois dela, uma casa. Mas a estrada ficava feia. Depois de um curto aclive, mergulhava em um ponto baixo onde poças refletiam o céu. Tentei contornar pela beira. Era fofa. Logo a frente do Corolla estava atolada até as rodas. Tentar dar a ré só faria os pneus rodarem em falso, espirrando lama no carro alugado branco.

Lembrei-me do aviso de Linda: *Não fique atolada.*

Do carro, o sinal do celular era fraco, então saí e subi em um talude. Depois de cinco chamadas interrompidas, um agente do seguro explicou que não atendiam em estradas de terra. A tentativa seguinte foi o Nalley's Pit Stop, uma empresa de reboque pertencente a pai e filho. Lonnie, o dono, tinha saído a trabalho. Eu poderia esperar que

retornasse a ligação? Claro. Nuvens pesadas se reuniam a sudeste. De súbito, me pareceu uma boa ideia caminhar até a sede do rancho. Quando me aproximei, o silêncio foi rompido por uma cacofonia de latidos — uma campainha canina. Uma dúzia de cães percorreram o terreno, alguns soltos, outros andando de um lado a outro de cercados. O menor, um filhote preto e branco, trotou para mim como um embaixador voluntário. No jardim havia uma máquina de solda, uma roçadeira e uma privada cheia de pedras grandes. Fui até o portão e gritei um olá. Nada.

O telefone tocou enquanto eu voltava para o carro. Lonnie disse que estava perto. Logo um reboque se materializou onde estiveram as vacas. Subi no talude e agitei os braços como uma naufraga.

Lonnie e o filho, Lonnie Junior, tinham visto as nuvens e se apressaram. Parte do rancho ficava em uma planície de inundação. Um caminhão da UPS tinha atolado ali uma vez na temporada das chuvas. Quando o motorista ligou pedindo a ajuda de Lonnie, ele se recordou, a água já roçava os pneus. Não havia nada a fazer até que a terra secasse.

Lonnie Junior conectou um gancho abaixo do para-choque traseiro do Corolla. Coloquei o carro em ponto morto e fiz um sinal de positivo. Enquanto o carro começava a rodar para trás, saindo da lama, uma picape vinho chegou do outro lado da vala. Um homem de boné preto surrado e jeans Wrangler saiu e observou, com as mãos nos quadris. Acenei timidamente do banco do motorista.

“Este é um lugar traiçoeiro”, observou o homem. Tinha a barba ruiva e a pele era rosa como um rosbife, com sardas. Depois que o carro foi solto, paguei a Lonnie e Lonnie Junior pelo reboque — 80 dólares, mais 20 de gorjeta — e lhes agradei profusamente. O homem da picape se apresentou

como o administrador do rancho. “Veio para cá sozinha?”, perguntou. Senti-me desconfortável, mas não consegui pensar em nenhuma resposta plausível, só a sincera. Então falei em Linda e perguntei como era a vida por ali. O administrador me disse que cuidava de um rebanho de cinquenta cabeças de gado Brangus — híbridos de Brahman e Angus, criados para o calor e a seca — e que morava naquelas terras há 26 anos. As coisas eram tranquilas na maior parte do tempo, mas às vezes “mulas” de traficantes andavam por ali com mochilas pesadas. Era melhor evitá-los. Ele levou tiro duas vezes. Agora tinha uma AR-15 na picape.

Saí no carro alugado comicamente sujo, com três centímetros de lama nos pés, meu tênis guinchando nos pedais. Quando um arco-íris se materializou acima do terreno que eu acabara de deixar, achei até cafona — sarcasmo da natureza? —, mas parei mesmo assim para tirar uma foto.

De volta ao centro de Douglas, estacionei na frente do Gadsden Hotel e me aventurei a entrar no saguão. O salão imenso e cor de âmbar era opulento como descrevera Linda, com colunas em estilo italiano, uma ampla escadaria de mármore e sofás de couro. (“Sentar neles parece descansar na toca de um pirata que teve uma educação clássica”, escreveu certa vez um repórter do *Los Angeles Times*.)^[20] O vitral Tiffany de que ela me falara ficava em um mural de doze metros no mezanino. A vidraça iluminada por trás retratava uma cena de deserto em espirais de cor — terra caramelo, azul-celeste, montanhas roxas no horizonte, agaves verdes em flor. Podia ser confundido com uma ilustração do terreno da própria Linda, representado em pedras preciosas. Entrei na Casa Segovia, o restaurante quase vazio do hotel, e pedi uma travessa de enchiladas de

7 dólares e uma michelada. A paisagem Tiffany perdurou em meu cérebro como a imagem residual de um clarão de luz. Eu queria ver Linda entrar naquele tipo de natureza embelezada: um Éden do sudoeste. No entanto, eu passara a tarde toda repelindo preocupações. Agora que estava sozinha com meus pensamentos, elas começaram a me invadir.

Mais dois dias de estrada levariam Linda e Gary a Campbellsville, em Kentucky. Ali eles passariam os cinco meses seguintes trabalhando em turnos noturnos de dez horas em um depósito da Amazon. Para Linda, o objetivo do trabalho era ganhar dinheiro para começar a construir sua casa. Seu coração estava naquilo. Entretanto, enquanto eu pensava no isolamento do terreno — junto com o calor vertiginoso do verão, “mulas” do tráfico armadas, enchentes relâmpago e cascavéis —, perguntei-me: seria o plano uma loucura? Em três anos remoendo o sonho de Linda, já tivera minhas dúvidas. Mas partilhava em geral o mantra de Fox Mulder do *Arquivo X*: “Quero acreditar.”

Mais tarde mandei a Linda algumas anotações sobre o que eu soubera a respeito da região — as boas e as ruins, confessando minhas preocupações. Também enviei a ela por e-mail um mapa com fotos de seu terreno e as cercanias. Ela não respondeu à primeira mensagem, mas escreveu da Amazon para me dizer que ficou feliz com as fotos. “Eu as abro com frequência e sonho em estar lá”, disse Linda. “Detesto essa merda de trabalho e isso me ajuda a continuar. Mais quinze semanas e estarei livre.”

Enquanto isso, outras preocupações se acumulavam na boca de meu estômago. Será que o corpo de Linda aguentaria os rigores da construção? Pensei em seu primeiro trabalho na Amazon em Fernley, Nevada, e na vertigem que a levou ao hospital pela lesão por esforço

repetitivo que ela adquiriu por segurar o scanner. Seu pulso precisou de três anos para se curar. E se ela se machucasse de novo? A Amazon desde então tinha passado a usar scanners mais leves — quem sabe isso ajudasse? Também tive medo de que o trabalho a esgotasse. Embora Linda inicialmente tivesse sido designada a trabalhar como estoquista, guardando mercadorias, mais tarde, naquela temporada, ela contaria que os gerentes pensavam em transferi-la, junto com outros trabalhadores da CamperForce, para os cargos mais extenuantes de selecionadores, pegando os pedidos. No ano anterior, um selecionador usou um monitor Fitbit para trabalhar, segundo Linda me contou. Em um único dia tinha registrado 29 quilômetros e 44 lances de escada.

Mesmo que Linda conseguisse passar por sua temporada na Amazon, será que conseguiria economizar para começar a construção da Earthship? Da última vez que ela trabalhara para a CamperForce, o salário-base era de 11,50 dólares, sem os adicionais por trabalho noturno e as horas extras. Agora era de 10,75. (Linda inicialmente trabalhara nas instalações de Fernley, que ofereciam salários melhores do que alguns outros locais da CamperForce, mas aquele depósito fora fechado em 2015.)

Também me preocupei com seu ânimo. Durante a primeira temporada de Linda na Amazon, ela vira de perto o grande volume de porcarias que os americanos compravam e ficara enojada. Aquela experiência tinha plantado uma semente de desencanto. Depois de sair do depósito, o desencanto continuou a crescer. Quando Linda reduziu de um RV grande para um trailer minúsculo, também estava lendo sobre minimalismo e o movimento *tiny house*. Pensava muito na cultura de consumo e em quanto lixo as

pessoas criam em sua curta vida. Imaginei aonde todos esses pensamentos levariam.

Linda ainda se debatia com eles. Em questão de semanas, depois de começar a trabalhar no Kentucky, ela postaria a seguinte mensagem no Facebook e também a mandaria em particular para mim:

Alguém perguntou por que eu queria um terreno. Para ser independente, sair da correria, apoiar negócios locais, só comprar produtos nacionais. Parar de me encher de coisas de que não preciso para impressionar gente de quem não gosto. Neste momento, trabalho em um depósito grande, para uma importante varejista online. As coisas são todas umas porcarias feitas em outros lugares do mundo onde não existem leis trabalhistas para crianças, onde os trabalhadores labutam de catorze a dezesseis horas por dia, sem intervalos para refeições ou idas ao banheiro. Tem 90 mil metros quadrados neste depósito atulhado de coisas que não vão durar nem um mês. Vai tudo para um aterro sanitário. Esta empresa tem centenas de depósitos. Nossa economia é construída nas costas de escravos que mantemos em outros países, como China, Índia, México, qualquer país do terceiro mundo com mão de obra barata, onde não precisamos vê-los, mas podemos curtir os frutos de seu trabalho. Esta corporação americana talvez seja a maior proprietária de escravos do mundo.

Depois de enviar isto, ela continuou:

Sei que é radical, mas é o que passa por minha cabeça quando estou no trabalho. Não há nada neste depósito

que tenha conteúdo. Ele escravizou os compradores que usam seu cartão de crédito para comprar essa merda. São mantidos em empregos que detestam para pagar as dívidas. É muito deprimente estar aqui.

Linda acrescentou que lidava com “a questão moral. Como fazer jus ao dinheiro que ganho para completar meus planos. Sei que o dinheiro não sabe de onde vem. Nestes tempos, existe algum outro jeito de conseguir as finanças de que preciso no tempo em que preciso delas? Meu tempo na Terra é curto”.

Ela destilou seus sentimentos em uma frase final: “Parece um ladrão de banco fazendo seu último serviço para se aposentar.”

Em Douglas, Linda ainda não tinha me dito nada disso. Belisquei minha travessa de enchiladas e me perguntei o que ia acontecer em seguida. Quando peguei a estrada, o sol se punha. Fui para o norte pela Interstate 191. A chuva que ameaçara cair o dia inteiro não veio, mas as nuvens tinham se deslocado para o oeste e agora estavam sobre as montanhas Mule. Entre elas e os picos, havia uma nesga de céu. Os últimos raios do dia chamejavam por ela, pintando cores de conchas — tudo era rosa e tangerina — antes de cair em um vermelho-escuro. Trinta e dois quilômetros depois, virei à esquerda, continuando pela borda superior das Mule. Estava escuro. Raios cintilavam acima da cadeia Dragoon, ao norte.

Passei por Tombstone — “a cidade durona demais para morrer” — e parei no posto Texaco em Benson. Acima das bombas de combustível, um dossel iluminado lançava um brilho de luz do dia e mariposas e besouros voavam em espirais embriagadas — uma discoteca de insetos. Meu telefone sinalizou com uma mensagem de Linda:

“Conseguiu voltar à cidade?”, perguntava. Respondi que conseguira. Ela me disse que, depois de perdermos contato no deserto, ela e Gary avançaram 965 quilômetros na jornada até Kentucky, antes de parar para passar a noite em Springfield, em Missouri. “Estivemos dirigindo 480 quilômetros por dia”, acrescentou ela. “Gary está muito cansado e o calor está me tirando do sério.”

“Que bom que vocês estão chegando perto!”, respondi. Depois desisti das mensagens e telefonei a ela. Nossa conversa voltou ao terreno.

“Foi lindo”, disse Linda. “Quando você pôs a mão na terra, fiquei toda assim: ‘Nossa, que terra bonita!’” Em seguida, ela me contou mais sobre Gary. “Ele gosta de mim de verdade”, disse ela. “E ele fez tantos trabalhos quanto eu!” Gary administrara um departamento de radiologia, gerenciara um mercadinho e trabalhara na construção civil, ela explicou. “Ele é muito inteligente e tem boa memória. E tem uma letra linda. E é muito bom com números, faz todo tipo de contas de cabeça.”

Ele queria ajudar na construção da Earthship? “Não sei se ele quer se estabelecer”, refletiu ela. “Mas diz que tenho um plano muito bom. Não estou imaginando coisas. Não é só alguma fantasia. É viável.” Não importava o que acontecesse entre eles, Linda acrescentou, ela teria a propriedade no deserto só em seu nome. Ter uma casa era o sonho *dela*, afinal de contas.

O que importava naquele momento era chegar a Kentucky e se aguentar até o Natal. Ela já podia ver o outro lado da Amazon: ser liberada com dinheiro e um plano a ser aplicado, dirigir ao Arizona para acampar em seu terreno. Peneirar a terra entre os próprios dedos, planejar o futuro. Aquela imagem a fazia percorrer os quilômetros de estrada. Era só o que a fazia passar pelas noites na Amazon. A

atração gravitacional de ter seu próprio pedaço do país. Ela passara muitos anos planejando. Estava pronta para liberar todo aquele pensamento reprimido em ação.

“Estou feliz, feliz, feliz”, disse-me ela. “Estou louca para chegar lá e *botar a mão na massa.*”

Depois disso, desligamos. Estava ficando tarde, e Linda tinha outro longo dia de estrada pela frente.

* Em tradução livre: “Um carro de mil dólares não vale merda nenhuma/Pode pegar seus mil dólares e tacar fogo.” (N. da T.)

** Em tradução livre: “Vans pequenas no deserto/Todas vans pequenas de material barato/Vans pequenas no deserto/Vans pequenas e nenhuma é igual//Tem uma branca e uma branca/E uma branca e uma florida/E todas são de material barato/E não existem duas iguais//E as pessoas rodam nos carros/As pessoas mais legais do mundo./E elas não serão postas numa caixa/E todas elas são diferentes//Somos como amigos/Somos da família/Adoramos ficar juntos/No deserto, no deserto,/Onde o terreno é todo igual...//E não temos barraca,/Nem banheiro, nem palco central/Mas temos uma fogueira onde as amizades são feitas/Todos somos de material barato/E ninguém pensa igual.” (N. da T.)

CONCLUSÃO

O polvo no coco

É o INÍCIO DO inverno nos Estados Unidos. Tempestades de neve pegam carona na corrente de ar, numa pincelada larga e branca pelo continente, de oeste a leste.

No alto das montanhas de San Bernardino, na Califórnia, a neve rodopia pelos pinheiros e se acomoda em vagas de camping desocupadas no Hanna Flat. Ela cai na fábrica de drywall silenciosa e nas casas vazias de Empire, em Nevada. Na Dakota do Norte, recobre os campos de beterraba-açucareira adormecidos. Sopra em rajadas no depósito da Amazon em Campbellsville, em Kentucky, e nos estacionamentos próximos para RV, onde vivem os trabalhadores da CamperForce.

Já em uma cidadezinha no deserto de Sonora, o sol brilha e a temperatura à tarde cai aos 21 graus. A migração anual a Quartzsite começou, com dezenas de milhares de nômades afluindo de todo o país. Eles se reúnem em volta de fogueiras ao cair da noite, contando histórias do ano que está quase acabando, fazendo planos para aquele prestes a começar.

Swankie Wheels está de volta a Quartzsite depois de trabalhar na recepção de camping por todo o outono nas montanhas Rochosas no Colorado, onde comemorou seu aniversário de 72 anos e quebrou três costelas no trabalho. Depois da luta com as noites frias na van sem aquecimento,

ela instala uma pequena barraca no veículo, na qual envolve a cama para dormir. Ocupada com o futuro, ela treina para um novo desafio: fazer a trilha Arizona, de quase 1.300 quilômetros.

Silvianne Delmars está acampada perto de Swankie. Durante o dia, trabalha como caixa na Gem World, uma loja na cidade que vende cristais e material para a produção de joias. Uma noite, em um jantar coletivo com karaokê, ela cria coragem para cantar seu hino, “Queen of the Road”, diante de duas dúzias de pessoas, que reagem com vivas e aplausos. Ela também está se preparando para sair em seu primeiro encontro amoroso em sete anos: jantar com um RVer bonito que conheceu no posto da guarda-florestal.

LaVonne Ellis voltou a Ehrenberg depois de uma temporada de duas semanas em Standing Rock, onde se juntou a manifestantes que protestavam contra o gasoduto da Dakota do Norte. No silêncio do deserto, luta com o bloqueio de escritora para terminar uma curta memória de infância, *The Red-Feather Christmas Tree*, que publica na Amazon. (“Linda May nunca duvidou”, diz nos agradecimentos.) Mais tarde, vai a Los Algodones para comprar óculos baratos. Para o futuro, concebe um novo sonho: comprar um terreno perto de Taos, no Novo México, onde pode estacionar permanentemente um antigo ônibus escolar, criando uma base para morar entre suas viagens de van.

Bob Wells também está em Ehrenberg, preparando-se para promover o maior Rubber Tramp Rendezvous da história. Prevendo centenas de pessoas, ele estabelece novas regras para a reunião de duas semanas, proibindo música alta e cães sem coleira. Também retira do calendário de eventos as tradicionais refeições coletivas, imaginando que será difícil demais organizá-las com tantas bocas a

alimentar.^[1] (Mal sabe ele: mais de quinhentos moradores de veículos se matricularão no evento este ano, muitos atraídos pelos vídeos que ele posta no YouTube.)

Mais nômades chegarão em breve. Entre eles está David Swanson, antigo ceramista profissional que mora em um Prius recuperado. David está animado para voltar ao Rubber Tramp Rendezvous, onde mostrou seu veículo a espectadores no ano anterior. Por ora, está estacionado em Padre Island, no Texas. Em uma mensagem para mim no Facebook, ele descreve o lugar como “um paraíso dos nômades”, onde carros e barracas têm permissão legal para acampar na praia. Depois, pergunta: “Você irá ao RTR de 2017?”

Digito meus lamentos: “Estive nos três últimos RTRs e está me matando que eu não possa ir a este.” Digo a David que tento terminar o livro que estive escrevendo.

“Boa sorte atirando as palavras!”, responde ele, alegremente. “Mantenha-se ocupada!”

A pergunta de David abre um buraco no meu peito. Depois de três anos documentando os nômades, parece um erro faltar ao RTR. Repito a mim mesma uma regra fundamental da escrita de não ficção: *A história ainda se desenrola no futuro, mas a certa altura você sai dela.*

Estou incorreta sobre esta última parte, porém, porque a história me acompanhou até em casa. O Brooklyn é cheio de casas mínimas sobre rodas. Não consigo parar de vê-las.

Em uma transversal com estacionamento sem parquímetro perto de meu apartamento em Boerum Hill, tem uma van Ford de teto alto, prata, com um *nazar* — um medalhão para espantar mau-olhado — pendurado no espelho retrovisor. As janelas são escuras, quase pretas, fechadas por persianas.

A uma curta caminhada do prédio de minha irmã em Bed-Stuy, tem uma motorhome velha na frente de um estacionamento comercial para caminhões. Uma cortina de privacidade na traseira da cabine está fechada. Uma folha termoprotetora bloqueia o vidro no desvão da cama. Perto do estepe na traseira, sacos de lixo e fita adesiva cobrem um espaço que antes abrigava uma janela.

Mais vans de acampamento e um ou outro RV ancoram na margem do Prospect Park. Eles se agrupam perto de depósitos térreos em Gowanus e Crown Heights, onde não há vizinhos para reclamar. Esses abrigos móveis estão em toda parte — uma cidade invisível, escondida em plena vista.

Na noite depois da primeira nevasca da estação, vou a Red Hook, um dos últimos trechos de cais industrial no Brooklyn. As transversais são escuras e ladeadas de um sortimento variado de veículos de trabalho — vans de empreiteiras, frotas de entrega, food trucks, trailers de serviços públicos — dando uma boa cobertura para os campistas urbanos se misturarem. Logo começo a vê-los: um antigo trailer no formato de presunto enlatado. Uma van Chevy Astro com a reveladora cortina de privacidade, as janelas da cabine bloqueadas com plástico e bandeiras americanas. Uma van de transporte convertida com vidro escurecido, vistosas calotas vermelhas e um aquecedor a propano soldado acima do para-choque traseiro para fornecer calor quando o motor está desligado. Muitas vans de último modelo, com as persianas fechadas.

A habitação mais espetacular de todas é um miniônibus escolar amarelo. Suas janelas são cobertas por chapas de metal, para impedir qualquer visibilidade. Brilhando na beira do teto, mal sendo percebidas do chão, estão as estruturas de alumínio de quatro painéis solares perfeitamente

alinhados. Tem uma cortina atrás do para-brisa, com uma condensação na superfície interna — outra revelação. Está estacionada dando para o East River, com uma vista desimpedida da Estátua da Liberdade.

A jornalista em mim quer bater na porta. Mas então me voltam as lembranças de acampar furtivamente — como é se esconder atrás de janelas cobertas, o coração se acelerando com a aproximação dos passos de um estranho.

Afasto-me.

Encontrar tantos nômades no Brooklyn é revelador. Entretanto, não é a primeira vez que este projeto me afeta de perto. No meio da reportagem, soube que o filho mais novo de Swankie, um engenheiro de software de Seattle, é alguém que conheci anos antes no Burning Man. Mais tarde, LaVonne e eu percebemos que uma de suas amigas mais queridas é casada com um jornalista amigo meu de Berkeley. Nas duas ocasiões, eu me perguntei: *Quais são as chances de isso acontecer?*

Talvez não sejam tão pequenas. Afinal, milhões de americanos lutam com a impossibilidade de uma existência tradicional de classe média. Em lares por todo o país, estão espalhadas contas a pagar em mesas de cozinha. As luzes só se apagam tarde da noite. Os mesmos cálculos são feitos repetidas vezes, sem parar, com exaustão e às vezes lágrimas. Salários menos contas de mantimentos. Menos as contas médicas. Menos a dívida do cartão de crédito. Menos as tarifas de serviços públicos. Menos o crédito estudantil e o financiamento do carro. Menos a maior despesa de todas: o aluguel.

No abismo crescente entre créditos e débitos, paira a pergunta: *De que partes desta vida você está disposto a abrir mão para continuar vivendo?*

A maioria das pessoas que enfrenta este dilema não acabará morando em veículos. Aqueles que o fazem são o análogo do que os biólogos chamam de “espécie indicadora” — organismos sensíveis com a capacidade de sinalizar mudanças muito maiores em um ecossistema.

Como os nômades, milhões de americanos são obrigados a mudar de vida, mesmo que as transformações sejam menos radicais na aparência. Existem muitas maneiras de processar o desafio da sobrevivência. *Este mês, você vai pular refeições? Vai ao pronto-socorro, em vez de ir a seu clínico? Vai adiar as contas do cartão de crédito, na esperança de que não entrem em cobrança judicial? Vai deixar de lado o pagamento das contas de eletricidade e gás, torcendo para que a luz e o aquecimento continuem funcionando? Vai deixar os juros se acumularem no crédito estudantil e no financiamento do carro, torcendo para um dia encontrar um jeito de pagar?*

Estas indignidades sublinham uma pergunta maior: *Quando é que escolhas impossíveis começam a destruir as pessoas, a destruir uma sociedade?*

Já está acontecendo. A causa da matemática doméstica intratável que faz com que as pessoas passem a noite em claro não é segredo nenhum. O 1% do topo agora ganha 81 vezes o que ganham aqueles da metade inferior, quando comparamos os rendimentos médios. Para adultos americanos na metade inferior da escada da renda — cerca de 117 milhões deles —, os ganhos não mudaram desde a década de 1970.^[2]

Isto não é um hiato salarial — é um abismo. O custo desta divisão crescente é pago por todos.

“De certo modo, estou menos interessado no peso e nas circunvoluções do cérebro de Einstein do que na certeza próxima de que pessoas de igual talento viveram e

morreram em lavouras de algodão e em fábricas com trabalho análogo à escravidão”, refletiu o falecido escritor Stephen Jay Gould.[3] Uma divisão de classes profunda impossibilita a mobilidade social. O resultado é um sistema de castas *de facto*. Isto não é apenas moralmente errado, mas também um tremendo desperdício. Negar acesso a oportunidades para grandes segmentos da população significa jogar fora vastas reservas de talento e capacidade intelectual. Também vem provando que reduz o crescimento econômico.[4]

A medida mais amplamente aceita para calcular a desigualdade de renda é uma fórmula centenária chamada de coeficiente de Gini. É o padrão ouro para economistas de todo o planeta, junto com o Banco Mundial, a CIA e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico sediada em Paris. O que ele revela é impressionante. Atualmente, os Estados Unidos têm a sociedade mais desigual de todas as nações desenvolvidas. [5] O nível de desigualdade é comparável com o de países como Rússia, China, Argentina e a República Democrática do Congo, que foi devastada pela guerra.[6]

Embora a situação seja ruim agora, é provável que fique pior. Isto me faz imaginar: *Que outras contorções — ou mesmo mutações — da ordem social aparecerão nos anos futuros? Quantas pessoas serão esmagadas pelo sistema? Quantas encontrarão um jeito de escapar dele?*

ALGUNS DIAS DEPOIS DE NOS conhecermos, Linda notou um anel de polvo em minha mão direita. “Já viu um polvo em um laboratório, como ele é inteligente?”, ela se admirou. “São uns artistas da fuga!”

Linda descreveu um vídeo que vira na internet: “Tem comida no outro tanque, e o polvo grandão está sozinho no primeiro tanque. Ele se espreme por um tubo e consegue chegar ao segundo tanque.” Seguiram-se mais experimentos. “Eles vão complicando cada vez mais as coisas”, acrescentou. “Por exemplo, ele precisa abrir uma portinhola e depois entrar em um tubo.”

Não importa o que façam, o polvo sai.

“Às vezes as pessoas podem ser assim”, sugeri.

“É, se você tentar nos guardar numa caixa”, disse Linda. Ela riu.

Penso nesta conversa muito tempo depois, quando Linda posta um link para um vídeo novo em seu perfil no Facebook. O vídeo mostra um polvo atravessando o leito oceânico. Seu andar é um arrastar desajeitado e uma legenda aponta o motivo — o polvo carrega duas metades vazias de um coco. De repente, ele salta para dentro delas. Puxando as metades para perto do corpo, ele continua a jornada, rolando como uma bola de boliche com tentáculos.

O polvo criou uma ferramenta que serve ao mesmo tempo para transporte e proteção — uma espécie de trailer de coco. Um mergulhador na Indonésia capturou este momento em vídeo. Linda posta um comentário chamando-o de “o polvo mais inteligente e mais fofo do mundo”.^[7]

LINDA ESTÁ NA ESTRADA de novo. Liberada de seu emprego temporário no depósito da Amazon em Campbellsville, em Kentucky, ela começa a viagem para o oeste. Gary ficou para trabalhar por mais tempo, então ela viaja sozinha, rebocando o Squeeze Inn com seu Jeep pelos dias curtos e as noites longas e escuras de inverno.

Seu primeiro destino é Taos, no Novo México. Ali ela pretende visitar sua Earthship preferida, a Nautilus, e consultar um arquiteto sobre a adaptação do projeto a suas necessidades. Depois continuará para o Rubber Tramp Rendezvous. Depois disso, irá para o deserto perto de Douglas, Arizona, para ver o terreno que é seu futuro.

Nos arredores de Taos, entretanto, a luz de “verificação do motor” se acende no painel do Jeep. Ela ouve que nevascas estão a caminho daquela região. Na esperança de evitar uma avaria por mau tempo enquanto dirige pelas montanhas, Linda muda de itinerário e vai diretamente para Douglas.

Chega lá sem problemas. Na primeira noite, acampa no estacionamento de uma Safeway abandonada, mesmo com a temperatura da madrugada caindo abaixo de zero. No dia seguinte, encontra um estacionamento de RV barato nos descampados no norte da cidade. Um casal de Montana está ali, na vaga ao lado da dela. Eles moram em um trailer Airstream eviscerado de cinco metros que já viu dias melhores. Linda lhes conta de sua Earthship e mostra o fichário cheio de projetos.

Batemos papo por telefone no dia seguinte. Ela me conta que, tirando o plano abandonado de ir a Taos, a viagem de volta de Kentucky foi tranquila. “O clima estava perfeito!”, diz ela. “Dei com três gotas de chuva o tempo todo.” A viagem só levou três dias. Ela ainda estava no estacionamento de RV, que custava só 15 dólares por noite. Hoje ia tomar um banho; durante a viagem usou lenços umedecidos. “Estive sentada no trailer, descansando”, diz ela, soltando um suspiro satisfeito.

Ela visitou seus 2 hectares. A área de deserto que vira pela primeira vez em fotografias na Craigslist na primavera anterior — e depois como um vídeo enviado a seu

smartphone no verão — tornara-se tridimensional. O terreno era real, tangível, um ambiente pelo qual ela caminhou. Ela jura que até ouviu uma cascavel por ali. “É lindo”, diz ela.

Agora o futuro parece ter uma proximidade urgente. “Tenho 66 anos”, diz ela, realista. “Preciso acelerar as coisas. Quero ser capaz de relaxar e curtir a certa altura.”

Os detalhes saem em uma torrente. Linda me conta que acaba de comprar um gerador portátil de 4 mil watts por 26 dólares — menos da metade do preço de costume. “Ah, meu deus, tenho eletricidade!”, ela canta. Vai fazer a barulheira de um aspirador de pó, mas isso não a incomoda. É muito mais energia do que vem obtendo de um painel solar de 45 watts.

Linda descreve a descoberta de um serviço de entrega de água barato perto de seu terreno, que pode encher tanques grandes. (Embora as Earthships tenham cisternas para coletar a água da chuva, pode não haver o suficiente, e Linda vai precisar se sustentar durante o processo de construção.) Ela fala em fazer um levantamento do terreno — precisará conhecer as elevações antes de montar canteiros para permacultura. Amanhã irá ao departamento de obras do condado para saber dos empecilhos — a que distância da estrada deve construir — e outras particularidades de zoneamento.

“Já li no site deles que dá para limpar 4 mil metros quadrados sem permissão para nivelamento”, diz ela. “É só isso que eu quero mesmo.”

Linda pretende começar a construção depois do Rubber Tramp Rendezvous. Gary concordou em voltar ao terreno com ela. LaVonne também vai. Juntos, eles vão começar a construir uma estufa, que permitirá o cultivo de orgânicos e dará proteção dos elementos durante a construção de sua casa.

Agora Linda consegue vê-la, como se as fotos de seu fichário tivessem ganhado vida. A Earthship que imaginou por tantos anos ergue-se de uma área estéril do deserto. Ela a constrói com as próprias mãos determinadas, com a ajuda de amigos que viraram uma família. Quando estiver pronta — e ficará pronta —, a Earthship os abrigará. Com sistemas renováveis para comida, água, energia, aquecimento e refrigeração, será um lar, mas também um ser vivo, um organismo que existe em harmonia com o deserto. Viverá mais do que todos eles.

Este futuro começa no ano-novo, só dali a duas semanas. Linda já planejou o primeiro passo: nivelar o terreno. Encontrou um operador de escavadeira que cobra 35 dólares por hora, sem extras pela gasolina ou pela viagem. “O tempo dele começa quando ele bota a bunda no banco do trator”, disse ela, feliz. Ela falou com ele e reservou uma data para o final de janeiro.

O projeto deve consumir oito horas, ela me diz. Acontece assim:

Primeiro a escavadeira limpa o mato da estrada de acesso, abrindo um caminho para seu terreno. Em seguida, abre uma entrada de carros, um lugar onde o Squeeze Inn possa estacionar.

Por fim, começa a trabalhar no local principal da construção. O braço se estende. A caçamba mergulha. Dentes de metal mordem a terra, várias vezes, enquanto a escavadeira rasga o matagal duro do deserto. Tudo que ela toca, cede: o arbusto retorcido, o cacto resistente, a pedra pesada. Estes são obstáculos no caminho do futuro de Linda. Um por um, serão levantados.

Logo o trabalho está concluído. Quando a escavadeira parte, Linda vai para o espaço plano e vazio que ela deixou.

Agora este terreno está pronto para ela: 4 mil metros quadrados perfeitos, algo no qual construir.

AGRADECIMENTOS

CONHECEMOS MUITA GENTE EM três anos e 24 mil quilômetros. Este livro existe graças à gentileza dessas pessoas. Sou grata a todos na estrada que compartilharam sabedoria, piadas infames, fogueiras e café e a todos em casa cujo apoio possibilitou esta jornada.

Minha mais profunda gratidão vai para Linda May. Confiar em alguém para contar sua história não é pouca coisa, especialmente quando a escritora zanza por perto, intermitentemente, por três anos, dorme em uma van na frente da casa de sua filha e corre atrás de seu carrinho de golfe da manutenção do camping enquanto escreve em um bloco. Espero que a resiliência de Linda — junto com a sagacidade e o grande coração — comova os outros como comoveu a mim.

Duas centenas de nômades compartilharam seu tempo e deixaram rastros aqui. São numerosos demais para relacionar, mas sou especialmente grata a LaVonne Ellis, Silvianna Delmars, Bob Wells, Charlene Swankie (vulgo “Swankie Wheels”), Iris Goldberg, Peter Fox, Ghost Dancer, Barb e Chuck Stout, Lois Middleton, Phil e Robin DePeal, Gary Fallon, David Roderick, Al Christiansen, Lou Brochetti, Jen Derge, Ash Haag, Vincent Mosemann, David Swanson, Mike, Kat e Alex Valentino e, naturalmente, a Don Wheeler, homem misterioso.

Recebi um apoio entusiasmado da Faculdade de Jornalismo de Columbia, em particular de meus colegas Ruth Padawer e David Hajdu. A Fundação Rockefeller

proporcionou um mês no Bellagio Center, um lugar que virou mágico pelo trabalho árduo de Pilar Palaciá e Claudia Juech. Meus colegas dali (vulgo “Il Convivio”) compartilharam camaradagem, ideias profundas e festas espontâneas. Um agradecimento a mais ao fotógrafo Todd Gray, que fez as perguntas certas na hora certa (e também tirou minha foto).

James Marcus, na *Harper's*, foi o primeiro editor que acreditou nesta história e é um modelo de decência humana. Outros aliados no artigo da *Harper's* incluíram Giulia Melucci, Sharon J. Riley e o talentoso fotógrafo Max Whittaker, cujas imagens acompanharam meu texto. Lizzy Ratner e Sarah Leonard, de *The Nation*, Clara Germani de *The Christian Science Monitor*, e Alissa Quart do Economic Hardship Reporting Project apoiaram partes do que se tornou o livro.

Joy Harris, meu estímulo feroz em forma de agente, “adotou” este projeto desde o início com uma profunda empatia. A editora Alane Mason, da Norton, cooperou com a mão firme. Adam Reed, Ashley Patrick, Kyle Radler e Laura Goldin também foram de grande ajuda.

Michael Evans, Robert e Karen Kopfstein, Jerry Hirsch, Stella Ru e Stu Levin deram abrigo (literal) a mim e Halen. Ann Cusack enviou-me um presente que incluía miudezas como Neosporin e Irish Spring, junto com uma pequena bandeira dos Estados Unidos. Lonnie e Lonnie Junior, do Nalley's Pit Stop em Douglas, Arizona, içaram minhas rodas da lama. Aaron, Bill e a equipe de craques de mecânicos da Conklin Cars em Hutchinson, Kansas, permaneceram funcionando depois do horário de expediente para consertar meu alternador.

Sou grata à minha família: meu pai Ron ajudou a copilotar Halen durante grande parte da jornada de volta ao leste.

Minha mãe Susan (em breve “dra. Bruder”) ensinou-me a escrever desde os primeiros dias. Minha irmã Megyn é destemida e fabulosa e uma das melhores coisas em voltar para casa. Max, o cachorro (vulgo Mutt-Mutt Wagglebutt), suspirou e se aconchegou comigo pelas longas noites de escrita.

Tenho muita sorte por minha comunidade, ou “família lógica”, inclusive Douglas Wolk, Rebecca Fitting, Chris Taylor, Jess Taylor Wolfe, Caroline Miller, Josh e Lowen Hunter, Sarah Fan, Chris Hackett, Sarah McMillan, Dorothy Trojanowski, Eleanor Lovinsky, Marlene Kryza, Julia Solis, John Law, Christos Pathiakis, Robert Kutruff, Rob Schmitt, Stacey Cowley, David Dyte, B’Anna Federico, Nate Smith, Raya Dukhan, Michael Evenson, Ellen Taylor, Clark McCasland, Martha Prakelt, Baris Ulku, Shel Kimen, Iva Skoch, James Mastrangelo, Niambi Person Jackson, Amelia Klein, Anthony Tranguch e David Carr, de quem sinto uma saudade tremenda. Também sou agradecida a minhas comunidades: o Madagascar Institute, o Flaming Lotus Girls, Illumination Village, 29 Hours Music People e Dark Passage.

A companheira de conspiração Julia Moburg (vulgo “Surfer Julia”) ajudou a me manter em equilíbrio. Ela é melhor do que saguis e é mais do que eu mereço.

Este livro é dedicado a meu melhor amigo, Dale Maharidge. Nos últimos catorze anos, você tem sido a voz que atende ao telefone, seja a hora que for.

Uma família moderna é assim.

NOTAS

PARTE DA REPORTAGEM NESTE livro apareceu originalmente em meu artigo “The End of Retirement: When You Can’t Afford to Stop Working”, *Harper’s Magazine*, agosto de 2014.

As idades das fontes correspondem à cronologia de suas histórias, e não à época da publicação. Todas as pessoas neste livro têm seu nome verdadeiro, a não ser por Don Wheeler e as pessoas que conheci enquanto trabalhava na colheita de beterraba-açucareira e na CamperForce.

CAPÍTULO UM

Grande parte dos relatos neste capítulo data de maio de 2015, quando viajei com Linda May ao Hanna Flat Campground, na floresta nacional de San Bernardino, para documentar sua experiência de trabalho ali.

1. https://geomaps.wr.usgs.gov/archive/socal/geology/transverse_ranges/san_bernardino_mtns.
2. Paul W. Bierman-Lytle, “Case Study: San Bernardino and Urban Communities Interface: Historical, Contemporary and Future”, in *Climate Change Impacts on High-Altitude Ecosystems*, org. Münir Öztürk et al. Cham, Suíça: Springer, 2015, p. 292-93.
3. Baixado de um repositório de antigos folhetos de RV: http://www.fiberglassrv.com/forums/downloads//ec_tmp/CompactIIBrochure.pdf.

4. Observado durante visitas à exposição anual Quartzsite Sports, Vacation & RV em Quartzsite, Arizona, 2014-2016.
5. Diane Yentel et al., *Out of Reach 2016: No Refuge for Low Income Renters*. Washington, D.C.: The National Low Income Housing Coalition, 2016.
http://nlihc.org/sites/default/files/oor/OOR_2016.pdf.
6. Marcia Fernald (org.), *The State of the Nation's Housing 2016*. Cambridge, MA: Joint Center for Housing Studies of Harvard University, 2016, p. 31.
http://nlihc.org/sites/default/files/oor/OOR_2016.pdf.
7. Dan Weikel, "Driving a Deadly Dinosaur", *The Los Angeles Times*, 11 de agosto de 2001, p. A1.
8. John McKinney, "Grout Bay Trail Leads to History", *The Los Angeles Times*, 25 de julho de 1999, p. 8.
9. Registro de incidente do corpo de bombeiros, 21 de setembro de 2007.
10. Silvianna Wanders, *The Adventures of a Cosmic Change Agent*, <https://silviannewanders.wordpress.com>.
11. Escrita por Silvianna K. Delmars e reproduzida com sua permissão.
12. Anne LaBastille, *Woodswoman: Living Alone in the Adirondack Wilderness*. Nova York: Penguin Books, 1991; Scott Belsky, *Making Ideas Happen: Overcoming the Obstacles between Vision and Reality*. Nova York: Portfolio, 2012.
13. Jane Mundy, "California Labor Law Also Applies to Seniors", [LawyersAndSettlements.com](http://www.lawyersandsettlements.com), 16 de julho de 2014.
<http://www.lawyersandsettlements.com/articles/californ>

ia_labor_law/interview-california-labor-law-43-19945.html.

Quando chegou ao Facebook, Greg Villalobos confirmou sua identidade como o homem do artigo e acrescentou, por mensagem direta: “O problema é muito comum, mas a maioria dos recepcionistas de camping fazem o trabalho a mais sem reclamar e sem remuneração. Trabalhei em dois cargos de recepcionista de camping e os dois agiam da mesma forma. Eram duas empresas diferentes. Não faço mais esse trabalho. Eu adorava os campistas, mas não a gerência.”

14. <https://www.yelp.com/biz/california-land-management-palo-alto>.
15. E-mail datado de 26 de dezembro de 2016, também incluía: “O trabalho ‘fora do horário’ por qualquer motivo é uma violação da política de empresa e os empregados que violam esta política estarão sujeitos a ações disciplinares, inclusive ao término do emprego (...). Nos 36 anos que temos no setor, investigamos muitas queixas de empregados. O que descobrimos, de modo geral, é que os fatos que cercam a queixa diferem das alegações dos empregados. Quando, porém, encontramos evidências de maus-tratos da gerência, tomamos medidas corretivas contra esta gerência. (...) Empregamos mais de 450 pessoas durante o auge da temporada de verão e temos uma porcentagem muito alta de nossa força de trabalho temporária voltando de um ano a outro. Isto claramente não estaria acontecendo se nossa política de pessoal permitisse as coisas alegadas em sua carta.”

CAPÍTULO DOIS

1. Frank Aleksandrowicz, "Nevada by Day: The Other Attractions Around Las Vegas", *The Elyria Chronicle-Telegram*, 17 de junho de 1990, p. E11.
2. *Dennis Weaver's Earthship*. Dirigido por Phil Scarpaci. Robert Weaver Enterprises, 1990.
3. Associated Press, "Actor Builds Treasure with Other People's Trash", *Colorado Springs Gazette Telegraph*, 28 de novembro de 1989, p. B8.
4. Patricia Leigh Brown, "Father Earth", *The New York Times*, 10 de janeiro de 1993, p. A1.
5. <http://gubbsearthship.com>.
6. Sara Bernard, "Earthship!" *Seattle Weekly*, 12 de agosto de 2015, p. 9.
7. Martha Mendoza/Associated Press, "'Earthships' Meld Future with Past", *The Los Angeles Times*, 18 de maio de 1997, p. 1.
8. *Garbage Warrior*. Direção de Oliver Hodge. Open Eye Media, 2007.
9. "monstro chamado economia": <http://earthship.com/a-brief-history-of-earthships>; "a economia é um jogo": <http://earthship.com/Designs/earthship-village-ecologies>.
10. Jasmine Tucker e Caitlin Lowell, *National Snapshot: Poverty Among Women & Families, 2015*. Washington, D.C.: National Women's Law Center, 2016. <http://nwlc.org/wp-content/uploads/2016/09/Poverty-Snapshot-Factsheet-2016.pdf>.
11. Joan Entmacher e Katherine Gallagher Robbins, *Fact Sheet: Women & Social Security*. Washington, D.C.: National Women's Law Center, 2015.

<http://nwlc.org/wp-content/uploads/2015/08/socialsecuritykeyfactsfactsheetfeb2015update.pdf>.

12. Ariane Hegewisch e Asha DuMonthier, *The Gender Wage Gap: 2015*. Washington, D.C.: Institute for Women's Policy Research, 2016.
<http://www.iwpr.org/publications/pubs/the-gender-wage-gap-2015-annual-earnings-differences-by-gender-race-and-ethnicity>.
13. Jiaquan Xu et al., *Mortality in the United States, 2015*. Hyattsville, MD: Centers for Disease Control and Prevention National Center for Health Statistics, 2016.
<https://www.cdc.gov/nchs/data/databriefs/db267.pdf>.

CAPÍTULO TRÊS

A maior parte dos relatos sobre Empire, Nevada, neste capítulo apareceu originalmente em meu artigo “The Last Company Town”, *The Christian Science Monitor*, edição impressa, 13 de junho de 2011, p. 33.

1. O clássico cult: *The Hills Have Eyes*. Direção de Wes Craven. Vanguard, 1977. O remake: *The Hills Have Eyes*. Direção de Alexandre Aja. Fox Searchlight Pictures, 2006.
2. Jenny Kane, “Gypsum Mine, Town of Empire Sold”, *The Reno Gazette-Journal*, 4 de junho de 2016, p. A5.
3. Jenny Kane, “Empire Mining Co. Will Only Restore Part of Ghost Town”, *The Reno Gazette-Journal*, 24 de agosto de 2016, p. A4.
4. Na data de publicação original, o Google ainda não tinha atualizado o Street View e um cidadão de Empire pode ser visto regando seu gramado aqui:

[https://www.google.com/maps/@40.572901,*
-119.34298,3a,75y,340.84h,74.5t/data=!3m6!1e1!3m4!
!1sNxq0MbTKOKuCSPq0oIMttQ!2e0!7i3328!8i1664..](https://www.google.com/maps/@40.572901,-119.34298,3a,75y,340.84h,74.5t/data=!3m6!1e1!3m4!1sNxq0MbTKOKuCSPq0oIMttQ!2e0!7i3328!8i1664..)

5. “Amazon CamperForce Program”, vídeo promocional, publicado por AmazonFulfillment em 19 de julho de 2013, <https://youtu.be/jT1D1RsW1bQ>.
6. “Okies da Grande Recessão”: <http://lovable-liberal.blogspot.com/2013/08/grapes-of-workamping.html>; “refugiados americanos”: <http://unlawflcombatnt.proboards.com/thread/9293>; “Sem-teto abastados”: <http://earlystart.blogs.cnn.com/2012/12/12/workampers-filling-temporary-jobs-for-amazon-com-cnns-casey-wian-reports-onthese-affluent-homeless>; “Lavradores migrantes”: <http://unionperspectives.blogspot.com/2012/02/workampers-are-new-iww-wobblies.html>.
7. *Workamper News* <http://workamper.com> e *Workers on Wheels* <http://www.work-for-rvers-and-campers.com>.
8. *Workamper News*, julho/agosto de 2013, p. 33.
9. *Workamper News*, novembro/dezembro de 2015, p. 36.
10. *Workamper News*, setembro/outubro de 2013, p. 20.
11. *Workamper News*, setembro/outubro de 2013, p. 17.
12. http://dps.sd.gov/licensing/driver_licensing/obtain_a_license.aspx.
13. Kristyn Martin, “Working into Their 70s: the New Normal for Boomers”, *Al-Jazeera America*, 17 de outubro de 2014. <http://america.aljazeera.com/watch/shows/real-money-with-alivelshi/2014/10/Workampers-retirement-babyboomers.html>.

14. Melissa Preddy, "Work Camping: Seasonal Jobs on the Road", *AARP Bulletin*, dezembro de 2014.
15. Eric Spitznagel, "What the Kids Are Doing These Days", *The New York Times Magazine*, 6 de novembro de 2011, p. 9.
16. Amazon CamperForce Referral Form, 2015; era de 50 dólares em 2012: *Amazon CamperForce Newsletter*, maio de 2012, p. 5.
17. *Amazon CamperForce Newsletter*, julho de 2012, p. 2-5.
18. *Amazon CamperForce Newsletter*, abril de 2012, p. 3.
19. *Amazon CamperForce Newsletter*, março de 2013, p. 3.
20. <https://www.scribd.com/document/133679509/CamperForce-Recruiting-Handout>.
21. "Bottom Line at Amazon.com: Money", *Workamper News*, julho/agosto de 2014, p. 31-34.
22. *Amazon CamperForce Newsletter*, julho de 2013, p. 1.
23. Trabalhadores insatisfeitos mais tarde cunharam a expressão "Shamcare", um trocadilho com "sham" ("golpe") e "Amcare", ao discutirem o serviço médico interno da Amazon no Facebook.
24. *Workamper News*, "Jobinar with Amazon CamperForce", <http://www.youtube.com/watch?v=STC3funa1Gg> [postado em 21 de março de 2013].
25. <http://talesfromtherampage.com/amazon>.
26. *Workamper News*, "Jobinar with Express Sugar Beet Harvest", https://www.youtube.com/watch?v=cbJtFHJHf_M [postado em 26 de fevereiro de 2014].
27. Bureau of Labor Statistics, U.S. Department of Labor, Labor Force Statistics from the Current Population

Survey, Unemployment Level 65 years and over:
<https://data.bls.gov/timeseries/LNU02000097>.

28. "Reclaiming the Future: Challenging Retirement Income Perceptions", Allianz Life Insurance Company of North America, 2010.
29. S. Kathi Brown, "Retirement Attitudes Segmentation Survey 2013", AARP Research, Washington, D.C., 2013.
30. "Old Men at Forty", *The New York Times*, 24 de fevereiro de 1905.
31. David Lodge, "Rereading Anthony Trollope", *The Guardian*, 15 de dezembro de 2012, p. 16.
32. Lee Welling Squier, *Old Age Dependency in the United States: A Complete Survey of the Pension Movement*. Nova York: The Macmillan Company, 1912, p. 28-29.
33. Harry C. Evans, *The American Poorfarm and Its Inmates*, Des Moines, IA: The Loyal Order of the Moose, 1926, p. 13, 29.
34. Nancy Altman, "Social Security at 80: Lessons Learned", *The Huffington Post*, 18 de agosto de 2015.
35. U.S. Social Security Administration, "Historical Background and Development of Social Security: Pre Social-Security Period",
<https://www.ssa.gov/history/briefhistory3.html>.
36. Jacob S. Hacker, *The Great Risk Shift: The Assault on American Jobs, Families, Health Care, and Retirement and How You Can Fight Back*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. x, 5-6.
37. "Fact Sheet: Social Security", U.S. Social Security Administration,

<https://www.ssa.gov/news/press/factsheets/basicfact-alt.pdf>.

38. Emily Brandon, "The Retirement Pogo Stick", *U.S. News & World Report*, 5 de fevereiro de 2009, <http://money.usnews.com/money/blogs/planning-to-retire/2009/02/05/the-retirement-pogo-stick>.
39. Teresa Ghilarducci, "Our Ridiculous Approach to Retirement", *The New York Times*, 22 de julho de 2012, p. SR5.
40. Jeanne Sahadi, "Co-Chair of Obama Debt Panel under Fire for Remarks", CNNMoney.com, 25 de agosto de 2010. http://money.cnn.com/2010/08/25/news/economy/alan_simpson_fiscal_commission.

CAPÍTULO QUATRO

As informações biográficas sobre Bob Wells vêm de entrevistas pessoais, junto com o comparecimento a seus seminários no Rubber Tramp Rendezvous por três anos e da leitura de seu website, <http://CheapRVLiving.com>. (Versões publicadas anteriormente do site foram acessadas via The Wayback Machine, <http://archive.org/web/>.)

1. <https://web.archive.org/web/20130114225344/http://cheapriving.com>.
2. "The Great M9.2 Alaska Earthquake and Tsunami of March 27, 1964", <http://earthquake.usgs.gov/earthquakes/events/alaska1964>.
3. "The Great Alaska Earthquake of 1964: Engineering", National Research Council, 1973, p. 310, 416-418, 823;

Wallace R. Hansen et al., "The Alaska Earthquake: March 27, 1964: Field Investigations and Reconstruction Effort", U.S. Geological Survey, 1966, p. 83.

4. "What's Your Vision for Your Life?"
<https://web.archive.org/web/20120728075840/http://cheaprivingblog.com/2012/07/whats-your-vision-for-your-life>.
5. "Thriving in a Bad Economy",
<https://web.archive.org/web/20121223110050/http://cheaprivingblog.com/2012/09/thriving-in-a-bad-economy>.
6. David A. Thornburg, *Galloping Bungalows: The Rise and Demise of the American House Trailer*. Hamden, CT: Archon Books, 1991.
7. "Two Hundred Thousand Trailers", *Fortune*, março de 1937, p. 220.
8. Philip H. Smith, "House Trailers — Where Do They Go From Here?" *Automotive Industries*, 14 de novembro de 1936, p. 680.
9. Clyde R. Miller, "Trailer Life Seen as Good for Nation, Aiding Instead of Displacing Homes", *The New York Times*, 20 de dezembro de 1936, p. N2.
10. Konrad Bercovici, "Gypsy in a Trailer [Part I]", *Harper's Magazine*, maio de 1937, p. 621.
11. David A. Thornburg, *Galloping Bungalows: The Rise and Demise of the American House Trailer*. Hamden, CT: Archon Books, 1991, p. 181.
12. David A. Thornburg, *Galloping Bungalows: The Rise and Demise of the American House Trailer*. Hamden, CT: Archon Books, 1991, p. 2, 60-61.

13. "Where Does My Money Go?"
<http://www.cheaprvliving.com/blog/where-does-my-money-go>.
14. <http://www.cheaprvliving.com/inspiring-vandweller-charlenes-story>.
15. <http://www.cheaprvliving.com/survivalist-truck-dweller>.
16.
<https://groups.yahoo.com/neo/groups/liveinyourvan/conversations/messages/2>.
17.
<https://groups.yahoo.com/neo/groups/vandwellers/conversations/messages/156516>.
18. <https://groups.yahoo.com/neo/groups/VanDwellers>.
19. <http://swankiewheels.blogspot.com/2012/01/ghost-dance-arrived-at-rtr-today.html>.
20. <https://www.facebook.com/groups/Vandwellers/files>.
21. <https://www.reddit.com/r/vandwellers/>.
22. Jim Walsh, "Family in Walmart Melee Performed", *The Arizona Republic*, 25 de março de 2015, p. A8; Jon Hutchinson, "Camping Ban Now Enforced at Cottonwood Walmart Store", *The Verde Independent*, 27 de março de 2015,
<http://www.verdenews.com/news/2015/mar/27/camping-ban-now-enforced-at-cottonwood-walmart-st>.
23. <http://rvdailyreport.com/opinion/opinion-will-walmart-camping-become-thing-of-the-past>.
24. Jimmy Maas, "Meet Austin's 'Real People of Walmart'", KUT 90.5 FM, 26 de maio de 2016,
<http://kut.org/post/meet-austins-real-people-walmart>.
25. <http://www.allstays.com/apps/walmart.htm>.

26. <http://blog.vagabonderssupreme.net>.
27. <https://rvsueandcrew.com>.
28. Posts mais antigos: <https://rvsueandcrew.com/>; posts mais novos: <http://rvsueandcrew.net>.
29. <https://jimbojourneys.com>.

CAPÍTULO CINCO

1. Até onde sei, esta expressão para os acampamentos efêmeros da CamperForce foram cunhadas no título do seguinte artigo: Stu Woo, “Welcome to Amazon Town”, *The Wall Street Journal*, 20 de dezembro de 2011, p. B1.
2. Shelby Carpenter, “What Happens When Climbing Bolts Go Bad?” Site da Outside, 4 de novembro de 2015, <https://www.outsideonline.com/2031641/what-happens-when-climbing-bolts-go-bad>.
3. “Man Charged with Starting Massive California Blaze”, The Associated Press, 9 de agosto de 2015.
4. *Amazon CamperForce Newsletter*, junho de 2013, p. 1.
5. *Amazon CamperForce Newsletter*, março de 2013, p. 1.
6. *Amazon CamperForce Newsletter*, abril de 2013, p. 1.
7. Parte do material sobre o exame dos depósitos da Amazon tem origem em minha coluna “With 6,000 Jobs, What Is Amazon Really Delivering?”, Reuters, 17 de junho de 2015, <http://blogs.reuters.com/greatdebate/2015/06/17/with-6000-new-warehouse-jobs-what-is-amazon-really-delivering>.
8. Parte do material sobre os sistemas de rastreamento de empregados da Amazon tem origem em meu artigo

“We’re Watching You Work”, *The Nation*, edição impressa, 15 de junho de 2015, p. 28.

9. Nevada Occupational Safety and Health Administration Inspection Report Number 317326056 (7 de outubro de 2013). Este e outros relatórios foram fornecidos pela OSHA de Nevada em resposta a uma solicitação de maio de 2016, segundo a lei de transparência de Nevada.
10. Richard Wolf, “Justices Say Security Screening After Work Isn’t Paid Time”, *USA Today*, 9 de dezembro de 2014,
<http://www.usatoday.com/story/news/nation/2014/12/09/supreme-court-amazon-workers-security-screening/20113221>.
11. Nevada Occupational Safety and Health Administration Inspection Report Number 315282491 (24 de março de 2011) e 316230739 (7 de fevereiro de 2012).
12. “Matt Foley, Motivational Speaker”, *Saturday Night Live*, NBC, 8 de maio de 1993.
13. “Record-Setting Holiday Season for Amazon Prime” BusinessWire, 26 de dezembro de 2013.

CAPÍTULO SEIS

1. E. B. White, “One Man’s Meat”, *Harper’s Magazine*, maio de 1941, p. 665.
2. São 3.626 segundo estimativa populacional do Censo de 2015 nos EUA,
https://factfinder.census.gov/faces/nav/jsf/pages/community_facts.xhtml#.
3. <http://www.fulltime.hitchhitch.com/dec2010-1.html>; Joe Vachon, o serralheiro em pessoa:

<http://joetheblacksmith.com>.

4. <https://www.yelp.com/biz/addicted-to-deals-quartzsite>.
5. Bill Graves, "Inside the Desert Bazaar — Quartzsite", *Trailer Life*, novembro de 1999, p. 118.
6. De uma gravação que fiz do serviço religioso na Last Call Tent Ministries em 14 de janeiro de 2014.
7. <http://obsirius.blogspot.com/2009/01/like-spring-break-for-seniors.html>.
8. Mark Shaffer, "Snowbirds Walk on the Wild Side", *The Arizona Republic*, 22 de fevereiro de 2004, p.1.
9. Dennis Godfrey, "Where Friends Are Like Family", *My Public Lands: The Bureau of Land Management Magazine*, primavera de 2015, p. 26.
10. <http://littleadventuresjg.blogspot.com/2015/01/odds-and-ends-from-quartzsite.htm>;
<http://www.misadventureranch.com/winter07.htm>.
11. Henry Wolff Jr., "Loners, But Not Alone!" *The Victoria Advocate*, 17 de abril de 1988, p. 2, e o website do grupo: <http://www.lonersonwheels.com/membership-form.html>.
12. Comentários no grupo Quartzsite Chatter no Facebook, 8 de dezembro de 2016.
13. Nicholas Woodsworth, "Flight of the Polyester-Clad Snowbirds", *The Financial Times*, 8 de março de 1997, p. 19.
14. Federal Writers' Project, *The WPA Guide to Arizona: The Grand Canyon State*. San Antonio, TX: Trinity University Press, 2013, p. 361.
15. Martha Summerhayes, *Vanished Arizona: Recollections of the Army Life of a New England Woman*. Filadélfia: J.

B. Lippincott, 1908, p. 138-139.

16. Kenneth Weisbrode, "The Short Life of the Camel Corps", *The New York Times*, 27 de dezembro de 2012, <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2012/12/27/the-short-life-of-the-camel-corps>.
17. Peter T. Kilborn, "Where Scorpions Roam and Snowbirds Flock", *The New York Times*, 10 de fevereiro de 2003, p. A1.
18. Kate Linthicum, "Keeping It Quirky", *The Los Angeles Times*, 16 de abril de 2011, p. 1.
19. <http://www.qiaarizona.org/Grand-Gathering.html>.
20. <http://www.wanderlodgeownersgroup.com/forums/showpost.php?p=193151&postcount=126>.

CAPÍTULO SETE

1. John Steinbeck, *The Grapes of Wrath*. Nova York: Viking, 1939.
2. <http://web.archive.org/web/20140112194330/http://www.cheaprvliving.com/gatherings>.
3. <http://www.cheaprvliving.com/tribe/report-winter-rtr-january-2014/#comment-10786>.
4. <http://rollingsteeltent.blogspot.com/2014/01/someone-asked-my-story-fool.html>.
5. *How to Live in a Car, Van or RV... And Get Out of Debt, Travel & Find True Freedom*, CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014, p. 43.
6. Post no Facebook de Charlene Swankie, 13 de agosto de 2015.

7. http://tosimplifyold.blogspot.com/2014_01_01_archive.htm.
8. <http://completeflake.com/looking-back>.
9. Iowa Occupational Safety and Health Administration Citation and Notification of Penalty (16 de agosto de 2016) Inspection Number 1154435; Kevin Hardy, "Worker Who Dies Was Just Six Days on His Job", *The Des Moines Register*, 14 de junho de 2016, p. A4.
10. <http://completeflake.com/the-down-side-of-vandwelling-is-saying-goodbye>.

CAPÍTULO OITO

1. Lynn Neary, "Amazon's Seasonal 'Workampers' Fill Holiday Orders", All Things Considered, National Public Radio, 22 de dezembro de 2011.
2. Jaimie Hall Bruzenak, "Great Expectations — Do You Need an Attitude Adjustment?", *Workamper News*, setembro/outubro de 2013, p. 7.
3. James Rorty, *Where Life Is Better: An Unsentimental American Journey*. Nova York: Reynal & Hitchcock, 1936, p. 13.
4. Rebecca Solnit, *A Paradise Built in Hell: The Extraordinary Communities That Arise in Disaster*. Nova York: Viking, 2009.
5. Bob Wells, *How to Live in a Car, Van or RV: And Get Out of Debt, Travel, & Find True Freedom*, CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014, p. 88.
6. National Association of Dental Plans, "Who Has Dental Benefits", http://www.nadp.org/Dental_Benefits_Basics/Dental_BB_

1.aspx#_ftn1; para uma leitura adicional, o ensaio definitivo de Sarah Smarsh sobre pobreza, estigma e dentes estragados é genial: “Poor Teeth”, *Aeon*, 23 de outubro de 2014, <https://aeon.co/essays/there-is-no-shame-worse-than-poor-teeth-in-a-rich-world>.

7. <http://rvsingles.org>.
8. <https://www.facebook.com/amazoncamperforce>.
9. Christian Lander, “#128 Camping”, *Stuff White People Like*, 14 de agosto de 2009, <https://stuffwhitepeoplelike.com/2009/08/14/128-camping>.

CAPÍTULO NOVE

1. Sarah Volpenhein, “Amid Sugar Beet Truck Accidents, Some Question Minnesota, North Dakota Regulations for Ag Drivers”, *The Grand Forks Herald*, 7 de outubro de 2015, <http://www.grandforksherald.com/news/business/3856308-amid-sugar-beettruck-accidents-some-question-minnesota-north-dakota>.
2. https://ocw.mit.edu/courses/engineering-systems-division/esd-60-lean-six-sigma-processes-summer-2004/lecture-notes/8_1assembly_op.pdf.

CAPÍTULO DEZ

1. <http://www.completeflake.com/what-vandwelling-is-really-like>.
2. <http://www.completeflake.com/second-chances>.
3. Bob Wells, *How to Live in a Car, Van or RV: And Get Out of Debt, Travel, & Find True Freedom*, CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014, p. 6-7.

4. Adam Nagourney, "Aloha and Welcome to Paradise. Unless You're Homeless", *The New York Times*, 3 de junho de 2016, <https://www.nytimes.com/2016/06/04/us/hawaii-homeless-criminal-law-sitting-ban.html>.
5. Cyndy Cole, "Some Folks Camping Out for Life", *The Arizona Daily Sun*, 9 de agosto de 2011, http://azdailysun.com/news/local/some-folks-camping-out-for-life/article_5623148e-2326-5ce2-97c2-2ce18b6cde82.html.
6. Zach Urness, "Trashing the Forest: Long-Term Camping Causes Environmental Problems", *The Statesman Journal*, 19 de abril de 2016, p. D3.
7. Editorial, "Trailer Lessons", *The New York Times*, 4 de maio de 1937, p. 24.
8. "Two Hundred Thousand Trailers", *Fortune*, março de 1937, p. 106.
9. "Slants", *Automotive Industries*, 31 de outubro de 1936, p. 564.
10. <http://completeflake.com/the-dreaded-knock>.

CAPÍTULO ONZE

1. Kurt Vonnegut, *Slaughterhouse-Five*. Nova York: Dell Publishing, 1991, p. 128-129.
2. <http://completeflake.com/why-i-spent-the-day-at-the-laundromat-or-shit-happens>.
3. Charles Riley, Sara Sidner e Tina Burnside, "We Have Powerball Winners!" *CNNMoney*, 14 de janeiro de 2016, <http://money.cnn.com/2016/01/13/news/powerball-winner-lottery>.

4. <http://www.cheaprvliving.com/budget/poverty-prepping-food-pantry>.
5. Marc Lacey, "Haboobs Stir Critics in Arizona", *The New York Times*, 22 de julho de 2011, p. A11; Don Yonts, "Don't Call Our Dust Storm Haboobs", *The Arizona Republic*, 16 de julho de 2011, p. B4.
6. Thomas Palmer, "A Town in Search of a Future", *The Boston Globe*, 8 de fevereiro de 1987, p. 73.
7. <https://www.epa.gov/clean-air-act-overview/evolution-clean-air-act>.
8. Iver Peterson, "Acid Rain Starting to Affect Environment and Politics in West", *The New York Times*, 30 de março de 1985, p. 6; Scott McCartney, "Country Town's Air Goes up in Smoke of Copper Smelters", *The Los Angeles Times*, 27 de julho de 1986, p. 2.
9. "Last Copper Is Poured at a Polluting Smelter", *The New York Times*, 15 de janeiro de 1987, p. A14.
10. Thomas Palmer, "A Town in Search of a Future", *The Boston Globe*, 8 de fevereiro de 1987, p. 73.
11. Anthony Brino, "Cochise Regional Hospital in Arizona to Close after Medicare Stops Reimbursements over Safety", *Healthcare Finance News*, 29 de julho de 2015, <http://www.healthcarefinancenews.com/news/cochise-regional-hospital-arizona-close-after-medicare-stops-reimbursements-over-safety>.
12. Thomas C. Frohlich, "Going, Going, Gone: America's Fastest-Shrinking Cities", *USA Today*, 8 de abril de 2016, <http://www.usatoday.com/story/money/2016/04/08/24-7-wallstamerica-shrinking-cities-population-migration/82740600>.

13. Bonnie Henry, "Keeping Their Dream Alive", *The Arizona Daily Star*, 19 de junho de 2008, p. E1; Cindy Hayostek, "Haunted Theatre a Success", *The Douglas Dispatch*, 5 de novembro de 2002, http://www.douglasdispatch.com/news/haunted-theatre-asuccess/article_674369bc-6037-529a-8325-64394a4a8d6a.html; National Registry of Historic Places Nomination Form, 30 de julho de 1976, <http://focus.nps.gov/nrhp/GetAsset?assetID=684cabb7-8870-4872-bffc-b0492928ffb6>.
14. Perla Trevizo e Luis F. Carrasco, "Artists Try to Help Paint New Future for Douglas", *The Arizona Daily Star*, 19 de dezembro de 2015, p. A1.
15. "Agents Find Drug Tunnel to U.S.", Associated Press, *The New York Times*, 19 de maio de 1990, p. 7; Monte Reel, "Underworld", *The New Yorker*, 3 de agosto de 2015, p. 22; Adam Higginbotham, "The Narco Tunnels of Nogales", *Bloomberg Businessweek*, 6-12 de agosto de 2012, p. 56.
16. Nigel Duara, "Teen Drug Mules Are in for a Shock in Arizona; County Charges Them as Adults Instead of Freeing Them", *The Los Angeles Times*, 3 de maio de 2016, p. A1.
17. Perla Trevizo, "Beyond the Wall: Shifting Challenges on Rugged Arizona Line", *The Arizona Daily Star*, 10 de julho de 2016, p. F9.
18. Devlin Houser, "Man in Sewer System Drops 55 Lbs. of Weed", *The Arizona Daily Star*, 27 de fevereiro de 2010, p. A9; Brenna Goth, "Creative Pot Smugglers Try 'a Little Bit of Everything'", *The Arizona Daily Star*, 28 de setembro de 2011, p. A1.

19. Elahe Izadi, “What a Marijuana Bundle Dropped from the Sky Can Do to a Doghouse”, *The Washington Post*, 28 de setembro de 2015,
<https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2015/09/28/what-a-marijuana-bundle-dropped-from-the-sky-can-do-to-a-dog-house>.
20. Lawrence W. Cheek, “Heritage Hotels: Time Stands Still at Four Historic Arizona Hotels Rife with Amusing Quirks and Characters of the Old West”, *The Los Angeles Times*, 5 de janeiro de 1992, p. L1.

CONCLUSÃO

1. <http://www.cheaprvliving.com/blog/rubber-tramp-rendezvous-schedule-2017>.
2. Patricia Cohen, “A Bigger Economic Pie, but a Smaller Slice for Half of the U.S.”, *The New York Times*, 6 de dezembro de 2016,
<https://www.nytimes.com/2016/12/06/business/economy/a-bigger-economic-pie-but-a-smaller-slice-for-half-of-the-us.html>.
3. Stephen Jay Gould, “Wide Hats and Narrow Minds”, *New Scientist*, 8 de março de 1979, p. 777.
4. Sean McElwee, “Three Ways Inequality Is Making Life Worse for Everyone”, *Salon*, sexta-feira, 3 de abril de 2015,
http://www.salon.com/2015/04/03/3_ways_inequality_is_making_life_worse_for_everyone.
5. “Inequality Update”, Organisation for Economic Co-operation and Development, novembro de 2016,
<https://www.oecd.org/social/OECD2016-Income-Inequality-Update.pdf>.

6.

<http://www.indexmundi.com/facts/indicators/SI.POV.GINI/rankings>.

7.

<https://www.facebook.com/LADbible/videos/2969897786390725>.

* Em 2021, o Google atualizou o Street View e só é possível ter uma visão de satélite de Empire, Nevada. (N. da T.)

Título Original
NOMADLAND
Surviving America in the Twenty-First Century

Copyright © 2017 by Jessica Bruder

Publicado através de acordo com a autora.
Todos os direitos reservados.

Fotos *by* autora
Foto do capítulo 2 (link) : cortesia de Linda May

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 - 11º andar
Passeio Corporate - Torre 1
20031-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
SOFIA SOTER

coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

revisão de arquivo ePub
MARIA FERNANDA SLADE

Edição digital: junho, 2021.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B913n

Bruder, Jessica

Nomadland [recurso eletrônico] : sobrevivendo na América no século XXI / Jessica Bruder ; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2021.

recurso digital

Tradução de: Nomadland surviving America in the twenty-first century
ISBN 978-65-5595-069-4 (recurso eletrônico)

1. Habitação. 2. Automóveis. 3. Trabalho casual - Estados Unidos. 4. Estados Unidos - Condições sociais. 5. Comportamento. 6. Mudança de hábitos. 7. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

21-70685

CDD: 643.290973

CDU: 351.778.591(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

JESSICA BRUDER é jornalista premiada, cujo foco do trabalho é a subcultura e as esquinas sombrias da economia. Ela já escreveu para a *Harper's Magazine*, para o *The New York Times* e *The Washington Post*. Bruder é professora de jornalismo na Columbia School.